



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ASSOCIAÇÃO PLENA EM
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE



ANDRÉA FREIRE DE CARVALHO

MULHERES ARTESÃS: Extrativismo da
Taboa (*Typha spp.*) em Pacatuba/SE.

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2018

ANDRÉA FREIRE DE CARVALHO

**MULHERES ARTESÃS: Extrativismo da
Taboa (*Typha spp.*) em Pacatuba/SE.**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Associação Plena em Desenvolvimento e Meio Ambiente, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe.

ORIENTADORA: Profa. Dra. SC. MARIA JOSÉ NASCIMENTO SOARES

SÃO CRISTÓVÃO/SE

Fevereiro/2018

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DE LAGARTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

C331m Carvalho, Andréa Freire de.
Mulheres artesãs: extrativismo da Taboa (*Typha spp.*) em Pacatuba/SE / Andréa Freire de Carvalho; orientadora Maria José Nascimento Soares. – São Cristóvão, 2018.
229 f.: il.

Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) –
Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Artesãs. 2. Impacto ambiental. 3. Mulheres no desenvolvimento econômico. 4. Fenomenologia. I. Soares, Maria José Nascimento, orient. II. Título.

CDU396:502

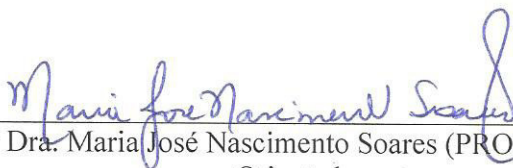
ANDRÉA FREIRE DE CARVALHO

**MULHERES ARTESÃS: EXTRATIVISMO DA TABOA (*TYPHA* SP.) EM
PACATUBA/SE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente,
como requisito final para obtenção do título em Doutora em Desenvolvimento e Meio
Ambiente pela Universidade Federal de Sergipe.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA



Profª Dra. Maria José Nascimento Soares (PRODEMA/UFS)
Orientadora



Profa. Dra. Maria Neide Sobral (DED/UFS)
Examinador Externo



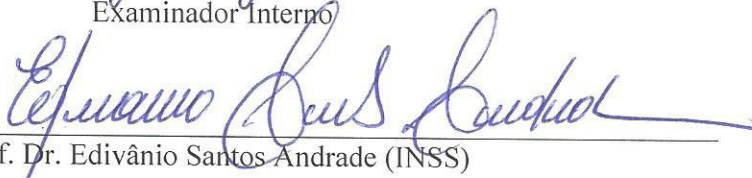
Profª Dra. Ronise Nascimento de Almeida (IFS)
Examinador Externo



Prof. Dr. Cae Rodrigues (UFS)
Examinador Externo



Profª Dra. Laura Jane Gomes (PRODEMA/UFS)
Examinador Interno



Prof. Dr. Edivânio Santos Andrade (INSS)
Examinador Externo

SÃO CRISTÓVÃO – SE
FEVEREIRO – 2018

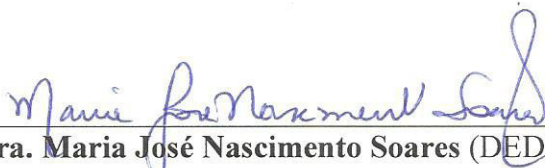
É concedido ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) responsável pelo Curso de Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente permissão para disponibilizar, reproduzir cópia desta Tese e emprestar ou vender tais cópias.



Andrea Freire de Carvalho

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA
Universidade Federal de Sergipe.

DOUTORANDA



Profª Dra. Maria José Nascimento Soares (DED - PRODEMA/UFS)

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA
Universidade Federal de Sergipe.

ORIENTADORA

Este exemplar corresponde à versão da Tese de Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente concluído no Programa em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).



Profª Dra. Maria José Nascimento Soares (DED – PRODEMA/UFS)
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA
Universidade Federal de Sergipe.
ORIENTADORA



Fonte: Acervo Pessoal de Carvalho, 2017

A todas mulheres que ultrapassam os obstáculos no decorrer de suas vivências cotidianas e procuram formas singulares de levar adiante seus projetos, respeitando a si mesma e aos outros, considerando e cuidando do ambiente e da natureza do qual é parte essencial, mas ao mesmo tempo, mantendo em mente a excelência de todas as formas de vidas e gerações futuras.

Aos que aprenderão a cuidar de si cuidando especialmente do planeta em todas as suas formas.

A mim, minha família e amigos.

MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS

Helinho, Julinha, Dandan, Teu, Mila e Mamãezinha amada pelo amor e pelo partilhar desta jornada; a principal motivação para dar continuidade aos meus estudos são vocês. Não foram poucas as vezes que pensei em desistir. Questionei-me se não deveria estar com vocês enquanto posso, vendo-os crescer e se fortalecer para enfrentar o amanhã com passos seguros, sabendo o quanto foram amados..., mas percebi que o maior amor que posso lhes deixar é seguir sempre, não importa como, o importante é não desistirmos nunca. Na vida tudo passa, inclusive nossas incertezas, se tivermos força para continuar tentando. Eu continuarei fazendo o que amo, que é dar continuidade a meus estudos e estar com vocês. Amo-os cada dia mais, porque vocês são seres únicos, autênticos e, para mim, são e sempre serão perfeitos.

Minha mamãezinha que com sua garra e capacidade de sobrevivência e luta, conseguiu emergir em meio ao caos da violência doméstica, assumindo a autoria de sua própria história; algumas passagens são marcantes em nossa vida, mas, em algum momento, deixamos de olhar pelo buraco que nos emperra e nos empurra precipício abaixo, e, encontrando a força que está em todos nós, recomeçamos a jornada. Jamais deixar de ter fé, jamais deixar de acreditar em um dia melhor, em ação e reação, esse é o legado que a senhora me ensinou. Nunca desistir. Sempre perdoar. Sempre agradecer. Lutar sempre!

Meus irmãos, Gna e Juliana. A ~~Angela~~ *Angela (in memoriam)*, vó ~~Nica~~ *Nica (in memoriam)* e vó ~~Júlio~~ *Júlio (in memoriam)* anjos de presença eterna e constante, que me guiam e iluminam; Juliana, minha eterna irmãzinha, não importa o quanto o tempo passe, você sempre será nossa princesinha caçula, minha gêmea, minha amiga, minha irmã amada. Meu irmão, obrigada por fazer parte de minha história e obrigada pela confiança de me deixar batizar seu filho. Tenho muito orgulho de tê-los em minha vida. ~~Ágao~~ meu querido afilhado, sua bondade é um dos sentimentos mais lindos que já senti. Ela transpira por seus poros e iluminam sua face a cada instante. Mirela com sua fé, doçura com seu sorriso e traços da vó Nica, minha adorada sobrinha, obrigada por estarem presentes em minha vida. Anna sua história de vida me faz indagar constantemente sobre os caminhos que escolhemos... Não tenho dúvidas de que somos responsáveis por todos os atos que cometemos, mas você, me faz pensar...até que ponto somos responsáveis por nós mesmos? Onde começa e onde termina a influência de outros em mim? Ian, muito ainda há de ser trilhado, mas ter uma mente inquieta como a nossa (eu, você e Danilo), temos uma condição que nos permite muito ou muito pouco...depende de onde

queremos ir, e até onde queremos assumir a autoria de nossa própria história. E Zizi, minha doce Isis Ramón, te amo muito pequena estrela... E especialmente dedico essa tese para Lorena, minha sobrinha que ainda não tive a honra de conhecer, mas que já amo imensamente.

Camila, minha doce e azeda amiga amada, não tenho palavras para agradecer sua presença em minha vida. Aceitar quem somos, sem vendas, ser firme, ser forte, ser quem você é... é uma grande honra partilhar minha jornada contigo. A cada dia que nasce, a cada por de sol, eu amo você... não está no sangue os laços que criei na alma, mas estão na alma os laços que nos une...

Minha avozinha amada com seu sorriso escondido por entre dedos que acariciam e fazem bonecas de meia e pano, seu legado será sempre o amor, o carinho, o ensinamento da bondade e do perdão; as rezas com carvão, as crenças e curandeiras, estarão sempre em mim e comigo. Nessa criação da tese onde memória e história se entrelaçam e constroem o tecido da tese, minha memória me remete às suas seringas de vidro, lindas demais penso eu... tanques com cobertores e mãos engelhadas devido ao frio e idade... dedos magros, artrosados, mas que acariciavam como pétalas de rosas minha face, e hoje, minha memória, meus sonhos e meu mundo. Minha essência se sente honrada pela benção de tê-la tido como guia nesse mundo físico, minha alma sabe que sempre estarás ao meu lado ensinando-me a orar e nas horas de dor, me ensina a levantar o olhar para o alto e ver como o céu, as nuvens e as tempestades são belas e devem ser vividas com intensidade e gratidão... ahhh, as histórias com Tia Maria, Tia Cida, a senhora e vô Júlio, sentados na sala, encolhidos e contando histórias que marcaram suas memórias... Vozinha, sabia que tem um livro sobre os parceiros do Rio Bonito? Sobre tio Nico? Sobre os Cândidos Villas-Boas? Fiquei estupefata e honrada ao ter parte da história de nossa família retratada... as fotografias em preto e branco, aquelas películas retratadas por um objeto tão simples, monóculos de memórias sem fim... aliás, o que são memórias senão histórias e estórias que se entrelaçam formando novas histórias?

Meu abuelito com seus olhos que parecem bolas de gude, brilhantes de esperança e de amor, sinto saudades de tê-los comigo, mas sei que continuam a me guiar, a me orientar e acalantar meu coração. Não consegui até hoje definir a cor de seus olhos... serão azuis, tão azuis que chegam a ser escuros, ou tão escuros que chegam a ser azuis? Na minha memória, são ambos ao mesmo tempo... Chapéus de feltro, “modinhas”, gaita, acordeão e por incrível que pareça, músicas orientais nas manhas de domingo... são as lembranças e as memórias dos Rodrigues e Santos, Vaz e Villas-Boas (kkkk, vizinho, sabia que tem um livro sobre vocês?),

das histórias de assombração, lobisomens, cavalos e caminhadas por dias e dias, subidas para visitar irmão no bairro alto botucatuense...tubaína, e pela primeira vez, o cheiro metálico de sangue e álcool...a viscosidade, a cor vermelho vinho escuro, e sua eterna bondade...

Querido tio Henrique, meu pai, meu orientador, meu amigo, obrigada por fazer parte de minha história. O senhor, a mãe e a tia Maria serão sempre meus pontos de luz. Tia Nata e meus primos Dani e Fêh, terá amor maior que o nosso? Meu coração se aquece de alegria quando penso em vê-los, porque vocês são espíritos de luz divina.

Professora orientadora Dra. Maria José Nascimento Soares pela presença, pela força e persistência cotidiana; obrigada por fazer parte de minha vida. Obrigada pelos conselhos, pelos momentos de diálogo, pela presença forte e impetuosa, pelos “puxões de orelha” e pelos castigos mais “prazerosos” que já vivenciei: - Hoje você está de castigo aqui na minha sala! Sente aqui e comece a estudar! E aí, os momentos deliciosos de partilha, risada e conhecimentos compartilhados. Muito obrigada por ter aparecido em minha vida. É uma honra chamá-la de professora, porquê a senhora representa fé e esforço, carinho e partilha, cuidado e amor. Sempre!

Professor Dr. SC. Antônio Menezes obrigada por ter caminhado comigo caminhada esta que, certamente contribuirá “*ad aeternum*” em meu processo de crescimento humano e espiritual; Professora Dra. Marlúcia Cruz de Santana, Professora Dra. Ronise Nascimento; Prof. Dr. Alceu Pedrotti; Profa. Dra. Maria Neide Sobral, Prof. Dra. Guta, Prof. Dra. Rosemeri dentre tantos outros, grata pelos profícuos diálogos. Aos colegas prodemianos, obrigada pelas partilhas e risadas, aos funcionários e funcionárias do Prodema, especialmente Luzia e Irys Dominique, meu muito obrigada; agradeço também a Aline Cajé, Dona Julieta e Najó, pela acolhida calorosa e pelas orientações sempre que eu precisava de algo da secretaria.

Amigos e familiares, especialmente nesse momento, aos familiares de Helinho, por compreenderem os momentos de afastamento e ausências. Aproveito o ensejo para agradecer minha sogra amada, minha mainha e meu painho, pelos momentos de carinho e cuidados. Obrigada por partilharem seu mundo conosco;

Funcionários do INCRA, especialmente à Evelyne Costa Carvalho e aos senhores Moacir e Miguel, obrigada pela atenção e diálogo.

Mulheres do Sindicato dos Agricultores de Capela, especialmente representada por Prazeres, a qual sou grata pelas orientações e Selminha (ex-representante do Sindicato das

Mulheres de Capela) mas que mantêm contato e diálogo com os assentados e assentadas da região. Agradeço às apresentações, os passeios pela feira de Capela e pelos cafezinhos recheados de partilhas;

Grupos de estudo GPFIMA e SEMINÁLIS pelas parcerias nas caminhadas;

Grupo do NEDET/SE especialmente para Sirley que teve desempenho enquanto papel essencial na construção desta tese;

Mulheres do grupo de artesãs do assentamento Santana do Frade, pela acolhida, disponibilidade, gentileza, caminhadas e sorrisos em meio ao sol escaldante do Pantanal de Pacatuba/SE;

Sinceros agradecimentos a CAPES, UFS, FAPITEC e ao PRODEMA pelo apoio e financiamento de meus estudos acadêmicos.

Agradeço ao Universo e aos espíritos de luz pela orientação, pela saúde e pelos momentos de oração.

Agradeço as amigadas que fiz, os amigos que encontrei, os amigos que partiram em especial, agradeço a Lane Ekraterina W. (in memoriam) por ter feito parte de minha jornada terrena por muito tempo.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

SONHOS - ENTRE O PASSADO E O FUTURO

“[...] Ao retratarem nossos desejos como realizados, os sonhos decerto nos transportam para o futuro, mas esse futuro, que o sonhador representa como presente, foi moldado por seu desejo indestrutível, à imagem e semelhança do passado”.

S. Freud.

O que são as memórias que constituem nossa história? Memórias? Memórias...são histórias que se entrelaçam e formam novas histórias... Nossas histórias ...

Andréa Freire de Carvalho

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANA	Articulação Nacional de Agroecologia
BAU	<i>Business as Usual</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CENBAM	Centro Integrado de Pesquisas Amazônicas
CF	Constituição Federal
CLACSO	Conselho Latino Americano de Ciências Sociais
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONAS	Companhia Nacional de Abastecimento
CONTAG	Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
DS	Desenvolvimento Sustentável
EDUCON	Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Contemporaneidade
ENA	Encontro Nacional de Agroecologia
EUA	Estados Unidos da América
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
GPFIMA	Grupo de Pesquisa Formação Interdisciplinar e Meio Ambiente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
IPEA	Instituto de Pesquisa e Estudos Avançados
IRAMUTEq	Interface de R. pour les analyses multidimensionnelles de textes et de questionnaires.
JPEG	Joint Photographic Experts Group
JPG	Joint Photographic Group
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

MASTER	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MMTR-NE	Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste
MPA	Ministério dos Pequenos Agricultores
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MSTTR	Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
NE	Nordeste
NEDET	Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial
ODM	Objetivos do Desenvolvimento do Milênio
ODS	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
ONG's	Organizações não governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PDTRs	Programa de Desenvolvimento do Território Rural
PEAC	Programa de Educação Ambiental com Comunidades Costeiras.
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PICVOL	Programa de Iniciação Científica Voluntária
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNMA	Política Nacional do Meio Ambiente
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPBio	Programa De Pesquisa Em Biodiversidade – PPBio
PRODEMA	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente

PRONAF	Programa Nacional de Agricultura Familiar
PROUNI	Programa Universidade para todos
PT	Partido dos Trabalhadores
PTDRS	Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável
SDG	Sustainable Development Goals
SDT	Secretaria de Desenvolvimento Territorial
SE	Sergipe
SEMINALIS	Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea.
SGA	Sistema de Gestão Ambiental
SiBBr	Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira
SISNAMA	Sistema Nacional do Meio Ambiente
SPM	Secretaria de Política para as Mulheres
SRT	Sindicato dos Trabalhadores Rurais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TiFF	Tagged Image File Format
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UPPs	Unidade de Polícia Pacificadora

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Anexo 2	Questionário
Anexo 3	Roteiro de entrevista semiestruturada
Anexo 4	Carta de apresentação e roteiro de entrevista semiestrutura para o INCRA
Anexo 5	Receitas com a taboa

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Local de Colheita de <i>Typha</i> spp. Localizado na Reserva Biológica Santa Isabel, Pacatuba, Sergipe, Brasil.	Erro! Indicador não definido.
Figura 2. Macrófitas de áreas alagadas no Povoado Tigre, Pacatuba, SE, BR.	9
Figura 3. Pontos de coleta de taboa (<i>Typhaceae</i>) em áreas alagadas do Povoado Tigre, Pacatuba, Sergipe, BR.	24
Figura 4. Pesquisa e ciência - o longo, lindo, sinuoso e incrível caminho que se desvela.....	33
Figura 5. Bolsas confeccionadas a partir de elementos colhidos na natureza.	36
Figura 6. A cada momento, novas bandeiras, novos grupos e novas partilhas.	37
Figura 7 - Bombril do sertão. Encontro de Mulheres, Simão Dias, Sergipe, Brasil	41
Figura 8. Mulheres trabalhando com a palha do Ouricuri, Povoado Santana dos Frades, Pacatuba, SE, BR.	43
Figura 9. Localização da Área de estudo Projeto de Assentamento Santana dos Frades, município de Pacatuba/SE.	45
Figura 10. Sincretismo religioso no Assentamento Santana dos Frades	49
Figura 11. Primeira gravura flamenga do século XVII de um homem e um cavalo feita por Niépce (1826).	66
Figura 12. Primeira imagem de uma mão usando anel de casamento feita por Wilhelm Roentgen (1896).....	68
Figura 13. Pontos de escolha para colher <i>Typha</i> spp.....	69
Figura 14. Taboas do tempo (<i>Typha</i> spp.) primeiro contato.	70
Figura 15. Taboas do tempo: paraíso pacatubense – Coleta na Rebio Santa Isabel.....	71
Figura 16. Medição do comprimento da <i>Typha</i> spp colhida no Povoado Tigre, Pacatuba, SE.	79
Figura 17. Raíz da <i>Typha</i> spp (taboa) colhida no Povoado Tigre, Pacatuba, Sergipe.	80
Figura 18. Mulheres extrativistas-artesãs da Taboa (<i>Typha</i> spp.) Povoado Tigre, Pacatuba, SE, BR.	81

Figura 19. Colhendo Taboa: trabalho em equipe	103
Figura 20. O “leve” fardo da mulher no cotidiano	120
Figura 21. Riacho na entrada do Assentamento Santana dos Frades, Pacatuba-SE.....	122
Figura 22. Associação Comunitária de Artesãs do Assentamento Nossa Senhora de Santana.	123
Figura 23. Dona Iracema, extrativista e artesã-mãe do Grupo de Mulheres Artesãs de Santana dos Frades.	125
Figura 24. Dona Iracema, a artesã-mãe, colhendo taboa.....	130
Figura 25. Dona Edenilza, carinhosamente chamada de Gandi.	144
Figura 26. Taboas do tempo: uso da taboa como planta alimentícia não convencional.	145
Figura 27. Desafios cotidianos: no meio da jornada tinha uma cobra, tinha uma cobra no meio do jornada.	150
Figura 28. Desafios cotidianos: risco de choque elétrico.	154
Figura 29. Dona Gizélia transmitindo conhecimentos de geração a geração.....	155
Figura 30. Dona Gizélia carregando taboa seca para desenvolver artesanato.....	159
Figura 31. Tranças de taboa tingida e caldeirão utilizado para tingir a taboa.	160
Figura 32. Dona Maria José: liderança e comprometimento.....	161
Figura 33. Dona Maria, e a flor construída a partir da fibra da taboa.	164
Figura 34. Dona Nininha confeccionando corda de taboa e partilhando vivências na coleta da <i>Typha spp.</i>	166
Figura 35. Dona Nininha: ofícios e saberes passados e geração em geração.....	168
Figura 36. Dona Gilvaneide na colheita da <i>Typha spp.</i> <i>In natura</i>	171
Figura 37. Dona Ivanda (Dona Sorriso): momentos de partilha e trabalho.	173
Figura 38. Armadilhas naturais.	183
Figura 39. Mulheres fazem percurso em busca de taboas	184
Figura 40. Caramujos à beira da lagoa	185

Figura 41 - Casa de farinha do Assentamento Santana dos Frades, Pacatuba, Sergipe, Brasil	193
Figura 42. Pontos de Coleta da <i>Typha spp.</i> Pacatuba, Sergipe, Brasil. Erro! Indicador não definido.	
Figura 43. Bolsas e produções a partir da <i>Typha spp.</i>	201

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Demonstrativo dos eventos na Região Nordeste e eventos <i>Internacionais</i> que direcionam ações no âmbito mundial.....	113
--	-----

RESUMO

A taboa é a protagonista das histórias de vida das mulheres extrativistas-artesãs, em razão da garantia da sua sustentabilidade no cotidiano. Nesta perspectiva, o objetivo central da tese foi explicitar como a taboa (*Typha spp.*) promove a sustentabilidade socioambiental de mulheres que atribuem significados às suas ações como forma de sobreviver, diante das adversidades do seu cotidiano. Teve como objetivos específicos: contextualizar as ações e processos das mulheres na extração da taboa, de modo a influenciar na construção da sustentabilidade socioambiental; identificar espaços (sociais, educacionais, culturais e políticos) em que as mulheres exprimem suas vivências no cotidiano; descrever os significados atribuídos pela mulher à extração da taboa, em relação à sociabilidade e à comercialização dos produtos ressignificados à matéria-prima da *Typha spp.* Para concretização, foi utilizada a história oral entrelaçada à fenomenologia social, que permitiu rememorar eventos e fatos que levaram as mulheres extrativistas-artesãs da taboa - bem como as extrativistas-artesãs da palha do Ouricuri, pescadoras, rendeiras, costureiras, trançadeiras, lavadeiras, passadeiras, faxineiras, pastoras, irmãs, mães e esposas - a incorporarem em sua rotina formas de resistir e sustentar a família no local de vida cotidiana. Neste caso, o *locus* da pesquisa foi o município de Pacatuba, Estado de Sergipe, Brasil. Utilizou-se também entrevistas-diálogos, questionários semiestruturados, participação em encontros e eventos, diários de campo, leituras teóricas e fotografias como instrumentos metodológicos, que permitiram sistematizar a tese. Concluímos que, para as mulheres extrativistas-artesãs, sustentabilidade delineia-se no cotidiano por meio de ações que objetivam manter a *Typha spp.* em constante produção e crescimento. Não é algo que se discute, é algo que se faz, e que lhes foi transmitido pelas gerações anteriores e por processos de observação do cotidiano, sobretudo porque o conhecimento do manejo correto é passado de artesã para artesã, durante a colheita, e nos encontros nas associações, centros de artesanatos, reuniões do grupo e também em espaços de oração. Por fim, o significado que essas extrativistas-artesãs atribuem à taboa se resume em uma palavra: tudo. “[...]A taboa pra nós é tudo”.

Palavras-chave: *Typha spp.* (taboa). *Typhaceae*. Mulheres artesãs. Extrativismo. Artesanato. Fenomenologia social.

ABSTRACT

The cattail (*Typha* spp.) is the protagonist of the life histories of women extractivist-artisans, because it guarantees their sustainability in daily life. In this perspective, the main objective of the thesis was to point out how cattail promotes the socioenvironmental sustainability of women who attribute meanings to their actions as a way of surviving, in the face of the adversities of their daily lives. It had as specific objectives: to contextualize the actions and processes of women in the extraction of the Cattail, in order to influence the construction of socio-environmental sustainability; identify spaces (social, educational, cultural and political) in which women express their experiences in daily life; to describe the meanings attributed by the woman to the extraction of the cattail in relation to the sociability and the commercialization of the products re-signified to the raw material of *Typha* spp. To achieve the objectives, oral history was used interwoven with social phenomenology, which allowed us to recall events and facts that led the women extractivist-artisans of cattail - as well as extractive-artisans from Ouricuri straw, fishermen, lace makers, seamstresses, straw braids artisans, housekeepers, ministers, sisters, mothers and wives - to incorporate in their routine ways of resisting and sustaining the family in the place of daily life. In this case, the research locus was the municipality of Pacatuba, State of Sergipe, Brazil. We also used interviews-dialogues, semi-structured questionnaires, participation in meetings and events, field journals, theoretical readings and photographs as methodological tools, which allowed us to systematize the thesis. We conclude that, for extractive-artisan women, sustainability is delineated in daily life through actions that aim to keep *Typha* spp. in constant production and growth. It is not something that is discussed, it is something that is done, and it was transmitted to them by previous generations and by processes of observation of the daily life, especially since the knowledge of the correct management is passed from artisan to artisan, during the harvest, as well as in meetings in associations, craft centers, group meetings and also in prayer spaces. Finally, the meaning that these extractivist-artisans attribute to the cattail is summed up in one word: everything. "[...] The Cattail to us is everything".

Keywords: *Typha* spp. (Cattail). Women artisans. Extractivism. Crafts. Social Phenomenology.

RESUMÉ

L'arbre *Taboa* est la protagoniste des histoires de vie des femmes artisans et faisantes de l'extractivisme, en raison de la garantie de leur maintenance dans la vie quotidienne. Ainsi, l'objectif central de cette thèse est exposer comment le *Taboa* (*Thypha spp.*) permet la viabilité de l'environnement et sociale des femmes qui mettent signification dans ces actions comme une forme de survivre avant les adversités de leur vie. Comme des objectifs spécifiques, la thèse contextualise les actions et les procès des femmes dans l'extraction de *Taboa* pour influencer dans la construction de durabilité socio-environnemental; elle identifie les espaces (sociaux, de l'éducation, culturels, politiques) dans lesquels les femmes expriment leurs expériences quotidiennes; décrit les significations attribués par ces femmes à l'extraction de *Taboa* en relation à la durabilité et commercialisation des produits de le *Thypha spp.* Pour la concrétisation de la thèse, on s'utilise de l'histoire oral ainsi comme de la méthode de la phénoménologie sociale, qui a en permis revoir la construction des faits responsables pour l'incorporation, pour partie de ces femmes artisans de *Taboa*, (ainsi como les artisans de “*palha do Ouricuri*”, pêcheuses, dentellières, couturières, femmes blanchisseuses, femmes de ménage, femmes pasteurs, soeurs, mères et femmes) dans leur quotidien, formes de résister et maintenir leurs familles. Dans ce cas là, le *locus* de recherche est le ville de Pacatuba, Sergipe, Brèsil. On s'utilise aussi des *interviews*-dialogues, des questionnaires semi-structuré, des participations dans des événements, des registres de recherche en *locus*, de la littérature de théorie et des photos, comme instrument méthodologique qui permet la systématisation de la thèse. On peut conclure que, pour les femmes artisans et faisantes de l'extractivisme, la durabilité habite dans la vie quotidienne, à travers des actions qui visent maintenir le *Thypha spp* en constant production et développement. Pour ces femmes, ce n'est pas quelque chose à discuter, mais à faire, une coutume transmise par des générations précédentes et des procès d'observation du quotidien, surtout parce que cette connaissance de manipulation est apprise d'artisan à artisan, pendant les périodes de la récolte, et dans les rencontres des associations, les centres d'artisanat, les réunions de groupe d'artisans, ainsi comme dans les espaces de prière. Enfin, le résumé de la signification que ces femmes artisans mettent à *Taboa*, est le mot ‘tout’: “Le *Taboa* est tout pour nous”.

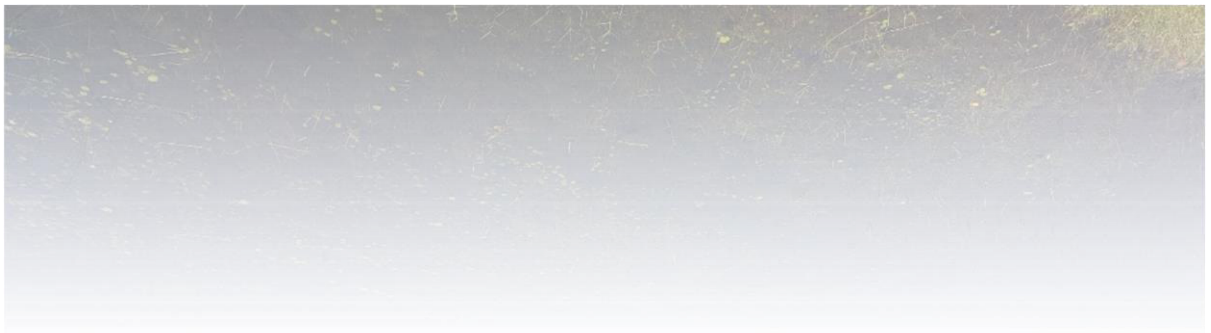
Mots clés: *Typha spp.* (Taboa). *Typhaceae*. Femmes artisans. Extractivisme. Artisanat. Phénoménologie sociale.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	10
LISTA DE ANEXOS.....	13
LISTA DE FIGURAS.....	14
LISTA DE QUADROS.....	17
RESUMO.....	18
INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO 1 - DA SOCIOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE SCHUTZ AOS ENTRELAÇAMENTOS DA HISTÓRIA DE VIDA: REALIDADES EM CONSTRUÇÃO.....	34
1.1 Delineando percursos e construindo trilhas.....	34
1.2 Escolha dos sujeitos da pesquisa a partir da Amostragem Intencional não Probabilística	35
1.3 Da fenomenologia à sociologia fenomenológica de Schutz.....	50
1.4 Da Fenomenologia de Husserl para a sociologia fenomenológica de Alfred Schutz ..	53
1.5 Da história oral a história de vida: forma ilustrativa de retratar o cotidiano da mulher 56	
1.6 Instrumentos metodológicos	61
1.7 Fotografia e Ciência.....	65
CAPÍTULO 2 – <i>TYPHA</i> SPP E SEU IMPACTO SOCIOAMBIENTAL NA CONSTRUÇÃO DA SOCIALIDADE HUMANA	70
CAPÍTULO 3 - AS MULHERES E SUAS REPRESENTAÇÕES... ..	82
3.1 Entre papéis de gênero: o ser em construção (des)construção do “ser mulher”	85
3.2 Mulheres e Meio ambiente: (des) construções (in) sustentáveis.....	96

CAPÍTULO 4 - MULHERES NA REFORMA AGRÁRIA: AMBIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS E A QUESTÃO SOCIOAMBIENTAL	104
4.1 A (In) Visibilidade Feminina: O empoderamento da mulher rural mediante a participação em associações, sindicatos e movimentos.	111
4.2 Mulher na conquista de seu espaço no assentamento	116
CAPÍTULO 5 - HISTÓRIA DE VIDA DAS MULHERES EXTRATIVISTAS-ARTESÃS E SUAS TRAJETÓRIAS.....	121
5.1 Gênese: a necessidade ressignificando a matéria-prima.....	124
Primeiro relato: Dona Iracema – extrativista-artesã da taboa	125
Segundo Relato: Dona Edenilza (Gandi).....	144
Terceiro relato: Dona Gizélia	155
Quarto relato: Dona Maria José	161
Quinto relato: Dona Nininha.....	166
Sexto relato: Gilvaneide Teixeira	171
Sétimo relato: Dona Ivanda (Dona Sorriso).....	173
5.2. Categorias de Análise: Resiliência e unidades de sentido que se entrelaçam e corporificam o ser mulher extrativa-artesã: 1a) trabalho cotidiano e ideologias impregnantes.....	177
5.2.1- Unidade de sentido: Sobrevivência.....	181
5.2.2- Sobrevivência X vivências cotidianas: acidentes de trabalho	182
5.2.3 - Unidade de sentido: Abdicação.....	187
5.2.4 - Unidade de sentido: resistência/persistência/determinação.	189
5.2.5 - Unidade de sentido: aprendizagem a partir da observação do cotidiano.	191
CONCLUSÕES.....	196
REFERÊNCIAS	202

ANEXOSERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A gênese da construção desta tese tem origem nas experiências e formações ocorridas nos últimos anos, que foram marcadas pela necessidade de romper com amarras invisíveis do contexto social para perceber as entrelinhas do cotidiano. O desafio dessa tese é aprofundar a questão do protagonismo da taboia na sustentabilidade socioeconômica da vida das mulheres com base nos teóricos que sedimentaram minha formação acadêmica.

Foi um movimento incessante de ir e vir, gestado, sentido, vibrátil e pulsante que moveram as minhas reflexões na atualidade, mas do que um mergulho ou simplesmente um olhar atualizado, para perceber as múltiplas nuances, de modo a deixar o cotidiano mostrar-se tal qual o é. Sentir o “mundo”, vivendo-o, pensando-o, desconstruindo-o, (re)elaborando o que outrora confiara saber, sentir pulsações, respirações, pontos (des)conexos e convexos. Por isso mesmo, essa pesquisa explícita uma abordagem fenomenológica, especialmente sua tessitura.

Minha trajetória de escolarização ocorreu em espaços públicos de ensino da creche na iniciação ao espaço de socialização até o doutorado. É intencional nessa tessitura demonstrar uma tomada de consciência para uma conexão com a própria vida socioambiental ao meu redor. Nos registros de menina, diários incompletos, poesias escritas e jogadas ao vento e nos sonhos vívidos imaginativos que ultrapassavam os limites do que estava posto, em rompantes de rebelião sobre a compreensão do mundo. Naquela época gritava o *eidos* menina-mulher, misturando ativismo, vontade de transbordar todos os avessos, sair do imposto e estar em contato com a multiplicidade de vivências na vida.

Em 2002, ingresso no curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe. Deparei-me nessa formação com a sensação de encaixe e de dialogia ofertada pela pluralidade de áreas de conhecimento: política, antropologia, sociologia, filosofia, introdução à estatística, história social da criança e outras disciplinas que ampliaram a curiosidade, não aprisionando ao instigar para ir além, questionar, considerar alguns pontos e desconsiderar outros.

Ao discutir interdisciplinaridade de modo embrionário, ainda desconexo, mas imersa na produção de conhecimentos que se entrelaçavam em pontos comuns para momentos mais tarde, seguir o percurso. Em 2009, participei do III Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade ao apresentar um trabalho acadêmico, enquanto um processo

“transbordante” que foi a manifestação concreta do primeiro de tantos outros passos em torno das questões socioambientais, histórias de vida, sociedade e reforma agrária¹.

Em 2012, no mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA, na área de Ciências Ambientais, decisão que impactou de forma incomensurável minha história para compreender como a mística² do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) contribuía para o processo formativo-educativo dos alunos do Curso de Pedagogia da Terra, desenvolvido a época pela Universidade Federal de Sergipe – UFS em parceria com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Abre-se aqui um espaço para esclarecer que a mística do referido Movimento se constitui como um movimento ritualístico de cunho político-ideocênológico³ executado pelos militantes do MST, com a perspectiva de desenvolver no ser humano assentado sensibilidades socioeconômico, socioemocionais, socioafetivas e socioambientais.

Durante o percurso do mestrado, o envolvimento com as mulheres nos assentamentos rurais foi expressivo em relação a liderança nas brigadas e na responsabilização pelas místicas, bem como em situações que eram necessários a presença da mulher atuando na comunidade. Percebeu-se uma participação das mulheres qualitativamente superior à participação masculina, em particular, no seu maior envolvimento nos grupos de estudo e nas vivências durante o tempo escola. Apesar de, no discurso e no dia-a-dia do tempo escola, as mulheres terem relatado situações que dificultam a participação, como por exemplo: filhos pequenos, filhos doentes, estado gestacional avançado, trabalho doméstico, envolvimento de filhos com companhias e uso de substâncias ilegais, havia na época uma maior quantidade de mulheres matriculadas e que concluíram a licenciatura no Curso Pedagogia da Terra.

¹ O trabalho foi intitulado “A construção de um Vídeo Educativo sobre o Meio Ambiente na cidade de Aracaju” (CARVALHO, 2009), como resultado da participação ao projeto de iniciação científica - bolsista voluntária – PICVOL e com movimentos sociais, especificamente com os alunos do Curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de Sergipe, em parceria com o PRONERA/INCRA/MDA - Carvalho AF, Moraes MS. A importância da tecnologia na sala de aula: a construção de um vídeo educativo sobre o meio ambiente na cidade de Aracaju. In: Anais do II seminário de educação, comunicação, inclusão e interculturalidade. Sergipe, 12 a 14 de agosto, 2009)

² A questão norteadora era compreender em que medida a mística praticada pelos integrantes do MST impactava na conservação e no desenvolvimento de sensibilidades e percepções a respeito de questões socioambientais ampliando a focalização da fauna e da flora ou da natureza *per se*. Nesse sentido, a mística aborda o mundo que está a nossa volta, trabalhando temas diversos, a exemplo de preconceitos, desrespeito ao ser humano e a todas as formas de vida do planeta em falar no uso demasiado de defensivos agrícolas, na contaminação de nascentes, rios; solos, alimentos genéricos que impactam na saúde humana (CARVALHO, 2013).

³ Político ideocênológico: porque traz em seu bojo a ideologia do Movimento MST e traduz por meio de atos cenológicos, objetivando sempre um fim, que pode ser político, socioambiental e cultural. (CARVALHO, 2013).

Nesse construto algumas mulheres se destacavam na liderança comunitária como porta-vozes, mas que, quando iam para a representação mais ampla do Movimento, os homens assumiam o papel e a voz destas. E para além da voz, assumiam ações que haviam sido resolvidas por elas. Por fim, a inquietação por presenciar o fato de alguns homens, não reconhecem a liderança feminina ao assumir o comando e a organização da comunidade em prol de lutar por direitos sociais ou “encabeçar” ocupações e exigências da comunidade local. Eles traduzem as ações da mulher com frases “[...] essa mulher nasceu no corpo errado, deveria ter nascido homem”, ou ainda “[...] essa aí é mulher-macho sim senhor! (Sic). Sendo, portanto, uma sentença marcante para investigar a situação da desigualdade de gênero, divisão sexual do trabalho e papéis estabelecidos e transmitidos de geração a geração por determinada cultura.

Ao perceber tais situações, outros questionamentos emergem desse contato no campo empírico: Quantas mulheres participam do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra? Quantas estão na liderança do Movimento MST no Brasil? Sabemos que as mulheres se organizam, participam da luta pela terra, assumem lideranças em ocupações, tomam a frente nos confrontos com a polícia e outros segmentos, servindo como escudos nas repressões. Entretanto, ao mesmo tempo que participam também estão (in)visibilizadas nos discursos e no reconhecimento social tanto pelos homens quanto pela sociedade civil como um todo. São poucas as mulheres que se destacam, ou que recebem reconhecimento por sua participação, principalmente no cenário político/econômico, pois estes, são cenários que se configuram como públicos e, logo, masculinos.

Foi durante as observações empíricas e relatos enquanto mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente, que brotaram as primeiras inquietações em torno das mulheres e suas influências nas vivências cotidiana nos assentamentos rurais no estado de Sergipe. Foi questionando sobre a flora que era utilizada nas místicas, perguntando sobre como poderíamos falar de sustentabilidade se havia corte de flores e frutos para as atuações ideocenológicas das místicas, que ouvi pela primeira vez sobre a taboa. Nos relatos de uma das alunas aparecia a referência sobre como as mulheres mergulhavam, cortavam rente à raiz, mas com o cuidado para não cortar demais a taboa, e como esta matéria prima era transformada em artesanato.

Está nesse relato o embrião desta tese e como eixo diretivo queria saber: Qual a percepção das mulheres que tinham atitudes socioambientais sustentáveis? Quais eram os significados atribuídos às suas ações? Há por parte dessa mulher uma preocupação com a natureza que lhe rodeia?

Para entendê-las foi preciso começar a ouvi-las atentamente e apreender o que antes não percebia durante a realização de pesquisa em nível de mestrado. Contudo, vale ressaltar que estavam claras as assimetrias e as dissimetrias do poder de decisão das mulheres nos assentamentos rurais no Estado de Sergipe e o quanto elas estavam (mesmo invisibilizadas) envolvidas com ações de cunho socioeconômico e socioambiental.

Assim sendo, posso afirmar que foi a partir das respostas dadas pelas mulheres durante o mestrado, que brotou o anseio de saber se a taboa assegurava a sustentabilidade das famílias em assentamentos rurais. Nesse sentido, a tese que defendo nessa pesquisa é que a taboa (*Typha spp.*) garante a sustentabilidade nas vivências cotidianas das mulheres que ressignificam a matéria prima de modo a agregar valor simbólico da sua extração na natureza⁴. E como objetivo central explicitar como a taboa (*Typha spp.*) promove a sustentabilidade socioambiental para as mulheres que atribuem significados às suas ações no processo de construção socioeconômica para sobreviver diante das adversidades do seu cotidiano.

Foram objetivos específicos: contextualizar as ações das mulheres na extração da taboa (*Typha spp.*) e seus processos de modo a influenciar na construção da sustentabilidade socioambiental; identificar espaços (sociais, educacionais, culturais e políticos) em que as mulheres exprimem suas vivências no cotidiano na busca de uma sustentabilidade socioambiental; descrever os significados atribuídos pela mulher na extração da taboa (*Typha spp.*) em relação a sociabilidade e comercialização dos produtos ressignificados da matéria prima.

Metodologicamente a pesquisa fundamentou-se na abordagem fenomenológica entrelaçada à sociologia do cotidiano, e a história oral da pesquisa em ciências humanas e sociais, especialmente história de vida das mulheres que extraem a taboa (*Typha spp.*) para sua subsistência familiar. Fenomenologicamente, a pesquisa buscou compreender entre perguntas e respostas extraídas da interação com as mulheres em conversas informais em locais da extração da taboa no assentamento rural, conforme descritos nos capítulos e imagens ilustrativas da tese.

⁴ A taboa é uma macrófita aquática emersa enraizada no sedimento, com folhas que crescem para fora da água. É uma planta típica de brejos, manguezais, várzeas e outros espelhos d'água, podendo ser encontrada em corpos de água doce, salobra e/ou salgada. Seu nome científico é *Typha spp.*, família botânica TYPHACEAE, gênero *Typha* com cerca de 15 espécies. É uma angiosperma (plantas com flores e frutos) monofilética (único ancestral) e são conhecidas popularmente na região Nordeste, especificamente no Estado de Sergipe, Brasil, como taboa, tabôa ou tabua. Na língua inglesa, encontramos referências a ela como cattail ou reed mace.

É relevante destacar que não desenvolvemos hipóteses, e nem almejamos a irrefutabilidade; mas compreendo que o “*a priori*” fenomenológico é o vivido, o historicamente situado⁵. Neste sentido utilizamo-nos da amostragem intencional não probabilística, procurando dados nos encontros e reuniões de grupos de mulheres promovidos pelo Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET/UFS) e pela Secretária de Estado e da Inclusão Social, reuniões sobre economia solidária, nas quais incluíam mulheres assentadas que desenvolviam atividades de extração da matéria-prima diretamente da natureza e a transformavam em produtos artesanais.

As análises dos dados foram realizadas com base na descrição detalhadas das vivências nos encontros, reuniões, visitas aos assentamentos, centros de artesanato e cooperativas, assim como observação *in locus* da colheita do material *in natura* e diálogos construídos no decorrer das visitas.

Abordar gênero como construção histórica, social, política e cultural significou compreender sobre papéis masculinos e femininos que são construídos e adequados pelas sociedades desde os primórdios dos tempos. A construção de tal afirmativa consolidou-se a partir das leituras em França *et al* (2013); Badinter (1985); Mead (2009) e Friedan (1964), bem como o entendimento teórico de que o mundo e suas relações são construções sociais em Berger e Luckmann (2004) e Wagner (1970), pois, enquanto constructo social é uma relação fluída, dinâmica, dialógica e complexa em constante processo de mudança e transformação.

Foi a partir desse campo sociológico que percebi a ação socioambiental desenvolvida pelas mulheres quando estão extraíndo a taboa (*Typha spp*). Assim, a ação enquanto conduta humana física, mental e até mesmo a ausência de ação foram o fio condutor da construção dessa tese. Weber, de acordo com Wagner (1970, p. 9), define a ação como “[...] conduta humana que pode consistir em atividades físicas palpáveis, em atividades da mente, em falta de ação deliberada ou em tolerância intencional das ações dos outros”.

Herdo leituras sobre a escola de Chicago, a escolha “intencionalmente dirigida” da pesquisa empírica e o trabalho concreto de campo; opto pela definição de Coulon quando afirma

⁵ Hipóteses são propostas como tentativas, abertas à revisão e anuláveis por alternativas, enquanto a fenomenologia, “[...] foca precisamente no que é dado na experiência, abstendo-se inteiramente do método de formular hipóteses e extrair inferências do que é dado para o que se encontra aquém ou além disso” (CERBONE, 2012, p. 39).

que a análise sociológica deve levar em consideração os valores sociais e as atitudes⁶, enquanto “[...] um conjunto de ideias e emoções que se transforma em uma disposição permanente em um indivíduo” (1995, p. 30).

No campo da psicologia social como suporte para a construção da compreensão da ação e atitude humana, direciono-me com os autores: De Fleur e Westie (1963), Kaiser e Byrka (2010) e Gilligan (1936). Finalmente, essa tese foi desenvolvida de modo multidisciplinar e interdisciplinar. Multidisciplinar pelas interações entre disciplinas e campos de estudo e interdisciplinar, porque adotei a concepção de Vasconcelos (2002), segundo o qual a interdisciplinaridade ocorre a partir do encontro dialógico entre pesquisadora e campo empírico, com destaque às coautoras que desenvolveram suas ações nos assentamentos expressando os significados dados a extração da taboa em lagoas localizadas em área de assentamento.

Nesse processo de entrelaçamentos, as influências teóricas das abordagens autobiográficas com Josso (1988, 1991, 2000, 2012a, 2012b), Ferrarotti (1983), Bertaux (1983), Pujadas (1992), Pineau e Le Grand (1993), além da sociologia rural com Mendras (1969); Van der Shaaf (2001); Heredia (2006); Brumer (1996); Siliprandi (2000); Scott (2010); estudos culturais de gênero em Brumer (2004); Irigaray (1998); Saffioti (2013); Oliveira (1999); Woortmann (2010); Scott (2010); Pena e Correia (2003). Nas ciências ambientais, Philippi Jr. e Alves Neto (2011); Alvarenga *et. al* (2011); Rockström, Sacks, Ohman, Schmidt-Traub (2013), Sacks (2016); e na base fenomenológica em Husserl (2000), Moreira (2004), Depraz (2008) e na fenomenologia social de Alfred Schutz (1970).

Pelo exposto, a produção do conhecimento se efetiva “[...] a partir das narrativas, contribuições e perspectivas particulares de cada teoria, paradigma ou linha de investigação, que se constituem internamente e interagem através de mecanismos regulatórios lógico-cognitivos e intersubjetivos” (VASCONCELOS, 2002, p.84), objetivando uma apreensão das relações sociais (mulheres/papéis desempenhados/assentamentos rurais/ ações socioambientais/econômico e como o econômico influencia no extrativismo da taboa e a relação socioambiental destas com a *Typha* spp) presentes na realidade social.

⁶ Coulon elabora a definição de atitude a partir da leitura de W. Thomas, *Sex and society: Studies in the Social psychology of sex*, Chicago, University of Chicago Press, 1907. Pois, é “[...] o processo da consciência individual que determina a atividade real ou potencial do indivíduo no mundo social. A atitude é a contrapartida do indivíduo aos valores sociais, e toda atividade humana estabelece esses dois elementos” (THOMAS, 1907, p. 22 *apud* COULON, 1995, p. 30).

Finalmente, esse estudo realçou a Taboa (*Typha spp.*) como protagonista da inserção das mulheres em suas ambiências (lagoas localizadas em assentamentos e no entorno destes), com destaque a sua inserção na transformação da matéria prima (taboa) e seus impactos na consolidação do sustento familiar e no processo de modificação em objetos e artefatos artísticos para serem comercializados e em suas conquistas durante sua trajetória no assentamento que ultrapassam o prévio discurso de sustentabilidade.

A seguir exponho a trajetória metodológica na qual delineio os procedimentos e instrumentos de coleta de dados; os aportes teóricos que ancoraram a descrição e impressões das caminhadas com as mulheres durante a colheita da taboa (*Typha spp.*) e toda a forma de tratamento dos dados sobre a matéria prima *Typha spp.* Assim sendo, utilizo fragmentos das histórias de vida das mulheres extrativistas-artesãs para compreender as ações que contribuíram e contribuem para a sustentabilidade econômica e socioambiental no Assentamento Santana dos Frades.

No primeiro capítulo descrevo a abordagem teórica da sociologia fenomenológica de Alfred Schutz, entrelaçando-a à história de vida das mulheres artesãs extrativistas da taboa. A partir de uma abordagem qualitativa que se delineia a partir de narrativas, descrições cotidianas, imagens e diálogos vivenciados durante o compartilhamento de trabalhos que ocorrem dentro do assentamento, a tese, passo-a-passo *vai* se delineando, como um véu que é removido pouco a pouco...

Aliando a sociologia fenomenológica à história oral da vida cotidiana, a tese que defendo é a de que a taboa garante a sustentabilidade cotidiana, a permanência e a continuidade da vivência no Assentamento Santana dos Frades e entorno, haja vista que, é a partir da extração in natura da *Typha spp.*, da transformação e ressignificação da mesma que as mulheres contribuem ativamente, dia -a- dia, construindo relações, contribuindo economicamente com o desenvolvimento da família e do local em que vivem.

No capítulo segundo trago uma apresentação da taboa (*Typha spp.*), e a importância que esta espécie tem tido no decorrer dos tempos. A *Typha spp.*, também conhecida como taboa, tabua, palha de taboa, cattail, o-nine-tail, bulrush, cossack aspargos, entre outras denominações é uma macrófita que faz parte da vida do ser humano desde a antiguidade. Hartung (2006) e Claassen (1919), citam diversos usos da espécie que era utilizada na produção de esteiras, alimentos, telhados, bebidas pelos indígenas e colonos na América do Norte até os dias atuais que utilizam a taboa como bioenergia, filtradora de resíduos, fertilizantes, vermífugo para caprinos, alimentos e artesanatos.

O terceiro capítulo é uma abordagem teórica sobre a construção do ser mulher, os papéis que são delineados, os que se modificam e os que se reorganizam e reinventam de acordo com cada sociedade. Saindo cada vez mais de processos de subalternidade em que a figura da mulher tem se inserido em todas as esferas da construção da vida cotidiana, quebrando paradigmas e avançando no processo de inserção em esferas que antes eram consideradas apenas como masculina, a exemplo da situação política e educacional no Brasil. Na situação educacional formal, segundo dados IBGE 2015 e IBGE Cidades (2017), do ensino primário até o mestrado, as mulheres estão em maior índice e no doutorado, a situação se inverte, pois, há um maior número de homens que o concluem. Constata-se uma participação das mulheres na esfera política, cenário antes atribuído ao masculino, mas essa participação, até o presente momento da defesa da tese é mínima.

O capítulo quatro traz a revisão de estudos teóricos sobre as mulheres rurais. As trabalhadoras rurais estiveram sempre presentes nas lutas socioeconômicas, sociopolíticas e agroecológicas no campo rural, no entanto, sua participação, após a conquista dos direitos e da terra, via de regra, volta a se tornar reprodução do sistema patriarcal: a mulher volta aos “afazeres domésticos e os homens, das questões “públicas e econômicas” a exemplo dos autores Schaaf, 2001; Ciandrini, 2010 e Siliprandi, 2015. Aborda as dificuldades de se ouvir os gritos de socorro das mulheres rurais, principalmente devido a submissão destas aos seus companheiros, agravado ainda mais pela distância de um vizinho para outro. Destaca ainda como as mulheres rurais começaram a se emancipar e empoderar a partir de inserções em movimentos e grupos sociais organizados.

O quinto capítulo apresento os dados colhidos durante a pesquisa. As imagens fotográficas, as entrevistas, os diários de campo que foram transcritos e inseridos dentro de uma perspectiva de categorização fenomenológica em que a resiliência é a palavra-chave. Após a categorização exponho as unidades de sentido a partir da análise das falas e histórias de vida das mulheres. A história oral entrelaçada à fenomenologia social permite rememorar eventos e fatos que levaram as mulheres extrativistas-artesãs da taboa, mas também mulheres pescadoras, rendeiras, costureiras, trançadeiras, lavadeiras, passadeiras, faxineiras, mães e esposas a incorporarem em sua rotina formas de resistir e sustentar a família no local de vida cotidiana.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

O investigador entra no mundo do sujeito, por outro, continua a estar do lado de fora. Registra de forma não intrusiva o que *vai* acontecendo e recolhe, simultaneamente, outros dados descritivos. Tenta aprender algo através do sujeito, embora não tente necessariamente ser como ele. Pode participar de suas atividades, embora de forma limitada e sem competir com o objetivo de obter prestígio ou estatuto. Aprende o modo de pensar do sujeito, mas não pensa do mesmo modo. É empático e, simultaneamente, reflexivo (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.113).

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 1 - DA SOCIOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE SCHUTZ AOS ENTRELAÇAMENTOS DA HISTÓRIA DE VIDA: REALIDADES EM CONSTRUÇÃO

1.1 Delineando percursos e construindo trilhas

O percurso de construção desta tese deu-se com caminhadas no campo empírico e se delineou enquanto uma pesquisa de base qualitativa direcionada a taboa (*Typha spp.*) e às mulheres rurais assentadas. A tese que defendo nessa pesquisa é que a taboa garante a sustentabilidade nas vivências cotidianas das mulheres que ressignificam a matéria prima de modo a agregar valor simbólico da sua extração na natureza, influenciando diretamente nas relações socioambientais em suas vivências cotidianas. Igualmente, a extração da taboa pelas mulheres, essas o fazem na perspectiva da sustentabilidade econômica e social de forma inconsciente e ambiental, pois o foco delas é a sobrevivência no meio que habitam, a conservação e o manejo correto da *Typha spp.* faz parte desta sobrevivência.

Bogdan e Bilken (1994) esclarecem que a investigação qualitativa comporta descrição, indução, teoria fundamentada e estudo de percepções pessoais. Assim, na construção dessa tese buscou-se fazer um aprofundamento da pesquisa bibliográfica e descritiva, a partir de referências teóricas publicadas em revistas, jornais *online*, boletins informativos, periódicos e livros, para analisar as contribuições científica existente sobre gênero, mulheres, mulheres rurais, mulheres rurais assentadas, taboa *in natura* - *Typha spp.*, sustentabilidade e meio ambiente.

Ao explicitar os significados que as mulheres atribuem às suas ações no processo de construção da sustentabilidade socioambiental, mediante a colheita da taboa (*Typha spp.*) para transformá-la em artefato artesanal, apresento as influências e interferências desse processo de sociabilidade que lhes proporcionou maior interação com o outro e com a natureza. Ao serem iniciadas no mundo da produção artesanal e colheita da taboa, não havia em si uma discussão socioambiental sobre a conservação da taboa, mas estava implícito nos saberes e vivências herdadas e apreendidas no decorrer do tempo, e tais vivências permitiram que a taboa, mesmo regularmente extraída, crescesse e se reproduzisse no decorrer do tempo, ao mesmo tempo que estas mulheres, aprendendo a cada dia formas novas de se sustentar no assentamento, cresceram e se (re)produziram.

Assim, a referida pesquisa foi realizada concomitantemente com visitas *in locus*, nos diálogos, nas observações, na participação da coleta de matéria prima (taboa) com a permissão de fotografar as vivências cotidianas e o processo de extração da taboa, para descortinar esse universo construído pelas mulheres.

1.2 Escolha dos sujeitos da pesquisa a partir da Amostragem Intencional não Probabilística

A abordagem metodológica se delineou com base na fundamentação fenomenológica de Husserl para uma sociologia fenomenológica de Alfred Schutz e da história oral para história de vida.

Iniciou-se com informações coletadas em encontros com a participação de mulheres de diversos segmentos da sociedade civil organizada, a exemplo de mulheres que integram o Movimento dos Pequenos Agricultores; o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; Os Quilombolas; as Catadoras de Mangaba; as Associações de Pesca e Marisqueiras dentre sujeitos ligados a Universidade Federal de Sergipe, a fim de discutir questões de interesses coletivos.

A partir do parágrafo supracitado, torna-se claro que a opção de escolha dos sujeitos a participar da pesquisa foi uma amostra intencional não probabilística conjugada com abordagem interdisciplinar, como instrumento e metodologia de investigação. As mulheres que trabalham com produtos *in natura*, extraídos e confeccionados por elas mesmas, direcionou a pesquisa até as mulheres artesãs, extrativistas da taboa, conhecida no Brasil por *Typha spp.*

De acordo com Philippi Jr *et al* (2000, p. 277) a interdisciplinaridade gera desacomodação, rompendo com um conhecimento “[...] domesticado e acomodado”, [...] uma rebelião. Uma permanente caça à totalidade e que nesses novos tempos, a cartesiana dúvida metódica passa a ser substituída pela permanente insegurança do não-saber, quase tão radical como o ‘só sei que nada sei’, ou “na ciência tudo pode” de Feyerabend.

Philippi Jr *et al* (2000) clarificam a postura metodológica interdisciplinar ao escreverem que esta abordagem é uma proposição das Ciências Ambientais em relação a incertezas científicas, pois, “[...] pode ser acrescido de outros saberes igualmente disciplinares, mas seguramente, ele será multiplicado e enriquecido pela metodologia proposta e fornecerá resultados mais seguros e compreensivos” (2000, p. 279).

Por qual motivo os autores afirmam que a interdisciplinaridade favorece resultados mais seguros e compreensivos? Asseguram que a interdisciplinaridade, essa ocorre quando integramos os saberes científicos aos saberes da comunidade, ampliando ou construindo novos saberes, novas formas de se avaliar o mundo cotidiano (Philippi Jr *et al*, 2000 e Vasconcelos, 2002).

Considerando a situação real e, as opções disponíveis, elegeu-se para utilização da pesquisa a amostragem intencional não-probabilística por conveniência a partir da participação a convite nos encontros e reuniões realizadas pelas assessoras do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial -NEDET⁷, e das orientações recebidas por mulheres durante o Encontro Sergipano de Mulheres Camponesas que aconteceu no período de 18 a 20 de outubro de 2016, na cidade de Simão Dias, Sergipe.

A seguir, descrevo as impressões do encontro sob a forma de fragmentos a respeito da escuta cuidadosa e depoimentos das mulheres que foi organizado coletivamente com os membros da equipe redatora do evento. Como exercício prático dessa vivência, relevou-se nomes de mulheres que atuam em assentamentos “transformando matéria prima em artefatos”, análise mais acurada sobre a questão da sustentabilidade socioeconômica e socioambiental, como ilustrado na figura nº 1.

O encontro teve início com uma mística e saudação da assessora de gênero do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial - NEDET do Sertão Ocidental, enquanto anfitriã do encontro, que historiou a conquista do espaço de formação, *locus* para a realização do

Figura 5. Bolsas confeccionadas a partir de elementos colhidos na natureza.

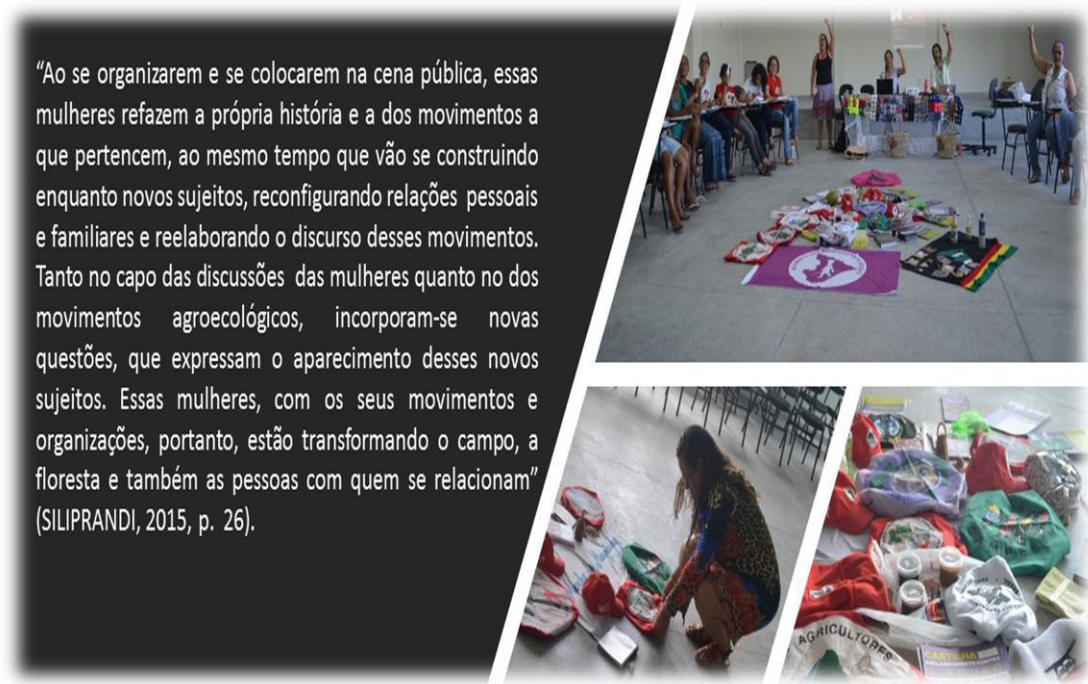


Fonte: Andréa F. de Carvalho (2016).

⁷ Os Núcleos de Extensão em Desenvolvimento Territorial são unidades administrativas com função de apoiar ações de extensão e de assessoramento técnico aos Colegiados Territoriais e demais atores dos territórios rurais. É um instrumento que se vincula à estratégia de fortalecimento e consolidação da abordagem territorial da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). O programa foi implementado por meio da articulação institucional e operacional de Universidades Públicas Federais e Estaduais, dos Institutos Federais de Educação Tecnológica, das instâncias de gestão social dos territórios e da SDT. Esse projeto surgiu por intermédio da parceria estabelecida entre a SDT/MDA, Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Vale ressaltar que a referida aproximação com outros pesquisadores, assessoras territoriais e as mulheres se deu pela indicação da Tanezini em 2016.

referido encontro denominado como Centro da Agricultura Familiar de Simão Dias, criado em 1999/2000, o qual foi construído e financiado com recursos do território, conforme ilustrado na figura nº 6 que representa um cenário montado para a mística durante a abertura do evento .

Figura 6. A cada momento, novas bandeiras, novos grupos e novas partilhas.



“Ao se organizarem e se colocarem na cena pública, essas mulheres refazem a própria história e a dos movimentos a que pertencem, ao mesmo tempo que vão se construindo enquanto novos sujeitos, reconfigurando relações pessoais e familiares e reelaborando o discurso desses movimentos. Tanto no capo das discussões das mulheres quanto no dos movimentos agroecológicos, incorporam-se novas questões, que expressam o aparecimento desses novos sujeitos. Essas mulheres, com os seus movimentos e organizações, portanto, estão transformando o campo, a floresta e também as pessoas com quem se relacionam” (SILIPRANDI, 2015, p. 26).

Fonte: Andrea F. de Carvalho (2016).

Ao analisar a mística do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, Carvalho (2013) concluiu que essa é um ato que objetiva algo. É uma constante “busca-de”, “fazer-que”, “tornar-se-á”, enfim, um ato de vir-a-ser, repleto de simbologias, e, portanto, rico, intrigante, impregnante e diverso. Afirmou que a mística elaborada pelo MST possui múltiplas finalidades, contribuindo desde o início para um processo de enraizamento e manutenção do ser individual e do *corpus* coletivo de seus participantes.

É força que motiva, é p-arte, é pedagógica, é mobilizadora de forças e que se apresenta como um instrumento ritualístico de caráter político-ideológico que ocorre enquanto exercício reflexivo na construção de conceitos, definições e tomadas de decisões, com vistas a propor ações planejadas para sensibilizar e formar sujeitos sociais aptos a reivindicar direitos, assim como, instigá-los ao cumprimento de deveres que estão entrelaçados à participação dos sujeitos (CARVALHO, 2013).

Desse modo, a mística ultrapassa fronteiras por meio da possibilidade de unir, vencer, conquistar e superar. Não tem barreiras, porteiros nem fronteiras, é um sentimento de união e

de companheirismo. A mística toca os corações, entusiasma e encoraja aqueles que estão dispostos a deixar-se impregnar por ela. Estas se constituem enquanto elementos de formação e reflexão não só para questões do meio ambiente, mas também questões de ordem social, educacional, cultural e econômicas (CARVALHO, 2013).

Dando prosseguimento, a coordenação do Encontro do NEDET⁸ realizou uma apresentação sobre a construção do evento informando que foi um processo coletivo mediante reuniões, encontros territoriais e outras atividades nos territórios que tiveram início desde janeiro de 2015, incluindo a marcha unificada do oito de março e a plenária de todos os movimentos sociais presentes, deixando claro a necessidade do encontro estadual. Ressaltou ainda, que nesse evento estavam mulheres dos quatro territórios, alertando que as vivências desse encontro sejam multiplicadas em discussões nos seus respectivos territórios. Alertou que durante o encontro sejam fortalecidos pelo espírito de união e animação para que todos possam seguir na luta. Reafirmaram as líderes:

“Estamos aqui nos organizando cada vez mais: mulheres, movimentos sociais, sindicatos, para que nossos direitos, garantidos pela Constituição e pelas leis municipais, estaduais e federais sejam respeitados. Lutemos juntas no caminho contra os que querem sustar os direitos das mulheres trabalhadoras. Tenho 44 anos, sou casada, mas fui estudar. Temos que participar, respeitar as individualidades e ouvir para compreendermos melhor” (M 01 – pertencente ao ND do Sertão Ocidental).

“Estamos aqui para reivindicar nossos direitos, entre eles a saúde e a luta contra a PEC 241⁹ que negará nossos direitos sociais pelos próximos 20 anos.

⁸ Enquanto uma jornada de quase 20 meses do NEDET a elaboração do Plano de Desenvolvimento territorial numa perspectiva popular a partir dos Planos Territoriais de Desenvolvimento Rural Sustentável - PTDRS com vistas a possuir um documento de mobilização dos movimentos sociais, em conjunto com o esforço da rede estadual de colegiados para articular políticas públicas, para apresentar ao governo estadual um Plano Estadual Camponês que incluía o olhar feminino de modo a influenciar a legislação orçamentária do governo do estado de Sergipe nos próximos dois anos e, a partir dele, entregar aos prefeitos e parlamentares eleitos nos municípios. Esse é um documento político dentro do processo de construção da unidade.

⁹ A Proposta de Emenda Constitucional n. 55 de 2016 – PEC dos Gastos Públicos, também conhecida como PEC 241/55, instituiu um novo regime fiscal na República Federativa do Brasil, além de outras providências. O que mais chama a atenção foi o total desrespeito à vontade do povo brasileiro e à “democracia”. Foram 23.770 votos positivos contra 345.718 votos contra a PEC, mas que no entanto, não foi levado em consideração e a PEC 55 foi aprovada em plenário em dezembro de 2016. Ementa: Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Explicação da Ementa: Institui o Novo Regime Fiscal no âmbito dos Orçamentos Fiscal e da Seguridade Social da União, que vigorará por 20 exercícios financeiros, existindo limites individualizados para as despesas primárias de cada um dos três Poderes, do Ministério Público da União e da Defensoria Pública da União; sendo que cada um dos limites equivalerá: I - para o exercício de 2017, à despesa primária paga no exercício de 2016, incluídos os restos a pagar pagos e demais operações que afetam o resultado primário, corrigida em 7,2% e II - para os exercícios posteriores, ao valor do limite referente ao exercício imediatamente anterior, corrigido pela variação do Índice Nacional de Preços ao

Não teremos mais projetos, *vai* faltar ainda mais políticas de saúde para as mulheres. Vamos discutir, problematizar, fazer reflexão. Temos que mapear o que nos oprime no campo da saúde da mulher. Vamos sair com uma Carta de Reivindicações dos direitos. Concluiu declamando uma poesia sobre a mulher” (M 03 - pertencente ao coletivo de mulheres de Aracaju).

“Este é um espaço importante para as mulheres de formação política para se empoderarem das bandeiras feministas. Há muitas dificuldades para as mulheres estarem aqui. Há mulheres nos territórios que constroem a experiência da produção e de luta tentando construir sua autonomia. No dia 16 de outubro é o dia nacional da alimentação e a semana de luta do MPA pela soberania alimentar, com o modelo da agroecologia e contra o modelo do agronegócio que não visa as mulheres” (M 08 – pertencente ao coletivo estadual do MPA.)

Esses fragmentos demonstram o quanto as mulheres encontram-se envolvidas no processo de lutas para reivindicar direitos e expor ideias quanto aos seus anseios. A coordenação do evento destacou a importância do Encontro Estadual de Mulheres como espaço de formação para fortalecer a organização das mulheres, animar o processo de luta e projetar ações para o futuro do PTDRS de modo a contribuir com a superação das desigualdades. E como objetivos específicos: estimular a articulação das lutas das mulheres do campo e da cidade; refletir sobre os desafios da condição feminina na sociedade; apontar diretrizes para o eixo de gênero dos PTDRS e construir a agenda unitária de lutas¹⁰.

A coordenação do evento ao reforçar o combate de classe, de raça é machista, patriarcal contra a educação sexista. Como afirma Simone de Beauvoir (1949) basta ter uma crise política, econômica ou social para as mulheres serem as primeiras a serem ameaçadas. Dessa forma, a vida é dinâmica e cíclica entre as mulheres que residem no campo, como destaca uma senhorinha:

“quando chegou em Ladeirinha lhe ofereceram um cargo na escola do Mobral e que teve um aluno que disse que já sabia ler, então fez um teste com ele e logo depois o menino disse que iria trabalhar em Aracaju. Relata que hoje

Consumidor Amplo – IPCA. Determina que não se incluem na base de cálculo e nos limites estabelecidos: I - transferências constitucionais; II - créditos extraordinários III - despesas não recorrentes da Justiça Eleitoral com a realização de eleições; e IV - despesas com aumento de capital de empresas estatais não dependentes.

¹⁰ Foram destacados no encontro dados relativos à educação nos últimos dez anos expondo que quem mais entrou nas universidades foram mulheres jovens. Dados estatístico publicado em 2010 pelo IBGE/PNAD as mulheres encontram-se no primeiro lugar com o total de 7.829.666 e os homens no segundo lugar com o total de 5.634.092 em nível de graduação e pós-graduação. Fato que realça o envolvimento das mulheres na formação profissional e sua inserção no mercado de trabalho.

(2016) com 50 anos esse mesmo jovem voltou para Ladeirinha, e assim foi contando outras histórias de pessoas que foram para Aracaju e depois voltaram para a comunidade, porque estão ficando desempregadas ou porque não tem onde morar ou o que comer” (M 07 – dona Faraíldes).

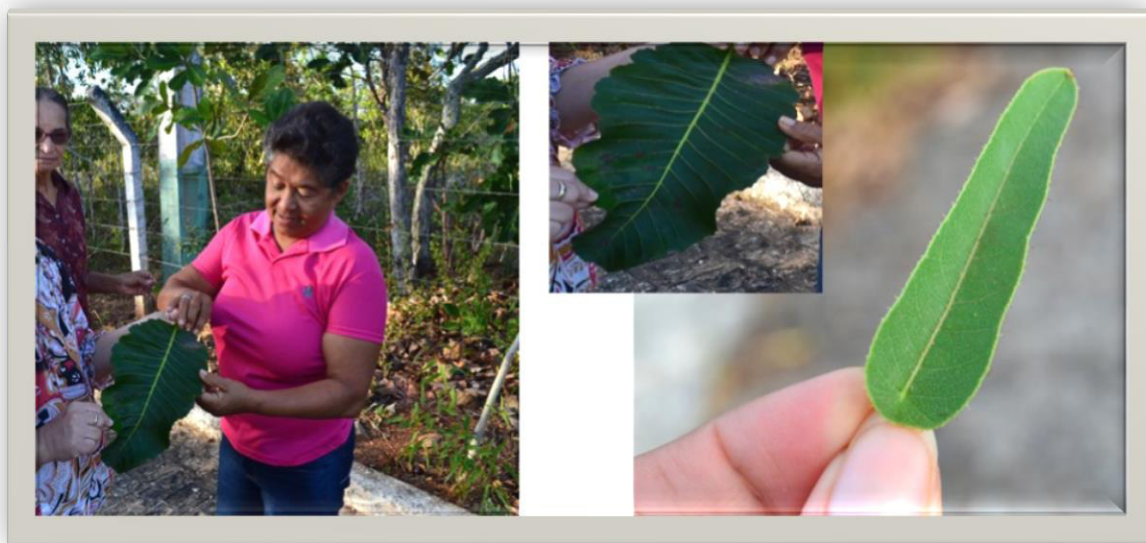
Neste sentido, as mulheres vão conquistando espaços em áreas de assentamento no exercício de uma função, aqui e ali como professora do Programa de Alfabetização do Governo e que *vai* sendo gradativamente incorporada a outras funções, como destacado a seguir:

“no passado, o espaço das mulheres era sempre em casa, faz um resgate da resistência das mulheres que nasce do processo de opressão e que todos esses desafios perduram até hoje. Afirmo que os alimentos da unidade familiar são geridos pelas mulheres e cita sua jornada dizendo que a desigualdade é muito grande, citando como à mulher era reservado o espaço da casa e do quintal, mas que hoje, é justamente por esses quintais que as mulheres deram a volta e chegaram até aqui. As mulheres estão fazendo a diferença” (M 19 – representante de associação)

Contudo, essa mulher - M 19 chama a atenção dos presentes ao encontro ao refletir sobre o “[...] sofrimento das mulheres com a perda dos direitos e tudo o que foi conquistado durante todos esses anos, diz que isso tem impacto no dia a dia”, a exemplo dos direitos trabalhistas, Lei Maria da Penha (uma proteção à mulher em situação de risco/ou ameaça em nível de subjugação), mudança no código civil, igualdade de direito, licença maternidade, garantia de emprego em caso gestacional, carteira assinada entre outros.

Foi marcante esse encontro pela quantidade de informações e partilhas que ocorreram durante a caminhada. Tive contato com uma planta que é denominada o Bombril do sertão porque é utilizado para “arear as panelas” (sic), conforme a figura nº 7 que ilustra o tipo de planta que serve como produto doméstico.

Figura 7 - Bombril do sertão. Encontro de Mulheres, Simão Dias, Sergipe, Brasil



Fonte: Bomfim e Carvalho (2016).

Neste contato, as mulheres demonstram matéria prima que são extraídas da natureza para suprir suas necessidades e aqui e ali buscam alternativas para sanar e minimizar dificuldades e ou ressignificar objetos de modo sustentável e/ou substituição de produtos.

A programação do evento teve como objetivo assinalar diretrizes para o eixo de gênero no PTDRS instigando a divisão dos participantes em grupos de acordo com cada território para discutirem suas demandas em nível local. No retorno das atividades, cada grupo fez a apresentação dos resultados das discussões efetuadas, a saber: agroecologia¹¹; acesso a um sistema de assistência à saúde; educação com qualidade por que minimiza a violência e preconceitos; segurança alimentar para a obtenção de alimentos mais saudável; cultivo de produtos sem a utilização de defensivos químicos e saneamento básico foram alguns dos temas apresentados na plenária.

Siliprandi (2015) reitera que o acesso aos recursos produtivos e os bens simbólicos na agricultura familiar é marcado pelas relações de poder entre homens e mulheres, assim como há limites impostos pelos padrões sociais e políticos que impedem as mulheres de interferir no uso desses recursos.

¹¹ Quanto à agroecologia, reafirmam ser essencial, complexo e diverso. Siliprandi (2015) encontrou esse mesmo resultado nas lutas das mulheres que fazem parte dos encontros e reuniões da Articulação Nacional de Agroecologia - ANA).

Expressões como: “sem feminismo não há agroecologia”, ou sem “feminismo não há democracia” bradado veementemente pelas mulheres durante o encontro tem sua explicação na carta política do III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA) e no livro *Mulheres e Agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas* de Siliprandi. Ela esclarece que:

as mulheres reafirmam o lema por compreenderem que a construção da agroecologia prima por uma visão de justiça social e ambiental que pressupõe o compartilhamento do trabalho doméstico e de cuidados e da gestão de produção, uma vida sem violência, regida pelo respeito e pela igualdade. Isso implica a garantia do direito das mulheres à plena participação na vida social e política em suas comunidades, bem como a garantia de seu acesso à terra, à água, às sementes e às condições de produção e comercialização com autonomia e liberdade (SILIPRANDI, 2015, p. 22).

Diante do exposto fica evidente que as demandas das mulheres, independentemente do local onde habitem, convergem em muitos pontos e que, agroecologia e meio ambiente para as mulheres ultrapassam o limite de uma visão restrita. A agroecologia, mais do que uma forma de se cultivar de forma saudável, tem incorporado toda outra forma de se ver e pensar o mundo vivido e construído.

Esse encontro oportunizou ainda o contato direto com as mulheres de todos os territórios de Sergipe, pois, encontrei mulheres que participavam de atividades ligadas diretamente a extração de recursos advindos da natureza, fazendo parte de grupos e associações ligadas ao setor econômico, impactando diretamente na economia do assentamento e da família¹².

As mulheres desse encontro fabricavam bolsas de fibras naturais. Foram elas que citaram o grupo de mulheres que, a partir da colheita da Taboa nas lagoas, próximo ao assentamento produziam bolsas, pufes, carteiras, porta moedas, portas celulares, entre outros. Indicaram as artesãs de Pacatuba, mas, não perceberam que são também artesãs, pois fabricam bolsas a partir da colheita da palha do Ouricuri, conforme figura nº 08.

¹² Outro fato que merece relevância foi a compreensão de que, para mulheres assentadas, ribeirinhas, rurais, camponesas, quilombolas, marisqueiras, catadoras de mangaba etc., ou qualquer que seja a denominação que lhes são atribuídas ou que elas mesmas atribuem e fazem questão de destacar (a exemplo do movimento das mulheres negras ou das quilombolas, que foram as que enfatizaram a identificação quando se manifestavam), para todas, agroecologia, luta das mulheres por direitos e reconhecimento, todas, sem exceção (ao menos no encontro) afirmaram que, a luta de uma é a luta de todas, a violência contra uma, é violência contra todas.

Figura 8. Mulheres trabalhando com a palha do Ouricuri, Povoado Santana dos Frades, Pacatuba, SE, BR.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2016).

Após esses contatos e vivências como também os apontamentos no diário de campo fui em direção ao município de Pacatuba/Se, mais especificamente, para o Assentamento Santana dos Frades - as mulheres extrativistas-artesãs que trabalhavam com a Taboa, sendo acolhida no assentamento ao experienciar momentos significativos na retirada da taboa bem como nos relatos explicativos de como se deu os passos iniciais, os quais serão detalhados e descritos posteriormente.

Na pesquisa no banco de dados de teses e dissertações, não existem trabalhos sobre a *Typha spp.* vulgo taboa, especificamente para o assentamento supracitado. No entanto, três livros foram encontrados, dois que descreviam rapidamente sobre o assentamento, e um específico de autoria de Silva (2002) que aborda o assentamento em questão. Os autores pontuam a importância que o assentamento teve no processo de reforma agrária no Estado de Sergipe, e uma dissertação de mestrado de Esteves (2012) sobre a economia do Baixo São Francisco, que traz informações sobre a cidade de Pacatuba/Se, mas não se refere aos assentamentos presentes no município.

A escolha das participantes foi determinada a partir da ida em campo empírico, de modo que se optou pela amostra por conveniência. A amostragem pode ocorrer de três formas: a) amostra por conveniência – o pesquisador seleciona os membros mais acessíveis; b) amostragem por julgamento – o pesquisador usa seu próprio julgamento para selecionar os membros da população que serão “boas fontes”; c) amostragem por quota – número pré-

definido de pessoas em cada categoria determinada. No nosso caso, optamos pela amostragem por conveniência em virtude do contato direto com as mulheres que participaram do encontro e indicaram outras mulheres que utilizavam matéria prima *in natura* na cidade de Pacatuba/Se.

Para tanto, alguns critérios foram definidores na escolha destas mulheres extrativistas-artesãs: participar de atividades formativas nos encontros e em associações; participar do início ao fim do processo, em outras palavras, as mulheres deveriam colher o material, torná-lo apto a ser transformado em produto artesanal e efetuar vendas diretamente a clientela, sem o uso de atravessadores e aceitar participar da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Com base nesses critérios, a coleta de dados ocorreu na cidade de Pacatuba, Sergipe, particularmente no Assentamento Santana dos Frades, com o grupo de Mulheres extrativistas-artesãs de Santana dos Frades às quais trabalham com a *Typha* sp, doravante denominada de Taboa, com a finalidade de extrair elementos primordiais para a construção da tese baseada no resgate da história de vida das mulheres por meio da gravação de voz e do registro fotográficos dos eventos do cotidiano do assentamento e o uso da taboa como uma matéria prima para a sustentabilidade socioeconômico e socioambiental no assentamento.

Para situar os leitores, a Figura nº 9 demonstra a área de estudo para a coleta de informações sobre a extração da taboa.

importância de áreas alagadas (wetlands)¹³, as quais podem ser naturais, construídas ou recuperadas.

O assentamento Santana do Frade é considerado como um dos primeiros locais que contribuiu decisivamente com a luta pela terra em Sergipe (LOPES, 2006 e 2013; SOBRAL, 2006) e tendo como base tais referências e a questão da coleta da *Typha spp.* in natura, assim como mulheres que participavam desde a colheita até a venda de seus produtos, foi determinante na escolha do local de pesquisa.

Bergamasco (1996) pontua que assentamentos se constituem em importantes fontes de geração de renda e empregos diretos e indiretos a baixo custo, uma iniciativa que busca um modelo de desenvolvimento rural em bases mais equitativas, diante de um quadro desemprego, fome e miséria e do inchaço nos centros urbanos, sobretudo em países com elevados índices e pobreza e exclusão social.

Contudo, Lopes pontua que “[...] desenvolvimento rural não significa desenvolvimento agrícola” (2013, p.284), neste aspecto o autor pontua a revalorização do rural como um espaço detentor de belezas naturais, um campo com diversas possibilidades de aproveitamento econômico e social e que o meio rural, na atualidade, não pode mais ser caracterizado exclusivamente pela agricultura. Pois, “[...] o crescimento das atividades não agrícolas, sobretudo na área de serviços, no meio rural, à semelhança do que vem acontecendo nos países avançados da Europa e da América do Norte, reforça-se o argumento da necessidade de um novo enfoque ao que até era chamado de rural” (LOPES, 2013, p. 286).

Em relação aos assentamentos localizados no estado de Sergipe, Lopes (2013) esclarece que estes, apesar de terem início na segunda metade da década de 40, apenas adquiriram importância significativa a partir de 1970, quando propriedades começaram a ser adquiridas por diversas instituições, dentre as quais destacamos a igreja católica, cooperativas agrícolas e governo, uma vez que

quando várias propriedades foram adquiridas pela igreja católica, por cooperativas agrícolas de pequenos agricultores, pelo governo estadual ou desapropriados pelo INCRA, com o objetivo de assentar colonos em municípios com grande número de parceiros, posseiros, pequenos arrendatários e assalariados rurais (LOPES, 2013, p.303).

¹³ São denominadas de wetlands em razão de serem áreas alagadas com grande importância ecológica, haja vista que capturam o excesso de nutrientes e outros poluentes antes que estes cheguem aos rios e lagos, estabilizam o suprimento de água durante seca e enchentes e ainda melhoram a biodiversidade.

Silva (2002) e Lopes (2003) pontuam que, apesar das lutas sociais agrárias fazerem parte da história rural no estado de Sergipe desde a época colonial, três acontecimentos ligados à luta pela terra foram fundamentais para o fortalecimento da luta: o conflito entre os índios Xocó e proprietários da Ilha de São Pedro e das fazendas Caiçara e Belém em Porto da Folha; a disputa pela terra envolvendo os antigos meeiros de arroz do Baixo São Francisco que foram expulsos pela CODEVASF para implantação de projetos de irrigação e os posseiros da Fazenda Santana dos Frades, em disputa contra a empresa Serigy-Seragro. Nessas lutas, destaca-se o apoio da Diocese de Propriá e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), CPT E CEBs.

Apesar de ter ficado conhecida como a luta dos posseiros¹⁴ de Santana dos Frades, Silva esclarece que os moradores do latifúndio Santana dos Frades, não eram posseiros na acepção do termo, pois eram moradores ou agregados até 1911, quando receberam os frades carmelitas “[...] uma légua em quadro de terra” e “[...] foram denominados de posseiros, pelas forças mediadoras da contenda entre eles e a SERAGRO, dada sua condição particular de donos não-reconhecidos de uma área de terra” (2002, p.34).

Conta a história¹⁵ que os padres carmelitas compraram várias propriedades no norte do estado, na região compreendida entre os rios Japarutuba e São Francisco. Sabe-se que as propriedades dos Carmelitas abrangiam vasta área que hoje situam-se os municípios de Pirambu, Japoatã, Pacatuba, Brejo Grande, Ilha das Flores e Neópolis e que tais municípios ocupam hoje uma área de 1.527 Km². Não se têm dados documentados sobre o que aconteceu com as terras até 1911, quando estas foram vendidas para o “[...] Comendador Manoel Gonçalves, ficando uma légua em quadro como patrimônio da padroeira, para a comunidade”. De 1911 até 1960 quando a propriedade passou a ser da Agropecuária Manoel Gonçalves.

Em 1979 foi vendida uma fatia à Superintendência da Agricultura e Produção - SUDAP com a finalidade de ser “[...] transformada em projeto de colonização, com base na política de desenvolvimento rural integrado do POLONORDESTE (Programa de Desenvolvimento de Áreas Integradas do Nordeste)” (SILVA, 2002, p.49). No mesmo ano, a Serigy Agroindustrial Ltda. (SERAGRO) comprou um pedaço com 4.991,25 há que foi desmembrado da área da

¹⁴ Não são posseiros no sentido jurídico do termo, ou de acordo com a categoria sociológica de análise em voga que determina que posseiro é aquele camponês que se estabelece numa área de terra, geralmente devoluta, e nela realiza uma produção para o consumo familiar e/ou para o mercado (SILVA, 2002, p. 34).

¹⁵ Silva (2002) cita NUNES, Maria Thetis; História da Educação em Sergipe. ALVES, Marcio Moreira; A igreja e a Política no Brasil. FREIRE, Felisberto; História Territorial do Brasil. SALOMÃO, Lilian da Fonseca; As sesmarias de Sergipe D’el Rey apud SANTOS, Maria N.

fazenda denominada Santana dos Frades. A região em que está localizada Santana dos Frades é de 35 hectares¹⁶ (SILVA, 2002).

O conflito que se desenrolou entre os moradores de Santana dos Frades e a Serigy Agroindustrial Ltda. têm raízes históricas, pois os ancestrais desta população, escravos dos frades Carmelitas, residiam na propriedade desde tempos imemoriais. Os descendentes daqueles primeiros habitantes, portanto, não devem ser classificados na categoria de posseiros porque “[...] na realidade e com base no direito costumeiro, são legítimos proprietários de uma gleba de terra de 3.600 hectares. A expressão ‘posseiro’, atribuída aos moradores de Santana dos Frades, tem conotação política” (SILVA, 2002, p. 75).

Silva (2002) destaca a importância do trabalho coletivo no desencadeamento da luta pela terra em Santana dos Frades, pois, foi em um mutirão organizado por um empregado da fazenda, em um local denominado Fazenda Ladeirinha, que um grupo de “posseiros” ou alguns donos da gleba de terra doada pelos frades Carmelitas tiveram a oportunidade de discutir e questionar a situação de exploração em que se encontravam¹⁷. Lê-se que:

A data da briga começa mais ou menos a partir do dia que nós não quisemos mais dá um dia de oito (...)

Eu fui um dos sete, um dos primeiros. Foi o maior sacrifício, rapaz, pra nesse instante, no motirão. Agora, no motirão trabalhava oito home, nesse motirão. Aí, em tudo que nós tava trabalhando, tava dentro daquela fricção. Roça, num roça... porque nós disse que não. Na data, nós estava assim, tudo se acabando de fome. Na data, rapaiz, assim de a gente roçar num pé de pau prumode fazê a roça, esse home veio com essas leis prumode a gente fazê os trabalhos dele. Num vamos não! Vamo fazê o nosso! Deixa ele vir procurar nós e nós conta uma história pra ele. Assim nós fizemo. ...

Nós tá trabalhando junto, aí tinha um camarada ele se chamava Luís Teixeira, era bom que ele tivesse aqui, é o irmão desse seu Antônio aqui. Aí ele disse assim: “-seu C., já soube que o empregado (...) já soube que Pita disse que *vai* entrar um empregado aqui pra bem (...) Já sabe que Pita falou que ele *vai* sair daqui e *vai* entrá um empregado aqui a bem de tirá nós tudinho daqui? Pita já conversou isso pru debaixo dos pano pra alguém (...) Mas rapaiz, com é qui nós há tantos anos vem morando aqui, desde o nosso disavô e tudo...e nós *vai* saí daqui cum tanto serviço aqui feito por nois? Desde que esses coqueiros aqui, nós foi quem pranto e nós quem zelô. Nós se acabando de fome pra dá conta das tarefas (C. ENTREVISTADO 1984 em SILVA, 2002, p.80).

¹⁶ Um hectare corresponde a 3,3 tarefas de terra. Um quadro de terra corresponde a 3.600 hectares.

¹⁷ Referindo-se ao dia do oito, um pagamento da renda, isto é, dia de serviço semanal que os moradores de Santana dos Frades eram obrigados a prestar (SILVA, 2002, p. 80).

Silva (2002) descreve que a luta dos posseiros de Santana dos Frades fundamentou-se em dois princípios básicos: o primeiro era a crença de que a terra era deles, pois como já foi relatado, seus antepassados já habitavam aquele lugar desde muito tempo atrás; o segundo é que eles não tinham para onde ir, acrescento o terceiro fator, que é o fato de terem a certeza de que a terra lhes fora cedida, conforme relatavam seus antepassados.

A presença da igreja católica no Assentamento se faz presente desde o início da luta pela permanência na terra. A organização e o apoio da igreja católica, principalmente pela paróquia de Propriá é representada pela igreja localizada no centro do Assentamento (Igreja branca e azul), conforme ilustração na figura nº 10 representa a Igreja Católica. Em 2017 a construção da igreja de cor verde representa religião protestante, que tem como pastora Dona Iracema, a artesã mãe que realiza reuniões com jovens e ocorrem convites para orientá-los sobre como trabalhar com a *Typha spp.*

Figura 10. Sincretismo religioso no Assentamento Santana dos Frades



A presença da Igreja Católica na região, e em especial, no povoado, através dos frades carmelitas, data de meados do século XVII. Os habitantes do lugar, assim como uma autoridade religiosa da diocese de Propriá, informaram que, em Santana dos Frades, não havia convento e sim uma casa residencial onde os frades moravam. Fala-se também, dos restos mortais de um deles, que foi sepultado na principal igreja do povoado, a igreja Nossa Senhora de Santana (SILVA, 2002, p.91).

A construção pintada de verde é uma igreja evangélica. Foi construída ao lado da casa de Dona Iracema, e é Dona Iracema e seu esposo quem celebram os cultos.

Fonte: Andréa F. de Carvalho (2016).

1.3 Da fenomenologia à sociologia fenomenológica de Schutz

A fenomenologia é compreendida com base em Cerbone (2012) ao descrever um simples exercício, chamando a atenção para o que se lê e se descortina pouco a pouco ao observar nos formatos das letras, cor do papel, espessura, se este tem plano de fundo ou não, enfim, observar o que estamos lendo.

Ao invés de descrever o que se vê, atentar para o modo como vê os objetos, letras, palavras, páginas ou formas, ou seja, o autor convida o leitor a deslocar a atenção das letras e formas impressas no papel a experiência vivenciada. Também chama a atenção para focar não tanto no que se experencia lá fora no mundo, mas a experiência do mundo. Pois, ao compreender essa sutil diferença dar-se-á o primeiro passo na prática da fenomenologia, ou seja “[...] prestarmos atenção à experiência em vez de àquilo que é experimentado é prestar atenção aos fenômenos” (CERBONE, 2012, p.13), ou seja observar a experiência no mundo.

Alerta a autora, no entanto, que, embora a fenomenologia induza para o foco da experiência, não se deve “[...] negligenciar ou distorcer a ideia de que tais aparições são aparições de coisas” (CERBONE, 2012, p.14), ou seja, a experiência é de algo ou sobre alguma coisa, portanto, indicam intencionalidade. Para a fenomenologia a intencionalidade é o seu traço definidor, seu pilar central uma vez que a experiência sobre o objeto é sempre perspectival, no sentido de que nunca podemos abarcá-lo em sua totalidade. Isso significa que há mais para ser visto – outros ângulos...

É exatamente essa percepção de que a experiência representa um lado de muitos outros que ainda não foram vistos, confere à experiência, profundidade e densidade, ao destacar que:

Se refletirmos sobre essa estrutura, podemos começar a reconhecer que ela está longe de ser arbitrária ou idiossincrática; pelo contrário, podemos começar a pensar que essa estrutura indica algo essencial com respeito a ter qualquer experiência visual de objetos tais como livros. E aqui começamos a ter uma ideia do tipo de interesse que a fenomenologia assume em nossa experiência. Ao descrevermos nossa experiência, da qual a experiência da percepção visual é somente um exemplo, podemos delinear as ‘estruturas essenciais’ da experiência (CERBONE, 2012, p. 16)

Na fenomenologia o “eu” identifica um sujeito da experiência: um ente para o qual o mundo está presente e que está presente para si mesmo, porque em uma experiência você se experiencia como tendo uma experiência. Para Husserl, o naturalismo é diferente de uma atitude

natural, pois esta significa que a “[...] consciência consciente ordinária de nós mesmos e do mundo ao redor” (CERBONE, 2012, p.23) se faz presente no contexto da pesquisa.

Consciente da experiência com estudo fenomenológico e nos teóricos que se delineou a partir de Husserl (2000); Schutz (1970), além de outros autores que auxiliaram na compreensão das ideias de Husserl, a exemplo de Cerbone (2012) e Depraz (2008) que se realizou as análises de todo o processo metodológico.

Desse modo, o primeiro passo para a fenomenologia é o de direcionar intencionalmente a atenção para a experiência ao invés de direcionar ao objeto experimentado, assim, a atenção sobre uma experiência já não estaria *per se* impregnada com as vivências e domesticação introjetada? Pois, não são as vivências sócios-formativas que delineiam o jeito de prestar atenção a própria experiência. Então, não são as vivências, mas sim o que os pensamentos têm em comum. Uma estrutura lógica que pertence a todos? Husserl afirma que “[...] toda experiência consciente, à medida que exhibe intencionalidade, tem uma estrutura essencial que é independente dos particulares empíricos de qualquer ente ao qual pertença a experiência” (CERBONE, 2012, p. 33, destaque meu).

Husserl afirma que, “[...] o conhecimento não se nega nem se declara em todo o sentido como algo de duvidoso pelo facto de se ‘pôr em questão’” (1973, p. 22), argumentando que a “[...] apreensibilidade cognitiva é absolutamente indubitável” (1973, p. 23). Assim, minha experiência será sempre minha. Diferente de um objeto externo a mim, a exemplo de um livro, uma pedra, uma caneta, que somente poderá ser analisada por algum ângulo, mas nunca em sua totalidade. Já, essa experiência poderá ser compreendida por mim em totalidade porque minha experiência é imanente a mim. Husserl afirma que

o conhecimento intuitivo da cogitatio é imanente”, pois, interpretar a imanência como imanência inclusa (reelle) e claro, em sentido psicológico, como imanência real (reale): na vivência cognoscitiva, como realidade efectiva que é, ou na consciência do eu, a que pertence a vivência, encontra-se também o objecto do conhecimento (HUSSERL, 1973, p. 24).

Assim, Husserl distingue dois tipos de imanência. A imanência inclusa (indubitável, ‘porque nada mais exhibe, «nada mais intenta para lá de si mesmo»’ (1973, p. 24) e a imanência transcendente, “[...] o não inclusivamente imanente, não me é lícito utilizá-lo, por isso tenho de levar a cabo uma redução fenomenológica, uma exclusão de todas as posições transcendentis (1973, p. 24 §4 - destaque do autor).

Husserl afirma que na redução fenomenológica, objetiva-se “[...] a claridade, quero compreender a possibilidade de este apreender, isto é, se examino o seu sentido, quer ter diante dos meus olhos a essência da possibilidade de este apreender, quero transformá-lo intuitivamente em dado” (1973, p.25 §6).

Outra consideração fenomenológica, o próprio pensar, o cogitatio herdado de Descartes e apropriado por Husserl também é colocado em cheque pois, “[...] o eu que vive, este objecto, o homem no tempo mundano, está coisa entre as coisas, etc., não é nenhum dado absoluto; por conseguinte, também o não é a vivência enquanto sua vivência” (1973, p.26 §1). Consequentemente, o próximo passo é a busca da objetividade da essência, dos atos lógicos que se encontram presentes e permanecem inadvertidos, ou seja, tudo o que não é dado evidente no sentido genuíno, dado absoluto do ver puro, deve ser posto em suspensão. O caminho da redução fenomenológica torna-se assim, “[...] o *apriori* dentro do absolutamente dado em si mesmo” (1973, p.29 §9).

Desse modo, outra consideração fenomenológica inicia-se como o questionamento de “[...] até onde se estende o que em si está dado? Está encerrado no dar-se da cogitatio e das ideações que genericamente a captam? Até onde ele se estende, «estende-se» nossa esfera fenomenológica, a esfera da claridade absoluta, da imanência do sentido autêntico” (1973, p.30 §I). Pois,

Numa análise mais precisa, quão diverso se revela agora o ver as coisas! Se bem que se conserve sob o nome de ‘atenção’, o olhar em si indescritível e indiferenciado mostra-se, porém, que efetivamente não tem sentido algum falar de coisas que simplesmente existem e apenas precisam ser vistas; mas que esse «meramente existir» são certas vivências da estrutura específica e mutável; que existem a percepção, a fantasia, a recordação, a predicação etc., e que as coisas não estão nelas como num invólucro ou num recipiente, mas *se constituem* nelas as coisas, as quais não podem de modo algum encontrar-se como ingredientes naquelas vivências. O «estar dado das coisas» *é exhibir-se* (ser representadas) de tal e tal modo em tais fenômenos. E aí as coisas não existem para si mesmas e «enviam para dentro da consciência» os seus representantes. Algo deste gênero não nos pode ocorrer no interior da esfera da redução fenomenológica, mas as coisas são e estão dadas em si mesmas no fenômeno (*Erscheinung*) e em virtude do fenômeno; são ou valem, claro está, como individualmente separáveis do fenômeno, na medida em que não importa este fenômeno singular (a consciência de estar dadas), mas, essencialmente são dele inseparáveis (HUSSERL, 1973, p. 33 §I3).

Portanto, a redução fenomenológica ultrapassa o simples olhar. A redução propõe chegar ao íntimo, a célula original, a essência dos atos que constituem o conhecimento ao buscar suas conexões, seus nexos de concordância e discordância. Nesse “cenário cognitivo do mundo da vida”, compreendo, que tal qual o exemplo do livro de Cerbone (2012), no mundo da vida, “[...] aquilo que, em qualquer situação dada, é formulado, comunicado, compreendido é apenas uma fração do que poderia ser percebido (SCHUTZ, 1970, p.22), é exatamente nesse ponto de encontro que tenho em mente.

Por mais que se busque adentrar uma vivência em uma comunidade, está sempre será uma das muitas facetas e na atualidade a complexidade e as interconexões presente na contemporaneidade acrescidos da incorporação dos fatores econômicos, sociais, culturais, e outros, ainda assim, abarcar a totalidade continua um vir-a-ser...

1.4 Da Fenomenologia de Husserl para a sociologia fenomenológica de Alfred Schutz

De acordo com Husserl, todas as experiências diretas de seres humanos são experiências em, e de seu “mundo da vida”; elas o constituem, são dirigidas a ele, são testadas nele. O mundo da vida é simplesmente “[...] toda a esfera de experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses e negócios, manipulando objetos, tratando com pessoas, concebendo e realizando planos” (WAGNER, 1979, p.16).

Schutz (1979) focalizou esse mundo da vida de vários ângulos. Primeiro analisou a “atitude natural” que ajuda o homem a operar no mundo da vida; em segundo lugar, estudou os principais fatores determinantes da conduta de qualquer indivíduo no mundo da vida e em terceiro lugar, ocupou-se dos meios através dos quais um indivíduo se orienta nas situações da vida, da “experiência que armazenou” e do “estoque de conhecimento que tem à mão”.

Referindo-se a ação no mundo da vida, Wagner (1979) esclarece a importância de três termos fundamentais: conduta, ação e trabalho ao destacar que a conduta é um termo usado para designar experiências ativas em geral, significativas, de fato ou em potencial; ação é um termo que designa a conduta “idealizada com antecedência”; e o trabalho é um termo referente à ação planejada de modo a provocar mudança no estado de coisas exteriores com o auxílio dos movimentos corporais.

Na concepção social da comunidade e do indivíduo, Schutz afirma que o mundo social tem como pressuposto que a pessoa já nasce em um mundo sociocultural pré-constituído e pré-organizado de acordo com a cultura de cada grupo ou sociedade. Nesse sentido, o mundo social no qual o ser humano nasce é constituído por uma “[...] rede de relacionamentos sociais, de sistemas de signos e de símbolos com sua estrutura de significados particular, de formas *institucionalizadas* de organização social, de sistemas de *status* e prestígio, etc.” (1979, p.80, destaque do autor).

Essas redes de entrelaçamentos constituem para Schutz (1979) como a herança sociocultural que é transmitida às crianças que nascem e crescem dentro do grupo, pois, esses conhecimentos do grupo, via de regra, já padronizada pelo grupo interno, constituiu-se devido a situações anteriormente vivida pelo grupo e que até então tenha se mostrado eficiente. Para o referido autor:

O sistema de conhecimento assim adquirido – incoerente, inconsistente e apenas parcialmente claro, como é – toma, para os membros do grupo interno, um aspecto de coerência, clareza e consistência suficientes para que todos tenham uma chance razoável de compreender e ser compreendidos. Qualquer pessoa nascida ou criada dentro do grupo, aceita o esquema *ready-made* estandardizado do padrão cultural que lhe é transmitido pelos antecessores, professores e autoridades, como um guia não questionado e inquestionável para todas as situações que normalmente ocorre dentro do mundo social (SCHUTZ, 1979, p.81, destaque do autor).

Schutz afirma que esse conhecimento é um “[...] conhecimento de receitas certas para interpretar o mundo social e para lidar com pessoas e coisas” (1979, p. 81). Esse conhecimento *ready-made* pode ser de certa forma comparado às discussões acadêmicas sobre métodos científicos em si. Pressupõem-se um tipo ideal de situação, para tipos ideais de pessoas, pensamentos e comportamentos, desconsiderando as particularidades como “desvios padrões”.

A respeito do significado subjetivo do pertencer a um grupo, Schutz esclarece que essa rede de significações é, frequentemente, descrita como um sentimento de pertença e compartilhamento de interesses comuns entre os membros, a exemplo de um conjunto de hábitos, costumes e normas. O autor refere-se especificamente a grupos “existenciais” que se formam a partir da herança social e os grupos voluntários, o qual formamos ou no quais livremente se associa, pois, no primeiro grupo essa herança é previamente estabelecida por “[...] sistema de tipificações, papéis, posições e status pré-constituído” (1979, p. 83); no segundo

grupo, ele tem que ser construído pelos membros internos do grupo, sendo, portanto, construído dentro de um processo dinâmico de evolução, haja vista que, cabe aos membros definir e redefinir constantemente sua situação e cabe ao membro, no seu aspecto subjetivo e particular, definir a sua situação dentro deste.

Na questão do significado subjetivo de pertencer a um grupo, Schutz afirma que estudos sociológicos feitos por Simmel demonstram que o grupo é formado por um processo mediante o qual muitos indivíduos unem partes de sua personalidade – impulsos específicos, interesses e forças – enquanto o que cada personalidade realmente é permanece fora dessa área comum. Os grupos são caracteristicamente diferentes de acordo com as personalidades totais dos membros e as partes de suas personalidades com as quais participam do grupo.

Na definição do indivíduo de sua situação particular, os vários papéis sociais que se originam desse pertencer múltiplo a grupos diversos são vivenciados como um conjunto de tipificações que são, por sua vez, ordenadas segundo uma hierarquia privada de domínios de relevância cujo fluxo, é claro, é contínuo.

Nesse sentido, dentro do grupo constituídos por mulheres extrativistas-artesãs de Santana dos Frades que trabalham com a taboa, o grupo das mulheres cujo filhos viajaram para tentar a vida fora do estado: Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e outros. Elas compartilham suas preocupações, seus dilemas e suas angústias e quanto à questão religiosa possuem grupos católicos e evangélicos, que se denominam de “irmãs” no dia-a-dia, ou seja, dentro de um grupo, vários subgrupos que prisma pela possibilidade que se ligam e se entrelaçam de acordo com os interesses específicos de cada participante do grupo maior.

Na ponte entre a sociologia weberiana e a fenomenologia de Schutz, Wagner (1970) esclarece que se têm a definição de Weber de que a ação é uma conduta humana que pode consistir em atividades físicas palpáveis, em atividades da mente, em falta de ação deliberada, ou em tolerância intencional das ações dos outros. Em todos os casos, porém, a conduta humana só é considerada ação quando e na medida em que a pessoa que age atribui à ação um significado e lhe dá uma direção que, por sua vez, pode ser compreendida como significante. Essa conduta intencionada e intencional torna-se social quando é dirigida à conduta de outros

e em síntese é a concepção de Weber do significado subjetivo como sendo um critério de importância fundamental para a compreensão da ação humana¹⁸.

Desse modo, Schutz procurou delinear uma preocupação metassociológica do objeto da sociologia. Trinta e cinco anos antes dele, Durkheim havia perguntado o que era um fato social (norteados pelas leituras em Husserl e Weber), Schutz formulou a seguinte questão: qual a realidade social com que lidam os sociólogos? Tal qual Durkheim, Schutz buscou respostas nas esferas da consciência humana, na mente do homem, não tratando os fatos de tal realidade como coisas, mas sim, viu tal realidade como “[...] construída pelos homens para si próprios, a partir de suas experiências intersubjetivas” (1979, p.83).

Schutz não desconsiderou o peso dos elementos coletivos (tipificações linguísticas, normas culturais, definições e outros) na construção dessa realidade, mas estas “[...] não eliminam a volição e a espontaneidade individual nem impedem interpretações idiossincrásicas de tipificações e definições culturais” (1979, p.83).

1.5 Da história oral a história de vida: forma ilustrativa de retratar o cotidiano da mulher

Ao adentrar na história oral para a história de vida como instrumento para registrar as trajetórias das mulheres extrativistas-artesãs, Meihy e Holanda (2015) advertem que para incluir informações e histórias de vida em um mundo que caminha entre palavras, discursos, narrativas e esperança de apreender informações, a história oral se apresenta como solução moderna disposta a influir no comportamento da cultura e na compreensão de comportamentos e sensibilidades humanas. Portanto, o cuidado ético com os relatos e documentos que estão sendo colhidos é essencial na pesquisa oral, alertam os autores, os quais foram tratados com as mulheres quando as mesmas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para utilização das imagens e das suas falas, conforme anexo 01.

Assim, Meihy e Ribeiro (2011) definem que a história oral instrumental é aquela que serve de apoio. E ainda como um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto, que continua com a definição de um grupo de pessoas a ser entrevistadas e que se

¹⁸ Essencialmente, qualquer tipo ideal de ação ideal baseia-se na suposição de uma conduta estritamente racional por parte do ator ideal típico. Weber divide a conduta em três tipos: ação racional, conduta tradicional e comportamento irracional (o qual não chegou a desenvolver).

componha um banco de dados para utilização futura. Ressalta-se que não há intenção de criação de um banco de dados com as entrevistas realizadas com as mulheres que atuam com a extração da taboa *in natura*, o que descaracteriza a compreensão da história oral. No entanto, uma das facetas da história oral foi utilizada para uma apreensão mais sistematizada de suas finalidades e utilizações.

Ainda de acordo com Meihy e Holanda, na história oral utiliza-se diálogos gravados, percepções da vida social são registrados como forma de se constituir fontes ou documentos. Os autores advertem que o

ponto de partida das entrevistas em história oral implica aceitar que os procedimentos são feitos no presente, com gravações, e envolvem expressões orais emitidas com intenção de articular ideias orientadas a registrar ou explicar aspectos de interesses planejados em projetos (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 13).

Nesta perspectiva, compreende-se que na história oral:

Parte-se do princípio de que **os discursos orais** são passíveis de **transformação em textos escritos** que se tornam testemunhais. A pluralidade desses discursos depende de tipos de captações e, assim, há variações de entrevistas que se organizam em gêneros. Sem a lógica da captação, as entrevistas de história oral se perdem em indefinições. Mais: sem **critérios definidores dos gêneros de história oral** não é possível definir caminhos de elaboração, guarda/arquivamento, trato de estabelecimento de textos e análises eventuais. Assim, é importante **detalhar cada etapa** dos procedimentos em particular os momentos da aquisição das entrevistas e suas possíveis projeções analíticas (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 12, destaque nosso).

De tal modo, as experiências de cada um são autênticas e se relacionam às demais por meio da construção de uma identidade comum. Em história oral¹⁹, o “grupalo”, “social” ou “coletivo” não corresponde à soma dos particulares, o que garante unidade e coerência às entrevistas enfeixadas em um mesmo conjunto é a repetição de certos fatores que, por fim, caracteriza a memória coletiva.

¹⁹ Pesquisas que se propõem à utilização da história oral devem registrar de forma clara as condições da gravação, assim como os métodos utilizados na transposição do oral para o escrito, pois a história oral fortalece-se a partir da construção dos fatos.

A moderna história oral depende dos recursos eletrônicos na medida em que estes se colocam como meios mecânicos para auxiliar não apenas a gravação em seu momento de realização, mas, sobretudo depois, quando se presta à fase de transposição do oral para o escrito. Uma das características mais evidentes da história oral remete à constante atualização dos meios eletrônicos usados (MEIHY; HOLANDA, 2015). Pois,

Mesmo não sendo possível dissociar a eletrônica dos contatos diretos para a produção da história oral, sabe-se que nada substitui a percepção do entrevistado no ambiente da gravação. Portanto, uma entrevista não é apenas uma coleção de frases reunidas em uma sessão dialógica. A performance, ou seja, o desempenho é essencial para se entender o sentido do encontro gravado. Olhar nos olhos, perceber as vacilações ou o teor emotivo das palavras, notar o conjunto de fatores reunidos na situação da entrevista é algo mais do que a capacidade de registro pelas máquinas, que se limitam a guardar vozes, sons gerais, e imagens. A percepção das emoções é bem mais complexa do que aparenta, e sua captação se dá apenas pela presença física de pessoas (MEIHY; HOLANDA, 2015, p.22-23).

No entrelaçamento da história oral com a história de vida dentro do contexto das mulheres extrativistas-artesãs foi uma condição essencial para retratar suas vivências na extração da taboa *in natura*. Assim, “[...] quando apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro torna-se fonte oral” (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 14). Acrescenta que, a

Fonte oral é mais que história oral. Fonte oral é o registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana. Entrevistas esporádicas feitas sem propósito explícito, gravações de músicas, absolutamente tudo que é gravado e preservado se constitui em documento oral (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 13).

Pineau e Le Grand (1993) definem a história de vida como pesquisa e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais que implica num processo de expressão da experiência. Tanto na entrevista que se volta a construção de uma história oral quanto na história de vida, uma vez que:

A oralidade quando vertida para o escrito congela a realidade narrada mudando a dinâmica original. O estado especial, fluido, da oralidade se estratifica, fazendo o momento da apreensão de se tornar prisioneiro das letras escritas. As análises sobre esse tipo de documentação devem, pois, levar em conta a especificidade do suporte criado e seus resultados (MEIHY; HOLANDA, 2015, p.26).

Graças a utilização da história de vida²⁰ no desenvolvimento de pesquisas dos fenômenos sociais puderam ser percebidos enquanto processual e não como produto. O aumento pelo interesse dos cientistas sociais pela história de vida demarca uma substancial passagem da importância de uma vida particular, reduzida ao seu próprio estado de constituição grupal, familiar ou comunitária, para a valorização de experiências coletivas de grupos humanos, propiciando a necessidade de singularizar o vivido e torná-lo propício à apreensão de aprendizagens dos mais variados componentes da cultura, do social e da existência de uma determinada circunstância histórica (SOUZA, 2007).

Na Literatura e na Linguística, Philippe Lejeune tem sido um dos autores que mais se destacam, a obra intitulada *L'auto biographie en France* (1971), é apontada como um marco da influência dos estudos relacionados à escrita da história de vida ou dos relatos de vida na área da literatura. A exploração de situações socioculturais, a discussão sobre as chamadas “identidades sociolinguísticas dominantes e/ou dominadas” faz parte desse movimento²¹.

Em História e na Etnografia, destacam-se os trabalhos de Philippe Jourtard (1983) e Paul Thompson (1978), respectivamente, tanto *Ces voix qui nous viennent du passé* quanto *The Voice of the Past*, trazem à tona a história do tempo presente, veiculada pela instigante recorrência à história oral, direcionada ao acolhimento de testemunhos de indivíduos e grupos de indivíduos sobre o passado, especialmente quando ocorre uma mudança cultural rápida nos sistemas partilhados por um número considerável de grupos sociais. Clapier-Valladon *et all* propôs o conceito de etnobiografia para especificar as histórias de vida em que a pessoa é considerada como um “[...] espelho de seu tempo e de seu meio” (1983, p.226) e o pesquisador necessita estar atento ao meio sociocultural que diretamente influencia na constituição dos estudos sobre a história de vida de grupos sociais distintos (SOUZA, 2007)²².

²⁰ Em diversas áreas de conhecimento, a utilização da história de vida traz contribuições inquestionáveis. Na sociologia francesa, Daniel Bertaux em *Histoire de vie ou récits de pratiques? Méthodologie de l'approche biographique en sociologie* (1976) explicita que o trabalho biográfico deve se orientar no sentido de analisar as práticas e os processos sociais pela obtenção de um *relato de vida* sustentado por um *relato de práticas*. A preocupação do pesquisador na utilização da história de vida deve ser considerada mais próxima aos instrumentos de observação longitudinais do que das observações transversais. Danielle Desmarais e Grell Paul em 1986 aprofundam essas questões na obra *Les récits de vie. Théorie, méthode et trajectoire types*. Os referidos autores procuram discutir a relevância das pesquisas sociais e a significativa contribuição que o método e a técnica da abordagem biográfica, inspirados na pesquisa qualitativa, imprimem às mudanças epistemológicas na segunda metade do século XX (SOUZA, 2007).

²¹ Cristhian Leray (1995) é um dos principais autores inseridos nesse contexto. Nessa perspectiva, o jornal íntimo, os diários, as escritas intimistas representam o ponto de partida para uma produção de forte tendência, em particular nos Estados Unidos, denominada narrativismo.

²² Nessa perspectiva, o interesse dos cientistas sociais pelas histórias de vida de grupos humanos contribuiu efetivamente para consolidar o *status* epistemológico da abordagem biográfica nas ciências humanas. Por mais que os pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento tenham procurado referências teórico-metodológicas

Desroche (1991) e Courtois e Pineau (1991), Josso (1988), Chené, (1988) dentre outros autores vêm desenvolvendo tendências ou movimentos dentro da chamada abordagem (auto) biográfica, centrada na perspectiva teórica da história de vida²³. Para Josso (2012) trabalhar com histórias de vida significa transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a ser (re)constituída, guiada por um aumento de lucidez, como objetivo central da transformação por meio de uma abordagem historiográfica pautada pelo paradigma da sensibilidade.

No entanto, Sawicki e Peneff (1990) fazem uma alerta sobre a abordagem autobiográfica que se constitui um perigo na medida em que faz com que o sujeito construindo sua autobiografia historiográfica, possa alterar a representação e a ideia que este ou esta tem de si mesmo²⁴.

Berger e Luckmann (2004) quando afirmam que a realidade é socialmente construída a partir dos fenômenos que ocorrem independentemente de nossa vontade e conhecimento, possuindo em si características específicas. O interesse sociológico nas questões da “realidade” e “conhecimento” se justifica inicialmente pelo fato de sua relatividade social.

Por fim, Sawicki e Peneff (1990), Berger e Luckmann (2004) concluem que o ser homem e o ser mulher também podem ser considerados como socialmente construídos. Assim, os papéis femininos e masculinos, os quais se denominam, normalmente, como papéis de gêneros, são também definidos a partir de um conjunto de situações construídas historicamente.

por meio da utilização da história de vida, no âmbito das metodologias qualitativas de pesquisa foi a partir dos anos 70 que ocorreu a valorização da história de vida e da história oral como metodologias de investigação (SOUZA, 2007). Uma das primeiras obras publicada sobre história de vida, data de 1927, no campo da sociologia, escrita por Thomas e Znaniecki e intitulada *The Polish Peasant in Europe and America*. As tentativas de registro de situações relativas à história de vida feita pelo homem são inúmeras, pois, as memórias de família, incidindo sobre os costumes e práticas entre gerações distintas; os aniversários, as confidências entre amigos, os registros de cerimoniais como nascimento, batismo, casamento, o histórico escolar, o *curriculum vitae*, dentre outros, são exemplos interessantes que trazem à tona um precioso campo, para a exploração científica, ligado à formação e à vida de grupos humanos.

²³ Um artigo sobre as tendências assumidas, na atualidade, dentro do movimento das abordagens (auto) biográficas, foi escrito no final dos anos 90 por Alves (1998). Esta autora analisa resumos de pesquisas em diversos períodos da história da educação brasileira, ao focar as principais características de períodos que vão desde o início do século XIX até a década de 90 do século passado. A autora ainda destaca a relevância de se trabalhar com diferentes fontes de pesquisa, desde a literatura, a fotografia, os programas de ensino, até as fontes autobiográficas.

²⁴ Para Peneff, a Pour une personne, l'autobiographie constitue bien un danger en ce qu'elle l'amène à modifier la représentation et l'idée qu'elle a d'elle-même et le récit autobiographique ne peut être pris au pied de la lettre ; il n'est qu'une version possible parmi d'autres, déterminée par la situation, interdisant 'de considérer tout récit sur soi comme un indicateur des comportements et des pratiques' (1990, p.86). Assim, buscando dirimir a possibilidade de tal situação deve ficar claro o que se analisa na autobiografia, quais são os passos relatados que podem ser comprovados e qual exatamente é a função do método biográfico dentro do contexto que escolhemos trabalhar, ou seja, de acordo com Sawicki e Peneff “[...] Qu’analyse-t-on avec des autobiographies? Quelles sont les démarches éprouvées? Quelle fonction remplit la méthode biographique dans l’analyse?” (1990, p.6).

No caso das observações realizadas *in locus* com as mulheres extrativistas-artesãs de Santana dos Frades houve a constatação da fluidez desses papéis. Não cabe ao homem prover o sustento da família, pois as mulheres extrativistas-artesãs possuem espaços e funções entrelaçadas e imbricadas em relação aos seus companheiros/esposos. Cabendo a elas encontrar soluções durante o período de seca “[...] se não fosse a gente apreender a mexer com a taboa, a gente tinha passado fome” (M 05 - sic).

Diante do exposto, a escolha pela história de vida²⁵ que se insere dentro da história oral, tornou-se um instrumento de pesquisa para a análise interpretativa e compreensiva de como contextualizar as ações das mulheres extrativistas-artesãs de modo a identificar, descrever e analisar as situações do cotidiano, mediante as influências e interferências das mulheres em decisões quanto à construção da sustentabilidade socioeconômico e socioambiental ao extrair taboa e transformá-las em artefatos. Pois, a história oral mesmo que de caráter instrumental entrelaçada à história de vida da mulher, auxiliou no processo de contextualização das ações das mulheres mediante as observações, análise de documentos e a (re)construção das histórias de vida das mulheres assentadas deixando-as revelar-se enquanto ser.

1.6 Instrumentos metodológicos

Foram elaborados dois diários de campo: o primeiro denominado de Diário de tese-terapia, em que foram registrados pensamentos, relatos e referências às leituras, sites, jornais *online*, as primeiras impressões sobre questões relacionadas ao estudo de gêneros e estudos sobre a mulher. O segundo, diário de Campo, específico para detalhar as observações das visitas que foram realizadas *in locus*.

Para além dos dois diários foi realizada uma entrevista semiestruturada no INCRA para a obtenção das impressões do primeiro contato informal com as mulheres que participam da

²⁵ Pineau e Le Grand (2002) afirmam que a definição genérica de história de vida como pesquisa e construção de sentidos a partir de fatos pessoais temporais permitem virtualmente, a abertura de um campo quase infinito de práticas de fronteiras e estruturação incertas, e práticas multiformes. Salientam que a história de vida é uma prática autopoietica (do grego *auto* + *poiesis* = criação) e deve-se proceder à busca de um “ponto zero”, um ponto inicial para se trabalhar. Nesse sentido, a história de vida pode ser considerada uma autocriação, autoprodução de si a partir de histórias pessoais. Divide-se em: busca por um ponto zero ou marco inicial de buscas por informações sobre o que se quer conhecer por meio de diversas práticas, dentre as quais citamos: práticas da vida cotidiana, práticas da vida cultural, práticas profissionais específicas e práticas disciplinares de pesquisa em ciências antropológicas.

feira agroecológica²⁶, bem como as orientações obtidas durante o Encontro Sergipano de Mulheres Camponesas que ocorreu em Simão Dias/Se, no período de 18 a 20 de outubro de 2016, que foram relevantes para as tomadas de decisões quanto ao campo empírico.

Quanto à participação das mulheres na feira agroecológica, insere-as dentro do campo de economia solidária. Esta inserção se torna importante para envolver a ideia de sustentabilidade, haja vista que implica em uma concepção de sustentabilidade que transcendeu a sustentabilidade ambiental que tem sido propagada. Essa é entendida como a sustentabilidade de viver em espaços de assentamentos.

É nas entrelinhas das falas e dos discursos das mulheres que foi possível captar a compreensão de que a sustentabilidade socioambiental transpassa a visão de sustentabilidade tradicional, a qual nos remete ao conservar os recursos do meio ambiente para preservar a espécie humana, sendo, portanto, uma sustentabilidade utilitarista que considera a conservação e preservação da natureza e dos seres vivos com uma finalidade bem específica que é a de conservar para preservar a espécie humana.

A partir do Encontro com as mulheres camponesas, percebe-se nas entrelinhas dos discursos que a sustentabilidade socioambiental é mais que conservar o meio ambiente. É uma forma de pensar, produzir e comercializar, diferente da visão de lucratividade e exploração desmedida dos recursos naturais. Sustentabilidade socioambiental é pensar na saúde; é viver sem violência e opressão; é compartilhar tarefas, pensamentos, ações e descobertas que favoreçam a continuidade da espécie humana e dos recursos naturais. É viver o hoje considerando as implicações de nossas ações no amanhã e no depois de amanhã.

Neste aspecto, o registro oral aliado aos relatos de vida, a observação empírica e a coleta de dados documentais foram fios condutores para a concretização dessa pesquisa. No sentido de (re) escrevermos as memórias e as histórias de vida das mulheres que extraí cotidianamente taboas e transforma a matéria prima em artefatos e utensílios para uso e comercialização. Portanto, foram utilizadas observações diretas e sistemáticas e realização de entrevistas semiestruturadas, conforme anexos 3.

26 A participação na referida atividade culminou com apresentação de banner no Seminário Internacional de Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Manaus. Abordando o tema “Mulheres assentadas sergipanas e agricultura agroecológica: parcerias de sucesso nas feiras de economia solidária”, com vista a expor que a inserção da mulher na agricultura agroecológica e sua participação nas feiras de economia solidária retira intermediários (atravessadores) e ampliação a rede de solidariedade ao distribuir a produção, aumenta a autoconfiança e consequentemente a autonomia, o empoderamento econômico, político, cultural e socioambiental das mulheres em espaços de assentamentos.

Para o registro oral, gravação das entrevistas-dialogadas utilizamos o aparelho Samsung Note 5, modelo SM – N 9230 G, número de série RQ8GA01933H, IMEI 354472070149920, IMEISV – 01, SOFTWARE Versão Kernel, 3.10.61 – 10982462 dpi@SWDG2904 # 1 Thu Aug 10 05:48:59 KST 2017; Versão Software de Segurança ASKS v13161228; Anotações foram feitas no aplicativo S note versão 5.2.04.25; Câmera Versão 6.5.77; as imagens e diálogos foram salvos no One Drive versão 5.0 e compartilhada com computador pessoal *vaio*, processador Inter® Core™ i7 – 7500 CPU @2.70GHz 2.90 GHz, ID do Produto (Product ID): 00342-41367-09124-AAOEM, Windows 10 Home Single Language © 2017 Microsoft Corporation.

Na primeira visita *in locus*, detalhei os objetivos da pesquisa, a forma de obter informações com base na conversa informal, entrevista semiestruturada bem como a explicação sobre a história oral, as quais foram revisadas por elas após transcrição ou (trans) criação. Sendo acordado que a publicação se encontra em consonância plena e de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado, como sugerem Meihy e Holanda ao destaque que

O compromisso com a ‘devolução’ dos resultados do projeto é condição básica para se justificar um projeto de história oral. A condição ‘para quem’ deve ficar explicada, pois os projetos que se valem de entrevistas cumprem sempre um papel social. Seja para instruir teses, dissertações, compor acervos ou funcionar como alerta temático, os textos estabelecidos, em primeiro lugar, devem ser devolvidos aos protagonistas geradores e, conforme o caso, à comunidade que os provocou (MEIHY; HOLANDA, 2015, p.17).

Após a explicação sobre a pesquisa assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecidos (anexo 1) bem como o uso de imagens, registro de conversas informais e das entrevistas semiestruturadas enquanto um combinado entre as partes como elemento essencial para o método autobiográfico proposto por Josso, ao afirmar que, aprendizagens exigirão desaprendizagens. Pois, “[...] a reflexão biográfica permite, pois, um colocar-se na escuta, e uma exploração das emergências interiores sob a forma de desejos, expectativas, projetos, que desvelam uma busca ativa de realização do ser humano em potencialidades insuspeitáveis, inesperadas” (2012a, p.20). Complementa Josso que se trata

de fato, da atividade de um sujeito que empreende uma viagem ao longo do qual ela *vai* explorar o viajante, começando por reconstruir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações, e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se

no espaço-tempo do aqui e agora, mas ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes do incidente de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e a compreensão de que viagem e viajante são apenas um (JOSSO, 2012a, p. 21).

Outro instrumento utilizado na coleta de dados foi a obtenção de imagens diversas, a exemplo de: fotografias, filmagens, reportagens e outros documentos, como forma de reafirmar credibilidade à memória. Ressalta-se que foi considerado a questão do tempo das mulheres durante as entrevistas-diálogos, devido a tripla jornada de trabalho a que estas estão imbricadas e para não ultrapassar o limite de tempo estabelecido por elas próprias, haja vista que a coleta da taboa, ou a ida ao centro de artesanato, ou mesmo quando ficavam nas próprias residências é um dos muitos trabalhos que as mulheres desenvolvem diariamente.

A primeira ida ao campo empírico denominado Assentamento Santana dos Frades, localizado no Município de Pacatuba, no Estado de Sergipe, ocorreu em 09 de janeiro de 2016, porque a colega Sirley trabalhava durante a semana e ela conhecia Pacatuba, pois era natural da cidade e desenvolvia projetos nas comunidades.

A segunda visita foi marcada para a semana seguinte no dia 14 de janeiro de 2016, 3^a. Visita ocorreu no dia 28 de janeiro de 2016, a 4^a. Visita ocorreu dia 04 de fevereiro de 2016, a 5^a. Visita ocorreu dia 18 de fevereiro de 2016, a 6^a. Visita ocorreu dia 25 de fevereiro de 2016, a 7^a. Visita ocorreu dia 10 de março e na sequência havia sido agendada para dia 17 de março. Contudo, devido a uma lesão na coluna lombo sacra, a visita posterior só ocorreu no 01 de agosto de 2016 e após essa visita, novo comprometimento na coluna postergou a visita seguinte para o dia 04 de outubro de 2017; 10 de outubro de 2017; 17 de outubro de 2017; 18 de outubro de 2017; 24 de outubro de 2017; 25 de outubro de 2017; 26 de outubro de 2017; 11 de novembro de 2017; 29 de novembro de 2017; 02 de dezembro de 2017; 07 de dezembro de 2017; 14 de dezembro de 2017; todas as visitas supracitadas tiveram autorização das artesãs para gravação dos diálogos que ocorreram ora no Centro de Artesãs do Assentamento Santana dos Frades, ora no rio que corre no terreno de uso comunitário do assentamento, local que as mulheres lavam as roupas, na residência de uma delas, ou nos diversos pontos de coleta da taboa.

Sempre ao findar das entrevistas- diálogos, independente das mulheres estarem comigo, saíamos pelo caminho que nos levava aos campos de colheita, para que eu pudesse observar se alguma havia brotado flor ou fruto. As artesãs me garantiram por várias vezes que esse tipo de

taboa não tem flor, nem aquela espiga que fica em cima, mesmo assim, eu sempre refazia a pergunta. E sempre obtinha a mesma resposta:

-A que brota fruto não presta para nosso artesanato, só mesmo serve para confecção de esteiras, porque é muito dura. As outras são mais flexíveis. (Dona Iracema, Dona Maria José, Dona Gicélia, Dona Nininha, Dona Edenilza, todas elas me deram a mesma resposta.)

1.7 Fotografia e Ciência

A invenção da fotografia nos permite visualizar e recordar imagens e fatos que ocorrem no dia a dia. Instantes que se eternizam a partir de um clique! Para nossa pesquisa e para mim enquanto pesquisadora, a fotografia foi e é essencial, pois me permitiu rever, ampliar imagens de situações que passariam despercebidas, a exemplo das mulheres resgatando a cabra; de Jéssica afundando no lodo; da cobra enroscada na árvore e do fio desencapado ligado a uma bomba d'água dentro de uma das lagoas. Enfim, foram inúmeras as situações que, gravadas pela lente da máquina de fotografar, transferidas para o computador e ao ser analisadas, contribuíram efetivamente para o desenvolvimento desta tese.

De acordo com Freitas (2014) a fotografia é uma técnica de gravação de imagens por meios físicos, químicos e recentemente (1990), digitais, em uma camada de material sensível à exposição luminosa. A etimologia de “fotografia” é de origem grega e é relativamente moderna (1833) significando luz, grafia escrita ou literalmente escrever com luz. Freitas (2014) e Pinkas-Thompson (s/d) detalham que a história da fotografia se inicia por volta de 384-322 a.C. quando já se conhecia o fenômeno da projeção de imagens por meio da passagem da luz por um pequeno orifício. Por volta do século X os alquimistas já conheciam a propriedade do escurecimento de alguns compostos de prata pela exposição à luz do Sol.

As primeiras fotografias permanentes foram feitas em 1825 por Joseph Nicéphore Niépce com a técnica chamada heliogravura, o qual segundo Freitas (2014); Pinkas Thompson (s.d) consiste em expor, a luz do sol, um substrato recoberto com substância fotossensível. Na ocasião foi usado o betume da Judéia. A primeira imagem de Niépce é de uma gravura flamenga do século XVII de um homem com um cavalo. Em 1826 ele utiliza desenho e traço nas pedras de litografia, conforme figura nº 11

Figura 4.Primeira gravura flamenga do século XVII de um homem e um cavalo feita por Niépce (1826).



Fonte: Freitas (2014); Pinkas-Thompson (s.d.) copiadas sem alteração por Carvalho (2018).

Niepce e Louis-Jacques Mandé Daguerre trabalharam em parceria. Após a morte de Niépce, Daguerre desenvolveu um processo com saís de prata que reduzia o tempo de exposição de horas para minutos. O processo foi denominado daguerreotipia e foi apresentado à Academia de Ciências e Belas Artes, na França, em 19 de agosto de 1839. Logo em seguida, por meio de intervenção política, o governo francês comprou a patente Daguerre e a “doou” para o mundo (FREITAS, 2014; PINKAS-THOMPSON, s.d). Assim, para

O britânico William Fox Talbot também efetuava pesquisas com substâncias fotossensíveis e ao tomar conhecimento dos avanços de Daguerre, decidiu apresentar seus trabalhos à Royal Institution e à Royal Society, procurando garantir os direitos sobre suas invenções. O processo de Talbot (calotipo) consistia em usar folhas de papel cobertas com cloreto de prata, que posteriormente eram colocadas em contato com outro papel produzindo a imagem positiva. Este processo é o precursor do negativo, utilizado amplamente antes da era digital que, através de uma imagem negativa podia ser reutilizado para produzir várias imagens positivas. No Brasil, o Francês radicado em Campinas, São Paulo, Hércules Florence conseguiu resultados superiores aos de Daguerre. Apesar das tentativas de disseminação do seu invento, ao qual denominou "Photographie" (foi o legítimo inventor da palavra) não obteve reconhecimento à época. Sua vida e obra só foram

devidamente resgatadas em 1976 pelo escritor e historiador brasileiro Boris Kossoy (Freitas, 2014, p. 4).

Freitas (2014) explana ainda que fotografar requer controlar a câmera ao expor o material fotossensível à luz. Depois de processar, este produz uma imagem cujo conteúdo é aceitavelmente nítido, iluminado e composto para atender ao objetivo de fotografar. Este controle inclui foco, abertura de lentes, tempo de exposição ou abertura do obturador, distância focal das objetivas (teleobjetiva, zoom ou grande-angular), sensibilidade do filme ou do sensor (ISO). Os controles são geralmente inter-relacionados, por exemplo: o brilho é a abertura multiplicado pela velocidade de abertura do Obturador; variando a distância focal das lentes permitir-se-á maior controle sobre a profundidade de campo fotográfico.

As imagens que escolhidas foram feitas com uma máquina Nikon e as imagens foram inseridas no texto ou em formato Tiff ou JPG (JPEG). Freitas afirma que o formato Tiff é utilizado por profissionais enquanto o formato JPG ou JPEG que significa Joint Photographic Experts Group, que é o mais utilizado pelas câmeras digitais devido a capacidade de compressão (FREITAS, 2014). A autora elucida que a fotografia somente se popularizou em 1988, com a KODAK, empresa liderada por George Eastman.

Na ciência, a fotografia tem sido utilizada desde 1861, em uma aula de física sobre teoria da cor ministrada pelo físico escocês James Clerk Maxwell na Universidade King's College, de Londres uma vez que “[...] em 1872, Eadweard Muybridge utilizou 16 câmeras alinhadas e um mecanismo de disparo criando uma série de movimentos que ajudou a explicar como o cavalo se move durante uma corrida provando que o animal retira, em um determinado momento, as quatro patas do chão” (FREITAS, 2014, p.9).

Em 1895 Wilhelm Roentgen fez no seu laboratório em casa, uma imagem da mão da sua esposa a usar o anel de casamento, conforme figura nº 12. Trata-se do primeiro raio-X do mundo, o qual contribuiu significativamente com o desenvolvimento tecnológico na medicina. A imagem foi apresentada ao Professor Ludwig Zehnder, do Instituto de Física da Universidade de Freiburg no dia 1 de janeiro de 1896. Dr. Harold Edgerton foi o primeiro a fazer uma fotografia em alta velocidade, em 1957 e daí por diante, a fotografia tem sido utilizada na ciência, de forma cada vez mais evoluída e fidedigna.

Figura 5. Primeira imagem de uma mão usando anel de casamento feita por Wilhelm Roentgen (1896).



Fonte: FREITAS, 2014; PINKAS-THOMPSON (s.d)

Morel (2000) analisa imagens fotográficas de indígenas e atesta que estas imagens falam por si. Ainda que tenha uma carga de preconceitos daqueles que as expuseram inicialmente, a imagem é mais do que um registro neutro do real, pois os daguerreótipos trazem em si uma carga civilizatória de uma sociedade eurocêntrica, permeada de preconceitos. Mesmo que a intenção dos detentores das imagens fosse bancar estudos raciais ou científicos, as expressões de sentimento e de condições de vida dos índios expostos na fotografia são significativas. Referindo-se à duas imagens de indígenas expostas.

Para tanto, Morel escreve que “[...] objetos fotografados se apropriassem da imagem e subvertissem seu significado, criando outros discursos não verbalizados que transcendiam o movimento de fixação, conhecimento e controle contido no ato de fotografar” (2000, p. 1050), de modo que contribuiu com a evolução tecnológica, a fotografia contribuiu para que houvesse um melhor desenvolvimento e acompanhamento da pesquisa efetuada no campo empírico.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Le meilleur des psychanalystes, ne pourra que lui donner le courage d'écouter cette voix. Dans une société qui attend si peu des femmes, chacune d'elles est bien forcée d'écouter sa voix intérieure, si elle veut se trouver elle-même, au sein d'un monde en perpétuel changement. A partir de ses besoins et de ses aptitudes, il lui faut édifier sa vie selon une formule nouvelle, qui tiendra complet à la fois de l'amour, des enfants, du foyer - ce qui était auparavant la définition même de la femme - et de cet effort vers un idéal plus élevé qui créera l'avenir (FRIEDAN, 1963).

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 2 – *TYPHA* SPP E SEU IMPACTO SOCIOAMBIENTAL NA CONSTRUÇÃO DA SOCIALIDADE HUMANA

Figura 6.Taboas do tempo (*Typha spp.*) primeiro contato.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Durante a coleta de dados na construção desta tese acompanhei as mulheres da associação de artesãs do Projeto de Assentamento Rural Santana dos Frades, localizado no município de Pacatuba – Sergipe, para alguns dos locais de coleta da matéria-prima que estas utilizam para desenvolver e produzir seus produtos artesanais. Deparei-me, pela primeira vez, com a planta que as mulheres denominam de taboa.

Dentro de uma grande área alagada, erguiam-se eretas e majestosas, essas plantas que, segundo me informaram as mulheres extrativistas-artesãs de Santana do Frade, tinha suas raízes fixadas no solo da lagoa. As taboas delongavam-se na paisagem pela sua exuberância verdejante em meio ao um ambiente de restinga em meio ao contraste entre as plantas rasteiras, a areia clara, o sol escaldante, o céu de um azul profundo e nuvens que refletiam nos espelhos d'água, foi impactante (figura 1, figura 3 e figura 13).

O local da coleta era de propriedade particular, mas segundo relatos das mulheres e de um dos sitiantes dono de um dos locais que adentramos para a coleta expressa que “[...] elas podem entrar quando quiserem”. Questionei o por que? Obtendo as seguintes respostas pelas mulheres extrativistas-artesãs a taboa é “[...] uma benção dos céus”, enquanto que para os sitiantes da região, a taboa “[...] é uma praga, uma erva daninha, que toma conta do lago, impedindo os animais de beber água e tomando o lugar de outras plantas”.

Diante deste cenário pergunto: Podemos entrar? Respondeu Dona Gandi²⁷, “[...] podemos sim mocinha, todo mundo conhece a gente por aqui. Eles deixam a gente entrar”. Ao iniciar o diálogo continuo a questionar e como vocês colhem a taboa? Dona sorridente respondeu “[...] a gente entra lá dona moça.

Entram lá? Perguntei espantada. E as roupas de proteção? Como se protegem? Elas se olharam e sorriram. Aí dona Moça me diz “aí tem muiiiita história”. Todas riram novamente e realçou “a roupa a gente trouxe aqui”, mostrando sacolas plásticas e uma delas uma sacola de tecido. Elas trocaram as roupas que estavam usando, por outras puídas. E entraram na lagoa.

Figura 75.Taboas do tempo: paraíso pacatubense – Coleta na Rebio Santa Isabel.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Na América do Norte, estudos demonstram que a *Typha spp.* é conhecida como “cattail”, “o-nine-tail”, “flag”, “bulrush”, “cossack aspargos” e, aqui no Brasil, é conhecida

²⁷ Cada artesã escolheu o nome pelo qual gostaria de ser chamada. Temos Dona Moça, Dona Gandi (Edenilza), Dona Sorridente, Dona Nininha e Dona Jaleane (a vizinha sempre presente com seu filhinho Caio). Nos diálogos, reproduzi utilizando as alcunhas, mas nas entrevistas informais efetuadas com as mesmas, elas optaram pelo nome de batismo. Dona Gandi é a artesã Edenilza; dona Moça é a artesã Maria José; dona Sorridente é a artesã Ivanda; dona Nininha é a artesã Ana Cleide. Dona Iracema é a artesã-mestra (a que, a partir dos conhecimentos trazidos pela mãe e pela avó [que sobreviviam da utilização da taboa na feitura de esteiras] e a partir da união de cursos e diálogos que recebeu como professora do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI, ela inicia a produção artesanal de cestos, cintos, e outros produtos artesanais, utilizando a taboa.

como “taboa”, “tabua”, “rabo de gato”. Quanto ao seu biótipo, as macrófitas aquáticas podem ser reunidas em cinco grupos ecológicos²⁸, denominados a seguir:

Grupo a) Macrófitas aquáticas (hidrófitas) emersas enraizadas no sedimento, com folhas que crescem para fora da água;

Grupo b) Macrófitas aquáticas flutuantes;

Grupo c) Macrófitas aquáticas submersas enraizadas;

Grupo d) Macrófitas aquáticas submersas livres;

Grupo e) Macrófitas aquáticas com folhas flutuantes e enraizadas no sedimento.

No site de informações governamentais (reflora.jbrj.gov.br)²⁹ encontra-se que a *Typha spp.* é uma erva aquática, terrícola, emergente ou flutuante, perene ou monoica; apresenta rizoma amiláceo, simples ou ramificado, folhas emergentes ou flutuantes, dísticas, sésseis, bainha aberta, simples, lâmina linear, alongada, paralelinérvea, que vão de 50 cm a 2,50cm. Inflorescência ereta, terminal, em panícula, racemo ou espiga; suas flores são unissexuais numerosas com perianto reduzido a tricomas; flor estaminada distal, antera-basifixa, rimosas, flor pistilada, bracterolada ou não, ovário tricarpelar, unilocular, uniovulado. Fruto drupoide ou aquênio, sementes com endosperma, embrião cilíndrico ou linear.

A *Typhaceae* é encontrada em ambientes lênticos e/ou raramente em ambientes lóticos³⁰. A distribuição, no Brasil, com presença confirmada ocorre nas seguintes regiões:

a) Norte (Pará, Tocantins)

²⁸ De acordo com a Convenção de áreas alagadas, conhecida como a Convenção de Ramsar, um grupo ecológico é aquele grupo de plantas que crescem sob as mesmas condições e fatores ambientais.

²⁹ O Programa REFLORA/CNPq, uma iniciativa do governo brasileiro, tem como objetivo principal o resgate de imagens dos espécimes da flora brasileira e das informações a eles associadas, depositados nos herbários estrangeiros para a construção do Herbário Virtual Reflora. Os primeiros parceiros desta iniciativa foram o Royal Botanic Gardens de Kew (K) e no Muséum National d’Histoire Naturelle de Paris (P/PC). A partir de 2014, com apoio do SiBB (Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira), outros herbários europeus e americanos foram incluídos na iniciativa, são eles: Royal Botanic Garden Edinburgh (E), Missouri Botanical Garden (MO), The New York Botanical Garden (NY), Naturhistoriska Riksmuseet (S), Smithsonian Institute (US) e Naturhistorisches Museum Wien (W). A base física do Herbário Virtual REFLORA está instalada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que é responsável pelo recebimento das imagens e transcrição dos dados. Assim, tanto as imagens e informações textuais provenientes do repatriamento, quanto as imagens e os dados textuais do acervo do herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB) estão sendo disponibilizadas para a comunidade científica e para o público em geral.

³⁰ No Ministério do Meio ambiente encontramos a definição de ambiente lênticos e lóticos: Lênticos - se refere à água parada, com movimento lento ou estagnado, com tempo de residência superior a 40 dias. Lótico - é o ambiente relativo a águas continentais moventes, com tempo de residência inferior a 2 dias (ou ao do ambiente intermediário). Em como justificativa adequação à distinção dos ambientes em lêntico, lótico e intermediário. Disponível em:

<http://www.mma.gov.br/port/conama/processos/C4297E2D/ModificPropANA1009f.doc> Acesso em 22 de outubro de 2017.

- b) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe)
- c) Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso)
- d) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo)
- e) Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina)

Quanto aos domínios fitogeográficos encontram-se na: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e no Pantanal, tendo com tido de vegetação em área Antrópica, Cerrado (lato sensu), Floresta Estacional Perenifólia, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Restinga e Vegetação Aquática³¹. Estudos arqueológicos evidenciaram que a *Typha* tem feito parte da vida dos homens a muitos tempos.

De acordo com o dictionary.com unabridged, “[...] cattail was first recorded in 1425 - 75, from the late middle English word cattestail³²”. No livro sobre controle e manejo da Cattail, Grosshans (2016) elucida que a *Typha latifolia*, que têm a folha mais estreita, é nativa da América do Norte, e a *Typha angustifolia* não se sabe se é nativa ou introduzida no ambiente.

Por volta de 1830, duas espécies de folhas mais estreitas, denominadas de *Typha gracilis*, nativa da América do Norte e a *Typha angustifolia*, uma espécie europeia, foram documentadas no nordeste da America do Norte. Em 1850, taxinomistas haviam enxertado as duas espécies em uma única espécie: a *Typha angustifolia* (KANTRUD, 1992 in SVEDARSKY, 2016).

Até meados de 1880, *Typha angustifolia* apenas havia sido documentado em algumas áreas alagadas perto do Atlântico Norte e se alastrou em direção aos Grandes Lagos durante final de século XIX e início do Século XX.

Common or broadleaf cattail *T. latifolia* is native to North America. The status of the narrow leaf cattail (*T. angustifolia*) as a native or introduced species is nuclear. In the 1830s two species of narrow leaf *T. gracilis*, a native, and *T. angustifolia*, an introduced European specie, were reported in eastern north America. By the 1850s, taxonomists had merged them into one specie, *T.*

³¹ (Dados coletados no site: <http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual/ConsultaPublicoHVUC/ConsultaPublicoHVUC.do?idTestemunh o=3801575>)

³² A primeira vez que a uma espécie da *Typha spp.* foi documentada foi em 1425-75, derivada da palavra cattestail.

angustifolia. Prior to the 1880s, *T. angustifolia* had only been collected in a few wetlands along the North Atlantic seaboard. It spread West to the Great Lakes during the late 1800s and continued West Ward during the early and mid-20th century (KANTUD, 1992 in SVEDARSKY et al, 2016, p. 5-6)³³.

Seiti, Werneck e Chaves (2001), destacam que o Brasil apresenta a característica de possuir áreas alagadas relativamente rasas, o que favorece o domínio de macrófitas. Pezzato e Henri-Silva (2003); Nascimento et al (2015); Marques (2015), Grosshans e Grieger (2013); Grosshans (2014; 2016) afirmam que macrófitas absorvem altas concentrações de nutrientes e metais pesados, e que estas vem sendo utilizadas com sucesso na recuperação de rios e lagos poluídos, pois suas raízes absorvem substancias tóxicas provenientes de despejos contaminados, formando um material mucilaginoso (biofilme microbiano).

Grosshans (2011), a partir do trabalho desenvolvido por Pratt e Andrews, (1980) tem trabalhado com a *Typha domingensis* e a *Typha angustifolia* e afirmam que estas são excelentes filtradoras de resíduos, fertilizantes e materiais pesados, contribuindo para um desenvolvimento sustentável, haja vista que, a *Typha spp.* diminui o impacto de poluentes presentes tanto no ar quanto na água. Grosshans e cientistas do Instituto Internacional de Desenvolvimento Sustentável em Manitoba, tem utilizado a biomassa da *Typha spp.* como fonte de bioenergia para substituir energia fóssil.

Em 1991 Barko et al fizeram experimentos com a taboa em diversas situações, concluindo que a espécie *Typha spp.* pode ser utilizada como alimento para humanos e para o gado, fertilizante para o solo, tanques de piscicultura e como abrigo para os alevinos. Apontou que a *Typha spp.* também pode ser utilizada na fabricação de remédios, utensílios domésticos e tijolos para a construção de moradias.

Nascimento et al (2015) corroboram com os achados de Barko (op. Cit.), afirmando que a taboa apresenta potencialidades positivas na nutrição animal, haja vista que a mesma constitui fonte de proteína bruta e matéria mineral, tanto na parte aérea quanto no palmito. Claassen (1919) assegura que a quantidade de proteína encontrada na cattail equivale a mesma quantidade encontrada na farinha de arroz e na farinha de milho. O referido autor assevera ainda

³³ A taboa *T. latifolia* comum ou larga é nativa da América do Norte. O status da taboa de folhas estreitas (*T. angustifolia*) pode ser espécie nativa ou introduzida. Na década de 1830, duas espécies de folhas estreitas, *T. gracilis*, nativas e *T. angustifolia*, uma espécie europeia introduzida, foram relatadas no leste da América do Norte. Na década de 1850, os taxonomistas os uniram em uma espécie, *T. angustifolia*. Antes da década de 1880, *T. angustifolia* só havia sido coletado em algumas zonas húmidas ao longo da costa do Atlântico Norte. Ela espalhou-se do Oeste para os Grandes Lagos durante o final dos anos 1800 e continuou em direção Oeste durante o início e meio do século 20 (KANTUD, 1992 em SVEDARSKY et al, 2016, pág. 5-6 tradução da autora).

que há muitos produtos usados pelos indígenas e que são pouco conhecidos ou mesmo ignorado pelos homens brancos, exemplificando com outros autores que descreveram o uso da planta *Typha spp.* como farinha para pães, pudins e outras receitas.

There are, however, many products which the Indians used and relished that have received little or no attention from the white man. The common cat-tail (*Typha*) is one of these products. Parker,¹ in speaking of the " Iroquois Uses of Maize and other Food Plants," says: The roots of the cat-tail were often used. Dried and pulverized the roots made a sweet flour useful for bread and pudding. Bruised and boiled fresh, syrupy gluten was obtained in which cornmeal pudding was mixed. Others have spoken of the possibility of the cat-tail plant as a source of food supply. J. D. Hooker, in his " Descriptive and Analytical Botany," page 827, says: " The pollen of *Typha* (cat-tail) is made into bread by the natives of Scind and New Zealand." And again, afirmamay serve as food material." The vast areas of cat-tail have been little utilized. Here is a plant with prolific growth, rich in starch and other products of food value, growing in situations now regarded as waste lands" (CLAASSEN, 1919, p. 179)³⁴.

Zália Zencks (1919) citada por Hartung (2016) elaborou um trabalho publicado pela Revista Sociedade de Biologia Experimental e Medicina sobre os benefícios dos carboidratos encontrados na raiz da *Typha latifolia*. Hartung (2016) assegura que todas as partes da *Typha* sp são comestíveis. A autora afirma ainda que estudos arqueológicos nas cavernas de Ohio demonstram que a *Typha* tem servido aos homens a pelo menos 800 séculos. Destaca diversas formas de uso da *Typha* sp como matéria-prima na produção de: alimentos, biorremediador, tocha usado na antiguidade, combustível, e até mesmo como bebida, dentre outras funções.

Hartung (2016) descreve que o pólen da *Typha* mergulhado em óleo ou em cera de abelha, era utilizado tanto como tocha quanto como componente de fogos de artifícios. Os nativos norte-americanos têm trabalhado com a *Typha* sp há mais de 12 mil anos, pois, suas folhas eram utilizadas na produção de colchões, cestas, cobertura de casas, redes e assentos de cadeiras. Os Blackfoot e as tribos Paiute, assim como os colonos assavam as sementes e secavam as raízes para a produção de bolos, massas, mingaus e pães. Evidências apontam que

³⁴ Há, no entanto, muitos produtos que os índios usaram e apreciaram, que receberam pouca ou nenhuma atenção do homem branco. O gato-cauda comum (*Typha*) é um desses produtos. Parker, 1 em falar sobre os "Usos Iroquois do Milho e outras Plantas Alimentares", diz: as raízes da cauda de gato foram frequentemente usadas. Secado e pulverizado as raízes fez uma farinha doce, útil para pão e pudim. Foi obtido um glúten fresco e fervido fresco e xaropê em que o pudim de farinha de milho foi misturado. Outros falaram sobre a possibilidade da planta do gato-cauda como fonte de alimento. J. D. Hooker, em sua "Botânica Descritiva e Analítica", página 827, diz: "O pólen de *Typha* (cauda de gato) é transformado em pão pelos nativos de Scind e Nova Zelândia". E, novamente, afirmamay servem de material alimentício.

outros grupos nativos como os Yuma, misturavam o pólen da *Typha* e confeccionavam bolos, seus talos centrais eram cozidos como vegetal, da mesma forma que apreciamos o milho, pois,

Cattails have been a food plant since at least 800 CE; **there are caves in Ohio where archeologists found preserved evidence of cattails eaten in meals.** The Blackfoot and the Northern Paiute tribes and early colonialists roasted the seeds and dried the roots, then ground then into flour to make cakes, mush porridge and bread. Other indigenous groups, like the Juma, mixed the pollen with wather and kneated it into little cakes which they baked. The juicy hearts of Young spring shoots were eaten as a cooked flower heads, and inniature green flower heads were boiled and eaten similarly to how we eat corn on the cob (it even tastes similar!) (HATUNG, 2016, p. 53, grifo da autora)³⁵.

Hartung afiança que as *Typhas* de folhas largas (*Typha latifolia*), as de folhas estreitas (*Typha angustifolia*) e outras *Typhas* que eram utilizadas pelos antigos povos romanos como “whiskey do povo”. Afirmar ainda, que as diversas espécies de *Typha*, provavelmente no futuro, servirão também como combustível, como destacado pela autora:

Common broadleaf cattail (*Typha latifolia*), narrow leaf cattail (*Typha angustifolia*) and others. to the ancient Romans, cattail was the source of “the people’s whiskey”, and probably fueled many late-night parties. In our own future, it may fuel our vehicles. Cattails can nourish our bodies, put a roof over our heads, and even light up our skies with fireworks. Talk about diverse! (HARTUNG, 2016, p. 50)³⁶.

Silva e Nascimento Jr (2006) avaliaram práticas de manejo da *Typha spp.* objetivando analisar as taxas de aparecimento e alongamento das lâminas foliares para obter aumento da produção forrageira. O potencial forrageiro da planta também foi avaliado por Gonçalves Junior et al (2004); Almeida et al (2007); Kinupp e Barros (2008); Nascimento et al (2014); Nascimento et al (2015); Queiroz et al (2015).

³⁵ A taboa (*Typha spp.*) tem sido utilizada como alimentos desde pelo menos 800 D.C, há cavernas em Ohio. Os arqueólogos encontraram evidências preservadas de taboas comidas nas refeições. As tribos Blackfoot e Paiute do extremo Norte e os primeiros colonialistas assavam as sementes e secavam as raízes, depois transformavam a taboa em farinha para fazer bolos, mingaus e pães. Outros grupos indígenas, como o Juma, misturavam o pólen com água e o amassaram em pequenos bolos que assavam. Os corações suculentos de jovens brotos eram consumidos comidos como flor cozida, e as cabeças das flores verdes eram fervidas e consumidas de forma semelhante à forma como comemos milho cozido na espiga (até o gosto é parecido!) (HATUNG, 2016, p.53, Tradução da autora).

³⁶ A taboa de folha larga (*Typha latifolia*), taboa de folha estreita (*Typha angustifolia*) e outros nomes derivados. Para os antigos romanos, era a fonte da bebida conhecida como “whiskey do povo”, e provavelmente alimentava muitas festas noturnas. Em nosso futuro, essa planta pode vir alimentar nossos veículos. Taboas podem nutrir nossos corpos, colocar um teto sobre nossas cabeças, e até mesmo iluminar nossos céus com fogos de artifício. Isso sim é diversidade! (HARTUNG, 2016, p.50, Tradução da autora).

A taboa como vermífugo natural na redução de nematoides gastrointestinais em caprinos foi avaliado por Silva *et al* (2011); Brasil *et al* (2007), aferiram o potencial fenológico da taboa (*Typha spp.*) utilizada no tratamento de esgoto doméstico em sistemas alagados construídos, concluindo que houve bom desenvolvimento agrônômico com boa adaptabilidade da espécie no tratamento de esgoto doméstico.

Sousa (2003) procedeu a análise do desempenho da *Typha domingensis* no tratamento de esgoto sanitário, acrescentando que, para além do bom aproveitamento no tratamento de esgoto, houve aproveitamento da biomassa da taboa pela comunidade, possibilitando tanto melhoria ambiental quanto socioeconômica da comunidade, pois houve aplicação da mesma no artesanato. Hartung (2016), também cita o uso da *Typha spp.* no tratamento de efluentes, mas não especifica a espécie da mesma.

Marques (2015) faz análise diferente de Sousa (2003) ao utilizar a *Typha domingensis Pers. (Typhaceae)* do artesanato à fito remediação de ambientes aquáticos continentais eutrofizados. A utilização da *Typha* como matéria-prima para papel, cartões, pastas, envelopes, cestas, bolsas, carteiras e outros produtos artesanais é citado tanto por Claassen (1919), Marques (2015) e Hartung (2016).

Borges (2005) apontou a eficácia das áreas alagadas construídas pelo ser humano (constructed Wetlands) e como estas áreas têm crescido exponencialmente nas últimas décadas devido aos fatores econômicos e ambientais. Borges (2005); Martin (1951); Grosshans (2014); Svedarsky et al (2016) apontam o baixo custo de implementação, aliado aos benefícios ambientais que as áreas alagadas têm ofertado. Assinalam o potencial da Typhaceae como planta de grande relevância na captação de nutrientes e fosforo presentes na água, assim como estas captam os agentes contaminantes e metais pesados que provém da poluição do ar e do ambiente terrestre na possibilidade do uso da biomassa e de bioprodutos provenientes da *Typha*.

Linde *et al* (1976); Sojda and Solberg (1993) elucidam que, apesar da *Typha* pode causar problemas ao crescer sem controle, a mesma é uma “planta-chave” (keystone), haja vista que serve de abrigo para diversas espécies, a exemplo de pássaros preto, invertebrados aquáticos, pequenos peixes, pradros e pássaros de cabeça amarela. No local pesquisado, encontramos invertebrados, pequenos peixes, e as mulheres relatam que, quando não trazem alimentos, muitas vezes, pescam saburico.

A inflorescência de uma das espécies da *Typha*, a *elefantina*, foi analisada por Vandana e Thakur (2013), como um agente cicatrizantes em ratos Wistar. Os pesquisadores concluíram

que a inflorescência da *Typha elephantina* possui grande capacidade de cicatrização, graças a um potente mecanismo antioxidante.

Neste caso, a taboa que as mulheres extrativistas-artesãs fazem uso como artefatos são essenciais para sua sobrevivência de modo socioeconômico porque agrega valor financeiro ao comercializar seus produtos produzindo com a colheitas em feiras, como também de caráter socioambiental porque sabem utilizar com sabedoria a extração da mesma nas lagoas do entorno do assentamento. Por outro lado, a colheita da taboa permite a sustentabilidade do ambiente em que está inserida, devido ao seu importante papel na conservação ambiental.

Importante lembrar que a época boa para a colheita da *Typha spp.* para o artesanato confeccionar bolsas, carteiras, porta moedas, porta celulares, porta pratos entre outros é o período pós estação da chuva. No ano de 2017 foi um período de boa precipitação pluviométrica, e assim sendo, as lagoas que têm a espécie correta para o artesanato, a *Typha sp* na cidade de Pacatuba, principalmente na região dos Povoados Tigre e Junça, estão com profundidade favorável à colheita da mesma. A espécie da *Typha* utilizada no artesanato de bolsas e objetos menores é diferente da *Typha sp* utilizada na confecção de tapetes e esteiras.

Na confecção dessas, pode ser utilizada a *Typha Domingensis Pers.*, enquanto que, para o artesanato apresentado na ilustração da tese, a espécie ainda está por ser classificada, contudo, a espécie colhida e entregue no Herbário da Universidade Federal de Sergipe, no mês de outubro de 2017 aos cuidados da professora Doutora Marlúcia Cruz, é conhecida por ser uma espécie de *Typha*, está ainda não foi totalmente identificada. Mas, as mulheres extrativistas-artesãs com técnica apropriada transformam em produtos a serem utilizados pela população.

O que difere da literatura é a altura da espécie da *Typha* encontrada no local, assim como o fato de que, desde que começamos a pesquisa empírica em 2016 até o presente momento da tese, não houve brotação de sementes e sem semente, não é possível fazer a identificação positiva de qual subespécie essa espécie de *Typha* pertence. Sabemos que a *Typha sp* é uma planta hidrófita (aquática), perene e ereta, com tamanho que pode variar de dois a quatro metros de altura. Floresce de julho a agosto, e apresenta na parte superior em forma de espiga composta por flores masculinas que caem e no interior, espiga cor de chocolate ou ocre, é das femininas. O fruto apresenta plumas que lembram penugens de aves. No entanto, a espécie da *Typha* encontrada nas lagoas visitadas, alcança segundo relato das artesãs, mais de 5 metros de altura, e em momento algum se observa frutos, nem masculino e nem feminino. Levanta-se aqui duas hipóteses:

a) de que essa *Typha* não tenha o tempo suficiente para brotar a semente, devido ao fato das mulheres artesãs efetuarem o corte para o uso no artesanato, haja vista que, de acordo com estudos de Nascimento et al, (2015) as características morfogênicas das plantas de taboa foram influenciadas pela altura da planta no momento do corte. Pois, “[...] as características morfogênicas das plantas determinam suas características estruturais. Nesse sentido, os comprimentos finais da folha e do palmito, bem como o número de folhas vivas por planta, aumentaram linearmente com a altura da planta no momento do corte (2015, p.100).

Figura 8. Medição do comprimento da *Typha spp.* colhida no Povoado Tigre, Pacatuba, SE.



Fonte: Acervo Pessoal de Andréa F. de Carvalho (2017).

Nascimento et al. avaliaram a produção de biomassa aérea, a dinâmica de crescimento e a composição químico-bromatológico de plantas de taboa, em diferentes alturas de corte, sob condições semiáridas. A *Typha* spp. encontrada no povoado Tigre, Pacatuba, Sergipe atingiu uma altura de 4 metros e 13 centímetros, considerando a extensão da raiz à folha final, o que comprova o que foi encontrado por Nascimento et al (2015) ao afirmar que as características morfogênicas das plantas são influenciadas pela altura da planta.

Esteves et al, realizam estudos na Região Norte Fluminense e encontraram espécie da *Typha* que variava de 50 cm a 2 metros e cinquenta de comprimento foliar. Grace e Harrison (1986) as descrevem com plantas que variam até 3 metros e Imolene Souza infere crescimento de até 4 metros de altura, uma vez que “[...] é encontrada em uma grande variedade de habitats aquáticos, os juvenis submergentes, os adultos emergentes ou algumas vezes terrestres, frequentemente dominantes cobrindo grandes áreas (2003, p.10).

Quanto a *Typha spp.* ser considerada uma erva daninha, Grace e Harrison (1986) afirmam que, apesar de ser uma planta de crescimento muito rápido em alguns casos, a *Typha spp.* é uma macrófita benéfica para algumas espécies de aves e animais selvagens. Imolene de Souza (2003) afirma que quanto maior a quantidade de nutrientes presentes na água, maior será o crescimento da espécie, além de apontar para diversas utilidades da *Typha*. Sobre esse aspecto, o relato de Dona Gizélia e Dona Iracema afirmam que a “paca” adora comer a raiz da planta, a forma como a planta pode ser transformada em artesanatos e produtos para diversos usos: bebida e alimento para animais e humanos, serve de vermífugo e biocombustível.

b) como a *Typha spp.* se encontram em áreas alagadas, pântanos e banhados, ainda distante de povoamento, não recebe a quantidade suficiente de nutriente para ela não tem força o suficiente para produzir sementes.

Essa hipótese já foi descartada, pois, a *Typha* tem sido encontrada tanto no Brasil quanto pelo mundo afora, e, desde os tempos antigos até os atuais, ela se espalha no meio ambiente com diversas ambiências, habitadas ou não, comprovando que ela se mantém por si só, independentemente da presença humana para sua reprodução.

Figura 9. Raiz da *Typha spp.* (taboa) colhida no Povoado Tigre, Pacatuba, Sergipe.

- Cada um tem sua moda de cortar ela. Eu corto ela bem pelo pé mesmo. Ai quando chega lá fora, a gente corta a cabeça dela e o rabo da taboa. E ali a gente corta bem muito, e passa bem muito pra cortar de novo (aqui Dona Gilvaneide quis dizer que cortam em grande quantidade para ter material suficiente pra produção do artesanato), Que ali a gente corta bem muito. Acho que irmã Gandi, ela só bota filho quando chove. Porque quando a gente corta a raiz lá embaixo, ela vem cheio daquelas filhinha, aí é que cresce! (Dona Gilvaneide Teixeira, em entrevista realizada em setembro de 2017).



Martins (2012) afirmou que é na linguagem habitual da comunidade que o cientista social encontra o estoque de saberes da comunidade, e que cada indivíduo utiliza o estoque de saberes de forma particular e “[...] **tendo um sentido próprio que é interpretado, e reinterpretado por cada indivíduo, o estoque de conhecimentos identificado na linguagem habitual constitui o senso comum** (MARTINS, 2012, p.14, destaque da autora).

Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Mulher

És forte e guerreira ao produzir arte na natureza;
 Mulher artesã e mãe na busca do sustento;
 Na labuta do dia-a-dia a lagoa a convida;
 Tem garra para cortar talo por talo a taboa;
 Sem medo ignora os riscos...
 Colhe e carrega com toda sua energia;
 Transformam-na em fibras lhe dando sentido...
 produzindo artefatos de uso constante.
 Mulher artesã em seu encontro de luz
 perde-se no tempo pois é dura a jornada
 Mulher artesã (re)significa a matéria
 Extraíndo da natureza elementos de sua sobrevivência.
 Confere a taboa mais tempo também
 Numa dança recíproca de dar e receber.
(A ti, em janeiro de 2018).

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 3 - AS MULHERES E SUAS REPRESENTAÇÕES...

Inicialmente pesquisas foram efetuadas no Banco de Dados de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Sergipe com base na combinação dos seguintes filtros: mulher/assentamentos rurais (não obtive resultado positivo), os termos: mulheres e assentamentos rurais (não obtive resultado positivo). Ampliei a pesquisa utilizando assentamentos rurais, mulheres e meio ambiente, mas também não houve resultado. Então, com base em conhecimentos prévios de duas pesquisas (uma de mulheres pescadoras e outra com mulheres mangabeiras). Assim, a pesquisa foi direcionada para um único termo.

O termo assentamentos rurais resultou em cento e vinte e três trabalhos. Cogitei o termo mulher, mas não houve sucesso. Das cento e vinte e três respostas, o próximo passo foi à leitura dos resumos e das palavras-chave. Exclui as teses e dissertações sobre assentamentos, crédito consignado, aposentadoria, prospecção farmacológica, epidemiologia, software livre, tecnologia, monocultivos, educação do campo, aspectos técnicos, crianças em assentamentos, gestão de agronegócio, salinização do solo e modelagem hidrossedimentológica.

O passo seguinte foi a leitura de resumos para averiguação do termo mulher, procedeu-se abrir e por meio da tecla de atalho Ctrl +F, e por fim, a pesquisa do termo assentamento. Se houvesse, mulher e assentamento efetuavam-se o download para leitura e fichamento posterior. Mesmo não aparecendo nas pesquisas do banco de dados, Amado (2007) elaborou uma dissertação denominada: o trabalho da mulher nos agrossistemas: um estudo no projeto de assentamento Dandara Malhador - SE.

As palavras-chave utilizadas pela autora foram: Desenvolvimento rural, políticas públicas e organização, razão pela qual não apareceu nas pesquisas anteriores, mas que orientou nova pesquisa no banco de dados, mudando o foco de assunto para ao invés de pesquisar por termos, pesquisar por títulos, a saber: mulheres, mulher rurais; mulheres e meio ambiente; mulher e reforma agrária; mulher e movimento social.

Amado tratou do desempenho da mulher rural no processo de produção da agricultura, objetivando diagnosticar problemas, interesses e necessidades da comunidade, tendo em vista a construção posterior de um projeto de intervenção na comunidade, ou como descreveu a pesquisadora “[...] produzir conhecimento e, com este, elaborar um projeto suscetível de ser desenvolvido nas comunidades dos assentados, a fim de intervir na realidade que espelha alienação” (2007, Introdução s/p). O foco de Amado foi uma pesquisa-ação junto com as

mulheres assentadas, utilizando Demo (2001) como resultado para informar que o meio rural se revelou como espaço de troca de saberes, lugar que se revelou com fortes traços de cooperação, organização, luta, determinação e perseverança do povo sem-terra, assim como foi positivo o processo de formação das mulheres camponesas como sujeitos políticos, sociais e culturais que vão se constituindo por meio dos afazeres femininos e da luta pela terra.

Melo (2009) aborda em sua dissertação sobre as formas de participação da mulher no Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR), relacionando as dificuldades que as mulheres encontraram no processo de inserção no movimento, assim como o processo de socialização e a construção de papéis sociais diferenciados para homens e mulheres.

Sousa (2009) constrói sua tese com foco na reforma agrária e qualidade de vida dos acampados e assentados. Cita a presença de mulheres, homens, jovens, crianças e idosos, unidos em prol do ideal de luta e espera pela conquista da terra. A autora relata as dificuldades encontradas pelas mulheres, principalmente nos acampamentos em que as condições de sobrevivência são ainda mais precárias do que quando ocorre o processo de tornar-se assentado. Aborda ainda as dificuldades das mulheres e dos homens conseguirem realizar “bicos” para conseguirem se manter acampados, concluindo que, essa dificuldade ocorre devido ao preconceito pelo fato dessas pessoas participarem de um movimento social que luta pela terra.

Carvalho (2010) em sua tese de ressignificação e reapropriação social da natureza: práticas e programas de convivência com o semiárido no território de Juazeiro na Bahia, aborda a relação natureza e cultura bem como a sobrevivência no semiárido tem tecido bandeiras de lutas por água, terra, educação e outras demandas. E essa bandeira de luta que a autora chama de reapropriação social da natureza. Na questão da mulher, a autora destaca a participação da mulher no Produto da Rede de Mulheres de Casa Nova

Morais (2012) retratou em sua dissertação a percepção ambiental de mulheres e homens residentes na comunidade Apiques, localizado no assentamento Maceió, no município de Itapipoca, no Ceará. A autora afirma que não foi possível concluir que as mulheres percebem melhor o meio ambiente que os homens e vice-versa; o que difere homens e mulheres são os motivos da apreciação. Para as mulheres, importa o futuro dos filhos e da comunidade, a escassez de recursos naturais no futuro e suas consequências enquanto que, para os homens, a preocupação é com a organização da comunidade para a resolução dos problemas ambientais locais. Ou seja, enquanto as mulheres preocupam-se com uma gama variada que inclui desde a

família perpassando pela comunidade até a preocupação com o futuro, os homens têm preocupações pontuais, no que está posto no momento.

Melo (2013) disserta sobre a alternância como pedagogia na escola Família Agrícola Ladeiras, Sergipe: possibilidades de construção de práticas sustentáveis, trazendo um capítulo sobre as mulheres e quintais produtivos. Para a autora, o uso de quintais é uma tecnologia social, haja vista que, quando os sujeitos inventam ou reinventam experiências e inovações para as atividades agrícolas, ocorre uma valorização dos saberes e da cultura local.

Siqueira (2014) em sua dissertação denominada a roça do futuro: agroecologia e campesinato em assentamentos de reforma agrária no território sul de Sergipe, aborda como o processo de transição agroecológico tem incluído em sua pauta a questão da família, buscando a descentralização da participação do homem para abrir espaço para mulheres e jovens. Citando Holt-Giménez, aponta a importância do quintal produtivo mantido por mulheres, como extraordinária área de inovação. Pontua que recai sobre as mulheres a responsabilidade da alimentação e da saúde da família, portanto, elas dão atenção especial nas plantas e nos cultivos que ajudarão a manter boa dieta.

Siqueira (2008) estudou os impactos sobre a dinâmica produtiva e as relações de gênero na transição agroecológica de um grupo de mulheres assentadas pertencentes ao assentamento Vergel, localizado em Mogi Mirim, São Paulo. Assim, verificou-se que, em maior ou menor grau, a transição agroecológica trouxe impactos sobre a dinâmica produtiva e a geração de renda nos lotes das famílias, baseando sua afirmativa na constatação da otimização dos recursos, redução dos custos de produção, diversificação das atividades produtivas, dos canais de comercialização, privilegiando a venda direta.

Situação semelhante a essa encontrada por Siqueira (2008) foi atingida durante a realização da coleta de dados para direcionamentos da pesquisa. Enquanto ainda não havia definido claramente o foco, participei de eventos que envolvessem mulheres e assentamentos rurais. Fui em reuniões sobre a economia solidária e como as mulheres assentadas, de modo expressivo na feira da economia solidária, que defendem a produção sem o uso de defensivos químicos, quanto na diminuição de seu uso até chegar a quase nulidade total desses produtos e ainda da entrega direta dos produtos para os consumidores sem a presença de “atravessadores”.

Concluindo a parte da pesquisa para diagnóstico o estado de arte produzido a respeito de mulheres e assentamentos rurais, excluindo também pesquisas como Benato (2015) que trata

sobre agroecologia, mas como na prática ainda se mantém a tradição dos homens trabalharem na “grande propriedade” e as mulheres cuidarem das imediações da casa, hortaliças e pequenos animais, assim como cita a produção de artesanato “boa noite” realizado pelas mulheres e artesanato “madeirada caatinga” produzido por homens, mas o foco do autor não foi assentamentos rurais.

Situação semelhante ocorreu com Martins (2013) que trabalhou mulheres na pesca artesanal, ao abordar a questão da invisibilidade, da desvalorização do trabalho da mulher, da luta da mulher pela sobrevivência da família, mas não trabalhou especificamente com mulheres assentadas. A mesma situação repetiu-se com Silva (2016), Costa (2016), Gonçalves (2015), Suzart (2015), Bezerra (2015), Silva (2015), Dourado (2014), Tanezini (2014), Martins (2013), Sobral (2006, 2012), Almeida (2006, 2015).

Por fim, a inserção das mulheres em pesquisas começaram a vir à luz, tal qual um fenômeno que se mostra, mas não um vir-a-ser e sim, um estar-aqui. A agroecologia também tem sido um foco extraordinário, haja vista que, em uma impressão rápida, a imagem mulher ligada a agroecologia, aos quintais produtivos e ervas medicinais têm ganhado amplitude e visibilidade na produção do conhecimento no campo das ciências ambientais.

3.1 Entre papéis de gênero: o ser em (des)construção do “ser mulher”

Historicamente as mulheres têm lutado cotidianamente por liberdade, reconhecimento, participação política, econômica, social, cultural e atualmente, pela luta ambiental a qual o sustentar-se, permanecer ativa, operante, ser ouvida por seus companheiros e pela sua comunidade se constitui numa luta processual, dinâmica e dialética que tem ocorrido há tempos.

De Hipátia de Alexandrina (355 D.C.), Christine de Pisan (1364-1430), Carta de Direitos das Mulheres de Olympe de Gouges (1748-1793), Flora Tristán (1803-1844), Simone de Beauvoir (1908-1986) com sua imortal frase “[...] ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p.9), Bertha Lutz (1894-1976), Luíza Alzira Soriano Teixeira (eleita como prefeita em 1928, na cidade de Lajes, Rio Grande do Norte, tornando-se assim a primeira mulher eleita no Brasil e na América Latina) a Dilma Vana Rousseff, significando a presença

que as mulheres têm no dia a dia da história humana. Encontram-se presentes, mas ao mesmo tempo ausentes ao construir a história, sendo incipientes o registro oficial.

Beaman *et al* (2012) afirmam que na Índia os impactos das lideranças femininas refletem um modelo de indicadores apontando que as cotas são as maiores responsáveis pela presença de mulheres em diversos domínios, desde o campo científico, político até os quadros corporativo. Para as autoras, o ponto marcante é a adoção do sistema de cotas após a IV Conferência Mundial de Mulheres em 1995³⁷.

No entanto, via de regra, a voz da mulher tem sido silenciada, seus pensamentos e ações foram ocultadas por um sistemático processo de dominação próprio de uma sociedade patriarcal (Saffioti, 2013). Chauí (s.d) em entrevista afirma que estudos efetuados sobre grupos discriminados no século XVIII demonstram que, apesar de avanços em diversas áreas do conhecimento, mulheres e negros ainda são percebidos como aqueles que devem ser contidos, reprimidos e punidos exemplarmente.

Diante do exposto, o trabalho exercido pela mulher na sociedade de modo geral é rebaixado à condição de “ajuda” ou “faz parte do trabalho da mulher” como adverte Siliprandi (2000 e 2015); Woortmann (2010); Scott, Cordeiro e Menezes (2010) e Saffioti (2013) ou ainda como “apêndice”. Tal situação de oclusão e subalternidade estendem-se à inúmeros campos profissionais, mantendo-se em um processo de invisibilidade concomitantemente à exploração e sobrecarga de funções exercidas cotidianamente pelas mulheres, perpetuando a situação de divisão sexual do trabalho e a desigualdade de gênero que se entrelaçam em formas de violências, relações de poder e ocultamentos como descrevem os autores: Preveslou, (1996); Deere e León (2002) e Saffioti (2013).

Esses processos têm se mantido na sociedade mundial como um todo, ora de forma velada, ora explícita. A macro e a micro história da participação da mulher tem demonstrado que sua condição foi estruturada de forma particular no tempo e no espaço, em cada civilização, assumindo traços e peculiaridades segundo valores, cultura, religião e tradição de cada época como salientam Mead (1973); Oliveira e Almeida (2010).

Brumer (1996) escreve que, praticamente, em todas as sociedades humanas existem diferenciação e complementaridade de papéis entre homens e mulheres. Apoiada em Hartmann (1976) e em estudos antropológicos, a autora afirma que a estratificação social e a

³⁷ Neste aspecto, aumentou a visibilidade e capacidade feminina, pois as que se tornarem líderes, tornar-se-ão modelos para a sociedade atual bem como para o futuro. (BEAMAN *et al*, 2012)

hierarquização, com consequente diminuição social da mulher ocorreu concomitantemente com o aumento da produtividade, da especialização e da complexidade da sociedade, a partir de três fatores principais:

a) as mulheres perderam o controle dos meios de subsistência como decorrência das transformações nos métodos de produção e da desvalorização de sua participação na divisão do trabalho;

b) em substituição a um trabalho de característica social e focalizado no grupo de parentesco, seu trabalho passou a ser privado e centrado na família;

c) alguns homens asseguraram seu poder sobre outros por meio de mecanismos de Estado e, como forma de compensação, elevaram a situação dos homens subordinados em suas famílias e utilizaram a família nuclear contra o grupo de parentesco.

Nestes aspectos, “[...] o controle sobre as mulheres é mantido diretamente na família pelos homens, mas é ao mesmo tempo apoiado por instituições sociais tais como o Estado e a religião” (BRUMER, 1996, p.40).

O posicionamento acima descrito por Brumer (1996) parte dos estudos de Hartmann (1976) por se caracterizar como sendo um mesmo fundamento da corrente do ecofeminismo espiritualista proposto por Vandana Shiva, ao analisar o Movimento Chipko em 1991 e descrito por Siliprandi (2015).

Siliprandi (2015, p. 70) explica que para Shiva há um princípio ou uma força criativa presente em toda a diversidade da vida e se caracteriza pela “[...] criatividade, pela atividade, e pela continuidade entre a vida humana e a vida natural”. No entanto, os programas de desenvolvimento que têm sido implementados nos países do terceiro mundo, provocaram e provocam a ruptura dessa visão de união no qual o princípio feminino seria o garantidor da continuidade da vida pela combinação entre o mundo humano e o natural. Siliprandi afirma que:

Esse processo seria responsável, ao mesmo tempo, pela destruição ambiental e pela marginalização das mulheres, que teria ocorrido de duas formas: pela destruição das suas condições de sobrevivência (pela extinção das fontes de alimentação, de água, da biodiversidade) e pelo desprezo ao conhecimento que elas tinham sobre o ambiente natural, perdendo status junto às comunidades, material e simbolicamente. A quebra das relações tradicionais teria feito com que as mulheres perdessem acesso à terra para as culturas alimentares, aos bosques, à água, e passassem a ter menor renda, menos emprego e menos acesso ao poder; e a sua exclusão da agricultura teria feito com que também se perdessem os seus conhecimentos, ecológicos e plurais,

pois as mulheres eram agricultoras, silvicultoras, administradoras de recursos hídricos, entre outras funções. (SILIPRANDI, 2015, p. 71).

Outro ponto importante apontado por Brumer (1996) é que, apesar da variação em termos de participação na divisão social do trabalho produtivo, em várias sociedades. Beneria (1979) têm persistido similaridades concernentes às atividades de reprodução, tanto as ligadas ao ciclo mais curto, as quais compreende o trabalho doméstico e as atividades diárias de manutenção do ambiente, quanto às atividades de ciclo longo, geracional, que abarcam desde a reprodução biológica até à educação das crianças.

Essa reprodução citada por Brumer, mas que encontra seu fundamento em Beneria (1979), referindo-se a um processo dinâmico de mudanças relacionada à manutenção dos sistemas físicos e sociais, ao considerar que

This basically economic treatise elaborates the thesis that the focal point of women's economic activities is provided by their special role in the reproduction of the labor force. Given that change in sex roles is necessary in order not to perpetuate a division of labor which places women in subordinate positions, this paper attempts to analyze the nature and functions of traditional sex roles and to study the structures that have supported them through generations in an effort to conceptualize the relevant issues and to set up a general framework from which change in social structure relating to women and their economic dependency can proceed. In addition, specific studies of concrete situations observed within and across countries and cultural barriers are used for illustration. The argument, simply stated, which the paper seeks to prove, is that male domination develops around the need to control reproduction in its different aspects; the concept of reproduction used here indicates a dynamic process of change linked with the perpetuation of social systems. It includes social as well as physical reproduction, and its meaning therefore goes beyond that of reproduction of human beings. This concept of reproduction is isolated in discussions of production and the sexual division of labor, including agrarian structures and modes of production; the commercialization and proletarianization of agriculture; and the availability of labor resources and development of wage labor markets. The implications of this concept of reproduction in population policy, specifically population control, are not explicitly discussed but are tremendously important³⁸(BENERIA, 1979, p.204).

³⁸ Este tratado basicamente econômico elabora a tese de que o foco das atividades econômicas das mulheres é proporcionado por seu papel especial na reprodução da força de trabalho. Dado que a mudança nos papéis sexuais é necessária para não perpetuar uma divisão do trabalho que coloca as mulheres em posições subordinadas, este trabalho tenta analisar a natureza e funções dos papéis sexuais tradicionais e estudar as estruturas que os apoiaram por gerações em um esforço para conceituar as questões relevantes e estabelecer um quadro geral a partir do qual a mudança na estrutura social relativa às mulheres e sua dependência econômica pode prosseguir. Além disso, estudos específicos de situações concretas observadas dentro e entre países e barreiras culturais são usados para ilustração. O argumento, simplesmente afirmado, que o documento procura provar, é que a dominação masculina se desenvolve em torno da necessidade de controlar a reprodução em seus diferentes aspectos; e disponibilidade

Igualmente, a reprodução que Beneria (1979) incorpora tanto o que Brumer (1996) denomina de ciclo curto quanto de ciclo longo, além das atividades e modos de produção, divisão sexual do trabalho, comercialização, proletarização e fontes laborais, assim como, o conceito de reprodução traz em seu bojo uma reprodução perpetuada por sistemas sociais.

Estudos atuais têm demonstrado mudanças na situação da mulher. No Brasil, dados do Relatório de Grant Thornton International Business Report: Woman in Business: the path to the boardroom (2014); Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada (2002); Pena, Correia e Van Bronkhorst (2003); Brumer (2004); Preveslou (1996), Siliprandi (2000; 2015) e Connell (2016) têm fortalecido o posicionamento de mudanças de impactos na vida da mulher e consequente alteração de dinâmicas de construção vivencial na sociedade.

Esses autores apontam alterações no padrão de crescimento da população, inserção da mulher no mercado de trabalho (aumento de mulheres líderes de setores empresariais e com salários compatíveis com as posições que ocupam) alterações no cotidiano familiar, no crescimento demográfico da população com a diminuição na taxa de natalidade e alterações na divisão sexual e social do trabalho tanto na região urbana quanto rural, principalmente no padrão comportamental familiar da classe média dentre outros aspectos.

Para Oliveira (1999), não foi a busca de igualdade com os homens ou a entrada das mulheres no mercado de trabalho, muito menos o feminismo como ponto de vista próprio que causou o primeiro de muitos abalos no processo de dominação que paira sobre as mulheres, mas sim, o controle da natalidade, pois, o controle da natalidade foi a chave que abriu novas formas de se portar e pensar no universo “ser mulher”.

Oliveira (1999) argumenta ainda que a pequena pílula transformou o cotidiano de milhares de mulheres e nessa direção, Morin considera que “[...] a Lei eterna que regula a queda das maçãs substituiu a Lei do Eterno” (2008, p. 51) de modo que a pílula anticoncepcional possibilitou a mulher do século XX conceber a gestão de seu próprio corpo, alterando o rumo da sociedade “[...] patriarcal, antropocêntrica e androcêntrica” (SILIPRANDI, 2000, 2006 p.141) da qual somos parte. Oliveira sinaliza que:

Foi neste século que a Ciência profanou a imutabilidade do Feminino. A descoberta da contracepção, introduzindo liberdade cultural onde antes só se

de recursos trabalhistas e desenvolvimento de mercados salariais. As implicações deste conceito de reprodução na política populacional, especificamente o controle da população, não são explicitamente discutidas, mas são tremendamente importantes (BENERIA, 1979, p. 204)

conhecia fatalidade natural, permitiu às mulheres, pela primeira vez, separar prazer e procriação, no mesmo movimento pelo qual experimentam no próprio ventre a culturalização da Natureza. Essa brecha que se abre na existência feminina abala todo o edifício da relação entre os sexos. [...] a libertação do prazer e do desejo das mulheres constitui a grande ruptura na história feminina, abertura que vinha, mais ou menos imperceptivelmente, se preparando desde o século XVIII (OLIVEIRA, 1999, p.42).

Igualmente, abalos, fissuras e rupturas mantêm o mundo em constante processo de mudanças, direcionando-nos para uma concepção de mundo pautado pela construção cotidiana de micropolíticas que determinam lentas, imperceptíveis, mas constantes alterações no macro, ou seja, o “ser mulher” é definido e construído socioculturalmente Rubin (1975), Almeida (2000), Machado (2000), Preveslou, Almeida e Almeida (1996). Além de examinarem o modelo de sociedade, por conseguinte questionam o modelo antropocêntrico e androcêntrico³⁹ de dominação sobre a natureza e sobre outros homens que não se encaixassem no padrão “[...] antropocêntrico, branco e ocidental”, foi também abalado o ‘paradigma da hierarquia’ (OLIVEIRA, 1999, p. 46).

As mulheres, ao tentarem se igualar aos homens, abalam ‘irrevogavelmente a essência do ser mulher’, na tentativa de ingressarem ‘no território masculino’ tentando compatibilizar o ser mulher/mãe/esposa/profissional. Oliveira afirma que:

Dilaceradas por pertencerem simultaneamente e conflituosamente ao espaço privado, ao mundo do lar e da família, regido pelas emoções, sentimentos e afetividade e ao espaço público, ao mundo do trabalho regido pela agressividade, pela competitividade e princípio do rendimento, as mulheres descobrem que o acesso às funções masculinas não basta para acessar a igualdade, e que a igualdade compreendida como integração unilateral ao mundo dos homens, não é a liberdade (OLIVEIRA, 1999, p. 47).

Concebendo a entrada das mulheres no território do masculino, ampliam-se a inserção das mulheres em várias esferas e profissões. No início do século XX, a mulher ocupa lugares outrora impensados, percebemos que a inserção da mulher no mundo do trabalho sobrecarrega outras atividades, porque assumem as correspondente ao lar, no mundo do trabalho (seja do mundo urbano ou do mundo rural) e do cuidado com a família, havendo na atualidade uma

³⁹ O androcentrismo é um termo cunhado pelo sociólogo americano Lester F. Ward que diz respeito às perspectivas que levam em consideração o homem como foco de análise do todo (FRANÇA *et al*, 2013, s/p).

cobrança própria da sociedade, para que esta exerça funções fora de casa, pois, ser “dona de casa” passou a ser visto como um “déficit” da mulher.

Por parte dos homens, não ocorreram tantas alterações no ritmo de sua vida societal, permaneceu sobre o estigma de serem provedores financeiros da família, ou seja, apesar das mulheres terem se inserido no mundo competitivo do trabalho, que anteriormente eram exercido pelos homens, estes permaneceram com seu modo de vida inalterado, o que se constitui como a integração unilateral citada por Oliveira (1999).

Doravante, esta tese comprova que quando há participação das mulheres na gestão socioambiental dos assentamentos rurais, há sustentabilidade socioeconômica e socioambiental. E ainda, a construção da memória viva das mulheres extrativistas-artesãs como porta voz que insistem em continuar o forte processo de inclusão social em relação a todos os aspectos sociais.

Gilligan (1936), Irigaray (1998), Oliveira (1999), Henriques (2001), Pena, Correia e Van Bronkhorst (2003) e outros, afirmam ser necessário construir um espaço feminino, escrito e descrito por mulheres, e desta forma, construir um espaço com maior equilíbrio, aberto a diálogos e negociações como sendo uma forma de se pensar numa sociedade mais igualitária.

Nesse processo de construção, Henriques (2001, p. 295) alerta sobre a necessidade de um aprofundamento teórico fortalecido pela necessidade de uma reflexão aprofundada sobre estudos feministas. A autora sugere que o confronto dialógico e o aspecto crítico da racionalidade dialógica sejam considerados como fios condutores das pesquisas feministas, pois o confronto de uma diversidade de métodos e técnicas de análise geram “[...] plataformas de diálogo e comensurabilidade de resultados”.

Saffioti (2013) adverte sobre a necessidade de um aprofundamento histórico no que concerne estudos voltados à mulher e questões de gênero. Afirma ainda que os papéis masculinos e femininos são definidos a partir do nascimento, atribuindo-os ao modo de produção capitalista que se modifica, se camufla, mas não perde sua identidade originária. Ademais, na contemporaneidade esse sentido é bastante relativo, pois em nosso estudo o foco principal é outro e não podemos perder de vista essa análise para entender as diversas façanhas vividas pelas mulheres em espaços de assentamentos.

Saffioti enfatiza ainda que a mulher nasce dentro de um sistema capitalista, já nasce em dupla desvantagem haja vista que encontra no “[...] plano superestrutural uma subvalorização das capacidades femininas, e no estrutural, uma inserção marginal ou periférica dos sistemas

de produção” (2013, p. 17). A autora reafirma aqui a subjugação, a desvalorização da mulher e de seu papel social como forma de manutenção de uma estrutura de dominação, seja esta por parte dos homens, seja por parte das instituições que reflete o sistema capitalista.

Desse modo, Saffioti (2013) rejeita o uso do termo ‘debilidade física e mental’ atribuído a mulher, haja vista que este claramente aprofunda as desigualdades presentes no desenvolvimento social, atribuindo ao modo de produção capitalista a potencialização da marginalização de alguns setores da população do sistema produtivo, inclusive à mulher. Destaco ainda que Saffioti utiliza o termo “potencialização da marginalização”, como um ponto importante ao examinar que a mulher foi lançada no mercado de trabalho pelo sistema capitalista, apontando que não houve uma preocupação no sentido de desvendar a natureza da integração da mulher nas sociedades pré-capitalistas e nas socialistas, sendo os papéis femininos referidos apenas “[...] na medida em que permitiam iluminar e dar plenitude à compreensão do modelo a qual se propôs” (2013, p. 162).

O livro de Saffioti intitulado “A mulher na sociedade de classes” descreve o modo pelo qual os elementos femininos preenchem suas funções na formação econômica, social, capitalista, examinando os papéis femininos ao buscar entender padrões de equilíbrio do sistema capitalista. Pois,

O recurso dos dados empíricos fornecidos por países que se enquadram num ou noutro dos subtipos do capitalismo permite percorrer as mediações, representadas pelas estruturas sociais parciais, que, num ou noutro subtipo e a seu modo, possibilitam a manutenção e, simultaneamente, dissimulam os preconceitos contra a mulher e, conseqüentemente, sua marginalização da vida econômica (SAFFIOTI, 2013, p.41).

Oliveira (1999) assegura que as bases industriais incitaram as mulheres a sair de casa, tendo como consequência direta a entrada no mercado de trabalho e a desvalorização da vida no lar. Declara que a reivindicação de igualdade foi transformada em armadilha, haja vista que causou a crise da identidade psicossocial feminina, pois, a identidade pode ser considerada como expressão dos conflitos ideológicos próprios de uma sociedade, por meio de suas semelhanças e diferenças. Desse processo ocorre um sentimento de inadaptação vivenciado pelas mulheres, pois estas, “[...] não foram educadas para realizar, mas para ser” (1999, p. 61).

Abordar questões de gênero é imbricar-se por análises de relações de poder como realça Beneria (1979), Oliveira (1999), Pena e Correia (2003), Saffioti (2013), França *et al* (2013) e

Connel (2016). Porquanto, no imaginário masculino as mulheres são percebidas não só como diferentes, mas, sobretudo, como inferiores segundo Oliveira (1999) e Saffioti (2013), sendo denominado por Saffioti de “mito”. Para tanto, Saffioti buscou incluir alguns mecanismos em que o fator sexo nas sociedades de classe, tem contribuído para alijar a “[...] estrutura ocupacional grandes contingentes de elementos do sexo feminino”(2013, p. 39).

Para Oliveira (1999) a incursão das mulheres no mundo dos homens, a qual denominou de cultura estrangeira com o aprendizado de novos códigos, permitiu que se manifestassem incompatibilidades, haja vista que, em um primeiro momento houve por parte das mulheres, a tentativa de um “mimetismo”, uma incorporação ao mundo masculino, e essa tentativa de tornar-se um outro, culminou em frustrações e estilhaçamentos do ‘eu feminino’. Como solução, para além do mimetismo buscou-se o respeito à diferença, ao questionar a tentativa de sociedades opressoras calarem a voz feminina.

Tanto os autores Gilligan, quanto Oliveira interrogam o fato de que os homens assumiram as vozes das mulheres, e afirmam que “[...] estas mesmas devem falar por si”⁴⁰. Já Oliveira (1999) referiu-se a um arsenal de palavras e conceitos alheios, enquanto Gilligan (1936) apontava que cansara de ver e ser descrita por vozes masculinas e teorias elaboradas por homens.

Pena e Correia (2003) a partir de uma considerável produção nacional e internacional de pesquisas oriundas de universidades, centros de pesquisa e organizações não governamentais (ONGs) constroem um relatório que analisa as principais questões relacionadas à desigualdade de gênero, especificamente ao âmbito do feminino. Determinam que o acesso e controle feminino aos recursos políticos, econômicos, culturais e sociais tem se revelado precário quando comparado ao masculino e apresentam preocupação de cunho econômico, distinguindo também como a violência contra as mulheres tem acarretado problemas na produtividade do trabalho e nos índices de escolaridade, afetando o desenvolvimento do país, ressaltando dois pontos principais:

- a) consideram que são relativamente escassos os trabalhos que tomam o gênero como matriz metodológica, incorporando uma perspectiva efetivamente relacional nas análises⁴¹;

⁴⁰ A situação de calar e assumir a voz feminina foi vivenciada por mim e citada na introdução desta tese

⁴¹ Vale ressaltar a necessidade de leituras para aprofundar a questão de gênero e sexualidade para poder entender a proposta de Pena e Correia (2003) e Henriques (2001). 1º. Ponto: como tomar o gênero como matriz metodológica?. 2º. Diferenciar o sexo biológico de sua tradução social em papéis sociais e expectativas

- b) o respeito do conceito de gênero, considerada relativamente recente, respondendo à necessidade de diferenciar o sexo biológico de sua tradução social em papéis sociais e expectativas comportamentais femininos e masculinas e que essa tradução social está demarcada pelas relações de poder entre homens e mulheres.

Pena, Correia e Van Bronkhorst (2003) afirmam que a participação significativa das mulheres nos diversos níveis da educação formal, os avanços constitucionais garantindo maior igualdade entre homens e mulheres no campo da família, do trabalho e dos direitos sociais, assim como as transformações culturais levando a uma demarcação⁴² menos diferenciada entre o masculino e o feminino tem contribuído para a redução das diferenças entre gêneros, no sentido de estabelecer em alguns campos expectativas de comportamento e oportunidades mais similares para homens e mulheres.

No entanto, no âmbito da vida sexual e reprodutiva, a responsabilidade pela prevenção e contracepção ainda recaí sobre a maioria das mulheres; a gravidez na adolescência continua a constituir-se como um sério problema a ser enfrentado. Também apontam uma correlação entre grau de escolaridade e incidência de gravidez juvenil, sugerindo que a educação escolar e as oportunidades de realização pessoal são determinantes no retardamento da primeira gestação.

A construção de uma leitura crítica permite questionar a que igualdade nos referimos. Oliveira (1999) sugere que, para além da igualdade, o respeito às diferenças. Há também um posicionamento sugerido por Amartya Sen, que se volta para o setor econômico, essencial para a discussão de gênero, igualdade e paridade. Elucida que “[...] a avaliação das demandas da igualdade tem de ajustar-se à existência de uma diversidade humana generalizada” (2008, p. 29).

A autora proporciona que o ser humano tem diversidades tanto externas (riquezas herdadas, no ambiente social e natural que vivemos, com seus desafios e histórias pessoais) quanto internas (idade, sexo, habilidades gerais, talentos particulares, propensão à doença, e assim por diante), e que estas diversidades humanas generalizadas não devem ser consideradas como um fator secundário a ser resolvido posteriormente, mas sim, que esse é um aspecto de fundamental interesse no debate sobre a igualdade. Para Sen,

comportamentais femininos e masculinos, para compreender que tais ‘demarcações conceituais’ estão implicadas por relações de poder e construções socio antropológicas ambientais. Recomendo aprofundar o debate em Pena e Correia (2003).

⁴² Qualquer que fosse a situação dos seus cromossomos, hormônios, órgãos sexuais e individualidade, o impulso deles não podia competir com as pressões sociais quando se trata de diferenciar a identidade sexual. Não há como evitar a encruzilhada da identidade sexual. É praticamente impossível uma pessoa desenvolver qualquer senso de identidade sem identificar-se como homem ou mulher (ALMEIDA, 2010, p. 78 *apud* TUCKER; MONEY, 1981).

A poderosa retórica da ‘igualdade dos homens’ tende frequentemente a desviar a atenção destas diferenças. Ainda que tal retórica, (p.ex., ‘todos os homens nascem iguais’) seja em geral considerada parte essencial do igualitarismo, o efeito de ignorar-se as variações interpessoais pode ser, na verdade, profundamente não igualitário, ao esconder o fato de que a igual consideração de todos pode demandar um tratamento bastante desigual em favor dos que estão em desvantagem. As exigências de igualdade substantiva podem ser especialmente rigorosas e complexas quando existe uma boa dose anterior de desigualdade a ser enfrentada (SEN, 2008, p. 30).

Sen sustenta que o conceito de igualdade “[...] não pode ser entendido adequadamente se não se presta atenção à perspectiva agregativa – ao aspecto da eficiência” (2008, p. 37), a qual abarca uma igualdade ‘real’ de oportunidades. Retoma a importância do debate sobre a igualdade, com vistas a descrever dois fatores primordiais: a diversidade do ser humano e a pergunta: igualdade de quê? A que igualdade nos referimos? Quais são suas agregações e contextos necessários para que esta seja percebida de forma mais clara?

Nesta perspectiva, a mulher, enquanto ser de ação busca em meio a uma diversidade de atitudes conquistar espaços políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais. Desse panorama, expressões relativas ao silenciamento de vozes, processos de dominação, trabalho rebaixado a condição de ajuda, invisibilidade, ocultamento, subvalorização, marginalização, exclusão, jogo de forças, relação de poder, luta por reconhecimento, sentimentos de inadaptação porque as mulheres foram educadas para ser e não para realizar. Fato que demonstra incompatibilidades provocadas por tentativas de mimetismo que culmina com frustrações e estilhaçamentos do eu feminino, que delineiam um quadro de percepções de autoras diversas no processo de (re)construção da mulher.

A discussão sobre gênero como uma construção histórica, social, política e cultural as quais implicam na reflexão dos papéis que são determinados e os que são (des) construídos pelas sociedades e que se adequam em cada sociedade. Significa compreender que as relações de gênero e os papéis incorporados aos comportamentos são constituídos por um jogo de forças e relações de poder e que estes se constituem nos posicionamentos e delineamentos teóricos em construção, incluindo a sustentabilidade socioeconômico e socioambiental.

3.2 Mulheres e Meio ambiente: (des) construções (in) sustentáveis

Ao refletirmos sobre a complexidade do meio ambiente, principalmente no quesito sustentabilidade, como a inclusão social das mulheres no campo econômico, político, cultural e socioambiental tem favorecido sua sobrevivência na extração da taboa? Sachs (s/d) afirma que, se nos preocupamos com o futuro da população, devemos nos preocupar também com as mulheres, crianças e com todos os que estão marginalizados. Afirma ainda que o desenvolvimento e o bem-estar socioeconômico é a chave para um desenvolvimento sustentável.

Como um desenvolvimento econômico pode ser considerado ao mesmo tempo sustentáveis? Sachs (s/d) sugere que se adote uma nova forma de fazer negócio, dividindo a forma atual de pensar socioeconomicamente e ambientalmente o mundo em Business as Usual (BAU)⁴³, que é uma forma predatória do agido no planeta e todas as formas de vida, e, sugere outra forma para pensarmos o mundo de modo a construirmos nosso futuro, a partir de um crescimento socioeconômico que tenha como fio condutor o desenvolvimento sustentável equilibrado, justo e solidário.

Esta outra forma tem como guia os Objetivos do Desenvolvimento do Milênio (ODM)⁴⁴ e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) que culminou com o documento final da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável.

Em setembro de 2015 foi aprovado o documento final da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável – Rio +20: Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Um dos pontos mais fortes em minha

⁴³ Business as Usual (BaU) scenario in developing countries has been a debated issue in climate change negotiations. This paper analyzes different definitions of BaU and points out that the major difference among these definitions is how to set the starting point of BaU projections, that is the so called base year, ou seja, Bau pode ser traduzido como manutenção das formas com que trabalhamos o desenvolvimento econômico como um todo, sendo este predatório e insensível as desigualdades e mazelas da maioria da população que sofre, enquanto pequenas porções concentram milhares de dólares a partir da exploração desordenada e propõe nova forma de fazermos e pensarmos desenvolvimento econômico de base sustentável, utilizando tecnologias “limpas” a exemplo da energia solar, energia eólica, construções sustentáveis, humanização da sociedade como um todo, onde todos possam crescer e se desenvolver em um mundo que respeita a natureza e seus recursos, incluindo o homem e o respeito à todas as formas de vida (JEFFREY SACHS; COURSERA.ORG).

⁴⁴ As metas do milênio foram estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2000, com o apoio de 191 nações, e ficaram conhecidas como Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), são eles: acabar com a fome e a miséria; oferecer educação básica de qualidade para todos; promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; reduzir a mortalidade infantil; melhorar a saúde das gestantes; combater a Aids, a malária e outras doenças; garantir qualidade de vida e respeito ao meio ambiente; estabelecer parcerias para o desenvolvimento.

opinião é a erradicação da pobreza em todas as formas e dimensões, como sendo algo balizador de mitigar os indicadores e níveis de desigualdades.

A Agenda 2030 apresenta 17 (dezesete) objetivos e 169 (cento e sessenta e nove) metas a serem alcançadas para um Desenvolvimento Sustentável. São objetivos, do referido documento:

1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares;
2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável;
3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades;
4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos;
5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas;
6. Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e o saneamento para todos;
7. Assegurar a todos o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia;
8. Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos;
9. Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação;
10. Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles;
11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis;
12. Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis;
13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e os seus impactos;
14. Conservar e usar sustentavelmente os oceanos, os mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável;
15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade;
16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis;
17. Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Com bases nesses objetivos se faz necessário pontuar aspectos relevantes para uma análise das condições socioeconômicas e socioambientais na contemporaneidade, conforme tópicos a seguir:

Quanto ao objetivo 1 - uma produção econômica mundial de trilhões de dólares anuais, temos regiões com pessoas sem acesso à eletricidade, escassez de produção de alimentos, salários irrisórios, dificuldades de acesso à saúde pública, precariedade de condições sanitárias, falta de acesso a água tratada, educação básica deficiente, e a convivência cotidiana permeada de diversos tipos de preconceitos, ou seja, dirimir a desigualdade em todas as suas formas enquanto chave propositora.

Nessa tese, a taboa é a protagonista para que a mulher possa ter uma ação real no cotidiano e os papéis que esta tem desempenhado na construção da sustentabilidade, ressignificando o produto *in natura* em objetos a serem comercializados para sua manutenção econômica e socioambiental na cotidianidade. Neste aspecto, ressignificar a *Typha spp.* minimiza a situação de déficit econômico, pois este fator se dilui face à comercialização dos artesanatos produzidos pelas mãos das artesãs.

Neste aspecto, as políticas públicas e os projetos governamentais têm direcionado para o discurso de empoderamento da mulher sobre o quesito relativo à questão econômica. No entanto, nessa tese se baseia na perspectiva do empoderamento que ultrapassa o econômico, como trata Deere e León (2002) em relação a uma alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher e que pode ser percebido nas dimensões econômicas, sociais e políticas.

Quanto ao objetivo 2 estudos demonstram o papel essencial da mulher em questões de segurança alimentar, nutrição e principalmente agricultura familiar de base sustentável, a exemplo de Hora (2015); Silva, Melo e Appolinário (2010); Fischer (2009) e Preveslou (1996).

Hora assinala que as mulheres do campo, das águas e das florestas compõem o segmento da agricultura familiar, que, no último período, por meio de um permanente diálogo com o governo, tem impulsionado a “[...] adoção de paridade em distintos momentos dos quais se destacam a realização da conferência Nacional do Desenvolvimento Rural Sustentável” (2015, p 15). Ainda sobre o quesito mulher/sustentabilidade para eliminar todas as formas de pobreza/alimentação considera-se o papel desempenhando pela mulher em evitar desperdícios, principalmente de alimentos, pois, de acordo com Rockström, Sacks e Ohman, “[...] a food security transformation will require a drastic reduction in food waste. Reducing food waste can

dramatically increase the food supply without increasing yields or the amount of farmland used (2013, p. 11).⁴⁵

Os ODS tratados nos itens 3 e 4 são considerados como indicadores para assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades, garantindo uma educação inclusiva e equitativa de qualidade, assim como promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

Tor (2014) publica que os resultados da consciência dos problemas de cunho ambiental por parte das mulheres indicaram que seu nível educacional influencia diretamente no nível de apreensão destas a respeito dos problemas ambientais, ou seja, quanto maior o nível de estudo e conhecimento, maior a inquietação destas com questões ambientais.

Yu, Yue e Ying (2014) afirmam que, no que se refere a inquietação com questões ambientais, a educação é mais importante que o fator renda. Destarte, um dos pontos principais a ser considerado no que se refere ao meio ambiente é a questão educacional dos seres humanos. Contudo, pondero que a sustentabilidade socioambiental em ambiente rural, a vivência e os saberes cotidianos tem impacto maior do que o educacional, ao menos aqui no Brasil.

Estudo realizado por Preveslou (1996) tem demonstrado que, frequentemente, a renda da mulher, mais do que a renda do homem, destina-se a compra de alimentos. Esse fato também foi apontado nos estudos efetuados por Xinsheng, Vedlitz e Shi (2014), Siliprandi (2015). Por esse motivo, reafirmam o importante papel das mulheres na produção alimentar e nas atividades de cunho econômico e como esse papel merece reconhecimento geral. As autoras destacam que grande parte da economia de subsistência está nas mãos das mulheres, e estas participam ativamente desde o momento da preparação da terra até o momento em que o produto alimentar é consumido.

Referente ao objetivo 5 - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas às mulheres e meninas, Izidoro (2013) faz uma avaliação da invisibilidade da contribuição econômica da mulher assentada e como está se encontra engessada em estereótipos que a restringe a serviços domésticos e atividades de autoconsumo, sendo-lhes negado o reconhecimento da participação ativa em outros setores. Os estudos de Izidoro teve como foco o Programa de Aquisição de

⁴⁵ Transformação em segurança alimentar significa uma mudança drástica em relação ao desperdício de alimentos. Reduzir o desperdício alimentar significa aumentar a oferta de alimentos sem aumentar quantitativamente a terra necessária para esse aumento, ou seja, não aumentar a extensão de campos cultiváveis, mas sim, proporcionar sensibilizações e ações que impeçam conscientemente o desperdício de alimentos.

Alimentos (PAA)⁴⁶ e o empoderamento econômico das mulheres pode ser descrito como sendo o sentido de que as mulheres possam “[...] ser protagonistas de suas vidas e terem participação ativa nas esferas política e econômica” (2013, p.130).

Brumer (1996) aponta que a valorização do trabalho das mulheres depende, antes de qualquer coisa, do aumento da renda familiar e de sua habilitação profissional, pois, sem a habilitação e renda familiar, as mulheres não têm acesso a empregos, seja no meio rural ou urbano.

Khurshed e Rabibur (2014) estudaram sobre a prontidão da resposta feminina nos desastres naturais que ocorreram na região litorânea de Bangladesh, considerando os riscos e as perdas; as questões culturais e comportamentais; a adaptabilidade e a capacidade de recuperação pós-acontecimentos. Os autores, explicitam que durante os desastres naturais um tipo de desordem funcional é criado, devido ao fato de que as mulheres têm que enfrentar desafios diferentes daqueles encontrados pelos homens. Pois, cabe às mulheres a incumbência de terem que lidar com a perda da capacidade de subsistência, a privação de materiais de ajuda, o assédio sexual e vivenciar abertamente o pouco alcance da participação em quaisquer atividades de gestão e ou de participação de respostas políticas aos desastres. E ainda, destacam que, quanto maior a perda de propriedade, menor é a tendência dos gestores e governantes de se investir na formação de capital e desenvolvimento social, apegando-se à princípios compensatórios.

Ajibade, Mc Bean e Bezner-kerr (2013), realizaram estudos em Lagos e Nigéria, procurando padrões de vulnerabilidades e resiliência entre mulheres, na possibilidade de que a

⁴⁶ O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), foi criado pelo art. 19 da Lei nº 10.696, de 02 de julho de 2003, no âmbito do Programa Fome Zero. A qual foi alterada pela Lei nº 12.512, de 14 de outubro de 2011 e regulamentada por diversos decretos, o que está em vigência é o Decreto nº 7.775, de 4 de julho de 2012, que objetiva promover o acesso à alimentação e incentivar a agricultura familiar. Dessa forma o programa compra alimentos produzidos pela agricultura familiar, com dispensa de licitação, e os destina às pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional e àquelas atendidas pela rede socioassistencial, pelos equipamentos públicos de segurança alimentar e nutricional e pela rede pública e filantrópica de ensino. O referido programa contribui ainda para a constituição de estoques públicos de alimentos produzidos por agricultores familiares e para a formação de estoques pelas organizações da agricultura familiar ao promover o abastecimento alimentar por meio de compras governamentais de alimentos; fortalece circuitos locais e regionais e redes de comercialização; valoriza a biodiversidade e a produção orgânica e agroecológica de alimentos; incentiva hábitos alimentares saudáveis e estimula o cooperativismo e o associativismo. E seu orçamento é composto por recursos do Ministério do desenvolvimento Social e para sua execução é feita mediante seis modalidades, a saber: Compra com Doação Simultânea, Compra Direta, Apoio à Formação de Estoques, Incentivo à Produção e ao Consumo de Leite, Compra Institucional e Aquisição de Sementes. Ademais, o referido programa vem sendo executado por estados e municípios em parceria com o MDS e pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Para maiores informações consultar a plataforma Inclusão Produtiva no seu município e verificar o mapa de cobertura do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Acesso em dezembro de 2017.

partir destes sejam desenvolvidos políticas públicas e programas de gestão voltados a atender essa demanda por parte da sociedade em questão. Apuraram que as mulheres das classes mais pobres têm maior dificuldade de conseguir se reestabelecer e reconstruir suas vidas após desastres quando comparadas a outras categorias sociais.

Quanto ao peso que a ideologia política representa para a população concernente às questões ambientais, Xinsheng, Vedlitz e Shi (2014) analisaram que, nos Estados Unidos da América (EUA) há uma conexão de três categorias principais: ideologia política, crenças fundamentais ou visões mundiais da relação homem/natureza e alguns fatores socioeconômicos, a exemplo de gênero e raça.

De acordo com Xinsheng, Vedlitz e Shi (2014) os políticos liberais, as pessoas com novos valores ecológicos, as mulheres e os não brancos tendem a ser mais preocupados com os problemas ambientais do que a contraparte, especialmente as mulheres, porque são elas quem tem que lidar com os problemas/ dificuldades familiares uma vez as “[...] data analyses indicates that females and non-whites are more environmentally concerned than their counterparts, due to the fact that, are specially women the ones who have to deal with family ordeals” (2014, p.77)⁴⁷. O estudo apresenta dado referente ao meio ambiente, destacando que quanto maior for a idade, maior será a preocupação da pessoa com o meio ambiente.

Na relação homem/natureza, Ressurrección (2013) alerta que os discursos que tem demonstrado que mulheres estão intrinsecamente conectadas à natureza, fundamentados principalmente por movimentos feministas que fazem um paralelo entre a mulher como genitora e a ligação com a terra devido à capacidade de ambas produzirem vida no planeta, afirmando que estas são as que mais sofrem com a degradação ambiental. Assim, como atribuem às mulheres conhecimentos especiais sobre os recursos naturais, apesar de estarem, de certa forma, influenciando no desenvolvimento de políticas e programas intervencionistas ao redor do mundo, estão sobrecarregando as mulheres com mais um fardo, na já tão sobrecarregada vida, realçando ser inegável o fato de que as mulheres são “poderosas” agentes de mudança.

Fischer descreve que foi a mulher quem promoveu a descoberta da agricultura no período pré-histórico, a partir do cultivo de vegetais, ao afirmar que a “[...] longa convivência do feminino com a natureza, uma vez que as mulheres não só descobriram a agricultura, mas

⁴⁷ Análise de dados indica que mulheres e não brancos são mais preocupados com o meio ambiente que seus contrários, devido ao fato de que, são as mulheres que, principalmente, tem que lidar com as dificuldades familiares (Xinsheng, Vedlitz e Shi, 2014, p.77, tradução de Carvalho, 2016).

foram também responsáveis pela primeira revolução técnica, ao inventar o moinho para triturar os grãos que iriam assegurar o sustento da população (2009, p. 242).

É inegável a discussão sobre mulher e meio ambiente ao considerá-la como alguém que exerce um papel primordial no meio sociocultural, socioambiental, sociopolítico, socioeconômico e principalmente, como (res)significadora de produtos extraídos da natureza na transformação de objetos utilizados pela população; cuidadora dessa ambiência em razão do seu crescimento ao fazer sua retirada com uma técnica apropriada, objetivando não causar desequilíbrio ao ambiente, ou seja, tem a expertise de cultivá-la em tempo real para a manufatura do produtos.

Quanto ao debate de ser uma reprodutora do crescimento demográfico, e que provoca a escassez ou desperdício de alimentos, cuidados com a saúde familiar, via de regra, as flechas acusatórias são direcionadas às mulheres. Uma questão comparece nessa reflexão: o porquê no debate sobre o crescimento populacional e os impactos sobre o meio ambiente, estudiosos parecem esquecer-se que a mulher não procria só. O mesmo ocorre no debate sobre alimentos, em que segundo Fischer (2009), gênero e meio ambiente estão plasmados em realidades permeadas por ideologias que nortearão ações referentes à conservação ou a destruição do meio ambiente, da natureza e do planeta terra.

Assim, a presente tese objetivou compreender quais os significados que as mulheres atribuíam à Taboa e se esta contribuiu para a permanência da mulher no assentamento de modo a comprovar à luz das referências e das vivências no campo empírico, que a sustentabilidade socioeconômico e socioambiental em assentamentos rurais decorre especialmente das suas influências e interferências das mulheres extrativistas-artesãs ao romper as amarras de uma sociedade patriarcal, que ainda a mantém presa a papéis domésticos. Pois, elas conseguem promover formas diferentes de produção, extração de recursos naturais, formas de sobreviver pensando na família, na comunidade e no futuro dos seres humanos e da natureza.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 4 - MULHERES NA REFORMA AGRÁRIA: AMBIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS E A QUESTÃO SOCIOAMBIENTAL

No início do período de aglutinação de seres humanos, pressupõe-se uma pré-história com vivências nômades. No entanto, durante o curto período de permanência fixa, a mulher percebeu que quando a semente caía no chão germinava. A mulher começa a observar e percebe que, se plantasse, colhia. Ao homem cabia a caça, e à mulher, o cuidado com o habitat, a peleteria⁴⁸, a plantação, a colheita, além de atividades artesanais, a exemplo da confecção de cestos e potes de argila. Portanto, a gênese da mulher com a agricultura se dá desde o início da plantação de grãos na história humana.

Como sugerido por Fischer (2009) e Carvalho e Piccinini (2008) a mulher e a agricultura estão intrinsecamente conectadas desde os primórdios dos tempos⁴⁹. Para as autoras, a relação gênero e o uso de recursos naturais, como a terra, por exemplo, têm em comum “[...] o elemento conceitual de serem consideradas construção social que envolve em si mesmo, dinâmica e modificação” (FISCHER, 2009, p. 245).

Consideram ainda que, a mulher em relação às questões ambientais, têm base na natureza, pois, são ressignificadas na sociedade como produto de uma relação social e, portanto, são agregados valor econômico pela excursão do trabalho de transformação do produto *in natura* em objetos utilizados de modo social. Já que, transformar os elementos da natureza em recursos a serem utilizados pelos sujeitos “apreciadores de artes” extraindo da natureza sem agredi-la, ou seja, sabem reorientar a condução da produção e colheita do produto *in natura*, de modo a internalizar um sentimento de valor, para Fischer esse valor

é atrelado aos produtos que se destinam à subsistência no espaço privado da família, normalmente administrado por mulheres, e ao lucro, culturalmente pleiteado especialmente na esfera das relações de troca no espaço público, político, mundialmente reconhecido como âmbito masculino (FISCHER, 2009, p.245).

⁴⁸ Meu avô trabalhou em um “curtume”. Assim ele dizia, que o couro era curtido durante vários dias e depois a peleteria estava pronta.

⁴⁹ Desse modo, o trabalho de arqueólogos e antropólogos demonstram que, “[...] no início do processo civilizador, o feminino era divinizado e cultuado, tendo o resultado de escavações indicado o papel sócio coletivo de destaque dado à mulher. Considerando a importância da agricultura, a terra era venerada como a fonte de vida a todos os seres. De forma complementar, a mulher era também venerada, por sua fecundidade” (CARVALHO; PICCININI, 2008, p. 1891).

Essa colocação de Fischer (2009) transporta-me para a leitura de Saffioti (2013) em relação à questão do trabalho feminino, a qual afirma que as mulheres das camadas sociais menos favorecidas nunca foram alheias ao trabalho, pois em todas as épocas e lugares a mulher contribuiu e contribui para a subsistência da família e para criar a riqueza social. Segundo a autora, nas economias pré-capitalistas, referindo-se especificamente ao estágio anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher da classe trabalhadora era ativa, exercendo funções nos campos, manufaturas, minas e lojas.

Pois, que "[...] nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças despenharam papel econômico fundamental (SAFFIOTI, 2013, p. 62). O que tem se mantido constante nos estudos é a situação de subalternidade da mulher, a inferioridade em relação aos salários, a marginalização desta do sistema produtivo e a constante afirmativa de que o trabalho realizado por ela, seja no campo ou na cidade, é assimilado como obrigação que esta tem de ajudar o marido ou companheiro.

São diversas formas de violência que as mulheres vivenciam seja no campo ou na cidade. Estas podem ser físicas ou psíquicas, a exemplo da violência na qual as mulheres estão expostas cotidianamente, a invisibilidade e o não reconhecimento por parte da família e da sociedade dos trabalhos realizados por estas; a divisão sexual do trabalho com a inserção em atividades menos valorizadas pela sociedade e mesmo por algumas famílias, as atividades não remuneradas; o sistema de herança das terras e lotes; a deficiência no atendimento das necessidades básicas de saúde; e a violência física, que no campo se torna especialmente agravada pelas distâncias entre vizinhos, conforme descreve Scott, Rodrigues e Saraiva (2010) no artigo intitulado “Onde mal se ouvem os gritos de socorro: notas sobre a violência contra a mulher em contextos rurais”.

Araújo (2008) afirma que as políticas públicas pensadas para o fortalecimento da agricultura familiar contribuíram para a não visibilidade do trabalho feminino, reforçando as desigualdades de gênero no campo e impossibilitando a melhoria das condições de vida grupo familiar. Já, Alston (2014) elabora uma solução para a discussão da invisibilidade da mulher nas políticas públicas, denominada como *gender mainstreaming*⁵⁰. Apesar de não direcionar

⁵⁰ Gender mainstreaming is process of incorporating a gender perspective to any action, policy, legislation or action in order to ensure that the concerns of all are addressed and that gender inequalities are not perpetuated through institutional means. [...] gender mainstreaming are essencial in ensuring that not only climate policies and programs are comprehensive, but so too are women-focused policies designed to ensure that women are supported and empowered to take action on their own behalf (ALSTON, 2014, p. 287), ou seja, a integração da perspectiva

exatamente ao ambiente rural, mas sim as questões ambientais mais focalizadas, a exemplo das mudanças climáticas. A autora considera especialmente o impacto dessas nas questões de relações de gênero, sugerindo a inserção da “perspectiva de gênero” em todas e quaisquer ações pensadas pelos governos, incluindo a política pública e a legislação elaborada, haja vista que, *gender mainstreaming* pode ser interpretado como o empoderamento de ações que permitam à mulher tomar as rédeas de sua vida em suas próprias mãos. Para a autora, *gender mainstreaming* refere-se ao processo de incorporação da perspectiva de gênero em todas e quaisquer ações e políticas governamentais. A inserção do sistema de cota para mulheres na política, é um exemplo de *Gender mainstreaming* citado por Alston.

Deere (2004) analisou a evolução das reivindicações dos direitos da mulher à posse da terra na reforma agrária brasileira sob o prisma de três movimentos sociais rurais: o MST, os sindicatos rurais e os movimentos autônomos de mulheres rurais. Segundo a autora, o mérito da conquista dos direitos da mulher à terra se deve à participação das mulheres nos sindicatos rurais. Em que “[...] os direitos formais das mulheres a terra foram conseguidos na Reforma Constitucional de 1988, e em grande medida isso foi um subproduto do esforço para acabar com a discriminação contra as mulheres em todas as suas dimensões” (2004, p.175).

Diante do contexto acima exposto, Deere dirige a minha atenção para a reforma agrária brasileira sob uma perspectiva de análise das relações de gênero, realizando uma análise comparativa entre os países latino-americanos que introduziram uma legislação agrária progressista em relação às questões de gênero, demonstrando que, no Brasil as medidas que buscavam dirimir as desigualdades em relação à posse de terra foram mínimas, principalmente “[...] na distribuição e titulação conjunta para casais de terras distribuídas através da reforma agrária” (2004, p. 175).

Mesmo com a conquista obtida com a promulgação da Constituição Federal de 1988, em seu artigo 189, o qual estabelece que nas terras distribuídas por meio de reforma agrária, o “[...] título de domínio e a concessão de uso serão conferidos ao homem ou à mulher, ou a ambos, independentemente do estado civil”. Deere, assinala que somente em meados de 2000,

de gênero é um processo de incorporação de uma perspectiva de gênero a qualquer ação, política, legislação ou ação para garantir que as preocupações de todos sejam abordadas e que as desigualdades de gênero não sejam perpetuadas através de meios institucionais. [...] a integração da perspectiva de gênero é essencial para assegurar que não só as políticas e os programas climáticos sejam complexos, como também as políticas centradas nas mulheres, destinadas a garantir que as mulheres sejam apoiadas e capacitadas para agir em seu próprio nome (ALSTON, 2014, p. 287)

a “[...] reivindicação de títulos de propriedade conjunta para casais de terra sob reforma agrária, finalmente apareceu de forma proeminente na maior manifestação já feita” (2004, p.176).⁵¹

Deere (2004) e Schaaf (2001) abordam que a percepção da não participação das mulheres somente se efetua quando a exclusão destas começam a ter impactos e consequências reais ao impedir o desenvolvimento de algum ponto estratégico ou alguma pauta, denunciando, para além do fator discriminatório, o jogo político e as relações de poder que envolvem a questão da mulher no mundo, ou seja, a mulher, somente tem visibilidade quando há interesses políticos ou econômicos.

Analisando os movimentos de mulheres no Brasil, Schaaf historiou que “[...] a participação das mulheres foi possibilitada pelo valor estratégico que podia ter para os partidos políticos e entidades sociais em vista da formação e recuperação do eleitorado” (2001, p. 31), afirmando que as mulheres, crianças e grupos minoritários são estrategicamente manipulados. Fundamenta ainda seu argumento analisando desde 1932 no primeiro governo Vargas, período em que é ‘concedido’ à mulher o direito ao voto e que a tendenciosidade favorável continua com o estabelecimento das leis trabalhistas (1937a, 1945), pois é cedido além da jornada de oito horas, o salário-maternidade.

Schaaf afirma que na década de 60 do século XX, as mulheres foram ‘incentivadas’ a realização da marcha ‘da família, com Deus para a liberdade’, dias antes do golpe militar de 1964, para defender os ‘valores da família’ contra o que era considerado ‘a ameaça comunista’ do governo de João Goulart (1961-1964).

Situação similar é descrita por Deere (2004), em relação à questão da posse da terra pelas mulheres, no artigo publicado na Revista de Estudos Feministas, afirma que, somente quando a exclusão das mulheres começou a ter consequências práticas reais para a consolidação dos assentamentos da reforma agrária foi que os direitos das mulheres à terra tornaram-se uma questão que merecia atenção, tanto por parte do Estado quanto por parte do próprio Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

⁵¹ A manifestação a que Deere (2004, p. 176) se refere a marcha das margaridas, quando “[...] essa marcha em Brasília, conhecida como *Marcha das Margaridas*, foi coordenada pela Comissão de Mulheres da CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – em aliança com uma das organizações regionais de mulheres rurais autônomas, o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste (MMTR-NE) e com outros grupos. Como em outros países latino-americanos, uma vez organizadas, as mulheres começaram a reivindicar o direito à terra e, consistentemente, confrontaram o Estado nessa questão, forçando o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a revisar seus regulamentos”

Brumer (1996; 2004) examina as formas de inserção das mulheres na agricultura familiar, procurando explicar a seletividade de gênero do processo migratório. Primeiramente, aborda a distribuição da população, por sexo e por grupos de idade, em diversas regiões do Estado do Rio Grande do Sul, caracterizando o maior índice de emigração de mulheres jovens dos demais grupos etários e de sexo. Sendo esse fator explicado pelo que a autora denuncia como falta de oportunidades existentes no meio rural para a inserção das jovens, assim como pela forma como ocorre a divisão do trabalho por sexo e idade. Aborda ainda, a invisibilidade, a subordinação e a exploração do trabalho executado por crianças, jovens e mulheres que são “vistos” como ajuda, mesmo quando estes trabalham tanto quanto os homens adultos, ou executam tarefas similares. Essa situação de ajuda é descrita por Lechat (1996), no qual o serviço da filha jovem é percebido como um ‘apêndice’. Pois, que

É preciso destacar que o caráter de ‘pesado’ ou ‘leve’ da atividade é relativa e culturalmente determinada, uma vez que, na esfera de suas atividades (doméstica), a mulher executa tanto trabalhos ‘leves’ como trabalhos ‘pesados’ (como trabalhar na colheita dos produtos agrícolas, carregar os filhos e buscar água em lugares distantes do domicílio). Essa constatação levou Maria Ignez Paulilo a concluir que “o trabalho é ‘leve’ (e a remuneração é baixa), não devido a suas características, mas devido à posição ocupada na hierarquia da família por aqueles que executam o trabalho (BRUMER, 2004, p. 211).

Aborda em seus estudos os efeitos da modernização sobre o trabalho agrícola, da inserção dos jovens no trabalho da unidade produtiva familiar, das atividades fora da agricultura e dos procedimentos utilizados pelos produtores agrícolas, tendo como fator as tradições culturais que “[...] priorizam os homens às mulheres na execução dos trabalhos agropecuários mais especializados, tecnificados e mecanizados, na chefia do estabelecimento e na comercialização dos produtos” (BRUMER, 2004, p.210).

De modo que, associa ao processo de emigração rural-urbano às oportunidades de trabalho parcial ou de emprego fora da agricultura para a população residente no meio rural e a exclusão das mulheres na herança da terra. Finalmente, discute o possível efeito do acesso das mulheres rurais à Previdência Rural sobre suas perspectivas de permanecer ou não na atividade agrícola (BRUMER, 2004).

A pesquisa de Brumer (2004) procurou mostrar que devido às desigualdades de gênero que atribuem às mulheres (principalmente às mulheres jovens), uma posição subordinada na estrutura familiar – evidenciada na distribuição das atividades nas esferas de produção e de

reprodução, do poder e do acesso à propriedade da terra –, as mulheres têm menores perspectivas profissionais e como consequência a desmotivação para permanecer no meio rural.

Ao mesmo tempo, fatores externos, tais como: o tipo de produção agrícola desenvolvida; o caráter intensivo ou extensivo da produção; o tamanho do estabelecimento e as necessidades de mão-de-obra e o grau de desenvolvimento industrial nas proximidades dos estabelecimentos agropecuários, podem criar oportunidades de emprego parcial ou total fora da agricultura, com a manutenção da residência do trabalhador no meio rural (BRUMER, 1996; 2004).

Hernandez corrobora com as informações de Brumer a respeito do processo de emigração feminino rural-urbano, levantando a hipótese de que esse fator pode ser explicado a partir das dinâmicas “[...] intrafamiliares, tais como questões referentes à sucessão geracional dos estabelecimentos agropecuários, à divisão sexual do trabalho e à invisibilidade do trabalho feminino, que tem provocado uma maior masculinização do meio rural brasileiro” (2010, p. 97).

Tanto Bergamasco (1996) quanto Lechat (1996) discutem a questão da mulher rural/camponesa a partir de sua inserção familiar. Bergamasco (1996) afirma que é importante compreendermos o trabalho da família, em especial o das mulheres, como parte de sua condição, de sua história, corroborando com as descritas por Perrot que “[...] para se compreender o trabalho da mulher é preciso reaproximar a família e o trabalho” (1996, p. 193).

Assim, o trabalho da mulher é descrito como: um apêndice (LECHAT, 1996); um trabalho coadjuvante (MELO, 2009); uma ajuda (LECHAT, 1996; BRUMER, 2004); trabalho leve (PAULILO, 1987) e, portanto, não remunerado, reitera a afirmativa de Saffioti (2013) e Fischer (2009) sobre o fato de que o trabalho sempre existiu e que o casamento na zona rural acarreta, além da função doméstica e produtiva (que já existia antes na vida das mulheres solteiras), acrescenta-se a situação de luta pela permanência na terra e a obrigação de retirar desta o sustento para a reprodução familiar e produção familiar. Esta luta pela permanência e sustento para a reprodução/produção tornam a situação da mulher rural muito específica, porque “[...] faz parte de uma unidade familiar onde produção e reprodução do patrimônio e das pessoas constituem um processo único (LECHAT, 1996, p.96).

Desta perspectiva, a mulher no assentamento encontra-se em atividade constante quer seja nos trabalhos domésticos, na colheita, nas plantações, nos quintais e hortas, e eram também “guardiãs” do sistema de conduta familiar e “auxiliar” na organização e no gerenciamento dos

recursos advindos das políticas públicas do governo federal para tocar adiante o projeto de reforma agrária, desde que haja a autorização da presença masculina.

a mulher exercia uma função central e era esse o seu principal ‘local de trabalho’. Além disso, a mulher era valorizada pela força física e pela saúde em relação a várias atividades produtivas na lavoura, na qual ela ‘ajudava’ o homem diariamente e passava quase o mesmo tempo que ele. Uma ou duas mulheres assumiam o trabalho da casa e as outras trabalhavam na lavoura durante uma jornada completa, junto com homens e crianças. Ela tinha que preparar a comida pela manhã e pela noite, após seu retorno da roça, ainda precisava fazer todas as tarefas domésticas. No caso de filhos pequenos, o trabalho da mulher aumentava bastante. [...] eram guardiãs do sistema de conduta, sendo responsáveis pela criação dos filhos (SCHAAF, 2001, p. 99).

As trabalhadoras rurais estiveram sempre presentes nas lutas socioeconômicas, sociopolíticas e agroecológicas no campo rural, no entanto, sua participação, após a conquista dos direitos e da terra, via de regra, volta a se tornar reprodução do sistema patriarcal: a mulher volta aos “afazeres domésticos” e os homens, das questões “públicas e econômicas”, a exemplo dos autores Schaaf, 2001; Ciandrini, 2010 e Siliprandi, 2015.

Ciandrini (2010) relata a formação de resistências organizadas que culminaram com a criação de vários movimentos, a exemplo do Movimento Sindical Rural de Assalariados Agrícolas (1944), a Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas (1953), o Movimento dos Agricultores Sem Terra – MASTER (1962), a criação da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG (1963) e por fim, cria-se o Estatuto do Trabalhador Rural (1963). No entanto, a despeito do apoio e organização das mulheres durante esses processos supracitados, a autora declara que as mulheres voltam a assumir seus papéis de dona de casa, mãe, esposa e não mais participam das discussões políticas. Esta afirmativa foi vivenciada e presenciada em grande parte dos assentamentos rurais sergipanos, assim como, boa parte das mulheres voltam a ser “submissas” ao esposo, marido ou companheiros.

Melo (2009) ao apresentar estudos sobre a formação do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais no Estado de Sergipe (MSTTR) e dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR’s) aponta claramente mediante entrevistas realizadas, como a mulher participava de todo o processo da luta pela terra, assim como a construção e constituição de sindicatos, mas eram (in)visibilizadas posteriormente de todo o processo.

4.1 A (In) Visibilidade Feminina: O empoderamento da mulher rural mediante a participação em associações, sindicatos e movimentos.

Para a iniciação desse debate sobre o empoderamento da mulher no setor rural realizei atividades no campo empírico e que resultaram na descrição abaixo descritas:

Três entrevistas foram efetivadas antes da escolha definitiva do local para realizar a pesquisa. Na época, finalizando o mestrado fui instigada a continuar estudos e submeter novo projeto para o processo de seleção no doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Já sabia o que queria estudar, pois, tive a oportunidade de acompanhar colegas que faziam entrevistas na região, e aproveitei o ensejo para colher dados para a finalização do projeto de tese. Das três entrevistadas realizadas⁵², duas pessoas participavam ativamente do MST, contudo, essas mulheres ao pertencer ao mesmo assentamento, residiam em agrovilas diferentes, possuíam vidas diferentes...um mesmo local e com tantas histórias a serem reveladas.

A cada semana, eu passava dois dias acompanhando-as em suas lidas diárias. D.I. a primeira mulher que entrevistei, faz parte do MST a mais de 18 anos, possui uma graduação em nível superior e em 2014, cursava direito. É uma militante ativa. Quando cheguei, ela estava na roça, com enxada na mão. Ao dialogar, a conversa se estendeu por três horas e vinte e dois minutos (tempo da gravação), mas o tempo pareceu voar... Ela vive com o “companheiro” que divide com ela e com as duas filhas do casal, “todas as tarefas domésticas”. D. I. também é funcionária da Secretaria de Educação da cidade em que se localiza o assentamento. Acompanhei também em seu trabalho na prefeitura e presenciei a luta para manter escolas nos assentamentos, combatendo o processo de nucleação que tem ocorrido no campo rural. Reafirmando que a forma de impedir que se fechem escolas, é por meio da Luta, da mobilização de toda a comunidade bem como os companheiros dos outros assentamentos, manifestando que “[...] se precisar parar o trânsito, a gente faz barreira na rodovia!”

A segunda mulher entrevistada foi D. M., a qual demorou mais tempo para podermos conversar com mais confiança. Na verdade, o filho mais velho, ao ir cortar pé de verdura, teve a mão picada por uma cobra e foi graças a assistência dada a ela e ao filho, que D.M. se soltou um pouco mais. No dia seguinte, ao retornar para casa dela, na roça que ela tanta estima, foi

⁵² As identidades das três mulheres serão mantidas em sigilo, haja vista que a pesquisa de tese se direcionou para outra localidade, devido aos critérios estabelecidos posteriormente. O nome do assentamento e das agrovilas, também serão mantidos em sigilo e sem indicações que possam comprometer e/ou revelar a identidade das entrevistadas. No entanto, ao findar da tese, cada uma receberá uma cópia impressa, conforme prometido.

onde conversamos. O depoimento no início pertence a D.M. para ela, a história de vida é marcada pela opressão, pelo impedimento de até mesmo de cultivar no quintal,

“porque quando ele quer, ele bota o gado lá e acaba com tudo mesmo. Eu tinha uma horta que dava gosto. Vinha gente até de fora comprar porque eu não usava remédio não. Mas veja agora, disse ela apontando para umas moscas de cor clara, isso é porque ele (o marido) não liga não. Eu disse para ele que eu queria só um pedacinho, lá no quintal mesmo (o lote fica uns 500 metros adiante da casa). Mas e ele deixa? Que nada dona moça. Quando ele quer, ele bota o gado dele lá e acaba com tudo” (D.M, mar/2017 - sic).

A terceira mulher, foi citada logo no início da tese. O comentário de que ela havia “nascido no corpo errado” foi referente a essa assentada. Ela relata estar no movimento desde quando “acamparam no beijo da pista”. Relata ter sido presa, mesmo estando grávida da filha mais velha (que hoje também é militante do MST). D.P. foi procurada e o diálogo interrompido várias vezes por membros da agrovila que a tem como referência para resolução de problemas: do gás de cozinha, conseguir carro para deslocamento ao hospital até problemas referentes ao bolsa família, foram as demandas que pude ouvir durante o momento da entrevista.

Três entrevistas, três histórias de vida completamente diferentes, mas que se entrelaçam no decorrer de suas lutas. Duas delas, participantes do MST, tem nas falas e expressões, força, vivacidade e determinação, pois, são mulheres que têm seu papel social reconhecido pelos seus pares, são visibilizadas, procuradas e se sentem “fortificadas” por contribuírem com a construção de um mundo melhor. Elas fazem parte das poucas mulheres que participaram da luta, mudando toda uma estruturação familiar. Outras ousaram abrir caminhos bem antes delas, a exemplo de Crêspo de Paula, uma líder da Liga Camponesa no Nordeste⁵³. Em 1955, já se discutia a participação política da mulher, uma vez que a mulher:

em meados do século XX, desempenhou um importante papel no cenário político do Nordeste brasileiro, principalmente no estado de Pernambuco, foi militante do Partido Comunista do Brasil (PCB), e participou ativamente da estruturação do movimento das Ligas Camponesas, desde o início, em 1955,

⁵³ As condições que propiciaram a formação da Liga Camponesa no Nordeste podem ser assistido no vídeo documentário dirigido por Maria Thereza Azevedo, da Universidade Metodista de Piracicaba. O documentário relata as memórias de Alexina Crespo, e mostra a resistência que havia do camponês homem, para com a presença da mulher. Relata as condições sub-humanas a que eram submetidos os trabalhadores rurais na década de 50. A fome, o analfabetismo, o engano do lápis, pulo da vara, cambão, enterro na rede, enterro das crianças nos muros da porteira, os estupros e maus tratos a que eram submetidas as filhas dos trabalhadores etc., foram alguns dos fatores relacionados com a criação da Liga no Nordeste.

vindo a se tornar diretora de Relações Internacionais da organização. Alexina recebeu treinamento de guerrilha em Cuba, participou de reuniões com Fidel Castro, Che Guevara e outros dirigentes cubanos, bem como, na China, com Mao Tsé-tung, Shou En-lai, entre outros membros do governo daquele país. Esposa e companheira de militância política do deputado federal pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) Francisco Julião, a principal liderança das Ligas Camponesas no estado de Pernambuco e no Brasil. Mãe de quatro filhos, Alexina Crêspo, contrapondo-se ativamente ao conservadorismo da época, desempenhou papel destacado na luta pelos direitos e a emancipação das mulheres, secularmente marginalizadas do cenário político do Brasil, tornando-se assim uma das principais referências femininas desse processo no país (CABRAL; MEDEIROS; ARAÚJO, 2011, p. 1205).

Schaaf (2001) aponta que, apesar dos pontos citados acima, a sobrevivência da agricultura familiar constituiu-se atualmente, o bojo das preocupações femininas e masculinas. Mas, destaca a predominância feminina nas estratégias de sobrevivência alternativa, o que constitui um contraste, ao se considerar o processo de desvalorização do papel exercido pela mulher, a questão da invisibilidade feminina e a desconfiança nas relações políticas de forma geral. Novamente aqui encontramos uma exceção à regra: Luíza Alzira Soriano Teixeira, a primeira mulher a ser eleita como prefeita no Brasil e na América Latina, em 1928, na cidade de Lajes, Rio Grande do Norte. A título de exemplo, o quadro nº 01, demonstra os eventos que incentivam a participação da mulher na vida pública e política, com foco na região Nordeste.

Quadro 1. Demonstrativo dos eventos na Região Nordeste e eventos *Internacionais* que direcionam ações no âmbito mundial.

EVENTO	LOCAL	DATA	FONTE
Ano Internacional da mulher		1975	Melo, 2009
Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco depois transformou-se na organização que ficou conhecida como Ligas camponesas/ destaque ao papel exercido por Alexina Lins Crespo de Paula, mais conhecida como Alexina Crespo (mãe, militante, organizadora da luta e principal representante da Liga Camponesa no Brasil e exterior. ⁵⁴	Pernambuco Nordeste	01/01/1955	Paola Cappelin, 1989; Carneiro, 1994; Azevedo, 2005; (documentário) Siliprandi (2015); Lopes (2013); Melo (2013).

⁵⁴ As condições que propiciaram a formação da Liga Camponesa no Nordeste, pode ser visualizado nas entrevistas e vídeo dirigido por Maria Thereza Azevedo (Universidade Metodista de Piracicaba – SP. O vídeo exibe a história de vida e as memórias da vida de Alexina Crespo (esposa de Francisco Julião). É interessante detectar nas falas dos camponeses a resistência à participação da mulher. Relata as condições de violência e maus tratos aos quais os camponeses eram submetidos. A miséria, fome, analfabetismo, engano do lápis, pulo da vara, cambão, enterro na rede, enterro das crianças no muro da porteira, estupro das filhas dos camponeses, expulsão das terras sem direito de levar nem as roupas, foicadas, fuzilamento e castigo do Cal ou Cabrocó (a pessoa era forçada a ficar dentro de um tonel cheio de Cal que ia corroendo a pele dos camponeses) e pagamento do foro foram alguns dos castigos relatados pelos camponeses que participaram do vídeo documentário. Consulta em <https://www.youtube.com/watch?v=j0wW2DCnN9o>, acesso em agosto de 2017.

EVENTO	LOCAL	DATA	FONTE
Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR)	Aquidabã, Itaporanga d'Ajuda, Japarutuba, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Glória, Simão Dias.	1962	Melo (2009)
Eleita Margarida Alves como presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Alagoa Grande – Paraíba ⁵⁵	Nordeste	Década de 1970	Siliprandi (2015)
Igreja Católica cria as Comunidades Eclesiais de Bases – Comissão Pastoral da Terra principalmente a ala ligada à Teologia da Libertação		Meados de 1975	Siliprandi (2015) Brüseke e Sell (2006) Ciandrini (2010) Gohn (2010) Lopes (2013) Alie van der Schaaf (2001)
Alteração da designação do MSTR para MSTTR – Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais ⁵⁶		1998	Melo (2009)
Mobilizações das mulheres pelas frentes de emergência em vários estados do Nordeste.	Nordeste	1982	Siliprandi (2015)
Assassinada a líder Sindical Margarida Alves	Paraíba - Nordeste	1983	
Criação do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais I Encontro das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco	Rio Grande do Sul; Santa Catarina; Pernambuco; Paraíba	1984	Siliprandi (2015) Alie van der Schaaf (2001) Deere ((2004)
Criação da Colônia Agrícola Antônio Martins ⁵⁷	Lagarto/ Sergipe	1985	Lopes (2013)
3º. Encontro Feminista da América Latina e do Caribe em Bertioga – SP, em que participaram mulheres rurais de todo o país.	Bertioga/São Paulo	1985	Siliprandi (2015)

⁵⁵ Canção para Margarida. Autora: Desconhecido “[...] não faz muito tempo, seu moço. Nas terras da Paraíba viveu uma mulher de fibra, MARGARIDA se chamou. E o patrão com uma bala, tentou calar sua fala, e o SONHO dela espalhou. Já faz muito tempo seu moço. Que em riba deste chão, em toda nossa nação, o pobre é pra lá e pra cá. Lavrador faz, mas não come e a miséria é sobrenome do povo deste lugar. E quando na carne da gente mordida a opressão, MARGARIDA erguia a mão e o seu grito era o nosso clamor! Daqui a algum tempo, seu moço, se a gente não se cuidar. Se o pobre não se ajuntar, tubarão engole alegria. Pois o jeito é treinar o braço, pra desatar esse laço que amarra o novo dia! E quando na roça da gente brilhar as espigas, vai ter festa e nas cantigas MARGARIDA vai viver! E quando na praça e na rua florir MARGARIDAS, vai ser bonito de ver, vai ser bonito de ver, vai ser bonito VIVER! Canção pra Margarida - Zé Vicente - LETRAS.MUS.BR <https://www.lettras.mus.br>, acesso em setembro de 2017.

⁵⁶ Ocorre a alteração da designação auto atribuída que passa a se designar como Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR), ou seja, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura deliberou em 1998 a inclusão do T de Trabalhadoras na sigla do movimento, bem como que, na direção dos sindicatos e federações, as mulheres teriam uma cota de 30%” (MELO, 2009, p.40).

⁵⁷ A experiência com assentamentos rurais na história agrária recente do estado de Sergipe teve início na segunda metade dos anos 40, mas só adquiriu importância significativa a partir da década de 70, quando diversas propriedades rurais forma adquiridas pela igreja católica, por cooperativas agrícolas de pequenos agricultores e pelo governo estadual, ou desapropriadas pelo INCRA, com objetivo de assentar colonos em municípios com grande número de parceiros, posseiros, pequenos arrendatários e assalariados rurais (LOPES, 2013, p. 302).

EVENTO	LOCAL	DATA	FONTE
I Encontro das Mulheres Trabalhadoras Rurais da Paraíba; Fundação do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Pernambuco	Paraíba; Pernambuco.	1986	Siliprandi (2015)
Fundação do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Sergipe	Sergipe		
Fundação do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste, com a presença de delegadas de oito estados.	João Pessoa, Paraíba	1989	Siliprandi (2015) Melo (2009)
Direito das Mulheres e das Meninas	ONU	1993	
Convenção dos Direitos Políticos das Mulheres		1952	
CEDAW – Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher		1993	
Declaração de Pequim adotada pela Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres: Ação para Igualdade, Desenvolvimento e Paz ⁵⁸		1995	

Fonte: Adaptado de Siliprandi (2015), conforme levantamento realizado em dezembro de 2016.

Melo (2009) nota a invisibilização que ocorre com a mulher no processo de luta pela terra, assim como a participação política destas em sindicatos e movimentos. Expõe que apesar da participação destas e do fato de terem estado frente a frente no enfrentamento das situações conflituosas, inclusive situações de violência. Contudo, salienta Melo que após a participação, as mulheres são relegadas ao esquecimento, como podemos ver nessa fala da mulher militante assentada. Diz a militante “[...] na luta, na hora do conflito, as mulheres era quem estava à frente [...]” e continua Melo sua exposição, ao realçar que “[...] na hora das discussões políticas, elas estavam nesse espaço, mas não colocavam sua forma de ver, sua forma de participar” (2009, p. 60), chegando a denominá-las de que as mulheres que participam da luta são “[...] parte silenciosa da memória social”. Pois,

Nas entrevistas pessoais, observei que, ao compartilharem suas histórias de vida e diferentes formas de desigualdade e repressão, as mulheres tomaram consciência da semelhança de suas vidas com as de outras mulheres. Isso gerou um tipo de revolta por serem tratadas de forma diferente de outras – as mulheres urbanas –, e ao mesmo tempo, criou uma solidariedade por todas estarem nas mesmas condições [...] Consciência, no movimento, refere-se ao conhecimento que se adquire pela experiência pessoal de que a condição feminina é estrutural e que pode ser mudada (VAN DER SCHAAF, 2001, p. 180).

⁵⁸<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/legislacao/mulher/Declaracao%20de%20Pequim%20adotada%20pela%20Quarta%20Conferencia%20Mundial%20sobre%20as%20Mulheres.pdf>

A participação da mulher na política ainda é considerada um tabu em muitos lugares, principalmente nos interiores do Brasil, em que ainda se mantém uma forte incorporação de um sistema de patriarcado e reprodução de papéis de gênero, definindo qual o lugar de mulher. Outro fato que embora permanece muito forte no cotidiano, principalmente nos encontros familiares e “entre conversas de amigos” são as reproduções de estereótipos na forma de “piadinhas” quando nos expressamos a respeito de algum tema: “lugar de mulher é esquentando a barriga no fogão e esfriando no tanque” ou como já citado “essa mulher nasceu no corpo errado” ou quando a menina gosta de brincar de outras formas “menos femininas”, é tachada como machinho.

Tais colocações revelam um enraizado patriarcado e um desrespeito que vem se perpetuando ao longo do tempo. As pessoas, imersas nas suas vivências cotidianas, transmitem jargões, piadas, imagens eletrônicas (sobretudo, via WhatsApp) sem qualquer reflexão sobre o conteúdo explícito ou implícito. Essa alienação de ações irrefletidas, vinculam pensamentos que impedem um avanço significativo em qualquer tipo de relação que temos, principalmente quando nos referimos a questão de gênero e igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, entre o feminino e o masculino.

4.2 Mulher na conquista de seu espaço no assentamento

Apreendo que esse momento de busca necessitou de um delineamento de opções teóricas e refutações incipientes que precisam de aprofundamentos e para tanto esboça-se um processo de escolhas (in) (cons)cientes; clivagens sendo delineadas; elegeu-se o uso de mulher sobre gênero, pela compreensão de que gênero demandaria a discussão ampliada sobre aspectos políticos e relações de poder, dentro de uma macroestrutura. Na interseccionalidade, recuso-me conscientemente adentrar a discussão de raça porque creio que existe apenas uma raça: a raça humana. Se houver necessidade, nomearei pela discussão étnica.

Pois que, se “tudo é construção social”, excetuando a natureza *per se*, todo o resto, até mesmo o termo natureza, entendo-o como construção social. Homem/mulher/criança/meio ambiente/sustentabilidade é construção social enquanto papéis que são definidos ou se definem (homem/mulher/gênero/sexo) sendo, portanto, passível de mudanças. Reconheço que mudanças levam séculos de luta, sendo a construção social dinâmica e dialógica.

Destaque-se que, para além do ser homem/ser mulher, qualidades atribuídas ao homem e a mulher também são construções sociais. O ethos da feminilidade e da masculinidade, as características que lhes são atribuídas e apreendidas por nós, variam de sociedade para sociedade.

A segunda certeza é pautada na fenomenologia da experiência do ser que aqui lhes escreve. Só tenho como apreender os limites, as contradições teóricas, metodológicas e seus resultados (por vezes, para minha pessoa, incongruentes), a partir de mim mesma e de minha experiência e leitura de vida. Husserl afirma que vivemos em nossas experiências e, temos que manter vigília para não perdermos de vista os “atos da experiência subjetiva em si”, para que não nos percamos nos objetos dessa experiência, enquanto ser humano consciente, que vive e que age nesse mundo que percebo e interpreto.

Minha consciência é sempre consciência de algo a que eu, enquanto mulher de papéis múltiplos, volto meu olhar atento e torno-o parte de mim. Considero experiência quando volto minha atenção para objetos, pessoas, sensações reais ou imaginárias. No entanto, tenho certeza que essa mesma consciência, essa forma com que vejo e partilho o mundo é ao mesmo tempo, pessoal e coletiva.

Um fato que tem se evidenciado claramente nas leituras é a de que as relações de gênero e os “discursos sobre paridade e igualdade”, por mais que já tenha avançado, ainda tem uma longa jornada pela frente. Da leitura de Connel (2016), Guimarães e Brito (2016), Grant Thornton International Business Report (2014), e outros entende-se que mudanças estão ocorrendo, se positivas ou negativas, *vai* depender da escolha interpretativa e vivência de cada um.

Claro está a diminuição do número de filhos, o aumento constante da mulher no mercado de trabalho, o crescimento da monoparentalidade tanto paterna quanto materna, a diminuição do número de horas a que a mulher da classe média urbana tem dedicado aos trabalhos domésticos. Bila Sorj fazendo análise do Pnad 2009, afirma que, na discussão de desigualdade e divisão sexual do trabalho, a mulher tem diminuído as horas dedicadas ao trabalho doméstico, não porque o homem está participando mais das tarefas ditas domésticas, mas porque a mulher está se retirando destas: a diminuição do tempo que se passa em casa, a diminuição do número de filhos, as escolhas de parceiros, são alguns aspectos que foram analisados).

Por outro lado, retrocessos de lutas históricas estão sendo vividos nesse momento brasileiro. Impossível se torna negarmos que no debate igualdade de gênero, por vezes torna-se

necessário questionar que tipo de igualdade está sendo tratado, as necessidades de discussões de classe, gênero, etnias, fatores culturais, diversidade dentro da própria categoria mulher, enfim, uma (des)igualdade efetiva⁵⁹ que se desvelam no dia a dia.

Outro ponto relevante são as iniciativas que certamente impactarão negativamente as mulheres, principalmente as brasileiras! Estatutos barram, rejeitam e retrocedem nas conquistas que estavam ocorrendo: o Estatuto da família PL 6583/2013, PL 478/2007, a criminalização do aborto, a perda no debate sobre a participação mínima de 30% de participação das mulheres na política, a total ausência de representação feminina nos cargos políticos que demarcam a questão de relações de poder que tem permeado a (de)limitação dos papéis da mulher no Brasil de modo a também impactar o mundo.

Ao identificar evidências de soluções que possam vir dar suporte nas discussões sobre as Metas do Desenvolvimento do Milênio, também conhecidas como Sustainable Development Goals (SDGs), pela Organização das Nações Unidas a partir das ações desenvolvidas pelas mulheres em assentamentos rurais.

Desta forma ambiciono contribuir com o avanço da construção social, política e ambiental sobre mulheres rurais e suas lutas cotidianas para desenvolverem formas de sustentabilidade socioeconômica e socioambiental em suas vidas cotidianas. As mulheres têm tido maior participação nas atividades de cunho agroecológico, principalmente nas atividades voltadas a uma transição agroecológica de cunho mais solidário. A esse respeito, Alie Van Der Schaaf (2001) alega sobre a importância da participação e da partilha para o processo de construção de uma mulher que acredita em si, que busca autonomia e consequentemente tem elevação da autoestima, uma vez que

no processo de criação de uma nova identidade feminina, as mulheres conseguiram criar um espaço próprio onde elas se desenvolvem tanto como pessoas, com seus próprios sentimentos, quanto na condição de cidadãs, conscientes de seus direitos. É desenvolvido um espaço onde se incentiva a autonomia pessoal de cada participante, entendida como um tipo de liberdade pessoal com atenção para o próprio ser da mulher, e não, como sempre, unicamente na condição de mãe e esposa, sacrificando sua vida ao esposo e aos filhos (VAN DER SCHAAF, 2001, p.180)

⁵⁹ Desconsiderar as desigualdades efetivas é retrocedermos nos estudos, nas conquistas das mulheres brancas, pretas, pardas, indígenas, rural, assentada, quilombola, ribeirinha, dona de casa, feminista, homossexual, bissexual, transexual, enfim, há um universo de diversidades e especificidades dentro da própria categoria do ser mulher.

Ressalta-se que as mulheres que foram entrevistadas na feira da economia solidária destacaram o aumento da renda familiar via comercialização dos produtos produzidos pelas próprias assentadas, o orgulho pelo reconhecimento da família e da comunidade pelo trabalho, com consequente elevação de autoestima. Como afirma Brandão e Borges (2015), as mulheres sentem-se protagonistas das atividades produtivas, protagonistas na segurança alimentar e na preservação de saberes tradicionais, haja vista que utilizam húmus de minhocas produzidos nos próprios quintais, adubos verdes, compostagens, extratos e sucos de plantas para combater a diminuição de pragas.

Entrelaçar os saberes multidisciplinares de cunho sociológicos, psicológicos, filosóficos e ambientais do cotidiano são prioritários para a discussão sobre interdisciplinaridade construída na inter-relação na construção deste trabalho, na perspectiva de analisar a ação social das mulheres extrativistas-artesãs na lida com a taboa. Assim, avalio as leituras de Thomas e Znaniecki (1920), ao afiançarem que Weber define a sociologia como uma ciência que tenta compreender de modo interpretativo a ação social, enquanto conduta humana física, mental e até mesmo ausência de ação e atitudes (psicologia). Contudo, opto pela definição de Thomas e Znaniecki (op. Cit.) ao afirmam que a análise sociológica deve levar em consideração os valores sociais e as atitudes.

Para tanto, registro a seguir as impressões das minhas vivências e encontros em reuniões com mulheres, a fim de subsidiar reflexões sobre as trilhas percorridas durante o construto da tese, com base na abordagem fenomenológica articulada à sociologia do cotidiano e a história oral da pesquisa em ciências humanas e sociais, sobretudo história de vida das mulheres que extraem a taboa (*Typha spp.*).



Fonte: Camila Bomfim (2017).

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 5 - HISTÓRIA DE VIDA DAS MULHERES EXTRATIVISTAS- ARTESÃS E SUAS TRAJETÓRIAS

A primeira visita ao assentamento Santana dos Frades ocorreu no dia 9 de fevereiro de 2017. Fui acompanhada de Sirley, uma das assessoras do NEDET. Ela é natural de Pacatuba e tem vasto conhecimento dos assentamentos e povoados, pois desenvolve trabalhos e projetos com a população da região.

Saindo de Aracaju por volta das 7:30 via BR 101, chegamos em Pacatuba por volta das dez horas. Pegando em direção ao assentamento Santana dos Frades, rodamos por estrada de piçarra, chegando no assentamento Santana dos Frades por volta das 10 h:35min. Ao chegarmos em Pacatuba, solicitei ao motorista que anotasse a quilometragem (92.141km era o valor marcado no velocímetro), e ao chegarmos no assentamento, havíamos rodado 17 km, pois o marcador estava em 92.158 quilômetros rodados. O que dificulta o trajeto é a “estrada caixa de ovos”⁶⁰; a mulher tinha razão. A estrada é esburacada. Aliás, a infraestrutura e esgotamento sanitário básico são dois sérios problemas socioambientais, econômicos e públicos no Brasil.

Fomos em carro próprio e a primeira impressão é a de que nunca chegaríamos ao destino. A segunda, foi a de que eu não saberia ir sozinha. Dias depois, na terceira visita descobri que ir sozinha não seria o problema, mas voltar e acertar o caminho era outra situação de modo que tive como companheira de viagem uma colega do curso. Após chegarmos na cidade de Pacatuba, ainda rodamos por estrada de chão por mais ou menos 40 minutos. Ao chegarmos no assentamento, logo na entrada, há um riacho. Neste riacho, havia crianças brincando, alguns homens conversavam sentado na margem e dois rapazes banhavam um cavalo, bem como a existência de resíduos: garrafas pet, sacos de sabão em pó, plásticos e outros objetos.

⁶⁰ A expressão “estrada caixa de ovos” foi dada por uma mulher, na cidade de Pacatuba, quando paramos para pedir referências sobre como chegar ao assentamento Santana dos Frades, na segunda visita, quando fui sozinha.

Figura 131. Riacho na entrada do Assentamento Santana dos Frades, Pacatuba-SE.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

No primeiro dia, na parte da manhã ficamos no centro de arte de Santana dos Frades. Foi um primeiro contato, dialogamos sobre os objetivos da pesquisa, de onde eu era, e depois cada uma se apresentou. Nesse dia, eu estava acompanhada de Sirley, membro do NEDET, natural de Pacatuba, possui familiares residindo no referido município, conhecedora das dificuldades que se apresentam para os moradores pacatubense, Sirley elabora projetos em parceria com o Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe, e os desenvolvem em diversos pontos da cidade.

Esse fato propiciou um contato com os residentes, em razão do conhecimento que ela tem em quase todos os povoados de Pacatuba. O local de destino era Grupo de Mulheres extrativistas-artesãs de Santana dos Frades que fica logo na entrada do assentamento e que possui como característica: construção simples (figura 22), com quatro janelas altas e duas portas; nas instalações internas, um banheiro, taboa seca e produtos artesanais (nomeadamente bolsas e esteiras). Nas paredes laterais, taboas (*Typha spp.*) secas e em parte uma divisória

construída a partir da taboa, dividindo o espaço de trabalho, assim distribuídos: de um lado o trabalho com a taboa, do outro com as esteiras e ainda um forno e fogão industrial utilizado na confecção de bolos para merenda escolar. O Grupo de Artesãs participam do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)⁶¹.

Figura 214. Associação Comunitária de Artesãs do Assentamento Nossa Senhora de Santana.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Vale lembrar que ter um guia de entrevista foi extraordinário, pois, na entrevista diálogo, o mais importante é mantermos o foco no objetivo geral e deixar o entrevistado o mais relaxado possível (recomenda-se, ter contatos prévios com as pessoas para a obtenção de confiança e melhor familiarização). Em todas as entrevistas diálogos houveram trocas de experiências diversificadas; interações sobre o cotidiano familiar; contato direto com outras pessoas da comunidade⁶².

Com base no registro das histórias de vida por meio da história oral de cada mulher envolvida na extração da taboa, o modo de transformá-la em artes natas ou artesanatos comercializados em feiras promovidas em nível local e estadual, descrevo com apoio nas

⁶¹ Ver páginas 91 nota de rodapé 46 e páginas 153 e 154, em que aparece maiores detalhes sobre a participação do grupo de artesãs do Assentamento Santana dos Frades no PAA.

⁶² Vale ressaltar que devemos estar atentos à linguagem verbal e corporal das pessoas que estão nos ajudando a construir nosso trabalho. Nesse trabalho, adentramos no território memoriais que causam desconforto, é importante deixarmos claro que o entrevistado tem a livre escolha de responder ou não. Se o assunto for importante para o trabalho, é interessante deixar passar algum tempo, antes de voltar a tocar no assunto novamente. Dessa forma, o entrevistado terá um tempo de preparação psicológica para as respostas. Mas, novamente, só responde o que quiser e se quiser.

histórias de vida retratadas mediante a lembrança revivida sob a forma de diálogos foram os pontos mais importantes para a compreensão dos processos encontrados pelas mulheres para permanecerem no assentamento.

5.1 Gênese: a necessidade ressignificando a matéria-prima.

Inicialmente, expus que o objetivo da entrevista diálogo objetiva entender sua trajetória e seu envolvimento com a taboa. As gravações foram realizadas na residência de Dona Iracema⁶³, totalizando quatro gravações-diálogos perfazendo 247 minutos de gravações.

O segundo diálogo com o escopo de realizar uma entrevista mais detalhada sobre os motivos que levaram Dona Iracema a se transformar em uma artesã-mãe, multiplicando seus saberes sobre a *Typha spp.*, ao ressignificar a matéria prima para obras primas⁶⁴.

O primeiro aconteceu no dia 22 de setembro de 2017, cheguei na casa de D. Iracema por volta das 15 horas (já tinha sido apresentada em visitas anteriores ao Assentamento Santana dos Frades). Então, sentamos na varanda de sua casa e solicitei que ela me ajudasse a compreender como a taboa passou a fazer parte da vida das mulheres dos povoados de Pacatuba e, sem sombra de dúvidas, para as comunidades rurais de Sergipe, haja vista que com o apoio de instituições, o Sebrae e o governo municipal, representado pelo importante papel de Faustilene⁶⁵.

A primeira gravação não ficou boa, devido interferências do vento. No entanto, foi um dos mais significativos diálogos com Dona Iracema, pois, estávamos sentadas na varanda que fica em frente à casa dela. O sol estava forte, e o vento também. E assim Dona Iracema foi desvelando suas lembranças...Era assim mesmo no começo...a gente não tinha um lugar certo, então era assim, sentávamos assim, numa varandinha ou onde tivesse sombra... embaixo de uma árvore, e íamos aprendendo a mexer com a taboa...foi muito sofrimento minha irmã...muito

⁶³ Os diálogos foram ouvidos e transcritos dentro da maior margem possível de fidedignidade.

⁶⁴ Nesse diálogo, estavam presentes: o esposo dela, Dona Edenilza (uma das artesãs que sempre me acompanha nas visitas pelos povoados e que se tornou uma companheira de trabalho, contribuindo incisivamente nas explicações sobre o processo da colheita e produção da taboa), Dona Nininha, que sempre acompanha Dona Edenilza e a doutoranda Camila Bomfim de Góis, que sempre me auxilia nas questões tecnológicas e é também responsável por muitas das fotografias que constam na tese e o motorista da Universidade Federal de Sergipe.

⁶⁵ Faustilene Melo é uma assistente social que trabalha com o Município de Pacatuba e região. É um nome recorrente entre as mulheres rurais, no quesito apoio e geração de renda para as comunidades. Após ter defendido a tese, voltei para Pacatuba acompanhando a doutoranda Camila B.G. que trabalha com jovens rurais, e tive a oportunidade de finalmente conhecer a senhora Faustilene. Assim, a autorização para citar o nome foi obtido no dia 16 de maio de 2018.

sofrimento... disse D. Iracema, com os olhos nublados, rememorando os dias que começou a trabalhar com a taboa... Após finalização do diálogo, fomos embora para Aracaju. Não ouvi a gravação tão logo cheguei e dias depois, ao fazê-lo, havia espaços em que somente se ouvia o uivo do vento e nosso diálogo foi abafado. Outros diálogos foram necessários⁶⁶.

Primeiro relato: Dona Iracema – extrativista-artesã da taboa

Iracema dos Santos Lisboa Teixeira⁶⁷, nasceu em 08/08/1962. Natural do povoado Tigre, localizado em Pacatuba. Casada duas vezes. Viúva do primeiro marido, contraiu matrimônio anos depois. Mãe de cinco filhos. Ela conta que o pai era empregado da Serigy há muitos anos, e ele era contra a luta dos posseiros de Santana dos Frades. O pai comprou um pedaço de terra lá no povoado Tigre. Na época da luta pela terra, ele era “[...] pró-fazenda, era errado a luta dos posseiros”, diz Dona Iracema.

O ofício de trabalhadora artesã ela aprendeu com a mãe, que já trabalhava fazendo esteiras a partir do uso da taboa brava (é a (*Typha domingensis pers.*). No entanto, durante o processo de ampliação de saberes da fabricação de esteiras para a confecção de outros tipos de produtos artesanais, ela diz que percebeu que a taboa⁶⁸ brava era muito dura, e ela entendeu que, a outra taboa, era mais mole para se trabalhar.

Figura 23. Dona Iracema, extrativista e artesã-mãe do Grupo de Mulheres Artesãs de Santana dos Frades.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

⁶⁶ Vale ressaltar que por questões metodológicas as entrevista-diálogo foram fios condutores fundamentais para a obtenção dos dados e como o objetivo da tese.

⁶⁷ As entrevistas-diálogos que ocorreram somente foram transcritas as partes selecionadas que respondiam às perguntas referente à construção da tese. Depois de transcritas, foram impressas, e assinadas pelas mulheres, concordando e autorizando o uso.

⁶⁸ Não conseguimos catalogar a espécie da *Typha* utilizada por elas. Pedi auxílio à professora Marlúcia Cruz de Santana, bióloga com mestrado em Botânica e doutorado em produção vegetal e é professora da Universidade Federal de Sergipe, ministrando disciplinas da área de botânica. A espécie foi encaminhada ao Herbário e não houve identificação, pois, a espécie da *Typha* não possui até o momento estrutura reprodutiva e nenhum tipo de flor brotou, desde que iniciei o acompanhamento e idas e vindas ao campo empírico.

A história da extração da taboa se desenrola após a morte do primeiro cônjuge. O esposo faleceu em 1999, ela começou a receber uma pensão e na época, ela ainda morava no povoado Tigre. Dona Iracema relata que o principal fator que a mobilizou foi a situação de pobreza das mulheres e crianças da área em que morava. Relata que pensava:

-Eu ainda tenho o salário que recebo da pensão, mas e elas? De que adianta eu dar um pão se amanhã eles estarão com fome de novo. E completa:

- Eu sempre tive um sonho de ter algo pra mim. Minha profissão, que me ajudasse a criar um trabalho.

Aí um rapaz⁶⁹ disse:

- Iracema *vai* ter uma seleção pra agente de saúde.

Aí eu disse pra ele:

-Eu não sei ler, num estudei.

Nisso ele respondeu:

- Tenha fé, tenha fé!

Mas no dia da seleção eu não fui... óia, vou conta pra senhora, mas não me julgue errado...no dia da seleção eu fui pra Neópolis tirar um dinheiro, aí esqueci do dia... Aí não fiz o concurso pra agente de saúde. Aí depois veio outro rapaz e recebi convite para trabalhar como professora no PETI – Programa de Erradicação de Trabalho Infantil. Aí eu vesti minha melhor roupa, uma calça jeans e uma blusa vermelha (risadas). Passei, mas eu me confiei nos meus filhos para me ajudar, mas eu me esforçava muito, eu sabia que ali não era meu lugar. Aí me perguntei, diz Dona Iracema:

- Como posso trabalhar como professora se não sou tão letrada? Mas o rapaz que me chamou disse que eu podia ir, que tinha condições de trabalhar com as crianças, porque era pra ajudar com os deveres, fazer brincadeiras etc. Aí eu fui em um treinamento lá em Aracaju, lá no Sol Nascente e lá eles falaram que o PETI ficaria cinco anos na cidade e depois de cinco anos ia pra outra cidade. Eles disseram que a gente, enquanto monitoras do PETI, tínhamos que criar alguma coisa para que, quando chegasse o final dos cinco anos, as mães das crianças do PETI tivessem aprendido algo que lhe ajudasse a sobreviver. Aí eu ficava pensando, o que eu posso fazer pra ajudar essas mães e essas crianças? Como eu posso ajudar?

Andréa: A senhora ensinava o que no PETI?

-Ensinava coisa pouca, brincadeiras, coisas pouca. Lá no curso eles ensinaram a gente a fazer a cesta feito de jornal, aí nesse dia eu falei:

- Poxa, do jornal eles fazem uma cesta, porque que eu não posso fazer de taboa? Aí eu fui pra casa de minha mãe, peguei taboa, peguei um balde. Aí meus filhos foram pro colégio e chegavam lá pelas 11 e meia da noite. Aí eu fui tentar fazer essa peça, como a cesta de jornal eu tentei fazer com a taboa. Aí eu só terminei quando deixei pronta, só parei de trabalhar quando deixei pronta. Aí quando eu terminei parecia ter chegado

⁶⁹ Refiro-me ao senhor M. como um rapaz, pois não consegui localizá-lo para pegar autorização para o uso do nome.

uma pessoa na minha casa. Fez uma diferença na minha casa eu senti diferença naquela peça. Aí eu falei assim, vô prova, vô deixa para meus filhos vê.

Andréa: Por que a peça era grande Dona Iracema?

- Não, não... Era desse tamanho assim, (apontando para uma altura de mais ou menos trinta centímetros).

- Aí eu disse: vô prova com os meus filhos. Aí eu deixei meu quarto, e vim para o quarto dos meus filhos. Botei a peça em cima da mesa e me deitei, me enrolei assim né (gesticulou como se estivesse se cobrindo com um lençol, cobrindo cabeça, enrolando o corpo e ficando encolhida na cama). Quando meus filhos chegaram, eles falaram:

- Óia o que mainha fez!

Aí eu disse, completa Dona Edenilza:

- Pronto, já ganhei ponto (risadas). Aí quando foi de manhã, mostrei pra minha cunhada, amostrei pra minha cunhada, aí endoidemo...fiquei magra, seca, fiquei seca... óia, vinha chapéu, vinha bolsa, vinha chinelo, vinha tanta coisa na minha cabeça de noite, e noutro dia era pra fazer e pronto, aí chamei minha nora, e nós trabaemo, trabaemo, mas tudo rústico, cá palha toda, bem rústico, essa trancinha, nós usemo depois de um curso, depois que o Sebrae sôbe, aí chegou lá, aí disse, vô trazê um curso, aí pronto, aí...não, depois falô disso...aí pronto, eu fazia tudo rústico, as frutera, era bolsa, tudo rústico, sem forro, sem nada, aí pronto, fizemô, aí quando pensa que não, aí convidei as mãe dos meninos, dos aluno pra trabalhar, aí as mãe vinha, eu trabalhava duas hora com as mãe e duas hora com os meninos, né? Isso era de manhã pra meio dia e uma hora pra tarde, fazia os dois horários, e assim eu fazia, com a equipe da manhã, fazia duas horas as mães e isso por minha conta.

E eu fazia (pausa), fazia aquele trabalho, e fazia esse trabalho e nós levava pra Pacatuba, aí quando foi no dia...ééé'... aí minha irmã que morava em Japaratuba disse Iracema, aqui tem um órgão de artesanato, e vem, vem traz suas peças pra cá. Aí pronto, não dava pra vende as de cá, e pra fazer outras prá lá, aí eu disse: as que *vai* pra cá ninguém *vai* vende. Até a Faustilene, até hoje é meio assim comigo, porque eu disse que não *vai* vendê. Aí pronto, aí o carro veio pega, falei com a Faustilene tudo que tava fazendo pra apresenta as mães e que mandasse o carro. Ela mandou o carro, foi uma mãe com umas peças, a mãe com umas peças e disse:

- Ói, se fosse pra vender, já tinha vendido!

Aí eu disse:

- Mas não deu pra vendê. Aí na feira foi fantástico na Pacatuba. Ói, todo povo, a banca era assim de gente, ói, que ninguém nunca viu, ninguém nunca viu aquelas coisas.

Andréa:- E ainda não era assim não? Perguntei mostrando um trabalho que estava perto.

- Não era assim, e nem era assim, e nem esse trabalho aqui, só essa trança. Só trabaíava só com essa óia (apontando para o trabalho e explicando como era). No lugar dessa trança, era a taboa, essa assim... e é toda larga, larga assim...e aí pronto, e aí foi fantástico!

-Ói, foi fantástico na Pacatuba, a Prefeita ali, todo mundo ali com chapéu, fiz um cinto e usei o cinto, e o povo procurava se não tinha cinto (risadas), óia nós ficamos tudo doido, né? Tudo assim, nessa banca... e tiraram muito foto, muito foto, foto, foto, tiraram muito foto. Aí quando fui apresentar lá em Japarutuba, aí quando chegô lá as mulheres falaram:

- Minina quem fez? E aquela coisa toda...aí fiz a carteira de artesanato lá no Japarutuba, aí perguntaram:

- Você mora aonde?

Aí eu disse:

- Eu moro aqui, moro aqui porque eu ainda tinha minha casa lá. Aí fico pra nós trabaíá lá...aí disse assim, tudo bem... aí quando foi um dia, chegou a assistente social atrás das peça, veio de Japarutuba pra levar as peças pra São Paulo, foi pra leva pra São Paulo. Minha irmã! (expressão admirada e cheia de orgulho, rindo com as mulheres que estavam na sala acompanhando o diálogo), eu disse assim:

- Ôh meu Deus do Céu! Se vende! Ôh Deus. Aí levô as peça tudinho, levô as bolsa, ainda hoje tem uma listra aí nos meus documentos só por lembrança.

- Dos pedidos? Interroga uma das expectadoras presentes.

- Sim, a listra (lista) das coisas que eu mandei, ela lá pegou aí passô numa foia (folha) né? Passou a listra bem passada. E ainda tem uma lista das coisas que foi vendida. Aí quando, oh meu Deus, aí ela disse, óia eu ligo pra você, aí quando foi um dia, eu estava em Pacatuba, aí ela ligô: Iracema eu vendi tudo! Aí eu (e faz som exclamativo de alegria, e as mulheres riram juntas). Aí eu digo: Meu Deus do Céu vendeu todo! Eu fiquei que só faltô eu faltava o ar! (mais risos). Aí eu vim pra casa. (Pausa). Aí pronto eu tava ensinando. Tava ensinando o PETI.

Aí eu disse pra Faustilene:

- Eu vô pra Japarutuba. Eles me apoiaram e eu vô pra Japarutuba, e seja o que Deus quiser. Eu vô fazê esse trabalho. Aí ela disse:

- Não. Você não *vai* deixar o seu município pra ir pra valorizar outro município. E levar a matéria-prima é daqui e você *vai* fica aqui. Eu vô lhe pagar pra você fica ensinando as mãe. Aí pronto, eu com essa notiça (notícia) pra casa, vim pra casa e falei pra meu filho ficá ensinando as mãe. Aí foi muito trabalho, foi muita coisa. Até meu filho ficou alguns meses ensinando e eu fiquei ensinando as mãe ganhando, diz que ganhando... aí foi, nós passava três meis sem ganha, ôh meu Deus!...

Nesse momento, interrompo a exclamação para questionar quem era Faustilene.

Dona Iracema responde que Faustilene era a assistente social de Pacatuba.

Andréa: - A senhora disse que ficava três meses sem receber salário? E a senhora sobrevivia como?

- Éééh, atrasava minha irmã, atrasava naquela época, era, mas aí, aí eu comecei a chamá as menina todinha, as mãe pra eu ensinar, aí uma vez, um dia, vinha uma, passava outro dia, num vinha ninguém, nenhuma, noutro dia, com três dias, vinha outra diferente. Foi muito esforço, muita lágrima, foi muito esforço mermo (mesmo) né? Então tava desse jeito, uma num dia.

Andréa: Isso lá no Povoado Tigre?

Lá no Tigre, minha casa era apertadinha, foi muito esforço, muito esforço mermo, muito esforço. Nós ficava enquanto tinha sol, nós ficava na calçada; depois que o sol batia, nós entrava pra dentro de casa. Era muito sofrimento. Aí nesse tempo, elas...eu aluguei uma casinha de palha, que tinha lá pertinho de casa, tá até de pé, tá toda quebrado mas tá de pé ainda. Aí eu...ela alugou pra mim ficar com os meninos e ensinar as mãe, aí eu fiquei ensinando as mãe naquela casa; aí numa sexta-feira tava eu ensinando e chegou um homem do Sebrae. Antes disso, teve um chamado pra gente ir expor lá na orla. Aí eu saí com uma das mininas pra gente expor lá. Aí tudo bem. É que teve uma das assistente social que tirou foto e foi lá espalhando fotos por Aracaju. Aí quando não penso, chega um do Sebrae, acho que foi Gilvan, chegô lá e disse que já tinha vindo três veiz pra qui, pra Pacatuba pra chega até eu, mas quando chegava encontrava empecilho e voltava. Mas nesse dia, chegou em Pacatuba e irrompeu Pacatuba e foi batê lá, e procura, procura, aí me encontraro. Aí quando chego lá ele disse pra mim:

- Iracema, agora *vai* mudá. Esse lugar *vai* mudar. E eu digo:

-Oh glória a Deus. *Vai* mudá. Agora *vai* mudá. Esse lugar aqui *vai* mudá. Chama as mulé (mulheres), chama as mulé e você *vai* dar um curso, né, e agora *vai* melhorá. Agora as mulé creio (creram, no sentido de acreditar que o trabalho com a taboa agora daria certo, traria retorno financeiro), viro (viram) o carro e acreditaro. Aí as mãe crero (creram), porque viro o carro né. Aí encheu. Vinte e oito pessoas.

Andréa: Nossa, vinte e oito pessoas Dona Iracema? Todas mulheres ou tinha homens e mulheres?

Risadas das artesãs presentes.

Dona Iracema respondeu:

- Minha irmã, homi aqui não participa não. Acha que isso é coisa pra muié...

Andréa: humm, entendi. Então eram vinte e oito mulheres da comunidade que começaram a trabalhar com a taboa. Foi aqui Dona Iracema? (aqui eu me referia ao Assentamento Santana dos Frades).

Dona Iracema respondeu:

-Não, não. Foi lá no Tigre. Eu mais Marizete, começamo lá no Tigre.

Figura 15. Dona Iracema, a artesão-mãe, colhendo taboa.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Andréa: Isso foi quando Dona Iracema?

- 2001...2002, aí já foi em 2002. Aí pronto, eu conheci uma Marizete lá da Junça. Já tivero (estiveram) lá na Junça, não?

Andréa: Estamos lá no hotel. Mas a gente não conheceu muitas artesãs de lá não, pra gente não misturar as informações, e como eu já havia começado a trabalhar com vocês aqui, e a senhora estava aqui, então optamos em ficar aqui mesmo. E também tem a permissão de todas para gravarmos. Entrei em contato, mas algumas das artesãs não quiserem participar. Então, achei melhor não ir de novo lá.

Dona Iracema diz:

- Mas chegando lá Marizete vai falar, vai dizer quem é eu, vai dizê a mesma coisa. Aí eu levei uma peça pra casa dessa mulher e nós se conhecemo. Aí eu disse do Sebrae e ela disse: Iracema, quando você ir, eu vou. Não! Iracema, ponde eu dô, minha famia também dá! Pode contar comigo! (por onde eu for, minha família também vai). Aí pronto, se juntemo, ela lá na Junça e eu no Tigre. Aí pronto, aí chegô o curso do Sebrae e eu avisei a ela, e ela ia todo dia, todo dia, todo dia, uma mulher que, tem uma associação, lá é bem legalizada, agora lá só tem duas, ela e a fia, acho que treis...já saitudinho, mas as peça dela, se você vê as peças, e não para, não para, que coisas mais linda, ela não para, é todo dia aberto, todo dia aberto. Aí pronto, eu dei o curso, dei o curso quinze dias, duas semanas eu dei o curso.

Pausa... nesse instante Dona Iracema começa a chorar...a recordação do passado, torna o passado presente, e a lembrança e a memória do momento, traz à tona, os sentimentos de dor, angústia, da sensação que tinha de não estar conseguindo sobreviver com renda o suficiente, quanto mais ajudar aquelas mulheres que, por muitas vezes, não tinham o suficiente para alimentar seus filhos. Paramos o diálogo.

Dona Edenilza, uma das artesãs presentes, foi buscar água para Dona Iracema se acalmar. Me sentei ao lado dela e massageei suas costas, conversando com ela, acariciando-a e reafirmado que ela havia vencido, que havia conseguido ajudar tantas outras mulheres e consequentemente, ajudou crianças, famílias e comunidades, ao transmitir o conhecimento, ministrar cursos e partilhar o que havia aprendido.

Andréa: - E veja quanto a senhora ajudou e continua ajudando. A técnica com artesanato utilizando a taboa continua se espalhando...Veja, a senhora começou no Povoado Tigre, depois ensinou a Dona Gicélia, Dona Gicélia trouxe para o Povoado Santaninha, Dona Marizete levou a técnica para o Povoado Junça, e dia 5 de Novembro será inaugurado outro espaço lá no Povoado Piranhas...Veja o quanto a senhora conseguiu...Vamos...Respire...Beba água devagarzinho...isso...quando a senhora estiver pronta, podemos retornar, mas se a senhora quiser parar hoje, podemos parar... Isso, respire fundo... Mais uma vez, isso, tranquila, beba mais um golinho d'água...isso...tranquila, respire fundo...e aos poucos Dona Iracema foi se acalmando.

Josso (2002) escreveu que a narração é orientada pelo que as pessoas pensam ser eventos significativos, impactantes, marcantes em suas vidas como uma forma de compreender como são e muitas vezes, por que são o que são nos dias presentes. Desta forma, essa narrativa da “realidade” constrói-se a partir da narrativa da realidade vivida, sentida e (re) memorada por Dona Iracema.

De acordo com escritos de Josso, será, a partir dos questionamentos que surgirão desta narrativa, imporá nas entrevistadas e nesse caso especificamente em Dona Iracema, a “[...] exigência de uma reflexividade” (JOSSO, 2002, p. 113). Josso referiu-se ao processo de formação dos docentes, mas para esse momento específico, nos auxilia também a compreender que, nem sempre estamos cientes do quanto já conseguimos avançar em nossa vida cotidiana. O choro de Dona Iracema pode representar o quanto ela não tem ciência de suas conquistas...ou então, pode ser que, mesmo tendo sido uma situação passada, a memória, quando relembrada, se torna novamente presente... Nesse sentido, as angústias, a incerteza do amanhã, as dificuldades do ontem se tornam novamente presentes no aqui e agora.

- Vamos continuar, disse ela.

E assim recomeçamos o diálogo.

- Foi muito sofrimento. Quando o rapaz me pagou do Sebrae, eu paguei uma menina, paguei uma pessoa pra cortar taboa, o dinheiro meu, o dinheiro meu, mas eu paguei pra cortar taboa pra nós forma uma firma. Assim, fomo trabaíá. E ali foi...e ali trabaíano...e ali... aí quando foi no, no...Depois do meu curso, aí veio o rapaiz do Sebrae pra dá, pra fazê assim, aí foi que essa fibra, essa fibra nós tira da taboa da parte da água (demonstrando a parte da *Typha spp.* que fica imersa na água), essa fibra da parte que tem água, essa fibra ficava lá, ficava no... ficava...eu num usava, ficava lá, ficava na lagoa dentro da água...Quando foi no curso, eu tive a ideia (e nesse momento Dona Iracema muda o tom de voz, para um tom mais baixinho e macio e expressão mais leve e sonhadora).

- ói, isso aqui pode aproveita... aí eu aqui já comecei a trazer da agua pra cá, aí seca elas fica tudo vermeinha (vermelhinha), (mostrando a corda e a fibra da taboa que ela começou a aproveitar), fica tudo... por que essa aqui...essa aqui...aqui fica tudo vermeinha.

- Aí no curso que o rapaz veio pra ensiná a gente, aí já fizemos assim ói, dentro daquele curso mermo já tivemo a ideia de fazê a corda. Aí eles ensinô as alça, ensinô botá o forro né? Que não fazia cum isso, fazia tudo rústica, aí pronto, aí ensino fazê as alça com forro tudinho. Aí pronto, pense! Óii..cada umas bolsa bunita, bunita, você num pode nem imaginá as bolsa as bolsa que tem! Né? Que aqui a gente num faíz que nem as minina da Junça, Né? A gente num faíz... E aí se voltou para Dona Edenilza e Dona Nininha que estava presente na sala.

- Fala a verdade né? Como as minina da Junça a gente num faíz.

E então ela se volta novamente para mim e continua:

- E aí pronto. Aí levou as bolsa tudinho. E aí pronto...e daí vamô criá uma associação, e em 2003 aí formô a associação. Aí tivemo curso de ...de...ahhh, ah, ééé...(risada e diz para Dona Edenilza e Dona Nininha:

-Me ajude (e elas riem juntas).

Pergunto: Foi o Sebrae que ajudou na criação da associação?

- Foi o Sebrae! Foi o Sebrae que fez toda a divulgação...né? Pacatuba nunca foi a nível nacional, depois desse artesanato. É! Pacatuba foi a nível nacional depois desse artesanato. Aqui Pacatuba ficou histórica...Pacatuba tem história por causa desse artesanato! Então, aí foi onde criou a Associação né? Aí tivémo muito curso, muito curso. E meu filho mais velho sempre assistino, meu filho mais velho sempre assistino...ele era acho que dezoito anos, dezessete ano parece, rapaizinho miudinho, novinho, piqueno, ele começô na associação, ele sempre lá, na reunião do Sebrae ele sempre lá, sempre lá, sempre lá, sempre lá; Aí pronto, vamô forma a associação, aí formamô. Eu nunca quis ser presidenta não, sô agora, sô agora (riso envergonhado) presidenta não (mais riso baixinho) aí pronto. Aí é, aí meu filho sempre olhano, olhano, assistino, assistino, e os movimento da gente, e os home que

chegava, ói, só sei que de gente que já chegô lá minha irmã, ói, é de muito lugar...muito lugar... aí pronto, aí saiu o cd pra Ana Maria Braga, saiu pra Ana Maria saiu tudinho, a casa arrumemo as bolsa tudinho assim (gesticulou com os braços, como se estivesse revendo a arrumação), tudo lá, que nós tinha trabalhado, trabalhado tudo. E aí saiu pra Maria Braga o CD e aí foi que teve a divulgação. Aí em 2003 expandiu, aí expandiu...

Andrea:- 2003? Pergunto. E Dona Iracema responde:

- Sim, 2003.

Andréa: - 13 ou 3? -3. 2003. É... responde Dona Edenilza.

Aí pronto, aí chegô, meu filho já foi pra muitos lugares, muitos lugares, muitos lugares, é. Minha irmã ...já foi pra Rio de Janeiro, ando de metro lá né minha irmã, já foi de avião, eu já fui pra Salvador, Rio de Janeiro já fui uma semana...

Levando as bolsas? Pergunto. Voltou com alguma? E Dona Iracema responde:

- Essas menina aqui são prova, aqui são prova né? (risadas de todas). São Paulo, ói, pá todo lugar nós já fomo. Já fomo vender. Já dei curso em vários lugares. Forras, conhece forras? Ela pergunta.

Andréa:- Não, nunca ouvi falar.

- Forras é lá no interior de Tobias Barreto. Lá pra dentro de Tobias Barreto, Forras... Lá também tem taboa? Indago.

-Têm umas lagoinha que tem. Tem pouca.

-E quem é que contrata pra fazer o curso? Essa menina foi da prefeitura.

- Foi da prefeitura de Tobias Barreto.

Andréa: - Mas além da prefeitura, tem mais gente, mais outros órgãos que contratam a senhora para dar curso?

- ah, isso já teve, já passou, já passou. Teve o Sebrae e teve o Banco do Brasil com outros órgãos lá, é...mais o Sebrae, o Sebrae já me levou pra muitos lugar dando curso.

E eles pagavam? Pergunto.

- Pagavam, pagavam, ela responde. E continua:

- E então... e então...e aí pronto, aí fizêmo é... o Banco do Brasil doou uma van, aí tinha que fazer o galpão, aí nós fizêmo o galpão, é... ói, tem muito

parceiro aí...se a senhora ver... meu filho é quem sabe, mas tem muito parceiro aí.

E onde está essa van? Pergunto.

Dona Iracema:

- Essa van tá no conserto (risadas).

- Foi em 2003? 2003 começou o curso, quando foi a doação da van? Pergunto.

- Não, 2003 os curso já tinha começado. 2003 já foi a divulgação do meu trabalho. A van acho que foi...hummm...num sei...2003, 2004, 2005...2004 pra 2005 mais ou menos por aí.

- E essa van é pra levar vocês pras feiras, essas coisas? Pergunto.

- Era...é. É pra levar a gente pras feira.

- E aí, teve, aí pronto, só entregava a van se tivesse galpão. Aí fizemos as parcerias.

O galpão fica aonde?

- O galpão fica lá perto da minha casa. Eu dei o terreno pra fazer a associação, pra fazer o galpão, a sede da associação. Esse salão, esse galpão era pequeno, aí foi demolido, aí fizemo outro plano. Agora é uma...vocês passa por lá.

-Aonde é? Pergunta Camila.

Andréa: -Qual é? É aquele da Petrobrás? Onde fica o que foi construído pela Petrobras? Aquela cor terra? Então eu sei aonde é. É aquele que passamos em frente Camila. Aquele que mostrei o telhado construído com material reciclado. Lá no Povoado Tigre, nunca entrei, mas é lá né...

Camila: - Ah, tá. Então sei onde é.

Dona Iracema: - E pronto...aí, e formemo a associação, fiquemo nessa luta e tamo nessa luta. E até hoje né? Confirmo. É, até hoje, até hoje, confirma Dona Iracema.

Andréa: - E de lá prá cá, como a senhora trouxe o artesanato para o Povoado Santaninha, especificamente prá cá, o Assentamento Santana dos Frades?

Dona Iracema: - Uma mulhé, uma mulhé que eu morava lá no Tigre, eu morava lá no meu lugar e ela morava aqui. Aí ela foi com uma amiga conhecida minha, aí eu ensinei a ela e ela trouxe pra qui, pras meninas.

Andréa: Qual o nome dela Dona Iracema?

- Gizélia. Ela responde.

Andréa: Ela ainda está viva Dona Iracema.

- Tá. Tah. Aí eu ensinei e ela trouxe pra qui.

Andréa: Ah não foi a senhora quem ensinou pra meninas daqui? Quem trouxe o artesanato com a taboa pra cá não foi?

- Não. Eu depois eu vim dá o curso, mas quem começou foi Gizélia.

Nesse momento, Dona Edenilza interrompe e diz:

-ihhh, eu disse que foi a senhora numa outra entrevista (e todas riram) e completou: teve tanto tempo já...

E Dona Iracema concordou:

- Foi. Foi Gizélia quem trouxe pra qui.

Andréa: - E ela está trabalhando com a taboa até hoje? A Dona Gizélia?

Dona Edenilza responde:

- Acho que não. Mas a filha dela, a filha trabalha

Andréa: - A filha dela é daqui do Assentamento Santana dos Frades também? E ela não faz parte da associação?

Dona Iracema:

- Não, não. Assim, ela faz parte do individual agora. Logo no começo ela se juntou a nós, mas como ela tem família e filha pequena ela preferiu trabalhar em casa mesmo.

Andréa: Dona Iracema, logo no começo a senhora falou sobre a carteira de artesã. Todas vocês têm a carteira? Pra que serve a carteira de artesã?

Dona Edenilza diz:

- Uma vez eu fiz, mas nunca recebeu.

Dona Iracema:

- Por falar nisso, tenho que fazer a carteira, a minha já venceu

Andréa: Para que que serve a carteira de artesã? (36:37.80) min da gravação (elas se olham e começam a dar risadas). E Dona Edenilza responde:

- Pra falar a verdade, não sei pra o que serve não.

Dona Nininha balança a cabeça concordando e ri de novo. Nesse momento, Dona Iracema diz:

- É documento de artesã. Sem ele a gente não prova que tem profissão de trabalhá com artesanato e não pode se apresenta.

- É pra apresentar nos locais como confirmação da profissão de artesã. Pergunto, confirmando se entendi a resposta. E ela confirma com a cabeça.

Andréa: - E como é? Tem que renovar e pagar todo ano? Pergunto.

- Né todo ano não. Afirmo Dona Iracema.

Dona Edenilza diz:

- Acho que é de dois em dois anos. Quem sabe é Maria José. Ela tem a dela certinho.

Dona Iracema diz:

- E já tá vencida da gente que já veio lá pra gente. Não sei pra quando é.

Andréa: -Deixa só eu confirmar com a senhora Dona Iracema. Então a senhora me disse que aprendeu a trabalhar com a taboa com sua mãe, certo?

- Isso, com a minha mãe. Ela fazia esteira, ela respondeu.

Andréa: - Ah, então a parte que tem o brilho bonito é só a que está mergulhada na água é?

- é, é, é... faz os balde assim pra botá ropa, os balde, e quando não lixeira e esteira...

- Faz esteira mesmo...completa Dona Edenilza.

- É faz esteira. Confirma D. Iracema.

- E ao contrário se fazê só peça, corta ela e deixa o resto.

Andréa: E aí aproveita esse resto em que?

Dona Iracema:

- É... a maioria em nada.

- Tava falando pra ela do miolo, que pra nós não serve o miolo, acrescenta Dona Edenilza.
- Oi? Interroga Dona Iracema.
- O miolo, qué qui nós joga, diz Dona Iracema.
- Ah sim. Novinha, porque é novinha... é é o o (Dona Iracema). É que a gente descacha ela toda, né? Aí fica o miolo, diz Dona Iracema.

Andréa: – Miolo é o centro né? Aquele branquinho que parece um palmito lá embaixo. É esse que o pessoal utiliza na culinária, pra fazer comida. O pessoal tem estudos que afirmam que alguns locais têm utilizado essa parte da taboa tanto pra fazer farinha, quanto pra fazer palmito, como pra outros pratos na culinária, pra fazer comida, e até pra usar em salada.

Nesse momento, as mulheres se entreolharam desconfiadas e riram. Dona Edenilza rindo, encolhe os ombros e diz:

- Ela fala né! E Dona Iracema ri ainda mais.
- Soube agora, acrescenta rindo Dona Iracema.

Andréa: - É. E utilizam parte da taboa como auxílio no processo de limpeza do esgotamento sanitário, em que a taboa (*Typha spp.*) filtra os agentes poluidores, atuando na limpeza da água, filtrando grande parte das toxinas presentes na água. Hum, quero dizer, sabe quando a gente polui usando produtos como detergente, sabão em pó, água sanitária, esgoto de vaso sanitário e daí a gente despeja tudo numa fossa ou até direto no rio, sabe? Então, isso é um exemplo que a gente chama de agente poluidor, aí pegamos a taboa, essa mesma que vocês usam para o artesanato, plantamos em partes das áreas ou lagoas de tratamento, e ela ajuda a limpar a água antes dela ser devolvida pro rio ou mar.

-Ahhh, tá. Entendi então o que você disse. Diz D. Iracema e todas riem. Se você tá dizendo né?

Andréa: - tem muitos estudos interessantes pro uso dessa planta. Outro estudo interessante é de usarem a taboa como vermífugo em caprinos, remédio de verme pras cabras e bodes. E todas riram. Acho que funciona também com gente, já que o pequenininho da vizinha lá do centro de artesanato como é saudável né?

- Minha netinha também come, e todas riram.
- E ela também tá bem?
- Tá meio adoentada esse dias, mais é pelo tempo. Mas ela não fica doente não, diz D. Ivanda.

Andréa: - que bom que ela é saudável também. Então acho que a taboa mantém as crianças fortes né? E elas riram e dona Edenilza diz:

- A gente não come ela não.

Andréa: Sabia que tem também pesquisas sendo feitas a respeito do uso da taboa como biocombustível. Assim como encontramos relatos da taboa estar presente na vida dos homens desde muito tempo atrás. Relatos de tribos indígenas que já utilizavam a taboa como farinha, a raiz sendo seca e triturada e transformada em alimentos, mingaus, bolos, etc., assim como no artesanato. Mas, não tenho certeza de qual o tipo exato da taboa, então, antes da gente consumir e transformar em salada, (risos), primeiro temos que pesquisar mais para sabermos se, essa espécie de taboa que vocês usam também pode ser comestível. Então, antes da gente comer, vamos primeiro conferir os resultados.

- Comer a gente sabe que dá, porque Caio come taboa o tempo todo (risadas novamente) e nunca fico doente, disse Dona Edenilza.

Andréa: Bem, mas voltando ao nosso diálogo, a senhora disse que o artesanato aqui no Assentamento Santana dos Frades veio pra cá com Dona Gizélia, é isso? E hoje é a filha dela quem trabalha com a taboa, certo? Mas me diga, na vida da senhora, o que mudou a partir do momento que a senhora começou a trabalhar com a taboa?

- Ahhh minha irmã, eu já... melhorou bastante, eu já peguei muito dinheiro, muito dinheiro. O povoado mudou, porque através do artesanato é que veio vários projeto, e meu filho ele é que nem eu, corre atrás, óia ô povo, tem aquele coração sabe? Pô povo, pá fazê, pá fazê, pá ajuda, pá fazê o bem, então...então fez...é... muita coisa, fez...é o projeto de moradia, as casas, essas casa do governo, de apicultor, apicultor que o Sebrae veio e disse, então as mulhé fica nas taboa e os home fica na apicultura. Aí ficaram e trabafaram com abeia, R\$50,00 (cinquenta reais) um quilo de pólen, ainda tem alguns que trabalha.

Isso aí foi aonde? No Tigre?

Dona Iracema:

- No Tigre. E junto com...é...mas agora, num sei o que é, parece que tão parando, não sei se é o tempo, ou se é a fase, parece que tão parando agora...

Andrea: Isso foi seu filho sozinho ou com orientação do Sebrae? E quem acionou o Sebrae?

Rapaiz, num sei...acho que...acho que mais ou menos foi seu Ildo, um professor, ...um professor de...se não me engano, um professor de Ponta dos Mangue, Seu Ildo, chamado seu Ildo. Ele era professor aí na Pacatuba, e aí como viu essas pessoa, ele falaro. Acho que, do professor por foto, foto que essa mulher veio e levo, essa mulhé

que veio no dia da festa e levô, e divulgo lá pra Aracaju e o Sebrae virô lá e viêrô (viram e vieram). Foi dessas duas pessoa.

Ahhh, entendi. Eu fui convidada pra i pra um projeto Peac, um projeto Peac também é parceria de lá. Esse Peac é o de Educação Ambiental? Pergunto. É verdade! Ela responde. É esse Peac mesmo, da Petrobrás. A senhora já participou dele?

Quando tava começando, pelo menos nessa área, a primeira convidada foi eu. Quando começô foi eu; eu e um rapaz, Pedro, daí do Tigre. Eu trabaiava com artesanato já e ele com tartaruga no mar. Aí pronto, foi nós dois. Depois eu saí e meu filho ficô. Meu filho ficô e até hoje participa das reuniões.

O Peac foi importante pra senhora? Ajudou em que?

-Ajudou na construção do galpão. Foi a causa de nós construí esse galpão.

Dona Iracema, me diga como a senhora se sente em relação ao fato da senhora ver seu trabalho frutificando e conseguindo ajudar na comunidade? Nesse momento, Dona Edenilza diz:

-Faz muita diferença... melhorou né? Ajudou a gente e ajuda né? A gente recebe R\$100,00, R\$200,00. Já é uma festa né? Diz dona Iracema rindo.

E como é que a senhora se sente ouvindo esses relatos Dona Iracema?

-Ah minha irmã, eu agora, eu eu não ligo mais não...mais no início...nesse momento. Dona Edenilza e Dona Nininha riem e Dona Iracema exclama: Óia!

E todas riem.

- É. Não ligo mais não. Óia, eu dizia: Meu Deus do céu...quando eu, eu, eu vô fala isso:
- Era um sonho meu deu vê uma bolsa numa loja. Era um sonho um sonho meu deu vê uma bolsa minha numa loja. Mise...Óia...era, era um sonho vê uma bolsa minha numa loja, era aquele sonho deu vê uma peça minha na loja, mas agora eu vejo tudo e e e...aí quando ia pra feira eu fazia questão de sabe cada um o quanto ganhava, eu fazia questão de sabe o quanto elas ganhava, era meu maior prazer sabe quanto elas ganhava, e eu muito feliz e agora não, mas agora não...(rindo diz que está velha) agora já passou tudo, eu já tô velha...(Mais risadas).

Andréa: - Ah, mas ainda não tá não, ainda tem tanto tempo pra gente viver, pra senhora ainda passar, ainda vê tanta gente melhorando de vida graças ao que a senhora começou. Com o sonho de ver a comunidade melhorar, ainda comunidade melhorar... a comunidade Tigre que

a senhora queria melhorar, realmente melhorou. As mulheres que a senhora via ficar atrás de alimento, realmente conseguiram criar seus filhos e muitas ainda estão lá, fazendo a vida a partir do artesanato da taboa.

Dona Iracema responde:

- Óia, é verdade. óia lá ninguém tinha direito, elas num tinha direito. Tinha uma Giane que lá, que ficava assim, acho que ela ainda hoje lembra, ela uma vez pegou em R\$200,00 e ficou como quem ficou sonhando, sonhando que num...caquele dinheiro.
- Falei pra ela irmã, que aqui a mulhé, realmente, num tem atitude assim... de trabaia fixo. Disse Dona Edenilza.
- E nós num tem dispesa pra trabaia, completa Dona Nininha...
- aí falei pra ela né, que se existisse uma cooperativa que a gente tivesse nosso dinheiro, nosso salário né? Disse Dona Edenilza.
- Aí Dona Nininha completou...
- muitas não trabalham porque diz que trabaia hoje pra recebê quanto pra quando tivé feira pra vende, mas a gente não tá parando, tá trabaiaando...
- É. Lá beneficiou muita gente. Tanto elas cortam taboa pra vende as menina, tanto elas faz a corda pra vende, ela beneficiou muita gente, beneficiou muita gente lá no Tigre. E coisa essas meninas lá do Junça Só que ela chora, tem aquele choradeiro... Marizete, fica perto da oficina, ooo, fica perto da onde a senhora tá...é...

- Ahhh sim, fica perto de onde estamos, realmente. Uma das meninas do hotel mencionou. Mas optamos em manter o foco aqui com a senhora e as meninas de Santana dos Frades, porque se encaixam dentro dos critérios que estabelecemos.

- Entendi. Elas vendem por aí, por Propriá, Pacatuba, tem um ponto lá na Orla, elas põe lá na orla. Todas pode bota na orla, esclareceu Dona Iracema.

Andréa: Ahhh, o da orla é um ponto fixo é?

D. Iracema diz: - É

Andréa: Todo fim de semana? Toda semana? Todos os dias? Como é?

Dona Edenilza diz;

- É. É todos os dias. Agora as meninas tão indo, acho que pra ir duas veiz por meis.

Andréa: E fica aonde lá na orla?

- Óia, num sei não. Agora, as minina sabe. Lá do Junça a Josinete, a Marizete...acho que é aquele perto do oceano ali? (“acho que Dona Edenilza quis dizer próximo ao Oceanário de Aracaju”).

Camila: - Será que é aquele centro de Artesanato, ou Centro do Turista lá? Que tem as lojinhas? Se for todo dia, deve ser ele, disse ela. Nisso Dona Iracema completa:

- Num sei... Semana passada minha nora recebeu R\$1000,00 (mil reais).

-Foi mesmo? Pergunta espantada dona Edenilza.

- Óia meninas, eu disse para as outras que estavam na sala.

Dona Iracema diz:

- É... dá dinheiro. É. E lá o dinheiro entra na conta, e elas é só tira o dinheiro. Agora elas paga vinte ou trinta por cento agora.
- Com expressão de surpresa, Dona Edenilza exclama:
- Não é 10%? Era 10%!

- Era. Mas agora é mais, agora acho que é mais, disse Dona Iracema.

- Ahhh, mas pode ser 20% né? Disse Dona Edenilza.

Andréa: - E vai dois dias. Dois dias por mês para levar mercadoria?

- É...

Andréa: - Pronto. Digo eu. E tirando esse dinheiro, a senhora recebe mais algum tipo de dinheiro?

- Não.

Andréa: - Recebe algum auxílio do governo?

Nada, nada. Nunca recebi. Não. Nunca recebi, nunca...nenhum tipo de ajuda.

Andréa: - Pronto, Dona Iracema. Terminamos. Houve em algum momento, ou houve alguma pergunta que a senhora sentiu desconforto, ou que pensou em não responder?

-Não, não.

Andréa: - Então posso publicar nosso diálogo? A senhora permite que eu transcreva nosso diálogo? (55:47.80 se encontra a autorização de Dona Iracema para publicação da entrevista).

- Pode, pode sim. Num teve isso não...problema nenhum não. Só não gravar, diz Dona Edenilza entre risos.

Nisso ela completa, só não gravar né? Porque tô assim, óóó.

Apontando para a roupa e cabelos.

Replico, explicando que antes de terminarmos, precisamos de uma fotografia⁷⁰

Dona Iracema exclama com expressão brincalhona:

- Aí meu pai! Exclama com expressão engraçada. E completa: - É pra pentear o cabelo é?

E todas riem; nisso Dona Edenilza diz:

- Repare! Tem uma foto que ela disse que tô linda, e precisa ver só irmã...Todas continuam rindo e digo:

- Repare! A foto está linda. Vou trazer para vocês verem. Mais risos. Paro e aperto o Stop do gravador no celular. Salvo a entrevista. E continuamos a conversar sobre amenidades.

Cheguei na associação do Grupo de Artesãs e encontrei apenas Dona Maria José e Dona Sorriso colocando preços, etiquetas e encaixotando o material produzido. Após cumprimentá-las perguntei aonde iriam.

Dona Maria José responde:

⁷⁰ As imagens fotográficas das crianças menores de 18 anos foram autorizadas a partir do seguinte procedimento: a) as fotos do menino foram tiradas durante os diálogos que ocorreram na sede do Centro de Artesanato do Assentamento Santana dos Frades; b) as fotos da Menina, foram tiradas durante o diálogo que ocorria com Dona Nininha, embaixo de um frondoso pé de manga. c) após solicitar permissão oral para tirar as fotografias, estas foram selecionadas e impressas em papel A4, em preto e branco. Nesse estava a solicitação do uso das imagens impressas, e autorização por escrito dos responsáveis pelas crianças; d) foi explicado aos responsáveis que somente seriam utilizadas aquelas fotos que estavam ali impressas. Caso eu sentisse necessidade de utilizar alguma outra foto, eu procederia a impressão desta, e outra autorização seria necessário. Mas que eu me comprometia a não utilizar nenhuma foto, tanto das crianças quanto delas, sem autorização prévia. O mesmo procedimento foi utilizado em relação aos diálogos.

- Vamos participar da Feira de Reforma Agrária que vai começar dia 5,6 e 7 de outubro 2017, na Praça da Catedral lá na Aracaju.

Como irão? Pergunto.

- Um carro da prefeitura virá buscar a gente e as caixas, explicou Dona Maria José.

Andréa: - Ahhh tá. Então desejo boa sorte e boas vendas. E onde estão Dona Edenilza e as outras?

- Hoje é dia da galinhada. Ela mais outras devem estar na casa de Iracema.

Andréa: - Dia da galinhada? O que é isso?

- O dono de um mercado traz galinhas e elas entregam as galinhas limpas no final da tarde. Vão de cedinho até tarde.

Andréa: - Irei pra lá então, boa sorte na feira, desejo que voltem sem nenhum produto e com muita renda.

- Com a benção de Deus, assim será, respondeu Dona Maria José.

Quando parei com o transporte da Universidade, Dona Iracema se aproximou toda envergonhada e disse:

- Mulher, hoje não é dia bom para você vir não. Você não avisou e a gente tá toda suja...

Andréa: - - Que nada. Nem se preocupe. A senhora está bem? E Dona Edenilza está aqui com a senhora? Nisso vem Dona Edenilza toda envergonhada e falando:

- Dona mocinha, a gente hoje não tá preparada pra você não.

Ri e respondi:

-Oxe mulher, e precisa disso comigo é? Deixe de coisa, todo dia é igual, e todo trabalho é trabalho, então porque ter vergonha?

E D. Edenilza responde:

- Mas a gente tá tudo suja...

Andréa: - Que nada. Deixe de coisa que não sou de vidro não, respondi rindo. Vamos entrar que não quero atrapalhar vocês. Continuem o que estavam fazendo para não se atrasarem

eu soube que o rapaz vem buscar logo as galinhas... Eu soube que hoje é o dia das depenadas né? - Depenadas? E elas riem e Dona Edenilza diz:

- Não Mocinha, é dia da galinhada, não depenada, respondeu Dona Edenilza rindo.

Andréa: - ahhh tá. (mais risadas). Então vamos, posso ficar com vocês aqui?

Dona Iracema responde:

- Vamos entrando então, a gente tá ali no quintal.

Enquanto caminhávamos em direção ao quintal, pergunto:

-Dona Iracema, eu gostaria de refazer nosso diálogo porque a gravação não ficou boa. Pode ser? Mas eu espero a senhora acabar, não se preocupe. E serão as mesmas perguntas sobre como a senhora iniciou o processo de produção de produtos artesanais com a taboa, então não precisa ficar nervosa, ok? E ela responde balançando a cabeça e falando:

- Mas pode demorar.

Andréa: - - não tem problema não. Posso ajudar aqui? E elas riem e dizem:

-Não, não. Senta ali (apontando para uma cadeira embaixo de um pé de árvore). Dei bom dia para todas as mulheres presentes, falei com o esposo de Dona Iracema.

O motorista da UFS que nos acompanhava chegou, cumprimentou todos e sentou numa cadeira próxima ao esposo de Dona Iracema. O trabalho com as galinhas envolve as mulheres uma vez por semana. Uma das mulheres pegava a galinha que estavam presas num cercado no quintal. Um galinheiro improvisado. O esposo de dona Iracema degolava-as e pendurava-as de cabeça para baixo em um tronco. Embaixo havia uma balde para recolher o sangue. Quando a galinha parava de se debater, uma mulher pegava a galinha e mergulhava-a em água fervente, que estava em um caldeirão. O caldeirão estava em cima de um fogão a lenha improvisado em um canto do quintal, e próximo a uma torneira para facilitar o manuseio. A galinha era mergulhada em água fervente e aí, em uma mesa, duas mulheres depenavam-na e em seguida passava p outra que cuidava de “sapecar” a galinha para retirar as penas que sobravam e em seguida, cuidava dos pés. Depois outra já ia abrindo a galinha e retirando e separando os miúdos.

Segundo Relato: Dona Edenilza (Gandi)

Figura 25. Dona Edenilza, carinhosamente chamada de Gandi.



Dona Edenilza nascida 16 de junho de 1978 “[...] acho que eu nasci em 88, não, não em 78 acho...mas não tenho muita certeza da data certa. Quer que eu pegue minha identidade?”. Nasci no Assentamento Lagoa Grande. Casou-se aos 15 anos. Tenho três filhos, mas sou mãe de cinco. A primeira nasceu de 8 meses, viveu 8 dias e morreu. A segunda, nasceu de 9 meses, mas nasceu morta. Duas meninas seguidas... Ai eu comecei a fazer tratamento lá em Japarutuba. Casou com 15 e tem 26 anos de casada. ... mora com o esposo mais três filhos homens (19 anos, 17 e 14 anos). (o filho de 19 anos, viajou no dia 8 de outubro de 2017 para Santa Catarina, a procura de emprego. Sorridente, simpática, amável e acolhedora, Dona Gandi nos encanta a cada novo encontro.

Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Dona Edenilza trouxe a importância da geração de renda, pois o companheiro está desempregado há quatro anos e eles sobrevivem do recebimento de uma bolsa família (R\$197,00), da renda do Defeso e da produção de subsistência do espaço que lhes pertence. Atualmente, o valor que recebe quando consegue vender um produto do artesanato tem grande valia para ela.

Ela relata que gostava muito do tempo que tinha para dedicar-se ao grupo e ao artesanato, e que quando estavam trabalhando juntas “era muito bom”. Van der Schaaf, em seu livro *jeito de mulher rural* afirma a importância do processo de agrupamento e reunião, pois ocorre o fortalecimento e empoderamento das que participam. Cita-se:

Todo processo de participação tem como resultado uma autoestima mais elevada das integrantes, as quais aprendem que podem contribuir com ideias para o funcionamento do grupo, pois todas possuem – ao menos formalmente – o mesmo direito de decisão. O poder de decisão e o “ser alguém” contrastam com a identidade dessas mulheres na vida diária, de mães e esposas acostumadas a atuar pelo bem da família, sem direito a respeito e poder de decisão (SCHAAF, 2001, p. 180-181).

Como já citado anteriormente, houve a divisão do grupo. Inicialmente vinte e seis mulheres faziam parte da Grupo das Mulheres extrativistas-artesãs de Santana dos Frades de artesãs, mas agora apenas seis delas estão indo. Das seis, houve outra subdivisão, e elas basicamente agora trabalham em dupla. Dona Edenilza trabalha com Dona Iracema e Dona Ivanda, Dona Iracema está a ensinar um grupo de jovens em sua casa e, ocasionalmente, trabalho com Dona Iracema e Dona Ivanda. Dona Maria José com Dona Ana Cleide. Jaleane é a vizinha que está sempre presente junto com seu filhinho Caio, nascido em 2016. Este vive comendo taboa, conforme figura 26. Mas não é só ele, as crianças do assentamento parecem apreciar o sabor adocicado da planta. Na figura abaixo, temos Caio, de camisa azul sentado perto de Dona Nininha e Dona Jaleane. Abaixo e centralizada encontra-se uma imagem de Dona Ivanda e a netinha Ariele e mais ao fundo podemos ver mais uma criança sentada. As duas comem a parte esbranquiçada da taboa desde pequenos e nunca ficaram doente, segundo relata D. Ivanda. A figura do lado esquerdo é o menino de uma vizinha de Dona Ivanda também consumindo Taboa. (ver entrevista com Dona Ivanda na página 193 para maiores aprofundamentos sobre o hábito das crianças ingerirem *Typha spp.*)

Figura 26.Taboas do tempo: uso da taboa como planta alimentícia não convencional.



Fonte: Andréa Carvalho, 2017.

Iniciando o diálogo expliquei que gostaria de utilizar nossa conversa em atividade de pesquisa, artigos e trabalhos, e que, para tanto, eu necessitava de autorização da entrevista.

Expliquei que eu gostaria de saber significados que a taboa tinha na vida dela. Saber como foi o envolvimento dela com a taboa, como ela começou, com quem aprendeu, e se houve mudanças na vida dela. Ela respondeu:

-Eu queria autorizar, mas não sei nem falar e realmente...né? Gravar essas coisas aí... tem pergunta aí que a senhora... tem pergunta que não sei nem o sentido... aí fico aí à toa, não sei o que responder...

Então, considerando o posicionamento de Dona Gandi, estabelecemos que eu faria as perguntas, e ela escolheria ou não as responder. Se houvesse alguma pergunta que ela considerasse intrusiva, abusiva ou que não queira responder, podia ficar bem à vontade para proceder conforme achasse correto. Iniciei perguntando por qual nome gostaria de ser chamada. O nome de batismo ou a alcunha. Ela disse tanto faz, mas que na entrevista prefere ser chamada de Dona Edenilza.

Quem iniciou o trabalho artesanal com a taboa foi a Dona Iracema lá no povoado Tigre. Mas, quem trouxe aqui pra Santana dos Frades foi Gizélia. Ela achou bonito lá, e trouxe pra cá; quando ela chegou aqui, aí juntou um grupo de mulheres...quando houve o ajuntamento, o Sebrae se interessou e ofereceu um curso (a esse respeito, Dona Iracema elucida que foi um professor que trabalhava com ela no PETI quem falou pra uma outra pessoa e essa pessoa se mobilizou e contatou o SEBRAE

As mulheres viram tudo sendo organizado pelo Sebrae, tudo bonito, aí se interessaram e vieram fazer o curso. O Sebrae ofereceu o curso pra gente aprender a colocar o preço no produto. Depois a gente participou de uma feira lá em Japarutuba, e foi o maior sucesso; depois chamaram a gente para uma feira que tem lá na orla, o prefeito ajeitou pra gente ir, e arrumou uma casa pra gente ficar. Longe que só...quando acabava a feira, a gente saía por volta de meia noite e ia caminhando, caminhando muito para chegar na casa. Mas, agora disseram que quando a gente for, a gente que tem que arrumar lugar pra ficar. E agora piorou ainda mais, porque vai ser por sorteio, ou por seleção, não sei bem....

Tem dois anos que a gente foi para São Paulo, depois outra feira no Estado de Minas, em Belo Horizonte, vendemos tudo, voltamos sem nada. Lá a gente ficava em barracas montadas nos parques".

O filho de Dona Iracema, Domingos ajudou muito. Hoje ele é vereador. Ele sempre ajudou muito a gente, desde que era novinho. Ele era presidente da Associação de Artesãs que fica lá no Tigre. Hoje (outubro de 2017), ele não pode porque é deputado, então Dona Iracema é a presidente. O posto de saúde está em reforma. Antes da reforma o médico vinha duas vezes por semana, mas agora vem só uma. tem o box da Reforma Agrária lá no mercado do Augusto Franco, antes a gente deixava as coisas lá, mas hoje não levamos).

Atualmente, o valor que recebe quando consegue vender um produto do artesanato tem grande valia para ela. No entanto, ela destaca que, ultimamente, vem produzindo pouco e quando produz o faz em parceria com outra companheira, do que no Grupo das Mulheres

extrativistas-artesãs de Santana dos Frades em si, haja vista que ela precisa cuidar dos afazeres domésticos e como são quatro homens, ela arca com muita coisa sozinha, o que ocupa grande parte do dia a dia e, conseqüentemente, não tem conseguido estar na Grupo das Mulheres extrativistas-artesãs de Santana dos Frades nos horários estabelecidos por alguns colegas, e então, quando ela consegue chegar, encontra “olhares aborrecidos e expressões de desagrado”(sic).

Ela explica que ninguém da família dela participou da luta pela terra.

Nóis não invadimos, aí quem invadiu ganhou muita terra, mas os pais eram funcionários da empresa e o INCRA doou o lote para construção da casa. “[...]A maioria tudinho, foi o INCRA tudinho que ajudou a construir tudinho” (sic). Eu tinha de dois pra três anos quando vim morar pra aqui. Eu vim novinha pra cá. Saí de lá engatinhando, minha mãe veio morar com esse senhor. Ele já era mais de idade. Aí depois minha mãe ficou com casa.

Dona Edenilza trouxe a importância da geração de renda, pois o companheiro está desempregado há quatro anos e eles sobrevivem do recebimento de uma bolsa família (R\$197,00) e da produção de subsistência que ocorre no espaço que lhes pertence, além de diversos trabalhos que os dois se envolvem diariamente. A profissão do esposo é de lavrador. Antes ele estava trabalhando no interior de São Paulo, no corte da cana. Depois trabalhou em uma empresa como encanador.

Pergunto: Como a senhora começou a se envolver com a taboa?

Eu conheci através da Dona Iracema, que ela trouxe. Ela veio morar pra qui com o marido, com o esposo dela, que ele realmente era daqui. E aqui ela já tinha passado esse ensinamento para as mulhé...aí depois disso, Normélia, um monte de mulher tomou conta desse trabalho, a Maria José mesmo, e muitas outras mulheres mais né? mas quando ela viu que isso num tinha futuro, muitas caiu fora, aí só ficou nós cinco. Maria José, Ivanda... realmente só quem trabalha é nós.

Porque a senhora disse que “quando viu que isso não tinha futuro?”

- é, porque, elas qué trabalhá, e no mesmo tempo, né, vamo dizê: no sábado vamô vende né? Tê aquele dinheiro do custo de vida, aí nada, num tem né? A pessoa trabalha, trabalha, num vê dinheiro nenhum, realmente desanima.

Pergunto sobre a participação em feiras, feiras de artesanato em Aracaju, aí vocês vão lá pra vender, se conseguir vender não é retorno?

Olha, de conseguir vender, acho que vende, o problema é que nós não tem condições de ficar lá e cá, porque, realmente, é uma renda pouca né? É uma bolsa de cinquenta real, uma bolsa de trinta, então se eu tive só duas ou três bolsas, aí só tem aquele dinheiro, pra gastar em transporte, aí ninguém quer ir...

Hummm, entendi, o problema então no caso é o transporte né?

- É, e as mulher também trabalha pra botá na orla, né? A Maria José mesmo, como ela trabalha elas duas em grupo, ela tem muito material né, que ela trabalha ali diretamente, e ela coloca na orla. Aí com um mês ou dois mês, ela vai, passa o cartão e tem dinheiro na conta, conforme o que vendeu lá.

Sei...E como é que funciona? Deixar o material lá na Orla? Ela deixa o material lá e conforme for vendendo eles vão depositando? - É isso mesmo. E ela deixa lá nas mãos de quem?

- Tem pessoas que trabalha pra isso mesmo. Tem pessoa que já toma conta lá na orla. Já tem esses trabalhador que, acho que ganha 10 por cento do que vende. A senhora não esteve na orla ainda? Já aqui, as mulher quando vão pra feira e levam material, tiram 20% (sic).

Entendi. Então, Dona Gandi, a senhora começou a aprender com Dona Iracema, foi isso mesmo? Assim, desde o começo, Dona Iracema passou a vocês o processo de corte da taboa, para poder produzir para o próximo ano?

Óia, já foi através de Dona Iracema, dar essa instrução a gente, aí a gente mesmo fomos ne? O grupo mesmo, a gente mesmo já sabia né o trabaio que era, cortar ela e não deixar sujeira lá dentro da água, porque tem gente que corta toda, vamos dizer, corta ela e corta a ponta, aí vai ficar aquele palheiro (acumulo do resíduo da ponta da taboa que não é utilizado pelas artesãs) lá dentro. Então, irmã Iracema não recomenda que faça isso. Corte, mas traga ela pra fora inteira, toda pra cortar fora, aquela bagunça não vai ficar dentro da água, porque ali também, recua também a cobra né? Aqueles ninhos, aquelas palhas secas, e num é bom e com certeza vai ficar um monte de ninho nas taboa seca e elas não vai ter como crescer, como reproduzir, brotar de novo. Aí ela recomenda que corte a taboa, mas que corte fora. Ela não recomende que corte dentro, a ponta. (sic).

Vocês fazem o corte da taboa sempre nos mesmos locais todos os anos, ou vocês mudam de local porque as vezes no local que cortou já não tem mais plantas? Pergunto.

- Óia, ela é uma planta que cresce rapidamente. Assim que a gente faz o corte ela já começa a brotar de novo, ela não morre, todo o ano, se a gente quiser ir cortar lá de novo, pode ir. Vamo dizer, hummm, a gente tirou essa semana, aí não vai mais ali, já vai em local mais perto, mas no próximo ano, já pode ir.

Entendi. E o lote da coleta da Taboa, os locais que vocês cortam, essas áreas alagadas pertencem a quem? Realmente pertencem aos donos (aos donos dos lotes? Pergunto rindo) e ela completa:

- é, é, e também eles não se importam, eles não brigam porque é um material que não tem consumo de nada, não tem futuro, mas é como se diz, quando a gente tira que deixa lá “os gado tava muendo” então se eles viesse te esse estudo de que serve pra alimentação, com certeza eles ia, né, prevenir pra alimentação dos gado dele mesmo. E eles não brigam, não, nenhum local aí é proibido, não, eles permitem a entrada, porque é bom até pra lagoa né, tirá aquele enchimento daquela planta porque ela não para (sic).

Vocês fazem o corte da taboa sempre nos mesmos locais, ou vocês mudam de local pôr no local que cortou já não tem mais no próximo ano?

- óia, ela é uma planta que nasce rapidamente, nasce rapidamente. Nós corta, ela vai brotar, ela num morre. Todo ano se a gente for praquele lugar, vai! Vamô dizê, a gente tirou ali essa semana, na próxima semana já vai noutro local, e próximo ano já vai tá nascido de novo, realmente, de ano em ano, vamô dizê, já tá pronta pra recolher ela de novo. Ela é um material bom mesmo.

Dona Edenilza disse que o pessoal da Petrobras que ministrava curso perguntou se elas teriam material suficiente para dar conta de pedidos. Elas responderam que teriam sim capacidade para aceitar encomendas/ pedidos, porque toda a região de Pacatuba tem área alagada com taboa.

- Todo local tem material da taboa, então é uma coisa que não se acaba, não se acaba né, só assim, nos estamos no inverno, vai entrar o verão, nós temos que se preparar agora, nós tem que armazenar a taboa, vamô dizê, prepara enquanto tem. porque tem local que a gente nem chega a tira, de tanto que tem. tem lugar. Ela madruce⁷¹, no inverno ela tá madruceno então tá cheio, cheio d'água, e tem lugar até que nós margulha (mergulha) pra cortar lá embaixo.

Andréa: - Entendi. E a senhora me diz que vocês têm que mergulhar para coletar a taboa, correto? No dia que eu estava nós nos encontramos com aquela cobrinha, aquela era pequeninha, e o que mais a senhora já encontrou, além daquela cobra? Podemos observar o dia supracitado na figura 27. A cobra estava na árvore em que as artesãs-extrativistas da taboa colocaram as sacolas com roupas para vestirem após mergulharem nas lagoas e áreas alagadas.

⁷¹ Madruceno – amadurecendo,

Figura 27. Desafios cotidianos: no meio da jornada tinha uma cobra, tinha uma cobra no meio do jornada.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

- óia, éééé, realmente eu só encontrei cobra, aquela realmente foi novinha e foi fora, e umas que fica bem grandona enroscada na taboa, nós aqui saí na carrera, mas realmente é muito arriscado, já pensou cobra na taboa? A gente fica sem saber pra onde vai.

E o lote que vocês cortam a taboa? Os locais que vocês cortam? As areas alagadas pertencem a quem?

Realmente pertence ao dono do lote (risadas). E também eles não se importam, não brigam, porque é um material que não tem consumo de nada, eles acham que não tem futuro né? Vamos dizê isso...Mas é como se diz, até o miolo que a gente tava colhendo lá, lá na lagoa, os gado tava mueno, então se vinhesse tê, tivesse esse estudo que serve pra gado, pra alimentação, com certeza eles iam prevenir para alimentação dos gado deles mesmo, e eles não brigam, nenhum local é proibido, porque também é bom pra lagoa, porque ela não para, ela não para, a tendência é ela tomar conta da lagoa... (sic).

- Qual motivo a levou a trabalhar com a taboa?

É... o motivo foi que a gente num tinha outro custo de vida, outro trabalho, então antes desse eu trabaia na trança, na trança e no talo. Fazia risca o talo pra fazer vassoura, aí nós já vendia. Vamô dizê: fazia cinquenta vassoura, cinquenta molhinho de vassoura, a 50 centavos uma. Aí ele põe o pau na vassoura e já vende mais caro, três a cinco reais. (sic).

- E a vassoura era de que? - De palha, de palha do curizero. E a trança? Também?

A trança também. Do olho do curizero. E ele nunca morre, sempre que a gente tira um olhinho, vem outro, vai colocar outro olho, nunca morre o curizeiro. Tem pessoas que tira tudo, assim, por talo, vai tirar todo a palha né? E também não é bom porque *vai* ter sempre quem vai precisar dele né? Num é bom matar dessa forma. Tire um olho, tire duas, mas não tire todas, senão ele vai morrer. Só que aqui as pessoas faz porque acha que tem de muntão né, por onde a senhora anda aí, tem curizero, aí eles acha que não tem problema... (sic).

Andrea: - Mas, qual a orientação que vocês receberam? –

Dona Edenilza:

- É pra tira duas, treis, mas não tira todo. E é pra tirar um olho, porque se tirar os dois aí mata.

Andréa: - A senhora, além da renda das vendas do artesanato, tem alguma outra renda?

Dona Edenilza:

- O bolsa família, recebo a bolsa família.

Andréa: - E o bolsa família é importante pra senhora?

- é muito, porque sem essa renda da bolsa família como é que a gente faria? Já ajuda muito, porque se, realmente não fosse esse, já ajuda muito. Pra alimentação, pras crianças, comprar um remédio né. Com o marido desempregado, sem eu ter nada né? O bolsa família ajuda, ajuda bastante. (sic).

Além da renda do bolsa família, a senhora recebe outra renda de onde?

- Além do bolsa família? Dona Edenilza pergunta. Aí responde:
- Só se for da roça, só se for da roça (2x) Nós já planta pra alimentação mesmo. né? porque nós não vende assim.

Certo, entendi. E a taboa Dona Edenilza? Como a taboa contribui?

Contribui também, ajuda muito a taboa, quem esses cem reais (risadas) oxente, já ajuda muito. Com esse já vou comprar material da taboa, e se caso sobrar, vou comprar uma roupinha pra mim, um chinelo pra mim né? Tô precisando (risos). Mas quando a gente recebe um dinheirinho a mais da taboa, já serve até né, R\$50,00 (cinquenta reais) a gente já compra de alimento, cumida pra cumê, já ajuda muito. (sic).

Dona Edenilza, se a senhora vir outras mulheres passando dificuldades, a senhoria as chamaria para se juntar a vocês no trabalho com a taboa?

- A gente já chamou. Eram muitas no começo. E agora a gente chama mais elas não vai. Elas não vai, ninguém qué ta ali sentada no chão. Elas acha que não tem futuro

né? Não tem futuro, né? Então, mais, é isso mesmo, é uma questão de gosto (acredito que seja gosto), vamo dizê, de força de vontade, um material tão lindo né? (sic).

Andréa: - Verdade, é lindo, é muito lindo.

- Mas aqui mesmo o pessoal não dá valor. Quem dá valor é a senhora, vamô dizê, o povo de fora, mas os daqui de dentro não dá. Por isso elas num se ajunta a nós. Acho que elas pensam, vou trabalhar seis meis (6 meses) ali sentada, pá daqui a uns seis meis que vai tê feira, aí que vô te um centavo do trabalho, aí hoje pra quem não tem nada, né? Abaixa o tom de voz como se estivesse imitando um pensamento: Vô trabaíá e vô passa seis meis dentro sem pega nada...aí muita muié num vem. (sic).

E o seu esposo Dona Edenilza, a senhora disse que passa seis meses para receber, e ele não fala nada a respeito disso?

- Num realmente ele num fala não, as vezes ele fala, ói, a casa tá bagunçada, aí eu digo, ói, eu tô trabalhando, eu falo isso e ele nunca brigô.

Andréa: - Ele ajuda a senhora a cuidar da casa? E ela responde com olhar vago, olhando para o horizonte, as vezes colocando as mãos no colo, às vezes, o olhar se perdia no horizonte.

- Quando eu tô viajando, (e enfatiza novamente: quando eu tô viajando) encontro tudo arrumadinho, tem até comida feita, ele ajuda as vezes eu ia e passava o dia todo com o grupo, e ele fazia tudo, fazia o que dava pra fazê, e aí ia pro trabalho, quando eu chegava tinha até comida feita. Ele ajudava, ele ajudava, mas tem marido que não ajuda não. Não dá valor ao trabaíó da mulhé, acha que a mulher não trabalha em nada né (sic).

Cada momento da entrevista me carrega para o momento que, embora passado, se torna presente: a primeira caminhada, o cuidado das mulheres para comigo, a oferta de chapéu, a oferta de água fresca, o copo. Depois o calor, o ambiente que é desconhecido e como as pessoas da comunidade ficam curiosas e olhando de longe quando chega um carro estranho.

A areia é acinzentada, uma mistura de terreno arenoso que parece uma divisa entre área de praia. Chegamos na área da coleta por volta de 11:30 da manhã. O dia estava claro e ensolarado, e D. Edenilza me disse que, se o dia estivesse nublado ou fechado, não iríamos.

- Por qual motivo não podemos ir Dona Edenilza? Pergunto.

- Por que quando o dia está fechado, dificulta a nossa visão quando entramos na água. Quando o dia está claro, ele reflete e se tiver algum bicho, podemos ver de longe e manter distância. Também quando ficamos dentro da água, se estiver frio, a gente não aguenta, as juntas ficam doendo. Ontem mesmo, a gente encontrou marimbondos. Irmã Iracema enxotou derrubando a casa na água. Corremos e esperamos, quando foram embora, entramos” (DONA EDENILZA, DIA 3/10/17).

- E aquela situação que encontramos do fio de eletricidade exposto na água dona Edenilza? Acontece sempre? (Ver figura 28).

Dona Edenilza:

- Não é sempre não. Di veiz em quando a gente se depara com um susto, mais num é sempre não Dona Mocinha. Mas aquilo foi a primeira veiz. Alí deve ser algum morador que precisava né? Mas a gente já se deparo com bichos, as veiz a gente ouve alguém conta e as veiz é com a gente. Uma vez tocaro fogo na mata, lá no Tigre, lá perto do terreno que nós foi aquele dia. Lembra?

- Os das dunas? Pergunto.

-Não, não, do outro lado. Lá perto dos donde tinha a cobra.

Andréa: - Ahh. Sim, sei qual é.

- Pois foi lá dona Mocinha. Os animais que num morrerô tiverô que corre pra água. Então a gente ia busca taboa e encontrava eles lá. Aí a gente ia pra outro canto. Mais a gente sempre tem os bichos lá. A gente tenta num perturba eles.

Andréa: - além dos bichos, quais outras situações que lhes dão problema. Dona Edenilza ri. E fala:

- As veiz a gente corta, traz o que dá pra trazer e deixa o resto pra depois. Mais quando a gente volta lá, já levarô.

- Sério Dona Edenilza? Mas não são todas conhecidas?

- Ah, mas você sabe como é o homi né dona Mocinha.

Figura 16. Desafios cotidianos: risco de choque elétrico.



E aquela situação que encontramos do fio de eletricidade exposto na água dona Edenilza? Acontece sempre?

Foi a primeira vez, mas também a água fica no terreno dela né, acho que fica no terreno daquela mulher vizinha e como não tinha água né, lá não tem encanação, não tem lugar rico como aqui não, aquelas lagoas a água é salitrada.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Terceiro relato: Dona Gizélia

Dona Gizélia me foi apresentada por Dona Edenilza e Dona Maria José. Dona Gizélia dos Santos, foi a discípula direta de Dona Iracema. Foi ela, juntamente com Maria Normélia dos Santos que iniciaram o movimento de chamar e transmitir a cultura da taboa, desde o corte até a finalização dos produtos⁷².

Figura 29. Dona Gizélia transmitindo conhecimentos de geração a geração.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Atualmente (2017), ela não participa tanto quanto antes do grupo de artesãs. Ela explica que tem muitas varizes e não consegue ficar sentada, seja em cadeira ou no chão. “se eu me sentar no chão, aí é que dói, eu quero mais é fica caminhando pra riba e pra baixo do que passar o dia sentada...problema é esse” (sic). Apresento-lhes Dona Gizélia.

Inicialmente, olhares desconfiados, mas com o passar do tempo, ela foi se mostrando, tal qual um fenômeno que se desvela. Mulher com muitas experiências de vida, muitas sofridas e muitas alegres. Mãe de muitos filhos, a taboa foi um dos principais meios de sobrevivência

⁷² A autorização se encontra a 01 minuto do início da gravação.

dela e da família. Para ela, a taboa foi essencial na sobrevivência. As esteiras construídas a partir da taboa foram seu esteio e seu ponto de apoio. Ela já trabalhava com a taboa, saber esse que foi passado pela comunidade. O que inovou a partir de Dona Iracema foram os produtos produzidos, pois, antes eram mais rústicos e maiores; sem muitos detalhes. Dona Iracema trouxe novas possibilidades, ampliando a maneira de se trabalhar, afinando mais os fios, fazendo objetos mais delicados: um vaso, um cinto, uma carteira...

Perguntei: - Dona Gizélia, as meninas sempre se referem à senhora e à Dona Iracema como as mães mestras que as ensinaram a arte da taboa. Com quem a senhora aprendeu? E ela me respondeu:

Eu trabalhava com esteiras, aí Iracema começou a inventar uns chapéus pra fazer brinquedo. Aí irmã dela começou a trabalhar aqui, e me chamou: Gizélia vamô fazê bolsas? Aí nós feiz. Aí nos saiu arremedando, nós acertava, não acertava. Aí foi tempo que Normélia por conhecimento também formou um grupo. Aí eu comecei a trabalhar aqui com as meninas e trabalhava lá com as meninas de lá (povoado Tigre), entendeu? Aí Normélia foi, pediu, já tinha associação aqui, pediu pra fazer um galpão.

Mas como já falei, se tivesse um lugar, se tivesse uma exposição certa pra gente todo mês entrega, recebe o que tá lá, entrega como uma feira fixa ou como fosse, mas não tem. Aí aqui, se a gente passa a semana aqui, não tem como sobreviver. Tem que pesca, tem que ir pra roça, tem que fazer uma coisa, fazer outra, e aí foi se espaiano, se espaiano e só se torna elas duas.

Eu tenho uma menina que trabalha em casa (com taboa), a maioria trabalha, as outras três trabalham, mas trabalham mais em casa, porque não tem como ficar aqui diretamente, se a gente passasse o mês todo e quando fosse o final do mês te aquela certeza de que a gente teria aquela quantidade de dinheiro, seja lá quanto for, é bom né não Nininha?

Pergunto: - Quanto seria a média de dinheiro para poder se dedicar?

Dona Gizélia: - Pelo meno, pelo meno, no máximo que caísse pelo meno duzentos e cinquenta real seria suficiente né não Nininha?

- Pra cada uma? Pergunto.

Dona Gizélia: - Pra cada uma, responde ela. E completa: Porque eu memo, eu sou viúva, eu tenho que trabalhar na roça, tenho que tomar conta de um porco, tenho que tomar conta de uma casa, aí não posso ficar aqui diretamente.

- E a senhora não recebe nada de INSS? Pergunto.

Dona Gizélia: - Agora eu recebo, agora eu tô aposentada, mas na época não. Então a senhora recebe o salário mínimo então? É. Agora eu tô aposentada, recebo. Mas mesmo assim, mas eu parei de trabalhar um pouco, até pra deixar pra elas.

Nesse momento, Dona Nininha diz que Dona Gizélia já sofreu e já trabalhou muito, porque criou todos os filhos sem pai. Ela teve 18 filhos.

Pergunto:

- Quantos filhos? 18 filhos?

- Tive 18, mas criei 15. Responde Dona Gizélia.

- Desculpe a pergunta, mas quantos anos a senhora tem Dona Gizélia?

-Tenho 57, nasci em 1960, 24 de São João. (risos).

Mas, não consegui entender o motivo dos risos. em algo a ver com o fato de ser a época do santo casamenteiro, justificando a quantidade de filhos? Ela completa:

Nasci em Alagoas, me criei em no Poção, porque minha família é natural de Potão e mi casei com um rapaz do Tigre depois enviei e vim morar aqui. Com quinze anos fui mãe. Uma menina, ela está lá na casa de farinha.

Por que a gente é assim, é aquela correria, num tem como a gente tá falando, se tivesse pelo menos R\$250,00, R\$300,00 – (duzentos e cinquenta, trezentos), pra dizê ói, vocês vão ficar disponível pra trabalhar o mês todo, eu tenho certeza que teria muita gente que vem, mas num tem. Porque tem que pesca, o dinheiro, a bolsa escola não dá pra fazer a feira de mês a mês, então tem pesca, tem que fazê alguma coisa por fora pra arrumá o que come. Arrumar o que comer (ela repete) É. O problema tá aqui.

- Ahhh, Entendi. Mas veja Dona Gizélia, a senhora falando e a impressão que tenho é que só as mulheres é quem tem que fazer tudo.

- Hummm, os homens é mesmo que nada, diz Dona Nininha e elas riem. Aí Dona Gizélia completa:

- minha irmaaã, metade dos homens daqui só Jesus na causa.

Eles vão pescar também?

- Quando quer. Diz dona Nininha baixinho, mas conseguimos ouvir. Então Dona Gizélia diz:

- Quando quer minha irmã, a gente é que tem que se rebolar, porque se não se rebola a casa caí. Eu já tô acostumada, fiquei viúva com trinta e seis anos.

Uma voz que não consegui identificar diz que eles ficam em casa. Perguntei:

- Pra cuidar dos filhos? (risadas).

Então, acredito que a resposta seja negativa. Pergunto para Dona Gizélia:

- Morreu de que seu esposo?

- Quando casei com ele, ele já era bem velho.

- Ah, já tinha idade bem avançada? Mas ele é o pai de seus filhos?

- De quinze.

-Só três de pai diferente? Então, mesmo velhinho tiveram quinze filhos?

Nesse momento, uma das artesãs diz ao fundo:

- Se eu tivesse esse número de filho, eu teria pelo menos nove maridos diferentes (risos).

- E os meus filhos criou sem pai e são tudo criado, criou sem pai e são tudo bem-educado.

Entendi...espero elas conversarem mais um pouco sobre o processo de tingimento e pergunto novamente:

- Dona Gizélia, a senhora disse que criou seus quinze filhos. A taboa ajudou?

- Ajudou, ajudou bastante. Inda mais, mais, mais na parte da esteira. Dona Gizélia diz.

Pergunto:

- A esteira a senhora vendia bastante? E ela responde:

- É, a esteira tem mais vendagem do que a própria bolsa.

-A esteira é utilizada em que?

- Pra dormir, pra colchão, pra levar pra praia, até de lazer minha fia...um monte de coisa (fala de Dona Nininha). E Dona Gizélia completa:

-Eu criei meus filhos fazendo isso.

-E tapete? Faz?

- Dá um trabalho da gota...um tapete de 2 metro a gente leva quase dois meis trabalhando...e depois tem que colocar o acabamento, a sianinha (explica Dona Nininha). Dona Gizélia completa: eu chamo de zig zag (risos).

Aí elas começaram a falar sobre a produção do tapete, o dia na feira e como cada uma sabe quem fez pelo tipo de trabalho, é possível identificar o trabalho uma da outra, por causa da costura do zíper, da cor do tingimento, da forma com que se faz a cordinha etc.

Figura 170. Dona Gizélia carregando taboa seca para desenvolver artesanato.



Fonte: Acervo Pessoal de Carvalho, (2017)

Figura 18. Tranças de taboa tingida e caldeirão utilizado para tingir a taboa.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Quarto relato: Dona Maria José

Figura 32. Dona Maria José: liderança e comprometimento.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Explicando a diferença na venda dos produtos comparado com os povoados Tigre, Junça e Piranhas, Dona Moça diz:

- Lá sempre teve mais veiz, porque lá passa muito mais carro, passa turistas porque faz parte da pista, e agora ainda *vai* ser asfaltado, é beira de praia, ponta de mangue é praia, e a gente fica aqui mais recuado (sic).

Dona Gizélia complementa:

- É, aqui não tem movimento de carro, só daqui mesmo.

Andréa: - E se vocês levarem os produtos artesanais pra lá? Porque a associação de artesanato fica no povoado Tigre/Junça (limite de um povoado com outro).

- Assim, nós nunca tentou não, diz Dona Moça. - Lá não dá não. Porque uma vez teve um curso, não sei...foi tu Moça que foi comigo? (sic)

“-Foi. A gente foi e chegemo lá a gente viu pouca vontade, pouca força de vontade” (sic).

Andréa: - Como assim, pouca força de vontade? Em dividir ou trabalhar?

Dona Maria José responde:

-Em dividir. Porque mandaram a gente pra lá, pra dividir o modo de trabaio de cada grupo, porque a gente aqui trabalha de um jeito e eles trabalha de outro, aí era pra gente no caso ensina de um pro outro, mas a gente viu pouca vontade, pouco interesse, aí também...(sic); ela encolhe os ombros e dá a entender que também não fez mais questão, deixou pra lá)

Essa situação de desconforto individual e sentimento de exclusão também foi relatado nos estudos de Siliprandi (2015), ao descrever que as mulheres relataram o sentimento de desconforto individual em relação a alguma situação que elas consideravam como injusta. A esse respeito a autora elucida que esse sentimento nem sempre é entendido como parte de questões mais gerais, que dizem respeito às formas de organização da sociedade. Pois, “[...] essa passagem do individual para o geral sempre foi mediada pela participação em um coletivo, um grupo, onde os problemas começaram a ser vistos de outra perspectiva” (SILIPRANDI, 2015, p.212).

Uma explicação dada por um dos membros da associação de artesão do povoado Tigre foi a de que elas não acham justo as meninas do povoado Santana dos Frades não serem sócias efetivas (não pagam o valor mensal que as outras pagam), “[...] mas que quando tem que ir pra feira, aí elas trazem o material para ser vendido” (sic). O que elas estão cobrando é que as artesãs de Santana dos Frades participem da reunião mensal que ocorre todo primeiro sábado de cada mês e que contribuam com a taxa de R\$5,00 (cinco reais).

Por outro lado, as artesãs de Santana dos Frades justificam a distância como um dos principais empecilhos e uma afirma que quando foi para a reunião, não tinha ninguém lá. Coincidentemente, me mobilizei para ir para uma das reuniões na Associação de Artesãs do povoado Tigre, e ao chegar lá e perguntar sobre a reunião, a presidenta da associação não havia programado nenhuma. A pergunta foi: e hoje é o primeiro sábado do mês? Respondi que sim e ela ficou toda desconfortável, coçou o couro cabeludo e baixou o olhar. Então, mudei de assunto para evitar maiores constrangimentos.

Andréa: - Entendi. É pra levar as bolsas e deixar lá pra ser vendida?

Dona Maria José diz:

- Eu acho que mesmo assim, se fosse pra botar as bolsas lá eu acho que não dá (sic).

Andréa: - e quanto tempo diário a senhora dedica a trabalhar com a taboa?

Dona Maria Jose:

“aqui mesmo a gente vem pra qui pra trabalhar. Mas aqui, quem vem direto, direto, só eu e ela (Dona Nininha). Nós só não vem quando a gente viaja, mas no dia que a gente não viaja, a gente ta todo dia aqui. Ontem mesmo, eu trabalhei mais ela (Dona Nininha). E quando foi de tarde fui ajudar mãe arrancar mandioca. Aí eu fui ajudar mais ela. Mas ela veio, sozinha, ela tava aqui sozinha. Quando eu cheguei mais tarde depois de minha mãe ela já tava aqui (referindo-se a Dona Nininha)”. (sic).

Pergunto: - Quando não tem a venda da taboa, de onde vocês tiram a renda?

- Da roça, da pesca, a gente recebe uma vez por ano auxílio da pesca (defeso), o bolsa família, a gente participa do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) só que agora tem 4 pessoas no projeto, aí fica fazendo rodízio. Então a gente agora não tem mais tanto pedido. (sic).

Siliprandi e Cintrão (2006) elaboraram uma pesquisa de avaliação sobre a participação das mulheres rurais no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), criado em 2003 pelo governo federal, como parte do Programa Fome Zero. De acordo com Siliprandi e Cintrão (2011), por meio do PAA podem ser adquiridos alimentos diretamente de agricultores familiar e suas organizações, grupos, cooperativas, com dispensa do processo de licitação, desde que estes alimentos sejam destinados a instituições sociais (hospitais, entidades assistenciais, instituições escolares e para pessoas em situação de “insegurança alimentar e nutricional” que recebem cestas de alimentos.

Elucidam as autoras que os objetivos do PAA, são: a) incentivar a produção de alimentos na agricultura familiar; b) contribuir para o acesso aos alimentos em quantidade, qualidade e regularidade pelas populações em situação de insegurança alimentar e nutricional, assim como contribuir com a formação de estoques alimentar e que para

participar do PAA homens e mulheres agricultores familiar, pescadores artesanais, silvicultores, extrativistas, indígenas, membros agricultores assentados. Para participar do programa é preciso estar enquadrado nos critérios do Programa Nacional de Fortalecimento à agricultura Familiar (PRONAF), através da apresentação da Declaração de Aptidão (DAP) ao PRONAF. A DAP foi criada em 2003, pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) para identificar os agricultores e agricultoras familiar que poderiam ter acesso aos créditos de investimento e custeio no âmbito do PRONAF (SILIPRANDI; CINTRÃO, 2011, p.15)

Andréa: - Como é a divisão do recebimento do bolo?

- A gente deixa uma parte pra quando tiver o próximo pedido a gente ter condições de fazer, guarda o dinheiro da energia, e também se a gente precisar de alguma coisa. É comunitário, mas com as bolsas a gente não faz mais isso. A gente comprou o forno, aí todas nós nos reunimos e fazemos o bolo pra entregar.

O pagamento, assim que a gente entrega o bolo, a gente *vai* pra Propriá, aí tira nota fiscal e entrega pra ele, logo o dinheiro entra na conta. Como o bolo a gente trabalha no coletivo, a gente reparte.

Das bolsas a gente antes deixava, mas agora cada qual vende o seu. (sic).

Figura 19. Dona Maria, e a flor construída a partir da fibra da taboa.



A organização em grupos produtivos é uma das formas que as mulheres rurais têm encontrado para fortalecer suas capacidades e ao mesmo tempo diminuir as dificuldades encontradas no processo de comercialização de seus produtos. Siliprandi e Cintrão (2011) destacam que muitos grupos começam a união propondo potencializar atividades que normalmente já faziam em seu cotidiano, a exemplo do artesanato, como é o caso das mulheres artesãs que trabalham com a taboa, com a palha do Ouricuri etc., ou como Dona Maria José que utilizando seus conhecimentos e saberes, transforma a taboa em linha e faz flores de crochê.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Andréa: - Porque a senhora acha que as pessoas deixaram de trabalhar com a taboa, ou de vir aqui pro centro?

- Aqui mesmo é o sentido. As pessoas que mais que produza hoje e venda amanhã, mas aqui não é assim. Aí depois *vai* desdexando, não tá gostando, não entra dinheiro logo, aí *vai...vai* né? Num tem sentido.

Quando começou aqui era um bocadinho de mulhé, (acrescenta Dona Sorriso)

- Quando começou aqui era uma associação, era muitcha mulher, acho que era quase umas trinta pessoas, quando começô, aí depois foro deixando, deixando, *saindo* e agora tá assim. (sic).

Andréa: - E onde estão essas mulheres agora?

- Tão por aí, tão espalhada, tão cuidando dos fios (filhos). Responderam elas com D. Gilvaneide.

Andréa: - E a maioria das pessoas aqui que tem filhos recebe bolsa família?

- Recebe.

Andréa: - Além do bolsa família, a comunidade em si complementa a renda fazendo o que?

Dona Maria José:

- Porque a maioria tem roça e recebe bolsa família...- Ahhh, eles trabalham na roça, pescando, e também recebem o seguro.

Andréa: - O do defeso? São quatro salários mínimos né? E aí? Dá pra passar o ano todo com isso?

- Da nada minha irmã. (Dona Moça e Dona Gilvaneide falam simultaneamente, riem e Dona Moça completa).

- Anrrrann. Dona Moça exemplifica:

- Trabalho com artesanato mais lá em casa tem...deixa eu ver... dezesseis chapéus de palha do Ouricuri.

- De noite mesmo, a gente faz uma trança, faz um talo... (Dona Sorriso)

- Tem uma pessoa que encomenda minha mãe, aí quando ela encomenda é um valor alto, essa pessoa mora lá em Japoatã, povoado de Japoatã. Dezesseis dúzias de chapéu, agora mesmo *vai* querer oito dúzias de chapéu, aí o que queu faço, boto as meninas pra fazer chapéu, e eu fico no chapéu nas horas vagas, quando não tô aqui. De noite, quando não tô fazendo nada, o dia que não venho pra qui (centro de artesanato), um dia que se eu viaja não venho, aí às vezes eu faço o chapéu em casa. (sic).

Quando essas pessoas encomendam elas dão um prazo? Pergunto.

- Ela dá um prazo. É uma mulher. Ela tem um ponto no mercado acho. E ela entrega em Itabaiana, ela *vai* pra Mato Grosso, parece que tem parentes lá, aí ela leva os chapéus, aí ela encomenda minha mãe, aí minha mãe faz, a cunhada de minha mãe e minhas irmã. (sic).

É chapéu feminino ou masculino?

- É masculino e feminino. É chapéu de palha, de palha do Ouricuri. Aí eu aproveito e faço assim.

- E é durável como o chapéu da taboa?

- Dura, mas não aguenta chuva. Ele fica amarelo (Diz Dona Sorriso).

- Porque a taboa pode tomar chuva?

-Pode, pode lavar, se sujar pode lavar e colocar no sol que fica novinho, novinho (Dona Sorriso diz).

-Então, basicamente todas as mulheres no assentamento tem um trabalho é?

- É. De uma forma ou outra, estão fazendo algo. A trança de nove braça saí pra gente por R\$2,50 (dois reais e cinquenta nove braças de trança do Ouricuri). Nove braças fazem dois chapéus (Dona Sorriso e Dona Moça vão se completando nas respostas).

Quinto relato: Dona Nininha

Figura 20. Dona Nininha confeccionando corda de taboa e partilhando vivências na coleta da *Typha spp.*



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Dona Nininha – tem 38 anos. Nascida no dia 19 de setembro de 1980. Dona Moça relata que ela só foi pra maternidade pra nascer e depois voltou e se criou dentro do assentamento. Nasceu na luta do assentamento, tendo o pai como um dos líderes da luta, senhor Severino de Jesus (71 anos). A mãe tem atualmente 74 anos e ambos estão vivos.

“[...] quando tirou os primeiros cocos daqui mamãe tava parindo eu mais minha irmã... naquela época vivia de pesca e a gente fazia as roças escondido, as casas eram de coisa e palha era muito difícil, hoje a gente vive no paraíso” (Sic) diz Dona Nininha.

Casada há 20 anos. Tem três filhas. A mais velha dezoito, a do meio fez 15 anos em setembro de 2017 e a caçula fez treze anos agora no dia 28 de setembro de 2017. A de 19 anos acabou de se tornar mamãe e Dona Nininha avó. No momento de nosso diálogo, está toda orgulhosa e sorridente. O esposo trabalha na roça,

“[...] a gente não tem lote, quem tem é meu pai e meu sogro. Trabalho na roça do marido de Normélia...rapaz, o marido de Normélia é meu cunhado. Mas antes da gente plantava aí a gente plantava nos lote dos povo de pai.

Pergunto: porque pararam de plantar nos lotes de seu pai?

- Dos pais? Por que as terras (...) é melhor que as terras dos pais da gente.

Nisso Dona Maria José explica:

- Tem um certo tempo que as terras cansa. A gente *vai* plantando, plantando, até que chega um tempo que a gente precisa deixando a terra descansar. Passa o trator e os matos já serve para adubo natural.

Ela diz que *vai* pra roça só de vez em quando, mas ele (o esposo *vai* quase todo dia).

Planta mandioca, milho, batata, amendoim, feijão”

[...] a gente tem mandioca pra fazer farinha o ano todo. As sementes, ora são armazenadas da safra anterior, compradas ou ganhadas”.

Comentam sobre Dona Iraíldes e suas sementes crioulas e sobre as feiras de troca de semente. Dona Nininha diz:

- Quando não *vai* pra roça, não viaja ou não vô pra casa de farinha, trabaíio a semana toda.

Andréa: - Dona Nininha, como sua vida mudou após começar a trabalhar com a taboa?

- Rapaiz, minha vida mudou muito, porque quando eu trabalhava com a tarrafa, levava dois meis pra pega em R\$50,00 reais.

Andréa: - Tarrafa? O que é tarrafa?

- Aquilo que a gente joga e pesca. Eu pescava mais minha mãe. Mas depois que vim pra qui, ela me ensinou a trabalhar nas bolsas, eu aprendi. Tem uns três anos que trabalho mais Maria José. Minha professora foi ela. Se eu não venho pra qui fico mais triste. A taboa pra mim é um meio de sobrevivência. É bom. E também, trabalhando com a taboa eu saí daqui pra ir pras feiras. Foi muito bom pra mim. Eu aprendi fazê o que não sabia” (sic).

Essa resposta de Dona Nininha é repleta de significados. Ela responde claramente que a taboa pra ela é um meio de sobrevivência. A pergunta de pesquisa fenomenologicamente se mostra e vem à luz nesse momento. Como escreve Fernandes, pensar é uma tessitura, é tecer e fiar o tecido da linguagem que se desvela, o pensamento e a linguagem aqui se entrelaçam nos fios invisíveis que trazem à luz nossos pensamentos e emoções. Lê-se:

O seu falar, precisa tornar-se um dizer, isto é, um deixar e fazer ver o que se mostra em si mesmo e a partir de si mesmo. Precisa se tornar então, a ressonância e a repercussão do próprio vir à fala, do que se evidencia, ou seja, do que emerge, do que vem à luz. Isso significa: ir as coisas mesmas (FERNANDES, 2011, p.18).

Perguntei: - as meninas também trabalham com a taboa?

- Rapaiz a que tem 13 anos sabe fazê. Sabe fazer a cordinha e sabe fazer a bolsa se colocar na forma. Mas mais que isso, ela inovou nas tranças da cordinha, só que, envergonhada, não demonstra o sabe fazer.

Na figura 36 podemos confirmar o que Dona Nininha nos disse sobre sua filha saber uma forma diferente de fazer a cordinha da taboa. No entanto, envergonhada, ela não nos autorizou a gravar para podermos compreender a diferença. Na imagem da esquerda, temos Dona Nininha iniciando o acabamento de uma peça fabricada. Após a feitura ela corta com uma faca as pontas salientes da taboa. A imagem á direita mostra Dona Nininha fazendo a corda. Após corte, separação das partes, secagem da taboa, elas iniciam a produção de metros e metros de corda que será utilizada nas peças.

Figura 35. Dona Nininha: ofícios e saberes passados e geração em geração.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

E continua:

“Quando eu não venho pra aqui, eu me sinto triste. Estou fazendo algo que gosto. Eu venho pra qui eu fico mais feliz”.

Dona Moça exclama:

- Quando ela não vem prá aqui, ela chora.

- Quem chora? Pergunto. Dona Moça responde:

-Ela, apontando pra dona Jaleane, vizinha e mãe de Junior.

Dona Nininha sussurra:

- Di mentirinha... e ri.

E porquê? Pergunto.

-Porque ela vem pra qui nós conversa, ela ajuda a gente, aí no dia que a gente não vem ela fica triste (sic). Responde Dona Moça. Dona Nininha sorri, balança a cabeça concordando e volta ao trabalho artesanal

Esse relato é carregado de significados que vai desde o companheirismos com as pessoas da comunidade até a troca de experiências com a “geração mais nova”; relação de poder quando a distribuição das atividades domésticas; alternativas para trazer o “sustento” para a família; o entendimento de que a terra necessita “descansar”, ou seja a rotatividade quanto ao produto a ser plantado e colhido; aproveitamento de matéria prima como adubo natural para a plantação. Fatos que revelam aspectos socioeconômico e socioambientais entre as mulheres extrativistas-artesãs, assim como vem à luz as atividades cotidianas que são repletas de significado. Esse cuidado que aparece nas entrelinhas, cuidado com o outro, cuidado com a terra que precisa descansar. Fernandes (2011) afirma que cuidado nomeia um modo de ser, diz uma estrutura ontológica, que vigora como o modo de ser que se encontra atuante em todo e qualquer comportamento humano.

Todo e qualquer comportamento humano é cuidado e se cumpre como cuidado. Seja o comportamento diligente ou negligente, temeroso ou seguro, preocupado ou largado, atento ou desatento, se cumprirá sempre como uma realização do cuidado (FERNANDES, 2011, p. 20).

Foi esse sentimento de cuidado que mobilizou Dona Iracema, quando não queria mais ajudar apenas com um pedaço de pão, mas queria antes de tudo, ajudar as mães das crianças a “construir sua fornalha e sovar seu próprio pão”, tornando-se independente de

assistencialismos. Como afirma Fernandes é o cuidado que sustenta nosso ser-no-mundo, haja vista que,

De fato, o ser-em, ou melhor, o em-ser (In-Sein), consiste, precisamente, no morar, no habitar, no demorar-se e deter-se junto a. Em sendo no mundo, inaugurando-o como o entorno de nosso próprio cuidar. De fato, o mundo vigora com aquela abertura, aquela irrupção no ser realizada pelo cuidado (FERNANDES, 2011, p. 22).

Sexto relato: Gilvaneide Teixeira

Figura 36. Dona Gilvaneide na colheita da *Typha* spp. *In natura*.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Dois filhos, um menino de 17 e uma menina de 14 anos. O esposo é agricultor. Em 2004 fez curso de três meses ofertado pelo SEBRAE para trabalhar com palha do Ouricuzeiro e em 2006 fez em um curso ministrado por Dona Iracema para trabalhar com a taboa. Ela diz que os filhos e esposo a ajudam com os afazeres domésticos para que ela possa dedicar-se ao trabalho com a taboa. Foram as irmãs que a chamaram para formar um grupo para trabalhar com a taboa.

Antes da taboa, trabalhava confeccionando tarrafa feita de Nylon. Fazia tarrafa de 18 palmos e vendia de R\$30,00, depois passou pra R\$40,00 e depois R\$60,00. “[...] hoje tá R\$60,00, mas o problema que uma tarrafa leva em média 3 meses para ficar pronta (sic)”. Recebia o bolsa família, mas agora o esposo já se aposentou e ela não recebe mais. O esposo tem quarenta e três anos e se aposentou devido a uma deficiência visual.

Relata que depois que começou a trabalhar com a taboa a vida mudou pra melhor. Pontua que, na atualidade estão tendo mais dificuldades, pois antes eram chamadas para participarem das feiras de Sergipe e da Codevasf, mas que agora está mais difícil ir. Dona Nininha corrobora acrescentando as dificuldades que ocorrem atualmente em relação a participação nas feiras. Relatam as dificuldades para a venda do artesanato produzido a partir da taboa. Sempre ficam esperando convites para poderem participar das feiras, porque ao serem convidadas, é providenciado a questão do transporte, alimentação, onde dormir, etc.

Ela também está fazendo o artesanato em casa e diz que quando querem se reunir, vem pro centro de artesanato. Aprendeu com Dona Gizélia. Ela relata que a taboa deve ser cortada bem pelos pés,

“[...] as meninas já arrancam pelo pé, mas eu corto assim” (sic).

E depois nasce mais taboa no lugar? Pergunto.

- Nasce, nasce sim. E não pode cortar também dentro da água, porque senão não nasce mais taboa lá. (sic)

Com quem você aprendeu isso? Com Dona Gizélia?

- Não. Aprendi com Irmã Iracema

Nesse instante, Dona Sorriso acrescenta:

“mas é assim mesmo, a gente *vai* vivendo e aprendendo” (sic) e todas riem(sic). Hhh, já ouvi isso antes e também sorrio.

Nessa construção socioambiental, educacional e cultural, riquezas que informações permeiam os diálogos, em que a sobrevivência é uma condição *sine qua non* para que a mulher em assentamento possa ressignificar matéria prima em artefatos artesanais diversos, objetivando o sustento da família. Nas entrevistas, podemos perceber a união destas mulheres, a forma como uma auxilia a outra na troca de informação, aprendizagens e na revisitação da memória passada, assim como há trocas sobre como tingir, como tornar a taboa mais brilhante, como apreender novas formas de produção.

Quanto ao aspecto socioambiental, ocorre quando as mulheres extrativistas-artesãs têm os saberes tradicionais que foram sendo transmitidos de forma natural, haja vista que moram em um assentamento e seus pais e avós já pertenciam a esse lugar. Na verdade, entre elas há laços de amizade e laços sanguíneos. Dona Gizélia está ligada à Dona Nininha, que está ligada a Dona Maria José. Martins (2002) já havia descrito os laços de parentesco entre os moradores de Santana dos Frades, destacando que, na época em que estudou a comunidade, apenas um morador não tinha laços de parentesco com a comunidade.

Sétimo relato: Dona Ivanda (Dona Sorriso)

Figura 21. Dona Ivanda (Dona Sorriso): momentos de partilha e trabalho.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Dona Ivanda dos Santos, 44 anos, casada, mãe de dois meninos e duas meninas, estudou até a quarta série e se casou aos 24 anos de idade. Quando a mãe faleceu, ela foi morar em São Paulo, e quando voltou reatou o namoro e se casou. A filha mais velha tem 21 anos e ela tem 22 anos de casada. Hoje, ela cuida também da netinha, Jessica, nascida da filha mais velha que no momento, mora e trabalha em Santa Catarina.

Como a senhora começou a trabalhar com a taboa? Pergunto.

- Eu comecei a trabalhar com a taboa porque eu fazia trança, fazia rede, aí as meninas falavam Ah Ivanda é bom trabalha com artesanato. Aí Dona Gizélia perguntou:
- Tu qué Ivanda? Eu te ensino.
- Aí eu disse que queria. Eu e ... (outra mulher que não reconheci o nome). Aí a gente começou a trabalhar lá com Gizélia. Aí depois Gizélia disse que não queria mais e era na casa dela. Aí a gente parou. Aí Dadá mais Moça vieram aqui e perguntaram se Dadá me chamava de madrinha, é essa moça que agora trabalha fora, lá em Aracaju. Aí ela disse:
- Minha madrinha, a senhora quer trabalhar lá com a gente? E eu respondi:
- Pode? E ela:
- Pode, aí eu comecei a trabalhar lá com elas lá também. Aí eu comecei a ir lá pro artesanato e já tem de 11 pra 12 anos que trabalho lá com ela. (sic)

Dona Ivanda, comparando sua vida antes da taboa e depois da taboa, o que mudou?

- Ahhh, pra mim melhorou bastante. Eu antes fazia trança, a taboa é melhor pra gente porque sempre a gente ganha mais, a trança é mais barata, e uma bolsa que a gente vende é melhor do que uma trança, pra mim mudou muitas coisas. (sic)

A senhora tem duas meninas e dois meninos? Um dos meninos estava ajudando aqui. Ele ajuda sempre?

- Ele ontem foi na taboa comigo, aí foi chegando lá e vim me embora nas carrera modo da hora da escola, porque horário da escola ele tem que tá. Quando deu meio-dia a gente veio embora, chego em casa, tomo banho e foi pra escola. Mas quem ajuda mais é a menina que tem 19 anos, os meninos é mais pra estuda mesmo. Ela tava mais eu agorinha, agora. (sic).

Ela faz artesanato com a taboa também?

- Ela faíz mas é mais em casa mesmo. Ela ajuda mais em casa, quando dá na veneta pra fazer uma cordinha, ela faíz, mais ela também Iracema ensinou a elas, Iracema ensinou um grupo de jovens, as menina aqui tudo sabe fazê, só que não trabalha. A minhas duas, a que tá em Santa Catarina e essa que tá em casa faíz cada bolsa linda, mas num trabaía não. De vez em quando eu brigo, Jô me ajude, faça uma corda pra mim, aí quéla (contração de que +ela) faíz. Quando qué ela faíz. Mas ela cuida bem da casa, aí digo: a casa é sua. [risada](sic)

Mas é bom que a senhora pode se dedicar artesanato né?

- É. Ela responde. E eu pergunto:

-E tem bastante? Ontem a senhora tirou bastante?

- Gandi (Dona Edenilza) tirou mais do que eu ontem. A última vez eu dei uma surra nela (risos), agora ela mais Iracema:

- Óiiii Ivanda, agora quem ficô por baixo foi você...(risadas). Ontem a gente encontrou taboa no fundo, a água ficou por aqui ó (mostrando o pescoço).

- Foi, Gandi tava falando. Ela disse que o sol tem que estar bem quente pra vocês irem né?

- É, num é bom não, a gente fica com muito frio lá, porque só fica a cabeça de fora. As vez a gente até margulha, da outra vez Gandi margulho pra tira. Porque quanto mais dentro d'água mais brilho ela fica. (sic)

A vida da senhora melhorou depois que aprendeu com Dona Gizélia, mas me explique como melhorou Dona Ivanda?

- Melhorou muito, minha vida melhorou muito. Assim, eu hoje eu tenho o que antes não tinha, porque graças a Deus hoje eu não podia dar aos meus filhos o que eu posso dar hoje, meus filhos pediam uma coisa aí eu dizia, meu filho não posso te dar porque só tenho o dinheiro do trânsito, as vez o pai trabalhava, as vez o pai ta parado, como agora, ta com dois anos que meu marido ta parado, se não fosse o artesanato e a bolsa família, e num trabalhasse, enfim, tudo é diferente, minha vida melhorou muito. (sic)

No decorrer do nosso diálogo ela complementa:

- Antes minha vida era assim, era só na trança, as vez nem trabalhava na trança, só ficava em casa mesmo, era só cuidando de filho, depois que peguei esse artesanato, comecei a trabalhar mais as meninas, aí saí mais de casa, ficava o dia lá trabalhando com as meninas, quando viajava eu ia, quando viajava num ia (aqui, depois de ouvir várias vezes, compreendi que ela quis dizer: quando as meninas viajavam para as feiras, ela ia para o centro, quando as meninas estavam lá no centro, ela trabalhava lá no centro, ao invés de trabalhar em casa).

É assim, foi muito melhor. Na trança ganha também sabe, mas no artesanato é muito melhor. Tem os bolos que a gente faz, aí reuni nós 5 (cinco), aí já dá pra juntar dinheiro, um pouco a gente guarda pra próxima vez, e o resto a gente reparte entre nós. (sic)

Mesmo com a dificuldade da venda dos produtos, a vida melhorou não foi? –

É melhorou. É ajuda, quando tem a venda ajuda bastante. Quanto tem a feira, vende bem, graças a Deus. Quando tem a feira na orla, que a gente passa 15 dias vende bastante, e também tem aquela feira em São Paulo é uma benção. (sic)

E aí vocês têm que produzir durante o ano para se preparar para essas feiras?

- Isso. Ahhh pois, e agora em dezembro tem mais duas feiras, tem a da Orla daqui a 15 dias e depois...

O brilho da Taboa, quando imerso em água, é muito diferente. A colheita tem que ser feita na época certa. Nem nova, nem muito depois. Ele tem que estar madura para tirar, e quando ela está madura, é que ela fica assim (com brilho), toda bonita.

Dona Ivanda explica:

- Ela tem muito cuidado com as taboas. A gente não tira quando ela tá nova, a gente toma muito cuidado, senão é pior né? Senão depois não tem né? E com Iracema é a gente tirando e ela:

- Cuidado meninas, cuidado pra não machucar as taboas, passe direito e vá cortando assim de lado pá deixa as taboas... passando assim de lado com muito cuidado pra não machucar as mais novas, ela tem muito cuidado com as taboas, Iracema. (sic)

A senhora já se deparou com alguma situação perigosa? Dona Iracema e Dona Edenilza disse que quando o tempo está fechado, não entram na água, porque precisam do sol para ver se tem alguma coisa brilhando na água.

- Essa semana vou fazer bolsa com ela, que essas aí não presta, eu tô sem fazê bolsa, só fazendo cordas pra fazer arranjo de pratos e de panelas, descanso de panela, mas bolsa não dá. Não coma não Ariele! Ariele (netinha que completou um ano e três meses agora em setembro) senta e começa a comer a taboa.

- Não coma não Ariele, saia daí saia...Ela come porque é salgadinha!
 - Não comeu hoje não foi Ariele? Pergunta uma das vizinhas, mãe do menininho.
 - Já. Já comeu três veiz, diga Ariele. Toma Ariele, venha aqui mais vó. Nesse momento, João, outra criança do Assentamento senta e começa a comer taboa. (risos das mulheres que foram chegando). (sic)

Nisso, dona Ivanda fala apontando para Taboa:

- Aqui é do poço de Iracema. Do fundo da casa dela, bonita né? Bonita mesmo. Depois que eu peguei ela, porque é ruim pra mim ir todo dia pra lá. Aí, as veiz tem roupa pra lava, tem casa pra cuida, a minha menina sozinha aqui, aí por isso não vô mais veiz pra lá, as veiz vô meio dia, as veiz não vô. (sic)

Quando eu cheguei você tinha dois mocinhos aqui contigo. Eles não ajudam?

- As veiz eles faz assim, brinca com ela né. Quando o pai tá em casa, aí é uma benção, aí ele ajuda, ele faz comida, ele dá banho, ele faz tudo dentro de casa. Mas quando ele não táaa. O lote fica aqui no fundo da casa e ele trabalha em outros lotes que ele *vai* trabalha. (sic)

Tem água nos lotes?

-Não. É só quando tá chovendo, as plantação aqui é só quando tá chovendo. Aí quando tá na chuva, aí quando para a chuva tá bom da gente recolher feijão, milho, essas coisa. a mandioca só dá com um ano, com sete meis...oito meis.

- Eu espero melhorar mais ainda, melhorar sempre mais. Isso da condição pra gente trabalhar alegre. Tem gente que diz: Ahhh, eu não vô trabalha porque é só trabalhando e só armazenando, num vende, dois, treis, cinco, um ano, num sei como vocês aguenta isso trabalhando sem recebe nada. Tá, digo eu, eu melhor tê pra receber do que pra pagar! Não bote na boca Ariele! Nisso Ariele começa a mexer nas taboas que estão secando ao sol. (sic).

5.2. Categorias de Análise: Resiliência e unidades de sentido que se entrelaçam e corporificam o ser mulher extrativa-artesã: 1a) trabalho cotidiano e ideologias impregnantes

É ir à guerra e voltar, é sentar com seus demônios numa mesa de bar e... conversar, é apanhar de todo o lado e levantar, é ter espírito boxeador, dar ganchos de direita nas dificuldades e nocautear a própria dor. Tiago diria: “quem sete vezes cai, levanta oito”. É limpar o rosto depois do choro. É a mãe solo, grávida aos dezenove, que trabalhou para estudar e estudou para trabalhar e, com um sorriso no rosto, ignorou os julgamentos e cuidou do filho que tinha para criar.

É ter uma alma-água, que se adapta ao co(r)po em que estiver, da melhor forma que puder.

(DOEDERLEIN, 2017, p.131).

Na categoria de análise do trabalho cotidiano da mulher, encontramos no decorrer dos diálogos os esforços que as mulheres fazem para dar conta do seu trabalho. A mulher não tem um trabalho, ela tem trabalhos e deveres cotidianos que a soterram em responsabilidades e cobranças. Mas, esse soterramento não é percebido como um fardo. É uma “obrigação prazerosa”, faz parte do “ser mulher, mãe, esposa, tia, madrinha, companheira”, sinônimos atribuídos às mulheres como se fossem características inatas.

Na pesquisa fenomenológica, uma das últimas etapas é quando após aparição das categorias de análise, elabora-se uma análise ideográfica, que pode referir-se tanto a ideogramas como a idiosincrasias, individualidades. Refere-se também à percepção da ideologia que se revela no discurso, nas falas, no agir. Dona Gizélia, Dona Iracema, Dona Moça, Dona Nininha, Dona Edenilza, Dona Ivana e Dona Gilvaneide trouxeram em suas falas, seus gestos a sobrecarga enquanto um dever, algo que já está implícito no trabalho do “ser mulher”.

“aqui mesmo a gente vem pra qui pra trabalhar. Mas aqui, quem vem direto, direto, só eu e ela (Dona Nininha). Nós só não vem quando a gente viaja, mas no dia que a gente não viaja, a gente tá todo dia aqui. Ontem mesmo, eu trabalhei mais ela (Dona Nininha). E quando foi de tarde fui ajudar minha mãe arrancar mandioca. Aí eu fui ajudar mais ela. Mas ela veio, sozinha, ela tava aqui sozinha. Quando eu cheguei mais tarde depois de minha mãe ela já tava aqui”. (DONA MARIA JOSÉ, 01/12/17 sic).

Dona Nininha diz que quando “[...] não vou pra roça, não viajo ou não vô pra casa de farinha, trabaío a semana toda”.

Anotei em diário de campo a participação dia da galinhada ou da depenada como brincam as mulheres, a casa de farinha, a pesca, o dia de lavar roupas, e o dia da colheita da taboa; além dessas Dona Gizélia relata algumas das muitas tarefas diárias da mulher.

Mas como já falei, se tivesse um lugar, se tivesse uma exposição certa pra gente todo mês entrega, recebe o que tá lá, entrega como uma feira fixa ou como fosse, mas não tem. Aí aqui, se a gente passa a semana aqui, não tem como sobreviver. Tem que pesca, tem que ir pra roça, tem que fazer uma coisa, fazer outra, e aí foi se espaiano, se espaiano e só se torna elas duas.

“[...] ultimamente, vem produzindo pouco e quando produz o faz em parceria com outras companheiras (Dona Ivanda, Dona Iracema e Crisleide, uma jovem aprendiz) do que na Grupo das Mulheres extrativistas-artesãs de Santana dos Frades em si, haja vista que ela precisa cuidar dos afazeres domésticos e como são quatro homens, ela arca com muita coisa sozinha, o que ocupa grande parte do dia a dia e, consequentemente, não tem conseguido estar no Grupo nos horários estabelecidos por alguns colegas, e então, quando ela consegue chegar, encontra “olhares aborrecidos e expressões de desagrado”. Isso resultou em mal-estar e sensações de não ser benquista e ela acabou por se distanciar do trabalho em grupo que por si só já era pequeno” (Diário de Campo de Carvalho, fevereiro de 2017).

Porque eu memo, eu sou viúva, eu tenho que trabalhar na roça, tenho que tomar conta de um porco, tenho que tomar conta de uma casa, aí não posso ficar aqui diretamente. Aí aqui, se a gente passa a semana aqui, não tem como sobreviver. Tem que pesca, tem que ir pra roça, tem que fazer uma coisa, fazer outra, e aí foi se espaiano, se espaiano e só se torna elas duas. Eu tenho uma menina que trabalha em casa (com taboa), a maioria trabalha, as outras três trabalham, mas trabalham mais em casa, porque não tem como ficar aqui diretamente, se a gente passasse o mês todo e quando fosse o final do mês te aquela certeza de que a gente teria aquela quantidade de dinheiro, seja lá quanto for, é bom né não Nininha? (DONA GIZÉLIA).

A gente é casada, tem filhos, tem obrigações, aí fica difícil pra gente ter que estar em um horário fixo, todos os dias, se dedicando. A gente tem roupa pra lavar, comida pra fazer, roça, criação... (DONA EDENILZA).

Lechat (1996) descreve que para Carneiro e Lavinias as formas coletivas de trabalho se chocam com os valores tradicionais constitutivos da identidade feminina. Na impossibilidade de se individualizar, a mulher se confunde com a família na sua relação com a terra. No entanto, Lechat, acrescenta que a realidade mostra uma complexidade bem maior. No entanto, concordo em relação ao conflito existente entre os valores familiares e coletivos.

No campo da psicologia, Gilligan e Richard (2008), fazem uma análise do porque as minorias excluídas, dentre os quais estão as mulheres, culturalmente se retraem e se calam com receio de ser ouvida. Os autores atribuem ao patriarcalismo enraizado como o centro do problema, ou seja um sistema de autoritarismo/autorização por um patriarca com apoio de instituições que perpetuam modelos que sufocam e calam as vozes, mantendo um modelo que teve início com a civilização ateniense e romana, permanecendo até os dias de hoje, deixando para trás um rastro de sentimento de perda e causando afastamentos e disjunções relacionais.

Quando Dona Edenilza opta em ficar em casa devido a quantidade de atividades domésticas, Dona Nininha opta em ficar com a neta, a filha de Dona Gizélia opta em trabalhar em casa estão fazendo uma escolha, mas percebe-se que é uma escolha, principalmente com Dona Edenilza, que está em conflito consigo mesma. Ela diz por um lado que as pessoas do grupo têm que entender que elas têm afazeres e responsabilidades familiares, e em outro momento, diz: mas não é nada que não possa ser resolvido né Mocinha?

É o conjunto de um sistema complexo que mantém nas mulheres escolhas “pela família”. Opta-se pelos cuidados domésticos e familiares, deixando de lado o que lhes dá prazer, pois como diz Dona Ivanda, Dona Nininha, “é tudo de bom” estar lá junto ao grupo partilhando trabalho e gerando renda.

No livro *In a different voice*, capítulo *transition: a shift in concern from goodness to truth*, uma mudança da bondade para a verdade, Gilligan afirma que quando a mulher se exclui de uma situação ao invés de enfrentá-la, ela acaba por gerar em si e para si dificuldades ainda maiores que a anterior. Quando a mulher abdica do cuidado de si em favor do cuidado a outros, cria em si um desequilíbrio que por si só inicia na própria mulher um período de transição, em que se inicia a reconsideração de relacionamentos em um esforço para resolver a confusão entre autobenefício e o cuidado inerente às convenções de bens femininos; ao examinar a lógica do auto sacrifício a serviço de uma moral de cuidados, a palavra egoísta ressoa em seus ouvidos e mente.

Nessa etapa, a mulher reexaminará suas próprias necessidades e suas responsabilidades, e terá que ser honesta consigo mesma, reconhecendo o eu e aceitando a responsabilidade pelas suas escolhas. Essa transição é complexa e dependerá de diversas inserções da mulher, principalmente em relação às instituições das quais ela participa: religiosas, comunitárias, familiares e educacional, seja esta formal ou informal.

Assim, o trabalho da mulher é descrito como: um apêndice (LECHAT, 1996); um trabalho coadjuvante (MELO, 2009); uma ajuda (LECHAT, 1996; BRUMER, 2004); trabalho leve (PAULILO, 1987) e, portanto, não remunerado, reitera a afirmativa de Saffioti (2013) e Fischer (2009) sobre o fato de que o trabalho sempre existiu e que o casamento na zona rural acarreta, além da função doméstica e produtiva (que já existia antes na vida das mulheres solteiras), acrescenta-se a situação de luta pela permanência na terra e a obrigação de retirar desta o sustento para a reprodução familiar e produção familiar.

Esta luta pela permanência e sustento para a reprodução/produção tornam a situação da mulher rural muito específica, porque “[...] faz parte de uma unidade familiar onde produção e reprodução do patrimônio e das pessoas constituem um processo único (LECHAT, 1996, p.96).

Dialogando com Beneria (1979) e Brumer (1976), a respeito da inserção das mulheres no setor produtivo, a convivência cotidiana durante o tempo em campo empírico aponta que persiste a subordinação e a sobrecarga de trabalho, além da questão da dependência no quesito de transporte. Algumas mulheres dependem de seus filhos e companheiros para poder se deslocar até as reuniões da Associação de Artesãs localizado no povoado Tigre. Elas também dependem da locação de um transporte para poder participar nas feiras de artesanatos que ocorrem no estado. Essa dependência em relação ao transporte, acabou causando um afastamento destas, primeiro, na Associação de artesãs e, depois, a sobrecarga de trabalho foi um dos motivos descritos para que houvesse uma interrupção na partilha do trabalho no Centro de Artesanato.

No entanto, percebemos como as mulheres aceitam a sobrecarga de trabalho sem nem mesmo perceber. Não se questiona o status quo se não percebemos suas amarras. Rosa Luxemburgo escreveu que quem não se movimenta não percebe as correntes que os prende. Discordo da afirmativa. Não adianta nos movermos se não percebermos o porquê de nos movermos. As mulheres se movem. As artesãs produzem, extraem, cultivam, limpam, lavam, plantam, mas não percebem que estão impregnadas de uma visão cultural que as mantém presas a um discurso alienado como burro de carga.

É normal estar sobrecarregada, afinal você trabalha e estuda! É normal estar sobrecarregada, afinal além de trabalhar e estudar, você também é dona de casa. Mas é assim mesmo, todas as mulheres passam por isso! É normal você estar cansada, afinal trabalha fora, se manter atualizada, ser esposa, ser mãe é assim mesmo, afinal “[...] ser mãe é padecer no paraíso! Quem de nós já não ouviu essa famosa frase?

E assim por diante, vamos incorporando que, a sobrecarga de trabalho, a sensação de estarmos soterradas e submersas em turbilhões que nos sufocam diariamente, e desde que nascemos enculturamos, engolimos e nos impregnamos de um discurso que, ao mesmo tempo que nos “enaltece” com qualidades que direcionam docilidade e submissão, nos soterra em uma ideologia que quer manter-se *sine ne qua non*.

A desigualdade de trabalho nas relações de gênero é apenas uma das muitas outras formas de sufocamento na busca para um desenvolvimento que seja humano, digno e igual, independente do seu sexo, sua cor, sua idade, sua classe social.

Qual a unidade de significados que encontrei nas falas acima? Em Dona Maria José foi o trabalho. Ela trabalha, Dona Nininha trabalha, a mãe trabalha, ela ajuda outrem e mesmo após ajudar, ela trabalha. O mesmo é válido para todas. Todas relatam a sobrecarga de trabalho no dia a dia. Sem apologias, mas nos perguntamos aqui: E os homens?

- Hummm, os homens é mesmo que nada, diz Dona Nininha e elas riem. Dona Gizélia completa:
- Minha irmaaã, metade dos homens daqui só Jesus na causa! Eles vão pescar também? Pergunto.
- Quando quer. (Trecho retirado da entrevista contida na página 173).

5.2.1- Unidade de sentido: Sobrevivência.

Aquilo que a gente joga e pesca. Eu pescava mais minha mãe. Mas depois que vim pra qui, ela me ensinou a trabalhar nas bolsas, eu aprendi. Tem uns três anos que trabalho mais Maria José. Minha professora foi ela. Se eu não venho pra qui fico mais triste. A taboa pra mim é um meio de **sobrevivência**. É bom. E também, trabalhando com a taboa eu saí daqui pra ir pras feiras. Foi muito bom pra mim. Eu aprendi fazê o que não sabia” (sic). (ENTREVISTA REALIZADA COM DONA NININHA, 2017, EXTRAÍDO DA PÁGINA 169 DESTA TESE).

- Rapaiz, minha vida mudou muito, porque quando eu trabalhava com a tarrafa, levava dois meis pra pega em R\$50,00 reais (ENTREVISTA REALIZADA COM DONA NININHA, 2017, EXTRAÍDO DA PÁGINA 169 DESTA TESE).

Não há uma unidade de significado ou uma categoria totalitária. As significações e ressignificações estão entrelaçadas, ligam-se umas às outras como as raízes de uma *Typha spp.* Um emaranhado que se unificam, afastam, crescem, diminuem, mas não deixam de existir. Podemos retirar das falas das mulheres centenas de categorias, de unidades de significado, cada qual que fizer a leitura, encontrará, a partir de sua história de vida, sua linha de trabalho, sua vertente teórica, múltiplas significâncias. Essa é a riqueza de uma fenomenologia social que se embebeda nas histórias de vida que se tornam inebriantes. As falas das artesãs são expressões de sentido e significados significantes da experiência vivida. Sobrevivência...

No dia a dia, na construção cotidiana da sobrevivência, o trabalho exercido pela mulher extrativista-artesã assim como grande parte do trabalho das mulheres na sociedade de modo geral é rebaixado à condição de “ajuda” ou ao “faz parte do trabalho da mulher” como adverte Siliprandi (2000 e 2015); Woortmann (2010); Scott, Cordeiro e Menezes (2010) e Saffioti (2013) ou ainda como “apêndice” conforme escreve Lechat (2010). Tal situação de oclusão e subalternidade estende-se à inúmeros campos e tem sido empreendido de formas diversas, mantendo-se um processo de invisibilidade concomitantemente à exploração e sobrecarga de funções exercidas cotidianamente pelas mulheres, perpetuando a situação de divisão sexual do trabalho e a desigualdade de gênero que se entrelaça em formas de violências, relações de poder e ocultamentos em Preveslou, (1996); Deere e León (2002) e Saffioti (2013).

5.2.2- Sobrevivência X vivências cotidianas: acidentes de trabalho

Os acidentes do trabalho tornam-se o maior agravo à saúde dos trabalhadores rurais, pois, nos últimos anos, foram registrados no Brasil, mais de 25 milhões de acidentes de trabalho na população segurada pela Previdência Social (GOIS, 2013, p.22). De acordo com a autora, os acidentes podem ser de riscos físicos, químicos, ergonômicos e biológicos. Contudo, a Organização Internacional do Trabalho considera o trabalho rural com um dos mais perigosos devido à quantidade de riscos a que se está exposto. Voltando-me especificamente para as mulheres extrativistas-artesãs, a saber:

a) riscos físicos, haja vista que estas se expõem cotidianamente à longas caminhadas, passam por cercas de arames, podendo se cortar, ou pisar em pregos e arames enferrujados; se expõem por horas ao sol; entram em lagos e lagoas, e podem inclusive, afundar nos brejos e lodos; assim como estão expostas aos perigos de receber choques elétricos, devido

a ligações elétricas irregulares, a exemplo da figura 28, em que Jéssica, sobrinha de Dona Edenildes, está caminhando e de repente ela afunda. Devido a experiência e conhecimento adquirido das vivências cotidianas em seu meio, ela soube sair sem ajuda, mas o mesmo não ocorre na figura 28c, em que uma cabra estava morrendo atolada, e quanto mais o animal lutava para sair, mas ela afundava. Dona Nininha e Dona Maria José percebendo o que estava acontecendo, foram ao seu auxílio. Dona Maria José ficou observando enquanto Dona Nininha entrava no atoleiro.

De acordo com Schutz, o mundo da vida constrói-se a partir de uma gama de conhecimentos comuns compartilhados pelos membros do grupo. Eu, forasteira, afundei até os tornozelos e precisei de ajuda de Dona Gilvaneide e Dona Edenilza para sair da lama, já Jéssica, imediatamente após ter afundado até a cintura, sentou-se distribuindo o peso do corpo e saiu tranquilamente da situação...eu, desprovida dos conhecimentos comuns do grupo, de seus saberes sobre o mundo da vida, afundaria até o pescoço, tal qual a cabra. Conforme cita Martins, “[...] além de um conteúdo significativo para a comunidade, o estoque de conhecimentos comuns auxilia os indivíduos na resolução de problemas que surgem no cotidiano. Sendo assim, o senso comum tornou-se fundamental para a fenomenologia social” (2012, p.13).

Figura 22. Armadilhas naturais.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

b) risco químicos – exposição às plantas (urtigas, cansaço), dependendo do local onde colhem a taboa, se estes forem próximos à plantações, há o risco de contaminação por

defensivos químicos; ao manusearem rações sem mascarar apropriadas, há o perigo de contágio por vírus, bactérias, fungos que podem afetar tanto a pele (contato) ou as vias aéreas respiratórias e ácaros.

c) riscos ergonômicos – as mulheres extrativistas-artesãs caminham por quilômetros para poderem colher a taboa, carregando seus instrumentos nas mãos ou em sacolas que não oferecem segurança per se;

d) riscos biológicos – ao longo da jornada de seu trabalho de extração da taboa in natura, as mulheres estão expostas a diversas situações de risco, como passar por gados, tendo que tangê-los para poder passar. Ao mergulharem, elas podem se deparar com cobras, aranhas, abelhas e marimbondos.

Figura 23. Mulheres fazem percurso em busca de taboas



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Figura 24. Caramujos à beira da lagoa



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

Ontem mesmo, a gente encontrou marimbondos. Irmã Iracema enxotou derrubando a casa na água. Corremos e esperamos, quando foram embora, entramos” (DONA EDENILZA, DIA 4/10/17 sic).

(risos) marimbondo, eu só marimbondo. Marimbondo já encontrei umas quatro casas, aí Dona Iracema bate a faca, pahhh, marimbondo voava e nós corria. (risos) aí a gente saí correndo. Ou bate neles pra desmanchar a casa pra ele sair porque ele passa pra longe. Tem que sair de perto, se ficar perto ele morde. Vanda é esse aí o Marimbondo de...esqueci como foi nome que ela deu...que dói muito se morder. Aí Dona Iracema veio bateu a faca e nós correu (DONA IVANDA, 16/11/17 sic)

Minha fia, semana passada aqui no meu terreno me deparei com uma cobra enorme enrolada aqui (Dona Iracema)

Perguntei: E como a senhora *vai* fazer pra não se debater com a cobra de novo?

Minha fia, é só rezando e pedindo a Deus pra livrar a gente (Dona Iracema).

A gente reza a Deus pra Deus livrar a gente... pra dar visão a gente, Deus da visão a gente pra gente enxergar longe (Dona Gandi, Edenilza).

Tem que confiar em Deus né? (Dona Gilvaneide).

Para além dos perigos enfrentados, as mulheres estão tentando encontrar formas de conciliar os afazeres domésticos, de mães, de mulheres, de artesãs etc., por meio do diálogo, da busca de se acertarem e permanecerem “um grupo de artesãs”. São muitas incógnitas, mas ao mesmo tempo, estas mulheres estão se tornando referências.

Referência de força e liderança, companheirismo e no assentamento, elas têm procurado envolver as gerações mais novas, a exemplo de Dona Iracema e o trabalho que desenvolveu com as artesãs da taboa, assim como o que desenvolve com o grupo de jovens que frequentam a igreja a qual ela lidera. Dona Gicélia, tornou-se referência de luta e sobrevivência, assim como é inegável o papel que desempenhou na propagação do ensino do manuseio da *Typha spp.*, por outras pessoas da comunidade. Atualmente, Dona Maria José tem mantido um importante papel de liderança feminina no Assentamento, contribuindo com a permanência no assentamento.

Beaman *et al* (2011), afirmam a importância de se ter mulheres como modelos para se seguir. Muitas meninas/mulheres rurais ainda querem sair de seu ambiente em busca de educação e salários, mas até o momento, as mulheres que saíram foram ou estão trabalhando no serviço doméstico, ou serviço geral. As mulheres que saem e iniciam a carga de trabalho como doméstica, via de regra, moram no local de trabalho e só tem direito a uma folga semanal. Uma das mulheres que trabalhava com a taboa, saiu do grupo, e trabalha em casa de família na capital Aracaju, mas seus filhos e esposo permanecem no assentamento.

Então, se como afirmam Beaman *et al* (2011) que lideranças femininas tendem a causar impactos positivos tanto aspiracionais quanto educacionais nas gerações mais novas, investir na continuidade do grupo de artesãs, pode vir a ser uma das formas encontradas para as gerações mais novas permanecerem em seu local, como afirma Dona Nininha “[...] a taboa significa tudo pra mim, tudo de bom, é um divertimento porque a gente tá aqui tudo junto, é muito bom, aprendi devagar, mas aprendi!” (sic, 2017).

Diante da exposição das imagens acima e dos relatos concluímos que, além da mulher rural estar submetida à sobrecarga de uma tripla jornada de trabalho, tanto Bergamasco (1996) quanto Lechat (1996) discutem a questão da mulher rural/camponesa a partir de sua inserção familiar. Corroborando com dados apresentados por Lechat (1996), houveram depoimentos das mulheres que nos levam a afirmar que a sobrecarga de trabalho e a discussão sobre a organização coletiva do grupo para produção, esbarra nas quantidades de obrigações que elas têm em casa.

Quanto a *Typha spp.* Grosshans (2014) afirma que, a despeito da *Typha spp.* ser uma planta extremamente invasiva, ela é uma planta chave, com grande importância para o meio ambiente. Sodja e Solberg (1993) detalham que a *Typha spp.* oferece abrigo para pássaros e outros mamíferos, refresca a água para os peixes e outros animais aquáticos, e seus rizomas e raízes são uma rica fonte de energia, degustada tanto por muitos animais, inclusive o ser humano. Claaseen (1919) e Hartung (2016) afirmam que a *Typha spp.* era utilizada desde muito

tempo atrás, por indígenas da Tribo Paiute, Blackfoot, Yuma tanto na construção de abrigos, e artefatos, quanto fonte de alimentação rica em proteína, assim como fonte de bebida conhecida como “whiskey do povo”.

Mesmo tendo evidências de trabalhos desenvolvidos que demonstram as diversas áreas nas quais a *Typha spp.* pode ser utilizada, os moradores e as artesãs em sua maioria desconhecem seus usos. Conforme os estudos avançavam, compartilhava com as mulheres o que aprendia sobre a *Typha spp.* enquanto elas me ensinavam partes do seu ofício, o fato da taboa poder ser utilizado nas mais diversas formas tornou-se de certa forma, um prelúdio assombroso.

-é, é, e também eles não se importam, eles não brigam porque é um material que não tem consumo de nada, não tem futuro, mas é como se diz, quando a gente tira que deixa lá “os gado tava muendo” então se eles viesse te esse estudo de que serve pra alimentação, com certeza eles ia, né, ‘prevenir pra alimentação dos gado dele mesmo”. E eles não brigam, não, nenhum local aí é proibido, não, eles permitem a entrada, porque é bom até pra lagoa né, tirá aquele enchimento daquela planta porque ela não para (Relato de Dona Edenilza, 2017, sic).

Prelúdio assombroso pela previsão futura de disputas e perda de acesso à *Typha spp.*, uma vez que o conhecimento das diversas maneiras de uso da espécie seja conhecido. Outro ponto que merece atenção é a extração da mesma. Por enquanto, como a *Typha* é colhida apenas pelas mulheres artesãs de forma manual, não há danos visíveis à planta, e as mulheres têm respeitado o ciclo de vida da mesma, pois elas tem conhecimento da importância de aguardar o tempo correto para a colheita, assim como todas as artesãs, exceto uma, que relatou ter cuidado em seguir as orientações de Dona Iracema e Dona Gicélia na hora do corte, cuidando para não danificar a raiz.

Apesar de não conseguir a classificação exata da espécie da *Typha sp.*, dados empíricos demonstraram que, até o presente momento, *essa Typha spp.* não floresceu, e, portanto, não nos foi possível uma identificação exata da espécie.

5.2.3 - Unidade de sentido: Abdicação

Realmente, nós passou no civil ano passado (2016), mas realmente, nesses anos todo a gente morou junto, nunca separamos. As vez tem briguinha, porque nós temos mesmo (risada), mas nós nunca separamos mesmo. As mulheres acham interessante

assim, porque a gente nunca separou, porque hoje a maioria dos casamentos é tanto problema, e vai e volta, qualquer coisa acaba, e eu pra criar meus filhos, aguentei, suportei né? E é isso. Tem mães que deixa os filhos aí abandonado e vai para Aracaju se virá, e ali só Jesus sabe a situação dos filhos...Então, eu fui uma mãe que pensei muito nos meus filhos...

Se fosse o caso do pai me deixar eu nunca deixaria meus filhos. Tenho três filhos homens, mas sou mãe de cinco. A primeira menina foi de 8 meses, aí nasceu, viveu por oito dias e morreu. A segunda, nasceu de 9 meses, eu já estava fazendo tratamento, mas nasceu morta. Duas meninas seguidas... Aí eu ia fazer tratamento lá em Japaratuba ... moro com o esposo mais três filhos homens (19 anos, 17 e 14 anos) (sic) (RELATO DE D. E, NASCIDA EM 1978, CASADA, 3 FILHOS, ARTESÃ).

No capítulo o Marianismo e a maternidade militante, Van der Schaaf (2001), destaca o peso que os dogmas religiosos têm na vida das mulheres e afirma que conhecermos o modelo ideológico é essencial para compreendermos os motivos que levam as mulheres aceitar posicionamentos desfavoráveis e desiguais. Para a autora, a sociedade brasileira, assim como toda a América Latina, o modelo ideológico que define as identidades masculinas e femininas é o machismo-marianismo. E esse modelo que mantém as hierarquizações, define as identidades, as relações e a divisão de tarefas. O papel de homem (macho) é aquele homem viril, dominador, que toma para si todas as decisões, sustenta a casa e é a figura pública da casa. Por sua vez, a mulher ideal é a virtuosa, que se preserva, se resguarda, e se sacrifica em prol de seu marido e filhos. Pois, a “[...] imagem da mulher ideal, é a da Virgem Maria, que se sacrifica por seu marido e seus filhos, cuja responsabilidade pelas tarefas da casa está ligada à reprodução biológica e social (VAN DER SCHAAF, 2001, p.63). Virgem não precisa ser no sentido físico, mas sim, aquela mulher que projeta a imagem de ser uma virgem “alguém tão pura de sentimentos e ações, que nada maculará sua imagem”.

Essa imagem da mulher ideal persiste até nossos dias. Em diálogos cotidianos que ocorrem entre amigos, ainda ouvimos:

Ontem, depois de deixar (nome da namorada), fui pegar (nome da outra mulher). E o grupo de jovens replicam:

- Aí, mandou bem (nome do rapaz). Risadas. Nisso, como eu estava na roda de conversa, indago aos dois jovens:
- Não entendi, porque não saiu com a sua namorada?
- Risadas e a resposta:
- Por que ela é pra casar. A outra não. É só curtição (Retirado do diário de Carvalho, 2004).

Aqui no Nordeste não é difícil ouvirmos tais colocações. Tal e tal são meninas de família. Essa é pra casar! As jovens mulheres que não correspondem ao padrão de virgens e

santas, são consideradas “apenas curtição”. A esse respeito, Van der Schaaf citando Craske, 1999, escreve que,

Combinada com a submissão ao homem, supõe-se uma superioridade feminina na área espiritual. A imagem feminina negativa é a da prostituta, da mulher livre. Os papéis femininos e masculinos transformam-se durante a história e, individualmente, durante o transcurso da vida de uma pessoa. Mesmo assim, as premissas da identidade feminina e as relações de gênero, nesse modelo ideológico, continuam sendo parâmetros na concepção da conduta feminina e masculina (VAN der Schaaf, 2001, p. 47).

Esse modelo de marianismo, tem sérias consequências na vida das mulheres, assim como o padrão de papel de homem macho, viril, arrimo de casa, tem graves impactos na determinação de modelos para os homens, que são educados para suportar o lar.

5.2.4 - Unidade de sentido: resistência/persistência/determinação.

Dona Iracema:

- Aí pronto, 28 (vinte e oito mulhé) quando eu dei o curso, aí pronto, vinte e oito mulhé, ali, ói, ali era um sofrimento, as mulhé sem sem...é... ali eu falava tudo com elas, se pensa que não, eu tava chorando, quando eu levantava a cabeça tava tudinho chorando comigo, ali do sofrimento, sofrimento foi muito, foi muito sofrimento... [...]

Óia, é verdade. óia lá ninguém tinha direito, elas num tinha direito.. As pessoas qui nós num comprava nada naquela época, num comprava nada, mais depois chegou a bolsa escola tudo né, aí as pessoas começo a ter liberdade pra comprar umas coisas que quisesse compra. Mais primeiro, ninguém tinha lá, pelo menos lá no meu lugar, ninguém tinha. As mulhé da Junca, vivia dentro da lama pescando saburiquinho pra vender; era. E tiro da venda do saburico minha fia. E milhoraro de vida, milhoraro de vida porque viviam pescando saburico pra vive.. [...]

Lá no Tigre, minha casa era apertadinha, foi muito esforço, muito esforço mermo, muito esforço. Nós ficava enquanto tinha sol, nós ficava na calçada; depois que o sol batia, nós entrava pra dentro de casa. Era muito sofrimento (RELATO DE DONA IRACEMA, 2017, consultar p. 140);

Este são apenas alguns dos muitos relatos que podemos encontrar no decorrer da tese. O processo de resistência, persistência e luta das mulheres não é algo novo, mas com certeza, é digno de nota. A partir da leitura de Taboada, Machado e Legal (2006), compreendo resiliência

como um processo de persistência, resistência e superação às adversidades que se apresentam. Não foi só a taboa que permitiu que essas mulheres artesãs extrativistas superassem as adversidades, mas sim a capacidade de adaptação e aprendizagem de diferentes modos e técnicas de construir mecanismos de adequação e superação. Assim, elas roçam, trançam, pescam, lavam, obedecem, desobedecem, caminham longas jornadas, aprendem diariamente a continuar sempre, exemplificando com as próprias palavras da artesã-extrativista da taboa Dona Maria José:

- Aqui é ...cada um se vira como pode (diz Dona Moça) - que não trabalhar aqui, trabalha em trança fazendo talo pra fazer a vassoura, fazer chapéu, bolsa (diz Dona Sorriso) E aí elas vão complementando, um pouquinho daqui outro pouquinho de lá e a gente vai vivendo (TRECHO RETIRADO DA P.181 DA TESE DE CARVALHO, 2018).

Determinação (s.f.)

É acordar cinco e meia da manhã, cinco vezes por semana, é fazer o que for preciso. É seguir em frente, enquanto “em frente” for a direção que você quiser seguir. É quando você levanta de uma queda, é ignorar o tempo e focar no motivo. É ensaiar sem voz, é estudar sem livro. É a irmã da persistência, as pessoas aplaudem o seu sucesso, comentam o seu fracasso, mas não fazem questão de saber da sua determinação. É ir contra o mundo inteiro, se for preciso, para realizar um sonho. (DOEDERLEIN, 2017, p. 73.)

No caso da mulheres extrativistas-artesãs, determinação é acordar 04 (quatro) horas da manhã, todos os dias, para dar conta dos afazeres diários. É atravessar pontes construídas de pau a pique, pulando de tora em tora, para atravessar o pedaço do Poxim que por ali se derrama, é “margulhar” para cortar a fibra da *Typhaceae*, lá no fundo d’água, mesmo que esteja com água até o pescoço, é não desistir jamais. É cuidar para não ser mordida por cobras, jacarés, é entrar no lodo para não deixar a cabra, o bezerro, o boi “ficar lutando atolado e morrer de cansaço”, é comer saburico pescado na hora na colheita da *Typha* spp, é caminhar por quilômetros e quilômetros com pesos na cabeça, é caminhar com carrinho-de-mão lotado de roupa pra lavar...é cuidar dos porcos, galinhas, quintal, horta e roça. É ir com companheiro, com o pai, com o compadre e com o vizinho “ajudar” no lote, trabalhando de sol a sol, tanto quanto e até muito mais... e a persistência?

A persistência está em não desistir jamais... Está no sorriso que se abre no rosto, na lágrima que escorre escondida, no sono de cansaço e nas mãos calejadas... e a resistência? A resistência está nos assentamentos construídos, nos lotes plantados, nos povoados que se expandem, nos centros de artesanato, de pesca, de bolos, de sementes ceroulas, nos produtos que são ressignificados a partir dos elementos da natureza. E o que é ressignificar?

Ressignificar é um verbo. Verbo é ação.

Ressignificar...

É olhar de dentro para fora. É encontrar novidade no que a gente vê todo dia. É saber que as coisas mudam tanto quanto pessoas. É recriar o que um dia foi criado. É a própria regra. É saber lidar com o novo. É perceber que tem um pouco da gente em tudo o que a gente faz. É um exercício de autoconhecimento.

É um ato de extrema liberdade em que a gente pinta o mundo à nossa volta do jeito que a gente vê. (DORDELEIN, 2017, p.112).

5.2.5 - Unidade de sentido: aprendizagem a partir da observação do cotidiano.

- Tem um certo tempo que as terras cansa. A gente vai plantando, plantando, até que chega um tempo que a gente precisa deixando a terra descansar. Passa o trator e os matos já serve para adubo natural. (DONA MARIA JOSÉ)

“a gente é quem nem Camões, vivendo e aprendendo” (sic). No entanto, não entendi o que Dona Gizélia quis dizer, mas ela explicou: cada dia que a gente se adapta ao trabalho, a gente vai analisando e criando mais, porque assim, a gente tamo trabalhando né, aí vem qualquer uma de nós vamos fazer isso assim assim, e vê se dá certo? Aí, uma já faz de um jeito, outra já faz de outro, e assim vamos aprendendo.

Aí vai pra feira, e a gente vê o que tem mais saída, o que não tem, e aí vamos aprendendo... (DONA GIZÉLIA, consultar p. 157).

- É pra tirar duas, treis, mas não tira todo. E é pra tirar um olho, porque se tirar os dois aí mata (DONA EDENILZA SOBRE CUIDADOS COM O “CURIZEIRO”, EXTRATO RETIRADO DO DIÁLOGO, 2017).

- Por que quando o dia está fechado, dificulta a nossa visão quando entramos na água. Quando o dia está claro, ele reflete e se tiver algum bicho, podemos ver de longe e manter distância. Também quando ficamos dentro da água, se estiver frio, a gente não aguenta, as juntas ficam doendo. Ontem mesmo, a gente encontrou marimbondos. Irmã Iracema enxotou derrubando a casa na água. Corremos e esperamos, quando foram embora, entramos” (DONA EDENILZA, DIA 3/10/17, consultar p. 153).

- Pra fazer esteira é diferente, é diferente. Tem que cortar embaixo pra aproveitar a parte que está dentro da água.

Andréa: - E o resto da taboa? Faz o que com ela? E Dona Iracema diz:

- O resto dela minha irmã, serve pra fazer pu...hummm, balde, a do brilho tem que cortar embaixo pra aproveitar a parte que tá na água, tem que cortar a parte que tá na água (DIÁLOGO COM DONA IRACEMA, consultar p. 136).

Por que quando o dia está fechado, dificulta a nossa visão quando entramos na água. Quando o dia está claro, ele reflete e se tiver algum bicho, podemos ver de longe e manter distância. Também quando ficamos dentro da água, se estiver frio, a gente não aguenta, as juntas ficam doendo (RETIRADO DA ENTREVISTA COM DONA EDENILZA, 2017)

Dona Gizélia diz para uma das artesãs presente:

- Como você tingiu vermelho com laranja e saiu verde? Dirigindo-se para Dona Edenilza e Dona Moça. (Ver figura 31 abaixo)

Mistura...mistura as cores. Diz Dona Moça.

. Aí tem que fazer bastante né? Pergunta Dona Gizélia.

-E, porque é difícil conseguir a mesma cor quando a gente mistura. (DONA MOÇA E DONA GIZÉLIA, EXPLICANDO O PROCESSO DE TINGIMENTO DA TABOA.)

As análises com as divisões em uma categoria e várias unidades de sentido objetivaram construir um olhar (meu olhar de pesquisadora e cientista fenomenológica), mas a transcrição das entrevistas dentro da maior fidedignidade possível objetivou partilhar um pedacinho do universo das experiências cotidianas das mulheres extrativistas-artesãs da taboa que será interpretado por cada leitor/escritor/estudante/professor/cientista/pesquisador/que se dispôr a ler esta tese. Os capítulos 4 e 5 revelam-se importantes para que possamos perceber como estas mulheres interagem e ligam-se uns aos outros em diferentes contextos diários. A fenomenologia social me faz questionar:

- Qual a ação no mundo, qual processo que orienta o mundo da vida das mulheres extrativistas-artesãs da taboa: e a resposta que encontro é o trabalho... O trabalho com a taboa é o que as uniu e as orienta. O que já fazia parte desse mundo da vida cotidiana?

-A *typha*. Antes, elas trabalhavam com a trança, com tarrafa, mas a partir da taboa, elas conseguiram melhorar em muitos aspectos, dentre os quais cito: o econômico como principal. Como Dona Nininha mesmo disse ela levava meses na tarrafa para receber R\$50,00, hoje elas conseguem vender uma bolsa por R\$50,00, mas com a diferença que, é muito mais rápido o processo, mesmo considerando o tempo de secagem da taboa. A partir da produção com a *Typha*, elas começaram a participar de cursos, em seguida os cursos as motivavam a sair de casa, do assentamento e as vezes até mesmo da cidade para outra cidade e oportunizaram conhecer outras pessoas e outros contextos.

Formaram um grupo de artesãs, fazem parte de uma associação, a qual recebeu apoio de órgãos externos, a exemplo do Sebrae, que questionou sobre quantidade e capacidade de produção, instigando-as conhecer mais sobre o como manter a *Typha* sempre em produção e desta forma, divulgam formas de extrair a *Typha spp.*, mas com cuidado para não prejudicar as produções futuras.... Já no Peac desenvolvido pela Petrobras incentivou o início do pensar o ambiente natural.

A participação no grupo do Assentamento proporcionou convivência cotidiana, a qual possibilitou o diálogo e do diálogo, perguntas, comparações, expectativas e questionamentos sobre “ser mulher” surgiram. Os diálogos em casa mudaram, as expectativas e forma de educar também. Agora os filhos também têm que fazer o dever doméstico... Podemos afirmar que, de certa forma, houve uma inversão de situações.

Estudos denunciam que a mulher é sempre vista como “ajuda” no lote. E hoje, podemos ouvir que o homem “ajuda” nos deveres domésticos da família, a exemplo dos filhos homens que também ajudam. Eles já cozinham, limpam “do jeito deles, mas limpam” (Dona Edenilza), vão para casa de farinha e dividem tarefas do cotidiano como podemos verificar na figura 41. Dona Ivanda também traz a importância da divisão do trabalho doméstico com os filhos e o esposo. Ela relata:

- As veiz eles faz assim, brinca com ela né. Quando o pai tá em casa, aí é uma benção, aí ele ajuda, ele faz comida, ele dá banho, ele faz tudo dentro de casa. Mas quando ele não táaa. O lote fica aqui no fundo da casa e ele trabalha em outros lotes que ele vai trabalha. (sic) (EXTRATO RETIRADO DA ENTREVISTA COM D. IVANDA, consultar p. 177).

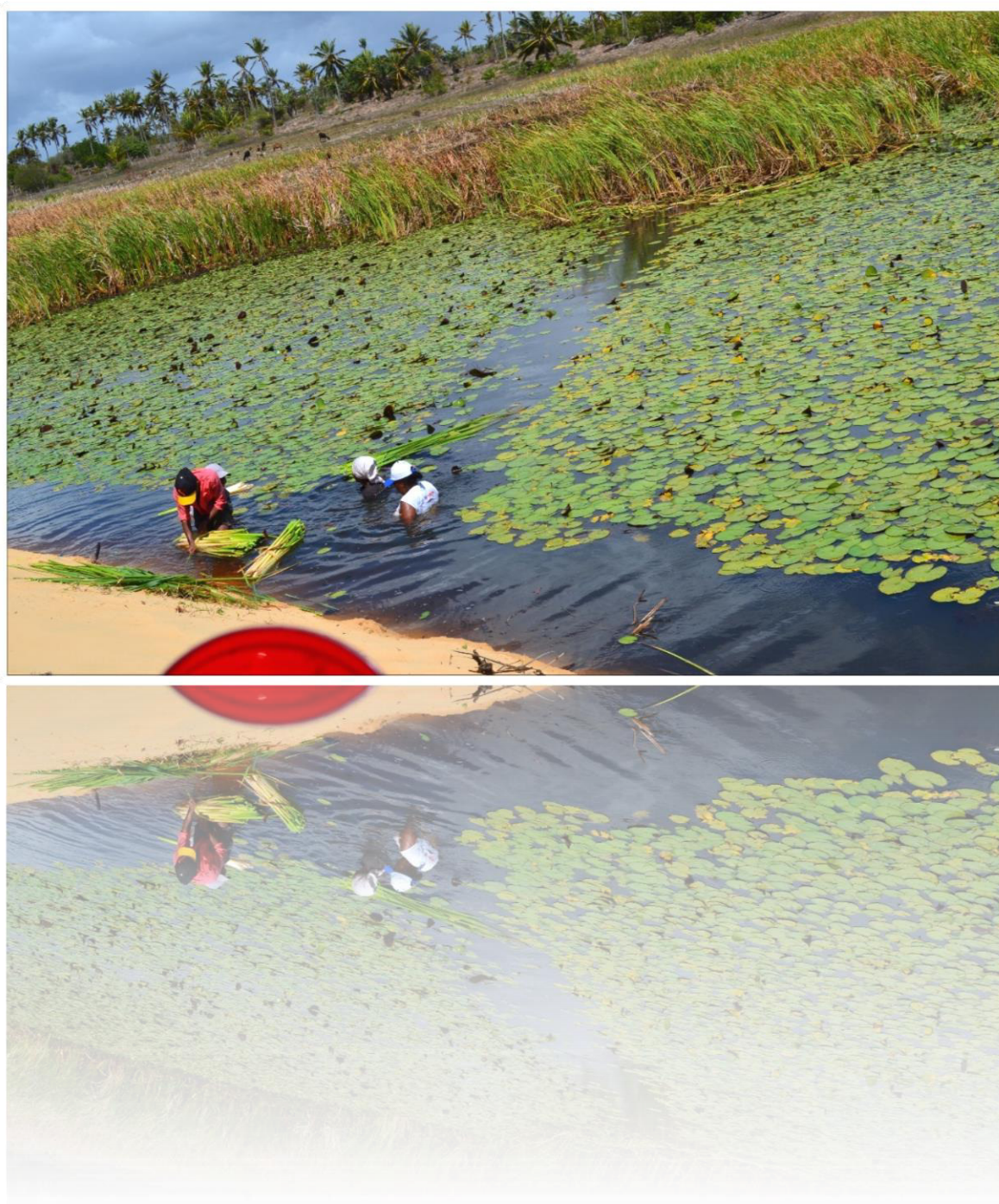
Figura 25 - Casa de farinha do Assentamento Santana dos Frades, Pacatuba, Sergipe, Brasil



Fonte: Acervo Pessoal de Carvalho, 2018

Outras unidades de sentido poderiam ser construídas, mas deter-me-ei nestas aqui apresentadas. Poderíamos incluir a acomodação em algumas situações, a apatia em outras, e

elas podem até contradizer a resiliência que acabamos de construir como categoria. Mas confianço que a acomodação e mesmo apatia faça parte do processo de resiliência. Às vezes, estamos tão cansados que queremos simplesmente deixar a vida nos levar...Faz parte do crescimento do ser humano. O importante, no final, é continuar sempre...mesmo que parando algumas vezes para descansar.



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

CONCLUSÕES

CONCLUSÕES

A referida tese constata o quão relevante é a taboa (*Typha spp.*) para a sustentabilidade das mulheres extrativistas-artesãs em áreas de assentamento. Além de ser uma matéria prima carregada de significado e funções, a exemplo de ser utilizada como filtro nos rios, lagos e lagoas, absorvendo metais pesados e purificando o ar e a água, ser biorremediador e biocombustível, vermífugo para caprinos, alimento, tochas, abrigos, telhados, whiskey e artesanato, a *Typha* para as mulheres artesãs extrativistas da taboa, é, enquanto unidade de significado em uma fenomenologia social do cotidiano: sobrevivência. A sobrevivência é trabalho, é união, é camaradagem, é vivência existencial.

Enquanto vivência existencial, a *Typha spp* é matéria prima primorosa para mãos que geram renda, geram arte, transformando e ressignificando o ambiente do qual as mulheres são parte.

A *Typha* sustenta e é sustentada pelas mulheres extrativistas-artesãs de Santana dos Frades que, mediante desejo e saberes herdados e construídos, conseguiram (res)significaram a fibra da taboa a partir de técnicas artesanais que foram transmitidas inter e intragerações. Utilizando a taboa in natura ou fazendo uso de tinturas para ir aperfeiçoando a (p-)arte de cada objeto produzido.

A sabedoria tornou possível o aprendizado dessa atividade artesanal, construído principalmente, por meio de tentativas, erros e acertos. Como disse Dona Gizélia “[...] vivendo e aprendendo, a gente via o que funcionava e continuava, e o que não funcionava ou não vendia, a gente deixava pra lá e tentava coisas novas”.

De acordo com a fenomenologia social, buscamos compreender a “atitude natural” do ser humano no seu cotidiano, no seu dia-a-dia enfim com escreveu Schutz “no mundo da vida”. No mundo da vida das mulheres extrativistas-artesãs da taboa do Assentamento Santana dos Frades, referente aos conhecimentos comuns compartilhados entre as artesãs concernente à colheita da taboa, ouvimos e aprendemos que ao cortar o ramo da planta, está se fazendo uma poda e portanto, contribuindo para que esta possa permanecer brotando forte e purificando o local onde está.

Os estudos citados no decorrer deste estudo, apontou que a *Typha spp.* atua como um filtro para impurezas, mas, ultrapassando o período de três anos, ela começa a liberar substancias que causarão eutrofização do ambiente em que se encontra. A poda, que as mulheres

fazem, impede que ocorra esse processo, e a *Typha spp.* continuará atuando sempre como um filtro e como abrigo para peixes, aves e animais. As águas dos locais onde ocorreu a colheita da espécie, estava sempre cristalina.

Nesse sentido, pode-se afirmar que há uma relação simbiótica da planta, pois a relação humana (poda) está contribuindo com o processo de uma produção sustentável. Aparentemente, a planta adaptou-se ao ciclo de rizomas que se aglomeram, pois, o mesmo princípio pode ser visto na plantação da cana de açúcar, que tem que ser colhida antes da florescência, pois gasta menos energia. Ocorre com a *Typha spp.*, uma provável alteração evolutiva, porquanto a poda esta estimula o crescimento, ao mesmo tempo que impede a florescência, haja vista que, a *Typha spp.* colhidas no local, mediu 4,13 m de altura, enquanto na literatura estudada a *Typha spp.* tem em média 2,50 a 3 metros de altura.

Outro fator de impacto positivo é que estas mulheres extrativistas-artesãs estão gerando renda, aprendendo a convivência entre si, o diálogo se tornando uma ferramenta essencial para superarem juntas as divergências que ocorrem, assim como estão se tornando referências para a comunidade.

O propósito que ecoa nesta trajetória traduz os efeitos que a taboa como matéria prima in natura utilizada pelas mulheres extrativistas-artesãs, que a transforma em produtos artesanais, prospectando conquistas ao mergulhar nos lagos e lagoas para extrair sabiamente a planta que tem garantido seu sustento socioeconômico e seu fortalecimento enquanto mulher de ação, que consegue ultrapassar barreiras de longas distâncias, arames farpados e cercas, animais peçonhentos, de sol a pino e literalmente, mergulha no mundo da vida.

Por outro lado, temos a taboa. Ela é a protagonista dessa história, porque é ela que garante a sustentabilidade e o fortalecimento das mulheres no assentamento. Mais que isso, longevas datas imemoráveis das quais ela tem feito parte da vida do homem. Relatos de tribos indígenas no início da colonização das Américas, da Ásia e da Europa, as taboas do tempo permanecem viçosas, captando, filtrando, purificando e modificando vidas. É graças à taboa que as artesãs podem se inserir dentro de uma economia socioambiental, de uma economia criativa, de uma economia solidária.

Concernente às mulheres pesquisadas durante a construção desta tese, a sustentabilidade ou o conceito nunca foi mencionado por elas. Percebe-se nas vivências cotidianas que o cuidado com o ambiente é uma prática cotidiana. O cuidado para usar o mínimo possível de defensores químicos, o não desperdício de alimentos, com aproveitamento e reaproveitamento de todo material orgânico, seja na alimentação dos assentados, familiares e vizinhos, ou como comida

para animais. Para as mulheres a sustentabilidade é uma prática que se constitui em ações cotidianas, haja vista que, reordenam, ressignificam objetos da natureza para suprir necessidades emergenciais no seio da família e não simplesmente a obtenção do lucro econômico.

Assim, influências exteriores sinalizam para outros aproveitamentos da taboa, assim como o artesanato lhes permite avançar na criatividade, tingindo fibras, testando, experimentando, ousando novas formas de se (re)criar cotidianamente, dando significado aos objetos que constroem fio a fio, passo a passo, comercializando-os enquanto obras de arte in natura que alteraram e certamente, alterarão significativamente seus viveres cotidianos.

Traduzir as visões das mulheres extrativistas-artesãs de Santana dos Frades sob a forma de relatos foi um mergulho dentro do mundo delas, buscando diálogos e compartilhamentos de pensamentos, emoção, ações, que foram traduzidas em lágrimas, risos e caminhadas que eram ao mesmo tempo, estafantes e prazerosas.

Os registros fotográficos ajudaram-me principalmente a captar imagens e momentos preciosos que a olhos nus passariam despercebidos, como a cobra na árvore que, se não fosse alertada pela visão acurada das mulheres, teria com certeza me sentado ao lado dela, ou do cabrito que foi salvo, e que, depois de aproximar as fotos, percebi dona Nininha aventurando-se a salvá-lo. Captei a solidariedade que une as mulheres, quando caminham brincando e conversando, quando levantam a cerca para ajudar outras a atravessar, quando partilham da taboa que colhem, quando se sentam no chão, na varanda, ou embaixo da sombra de uma árvore para criar arte.

Esse é o diferencial que encontramos quando nos deparamos com artesanato. São criações únicas, repletas de significado. Cada peça tem seu valor, cada artesã tem seu fio, seu tracejado, sua pintura, sua mistura, sua cor... a valoração da simplicidade revestida de valor e ação...

As viagens que essas mulheres fazem para comercializar sua arte, permite-lhes sair do espaço do assentamento, aquele microcosmo repleto de significados e ir para outros lugares, conhecer outras pessoas, outros pensamentos, outros estados e outras artes, compartilhando pensamentos, aprendendo outras formas de (sobre)viver.

Quanto aos significados que as mulheres atribuem às suas ações no processo de construção da sustentabilidade socioambiental, para essas mulheres, a taboa, como diz Dona Nininha, Dona Ivanda, Dona Gilvaneide, Dona Maria José, Dona Edenilza, Dona Gizélia e Dona Iracema, a artesã-mestra de Santana dos Frades “[...] a taboa pra mim é tudo. Tudo de

bom”, “graças a taboa eu agora tenho uma renda melhor, antes passava até dois meses para receber, hoje, quando vendemos as bolsas, é muito melhor”. Para as mulheres que o companheiro está desempregado, é ainda mais importante...

Portanto, estando cientes da importância da taboa na vida delas, elas têm práticas de conservar a taboa, ao cortar no lugar correto, entre o palmito e a raiz, de forma que, no próximo ano, tenha novamente material para continuar criando. Após a colheita e o transporte da taboa, elas abrem as plantas, talo por talo e em seguida a planta é colocada para secar, uma semana se o tempo estiver bom, duas ou mais se estiver chovendo. Então, começa o processo de separação da fibra, de acordo com o objetivo de cada peça. Se for para fazer esteiras, é uma espessura diferente, se for para fazer bolsas, ou outras peças menores, as fibras são transformadas em linhas e depois são entrelaçadas, formando tranças que se entrelaçarão formando arte.

Dona Iracema fez curso junto ao PEAC, e é quem mais alerta as mulheres extrativistas-artesãs a respeito da necessidade de manusear a taboa com cuidado, conforme relato de Dona Edenilza. É ela também quem está preparando a geração de meninas do assentamento para se quiserem, trabalhar com a taboa. Elas não têm essa discussão de pensar nas questões socioambientais, por exemplo, elas não dizem “[...] não vou arrancar a taboa pela raiz porque senão ela morre e prejudica o ambiente”, não, elas não dizem “[...] vamos cuidar da taboa, vamos cortar ela certinho, vamos pisar com cuidado nas raízes quando estivermos dentro da água”, porque isso é sustentabilidade socioambiental.

O que elas pensam e agem tem como principal objetivo o sustento da família e conseqüentemente, da comunidade. Elas colhem com cuidado, elas pensam no futuro de seus filhos e netos, elas não desperdiçam alimentos, tudo é aproveitado e reaproveitado, elas têm ciência de que não devem usar defensivos químicos nas plantações, porque, a maioria planta para sobrevivência e poucos são os assentados em Santana dos Frades que vendem o excedente.

O cuidado com o meio ambiente, no caso delas, vem da necessidade de sobrevivência. É a partir dos saberes compartilhados e partilhados por Dona Iracema, que estas mulheres constroem, inconscientemente, a sustentabilidade socioambiental. Seja na coleta da Taboa, na preparação das bolsas, nos afazeres doméstico, elas reaproveitam quase tudo ao máximo, exceção ao lixo produzido por sacos plásticos e pela forma com que moradores utilizam o riacho que passa pelo assentamento.

A correta extração da taboa é determinante para o novo crescimento, assim como para futuras colheitas, garantindo tanto a sustentabilidade socioeconômica quanto a socioambiental,

porque com base nessas ações estão implicitamente conservando o ambiente. O papel da mulher artesã ganha destaque no mundo artístico em que trata a taboa, (re)significando carinhosamente cada produto colhido, separando-as como sendo útil para um determinado objeto artístico, a exemplo das bolsas, porta celular, porta panelas, tapetes, esteiras e outros objetos artesanais. Com o passar do tempo, aprendi a ouvi-las com atenção e compreendi que elas aprendem e apreendem conhecimentos nas reuniões do grupo, na Associação de Artesanato localizado no povoado Tigre, nas igrejas do assentamento e na escola e assim seguem, no mundo da vida, (re)criando arte e artesanato.

Figura 26 - Bolsas e produções a partir da *Typha spp.*



Fonte: Andréa F. de Carvalho (2017).

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

AJIBADE, Idowu; MCBEAN, Gordon; BEZNER-KERR, Rachel. Urban flooding in Lagos, Nigeria: Patterns of vulnerability and resilience among women. **Global Environmental Change**, v. 23, n. 6, p. 1714-1725, 2013. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0959378013001441>> Acesso em: 03 de março de 2015.

ALMEIDA, Anaídes. **A construção do ser homem e ser mulher**. Salvador: EDUNEB, 2010.

ALMEIDA, Ronise Nascimento de. **Itinerantes rurais: a sustentabilidade das famílias pluriativas**. 2015. 212 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015. Disponível em: <<https://bdtd.ufs.br/handle/tede/1113>> Acesso em abril de 2016

ALMEIDA, Ronise Nascimento de. Organizações sociais: numa proposta de sustentabilidade em assentamentos rurais. 150 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006. Disponível em: <https://bdtd.ufs.br/handle/tede/1209>. Acesso em abril/2016.

ALSTON, Margaret. Gender Mainstreaming and Climate Change. In: **Women's Studies International Forum**, vol. 47, pp. 287-294. 2014. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/journal/02775395/47>. Acesso em julho de 2015.

ALVARENGA, Augusta Thereza. PHILIPPI JR. Arlindo. SOMMERMAN, Américo. ALVARES, Aparecida Magali de Souza. FERNANDES, Valdir. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. 3- 68. In: PHILIPPI JR, Arlindo. SILVA NETO, Antônio J. (editores). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri, São Paulo: Manole, 2011.

ALVES, Cláudia Costa. Os resumos das comunicações e as possibilidades esboçadas no II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. pp. 195-202. In: CATANI, D. e SOUSA, Cynthia P. de. **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

AMADO, Maria Zélia Alves. **O Trabalho da Mulher nos Agroecossistemas: Um Estudo no P.A. Dandara Malhador (SE)**. Dissertação defendida na Pós-Graduação em Agroecossistemas. 2007. Disponível em: <https://bdtd.ufs.br/handle/tede/397>. Acesso em fevereiro de 2017.

ARAÚJO ALMEIDA, Rogério de; OLIVEIRA, Luiz Fernando Coutinho de; KLIEMANN, Humberto José. Deformação em inflorescência de taboa (*Typha angustifolia* L.) submetida a esgoto sanitário. **Pesquisa Agropecuária Tropical**, v. 37, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/2530/253020281010.pdf>> Acesso em: abril de 2016.

ARAÚJO, Cédina Maria. A invisibilidade do trabalho das mulheres na produção em assentamentos rurais de Baraúna/RN. In: CARVALHO, Marília Pinto. PINTO, Regina Pahim. **Mulheres e Desigualdade de Gênero**. São Paulo: Contexto, 2008.

AZEVEDO, Maria Thereza. Documentário: **Memórias Clandestinas**. Duração de 1:10:06. Publicado em 1 de março de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j0wW2DCnN9o>. Acesso em janeiro de 2017.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARKO, J.W.; Gunnison, D.; Smart, R.M. 1991. Sediment interactions with submersed macrophyte growth and community dynamics. *Aquatic Botany* 41: 41-65. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com>> Acesso em: março de 2016.

BEAMAN, Lori. DUFLO, Esther. PANDE, Rohini. TOPALOVA, Petia. Female Leadership Raíses Aspirations and Educational Attainment for Girls: A Policy Experiment in India. In: **Science** vol. 335 february 2012. Disponível em: <www.sciencemag.org> Acesso em março de 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 9ª. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BENERIA, L. Reproduction, production and the sexual division of labour. p.202-225. **Cambridge Journal of Economics**, 3. 1979. Disponível em: <<http://cje.oxfordjournals.org/content/3/3/203.extract>> Acesso em fevereiro de 2016.

BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira; NORDER, Luís Antônio Cabello. **O que são assentamentos rurais?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado da sociologia do conhecimento. 1966. Tradução Floriano de Souza Fernandes. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERTAUX, D. A abordagem biográfica: sua validade metodológica, suas potencialidades. Tradução de Lucila Schwantes Arouca, Martha Rosa Pisani Destro. **Cahiers internationaux de sociologie**, janvier-juin 1983, PUF, Paris. In: L'Homme et la société, N. 69-70, 1983. Actualité des philosophes de l'École de Francfort. pp. 217-218 Paris, v. 19, juin/dec. 1980. Disponível em : <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/homso_0018-4306_1983_num_69_1_3701_t1_0217_0000_2> Acesso em maio de 2015.

BEZERRA, Marina Franca Lelis. **Os conflitos que envolvem as comunidades tradicionais de Barra dos Coqueiros**: a dinâmica das catadoras de Mangaba. 2015. 125 f. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015. Disponível em: <<https://bdtd.ufs.br/handle/tede/2705>> Acesso em março de 2017.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução Maria João Alvarez e outros. Lisboa: Porto, 1994.

BORGES, Ana Kleiber Pessoa. **Despoluição de águas superficiais e efluentes de piscicultura através de sistemas construídos de áreas alagadas** (Constructed Wetland). 2005. xv, 140 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103934>> Acesso em: março de 2017.

BRANDÃO, Tatiana F. B. BORGES, Janice R. P. As estratégias de sobrevivência e ações organizativas das Integrantes de uma Associação de Mulheres Agricultoras, em transição agroecológica, no Semiárido Sergipano. IX Congresso Brasileiro de Agroecologia: Diversidade e Soberania na Construção do Bem Viver. In: **Cadernos de Agroecologia**, vol. 10, n. 3, 2015.

BRASIL - Reflora – **Herbário**

Virtual. Disponível: <http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual/ConsultaPublicoHVUC/ConsultaPublicoHVUC.do?idTestemunho=3801575> Acesso em 23/10/2017.

BRASIL, M. S. et al. Plantio e desempenho fenológico da taboa (*Typha spp.*) utilizada no tratamento de esgoto doméstico em sistema alagado construído. **Revista de Engenharia Sanitária e Ambiental**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 266-272, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/esa/v12n3/a04v12n3>. Acessado por Carvalho em 11 de abril de 2017.

BRASIL. Bove, C.P. 2015. **Typhaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB242>>.

BFG. Growing knowledge: an overview of Seed Plant diversity in Brazil. *Rodriguésia*, v.66, n.4, p.1085-1113. 2015. (DOI: 10.1590/2175-7860201566411).

BRASIL. PEAC- Programa de Educação Ambiental com Comunidades Costeiras. IV Encontro do PEAC. Disponível em: <http://programapeac.com.br/iv-encontro-do-peac/>. Acesso em fevereiro/2017.

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699>> Acesso em julho de 2015.

BRUMER, Anita. Mulher e Desenvolvimento rural, 1996. p.39-58. In: PREVESLOU, Clio; ALMEIDA, Francesca Rodrigues; ALMEIDA, Joaquim Anécio. (Orgs.) **Mulher, Família e Desenvolvimento Rural**. Universidade Federal de Santa Maria: EDUFMS, 1996.

BRUSEKE, Franz Josef. SELL, Carlos Eduardo. **Mística e Sociedade**. Universidade do Vale de Itajaí. Itajaí. São Paulo: Paulinas. 2006.

CABRAL, Flávio José Gomes; MEDEIROS, Maria da Glória Dias; ARAÚJO, Antônio Henrique da Silva. **Lugar de Mulher é na Revolução**: Confissões de uma Clandestina. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1205-1218.pdf>. Acesso em março de 2017.

CARNEIRO, Maria José; TEIXEIRA, Vanessa Lopes. Mulher rural nos discursos dos mediadores. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 5, p. 45-57, 1995. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/cinco/zeze5.htm>> Acesso em: agosto de 2016.

CARVALHO Andréa Freire de, MORAES, MS. A importância da tecnologia na sala de aula: a construção de um vídeo educativo sobre o meio ambiente na cidade de Aracaju. In: Anais do II seminário de educação, comunicação, inclusão e interculturalidade. Sergipe, 12 a 14 de agosto, 2009.

CARVALHO, Andréa Freire de. **Interpretações socioambientais da mística do movimento dos trabalhadores rurais sem terra**. 2013. 139f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. Disponível em: <<https://bdtd.ufs.br/handle/tede/1170>> Acesso: março de 2016.

CARVALHO, Fernanda Torres. PICCININI, César Augusto. Aspectos Históricos do feminino e da maternidade e a Infecção pelo HIV em mulheres. **Revista Ciência E Saúde Coletiva**, (13) 6; p. 1889 a 1898, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v13n6/a24v13n6>> Acesso em: setembro de 2016.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Tradução Caesar Souza. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CHENÉ, Adèle. A narrativa de formação e a formação de formadores. In: NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

CIANDRINI, Fernanda. **A natureza do/no MST**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental: Rio Grande, 2010.

CLAASSEN P. W. A Possible New Source of Food Supply. The Scientific Monthly, Vol. 9, No. 2 (Aug. 1919), pp. 179-185 Published by: **American Association for the Advancement of Science** Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/6739>. Acesso em: setembro de 2017

CLAASSEN P. W. A Possible New Source of Food Supply. The Scientific Monthly, Vol. 9, No. 2 (Aug. 1919), p. 179-185 Published by: **American Association for the Advancement of Science** Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/6739>. Acessado por Carvalho em setembro de 2017.

CLAPIER-VALLADON, Simone [et al.]. **Les récits de vie : théorie et pratiques**. Paris: PUF, 1983.

COMITE DE REDACTION, AAC n. 17 – **L’approche biographique, dans revue Interrogations** ? L’approche biographique : biographique en sociologie. Paris: Rapport CORDES, 1976. Disponível em: <<http://www.revue-interrogations.org/AAC-no17-L-approche-biographique>> Acesso em julho de 2015.

CONNELL, Raewyn. 100 million Kalashnikovs: gendered power on a world scale. **Debate Feminista**, v. 51, p. 3-17, 2016. Disponível em: <https://ac.els-cdn.com/S0188947816300275/1-s2.0-S0188947816300275-main.pdf?_tid=ce6e543a-0856-11e8-bab5-00000aacb361&acdnat=1517603136_ca0f0ee8b09f0aec9172249cfa82d2ba> Acesso em: junho de 2016.

COSTA, Sandro Luiz da. **Áreas protegidas e assentamentos rurais em Sergipe: sob o enfoque do princípio constitucional do desenvolvimento sustentável**. 2016. 305 f. Tese (Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.

COULON, Alain. **A escola de Chicago**. Tradução Tomás R. Bueno. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

COURTOIS, Bernadette e PINEAU, Gaston. (Coord.). **La formation expérientielle des adultes**. Paris : La documentation française, 1991.

CRASKE N. Women and Politics in Latin América. New Brunswick. Rutgers University Press, 1999

DE FLEUR, M. L. WESTIE, F.R. Classical Understanding of attitudes. p. 17-31. In : Attitude as a scientific concept. **Rev. Soc. Forces**, 1963, 42.

DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo**: história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. Tradução Cid Knipel Moreira. 8ª. Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DEERE, Carmen D.; LEÓN, Magdalena. **O empoderamento da mulher**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

DEMO, Pedro. **Conhecimento moderno**: sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

DEPRAZ, Natalie. **Compreender Husserl**. Tradução Fábio dos Santos. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DESMARAÍ, Danielle. Les récits de vie. **Théorie, méthode et trajectoire type**. Paris: Montreal: L'Harmattan, 1986.

DESROCHE, Henri. **Entreprendre d'apprendre**. Paris: Ouvrières, 1991.

DICTIONARY.com – dictionary .com/unabridged. Random House, Inc. <http://dictionary.com/browse/cattail> accessed: September 13, 2017

Documentário **Francisco Julião**: na lei ou na marra. Publicado em 25 de jan. de 2016. Duração de: 23':35". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=43n2sfBy0Ho>. Acesso em janeiro de 2017.

DOEDERLEIN, João. O livro dos ressignificados. 1a. ed. São Paulo: Paralela, 2017.

DOURADO, Auceia Matos. **Viver e pertencer**: identidades e territórios nos assentamentos rurais de Sergipe. Tese, 2014. (Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE. Disponível em: <https://bdtd.ufs.br/handle/tede/2178>. Acesso em fevereiro de 2017.

ESTEVES, Jussara Carvalho Batista. **Desenvolvimento Rural e Subdesenvolvimento Econômico no Baixo São Francisco Sergipano**. Dissertação (Pós-Graduação em Economia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE. 2012. Disponível em: <https://bdtd.ufs.br/handle/tede/1530>. Acesso em março de 2017

FERRAROTTI, Franco. **Histoire et histoires de vie**: la méthode biographique dans les sciences sociales. Traduit de L'italien par Marianne Modak. Paris: Librairie des Meridiens, 1983.

FIA, Fátima Resende Luiz et al. Remoção de nutrientes por *Typha latifolia* e *Cynodon* spp. cultivadas em sistemas alagados construídos/Nutrients removal by *Typha latifolia* and *Cynodon* spp. grown in constructed wetlands. **Revista Ambiente & Água**, v. 6, n. 1, p. 77,

2011. Disponível em: http://www.ablimno.org.br/acta/pdf/04_200401.pdf. Acesso em dezembro de 2017.

FISCHER, Isaura Rufino. A mulher do acampamento rural na conservação ambiental. P. 241-262. In: MOURA, Alexandrina Sobreira (org.). **Políticas Públicas e Meio Ambiente: Da economia política às ações setoriais**. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2009.

FORREST, Daniel T. Beyond presence and absence: Establishing diversity in Connecticut's early Holocene archaeological record. **Bulletin of the Archaeological Society of Connecticut**, v. 62, p. 79-99, 1999. Disponível em: <
https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/8416340/asc62.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1517609244&Signature=%2BVJBERM6v4uUd864LmHxmEmEVWI%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DThe_Middle_Archaic_Period_in_Connecticut.pdf#page=79> Acesso em novembro de 2017.

FRANÇA, Fabiane Freire. SASSO, Andrea Geraldi; SANTOS, Paula Vidal dos; SANTOS, Renata; GLOOR, Viviane Cristina Ferreira. **Educação e gênero: Relatos De Experiências Sobre Pesquisas De Iniciação Científica**. 2013 Disponível em:
<http://www.fecilcam.br/anais/v_enieduc/data/uploads/ped/trabscompletos/ped04509337922.pdf> Acesso em maio de 2016.

FREITAS, Maria Aparecida. Instituto Nacional De Pesquisas Da Amazônia - INPA Programa De Pesquisa Em Biodiversidade - PPBio E Centro Integrado De Pesquisas Amazônicas - CENBAM Relatório De Atividades- Curso de Fotografia Científica. 2014. Disponível em: https://ppbio.inpa.gov.br/sites/default/files/maria_aparecida_freitas.pdf. Acesso em jan./2018.

FRIEDAN, Betty. **IT CHANGED MY LIFE: Writings on the women's Movement**. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts. 1998.

GALLINDO, Donizete. Instituto Embu de Sustentabilidade. Vídeo 9 min:27s. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=ZkhfUC7gRKg>. Acessado por Carvalho em Junho de 2017.

GILLIGAN, Carol. **In a different voice: psychological theory and Women's Development** – 38o. reprint. Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts, and London, England, 1936.

GILLIGAN, Carol; RICHARDS, David A. J. (2008-11-10). **The Deepening Darkness: Patriarchy, Resistance, and Democracy's Future** (p. 19). Cambridge University Press. Edição do Kindle.

GOHN, MARIA Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 2010.

GOIS, Deisi Tatiani de. **Identificação De Riscos Ambientais Nas Atividades Desenvolvidas Por Agricultores Em Duas Comunidades** (Linha Progresso E Linha Diamantina) Do Interior Do Município De Palmitos/Sc. Monografia apresentada ao Curso Engenharia de Segurança do Trabalho da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2015/02/Monografia-Deisi-Tatiani-de-Gois.pdf>> Acesso em janeiro de 2018.

GONCALVES, Betânia Diniz. **Participação e consciência política**: análise psicopolítica da experiência de lideranças femininas urbanas. *Psicol. Ver. Belo Horizonte*, v. 13, n. 1, jun. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682007000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em fevereiro de 2015.

GRACE, J. B. No HARRISON, J. S. The biology of Canadian weeds.: *Typha latifolia* L., *Typha angustifolia* L. And *Typha xglauca* Godr. Canadian. **Journal of plant**. Vol.66 Pages 361-379.Disponível em: <<http://www.nrcresearchpress.com/toc/cjps/66/2>> Acesso em: dezembro de 2017.

GROSSHANS, Richard E; GRIEGER, Lorne. **Cattailbiomass to energy**: commercial-scale harvesting of cattail biomass for biocarbon and soil fuel. Winnipeg, Manitoba, Canada. International Institute for Sustainable Development Ottawa, Ontario. Canadian Eletronic Library, 2013.

GROSSHANS, Richard. Cattail Harvesting Research Conducted in Manitoba: The Western Producer. 2011. Disponível em: <http://www.nwroc.umn.edu/sites/nwroc.umn.edu/files/cattail_management.pdf> Acesso em: julho de 2017.

GROSSHANS, Richard. In: SVEDARSKY, Dan; BRUGGMAN, Joshua; ELLIS-FELEGE, Susan et al. **Cattail Management in the Northern Great Plaíns**: Implications for wetland wildlife and bioenergy harvest. Northwest Research and Outreach Center, University of Minnesota, 2016. ACESSO por Carvalho em julho de 2017.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. BRITO, Murillo Marschner Alves de. Mercantilização no feminino: a visibilidade do trabalho das mulheres no Brasil. p. 71-82. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva. HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa. (Orgs). **Gênero e Trabalho no Brasil e Na França**: Perspectivas Interseccionais. Tradução Carol de Paiva. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

HARTMANN, H. Capitalism, patriarchy, and job segregation by sex. *Signs. Journal of Women in Culture and Society*, 1 (3)p.137-169. Spring, 1976.

HARTUNG, Tammi. **Cattail Moonshine & Milkweed Medicine**: The Curious Stories of 43 Amazing North American Native Plants. Storey Publishing, 2016.

HENRIQUES, Fernanda. Da possível fecundidade da racionalidade de Paul Ricoeur para o pensamento feminista. In: FERREIRA, Maria Luíza Ribeiro. **Pensar no Feminino**. Lisboa: Colibri, 2001.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. **Revista Nera**, Ano 9, n8. p. 1-28. Jan/jun. 2006.

HERNÁNDEZ, Carmen Osório. Reconhecimento e autonomia: o impacto do Pronaf-Mulher para as mulheres agricultoras (97 -121). In: SCOTT, Parry; CORDEIRA, Roseneide; MENEZES, Marilda. **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Ed. Mulheres. Ilha de Santa Catarina, 2010.

HORA, Karla Emmanuela R. Por que apoiar a produção científica com temáticas sobre as mulheres do campo, das águas e das florestas? **Revista Retratos De Assentamentos**, v.18, n.1, 2015.

HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia**. Tradução Artur Morão. Textos Filosóficos. Portugal: Edições 70 Ltda., 1973.

HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas**. Sexta Investigação. (Elementos de uma elucidação fenomenológica do Conhecimento). Seleção e tradução Zeljiko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

IRIGARAY, Luce. **This sex which is not one**. Cornell University Press, 1985. Disponível em: < <https://caringlabor.files.wordpress.com/2010/11/irigaray-this-sex-which-is-not-one.pdf>> Acesso em: março de 2016.

IZIDORO, Laís Túbero. SILVA, Martha Esthela dos Santos. BARONE, Luís Antônio. Políticas públicas e participação econômica de mulheres assentadas: o caso do PAA nos assentamentos do pontal do Paranapanema. **Retratos de Assentamentos**, v.16, n.2, 2013.

JENKS, Zalia. Proceedings of the society for Experimental Biology and Medicine. V.17, 2, pp.45-46. First published in 1919. **The Scientific Monthly** 1919, v.9 n.2.

JOSSO, Marie Christine. (Dir.) **La formation au coeur des récits de vie**. Expérienceet savoir universitaires. Paris: Harmattan, 2000.

JOSSO, Marie Christine. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In: FINGER, Mathias; NÓVOA, Antônio. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa, MS/DRHS/CFAP, 1988.

JOSSO, Marie-Christine. **Cheminer vers soi : le sujet en formation**. Lausanne, Éditions l'Âge de l'Homme, 1991.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação** (terceira edição no palco nos "Clássicos das histórias de vida", Coleção Pesquisa (auto)biográfica e Educação. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2012b.

JOSSO, Marie-Christine. O Corpo biográfico: Corpo que fala. **Educação Real**. V.37, n1, p. 19-31, Porto Alegre, 2012a.

JOUTARD, Philippe. **Ces voix qui nos viennent du passé**. Paris: Hachette, 1983.

KAÍSER, F. G. BYRKA, K. Reviving Campbell's Paradigm for attitude research. **Pers. Soc. Psychol. Rev.** 2010, p. 351-367.

KHURSHED Alam, Md. HABIBUR Rahma. Women in natural disasters: A case study from southern coastal region of Bangladesh. Original Research Article disponível em: **International Journal of Disaster Risk Reduction**, Volume 8, June 2014, Pages 68-82. Disponível em : <www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212429914000041> Acesso em março/2015.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. Teores de proteína em invertebrados de espécies nativas, potenciais hortaliças e frutas. **Ciência e Tecnologia de Alimentos**, Campinas, v. 28, n. 4, p. 846-857, 2008.

LECHAT, Noëlle Marie Paule. Relações de Gênero em Assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (RS): Participação da Mulher na Produção e Reprodução em Unidades Familiares e Coletivas. p 94-116. In: PREVESLOU, Clio; ALMEIDA, Francesca Rodrigues; ALMEIDA, Joaquim Anécio. (Orgs.) **Mulher, Família e Desenvolvimento Rural**. Universidade Federal de Santa Maria: EDUFSM, 1996.

LEJEUNE, Philippe. **L'autobiographie en France**. Paris: A. Colin, 1971.

LERAY, Christian et al. **Dynamique culturelle et autoformation**. Une histoire de vie en pays gallo. Paris: L'Harmattan, 1995.

LIMA, Luiz Augusto Normanha Lima. O método da Pesquisa Qualitativa do Fenômeno Situado. Uma criação do educador brasileiro Joel Martins, seguida pela professora Maria Aparecida Vigiani Bicudo. As análises: Idiográfica e Nomotética. Disponível em: *Investigação qualitativa em educação*. Volume 1. p.534-540. 2016.

LINDE, Arlyn F; JANISCH, Thomas; SMITH, Dale. Cattail – the significance of its growths, phenology and carbohydrate storage to its control and management. Technical Bulletin N 94 – **Department of Natural Resources** – Madison, Wisconsin, 1976.

LIU, Xincheng; VEDLITZ, Arnold; SHI, Liu. Examining the determinants of public environmental concern: Evidence from national public surveys. **Environmental Science & Policy**, v. 39, p. 77-94, 2014. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1462901114000537>> Acesso em março de 2015.

LOPES, Eliano Sérgio Azevedo. **Da Colonização dirigida na Amazônia à Reforma Agrária no Nordeste**: Origem, Trajetórias e Perspectivas de Colonos e Assentados. São Cristóvão/SE: EDUFS, 2013.

LOPES, Eliano Sergio Azevedo. História dos Movimentos Sociais no Campo em Sergipe: uma abordagem preliminar. s/d. **Fundação Joaquim Nabuco** (FUNDAJ). Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=600:historia-dos-movimentos-sociais-no-campo-em-sergipe-uma-abordagem-preliminar-&Itemid=414> Acesso: janeiro de 2017.

LOPES, Eliano Sérgio Azevedo. Um balanço da Luta pela Terra em Sergipe (1985 – 2005). **REV. SCIENTIA PLENA**. Vol 3. No. 1. 2007 Disponível em: <<https://www.scientiaplena.org.br/sp/article/view/600/254>> Acesso em janeiro de 2017.

MACHADO, Lia Zanotta. **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?** Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2000. Disponível em: < http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2012/08/MACHADO_GeneroPatriarcado2000.pdf> Acesso em: janeiro/2016.

MARQUES, Mariana Cristina Huget. *Typha domingensis* Pers. (Typhaceae) do Artesanato à fito remediação de ambientes aquáticos continentais eutrofizados – Dissertação de Mestrado

apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais e Conservação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro – RJ. Macaé, 2015. Disponível em:

<http://ppgciac.macaue.ufrrj.br/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Mariana_Cristina_Huguet_Marques.pdf> Acesso em: dezembro de 2017.

MARTIN M. Alexander C. ZIM, Herbert. NELSON, Arnold. **American Wildlife & Plants: a guide to wildlife food habitats and herbs by birds and mammals of the United States.** Mc Grow-Hill Book Company, United States of America, 1951.

MARTINS, Guilherme Paiva de Carvalho. A Compreensão das Práticas Sociais nas Abordagens Qualitativas, p. 9-25. In: VON ZUBEN, Marcos de Camargo. MENDES, Marcília Luzia Gomes da Costa. SOUZA, Karla Christine Araújo. VIEIRA, José Glebson. (Organizadores). **Sujeitos, Saberes e Práticas Sociais.** Mossoró, UERN, 2012.

MARTINS, Mary Lourdes Santana. **Rios, estuários e mangues: a mulher na pesca artesanal.** Dissertação, 2013. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE. Disponível em: <<https://bdtd.ufs.br/handle/tede/1154>> Acesso em março de 2017

MATOS, A. M. d. M.V.; LOURENÇO, A.R.; BOVE, C.P. Typhaceae in **Flora do Brasil 2020 em construção.** Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB242>>. Acesso em: setembro de 2017.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento.** Tradução Rosa Krausz. (Debates: 5/dirigida por J. Guinsburg. Título Original da Obra: Sex and Temperament in three primitive societies. 3ª. Reimp da 4. ed de 2000. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MEIHY, José Carlos S. **(Re) introduzindo história oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe B. RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de historia oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias.** São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** 2. ed. 4. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MELO, Agnes Santos. **Das Sombras às formas: a participação da mulher no movimento sindical dos trabalhadores e trabalhadoras rurais (MSTTR) no Estado de Sergipe.** 2009. 121 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009. Disponível em: <http://bdtd.ufs.br/handle/tede/481>

MELO, Juliana Franco. **Alternância como pedagogia na Escola Família Agrícola de Ladeirinhas SE: possibilidades de construção de práticas sustentáveis.** Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2013. <https://bdtd.ufs.br/handle/tede/1132>. Acesso em março/2017

MENDRAS, Henri. Sociologia do meio rural. Tradução Darcy da Silva. In: MENDRAS, Henry. Gurvitch, Georges. COURTIN, P. Bose, S.P. **Sociologia Rural: textos básicos de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MORAES, Tiala Cristine de Albuquerque de. **Análise da percepção ambiental na comunidade apiques (Itapipoca/CE): Um enfoque de gênero,** Fortaleza – CE, 2012. 101 f.:

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, PRODEMA - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza-CE, 2012. Disponível em <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16717>> Acesso em: março de 2017.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MOREL, Marcos. Cinco imagens e múltiplos olhares: ‘descobertas’ sobre os índios do Brasil e a fotografia do século XIX. **Rev. Histoire et Sociétés de l’Amérique Latine**, vol.nº 11-1, Paris, Harmattan/Aleph, 2000) p 1039 – 1058.
https://www.researchgate.net/publication/26368444_Cinco_imagens_e_multiplos_olhares_'de_scobertas'_sobre_os_indios_do_Brasil_e_a_fotografia_do_seculo_XIX, 2000. Acesso em jan. 2018.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Ed. Revista e modificada pelo autor. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar. **O Método 1: A natureza da natureza**. Tradução Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2008.

NASCIMENTO, Jorge M. L. do; Queiroz, Mário A. A.; Gomide, Catarina A.; Lacerda, Roseli S.; do Amaral, Atanásio A.; Ferrari, Jéferson L. Potencial nutricional de plantas de *Typha domingensis* Pers. como opção forrageira. **Revista Brasileira de Ciências Agrárias**, vol. 9, núm. 2, 2014, pp. 290-294. Universidade Federal Rural de Pernambuco.

NASCIMENTO, Jorge Messias Leal do et al. Crescimento e valor bromatológico de taboa sob condições semiáridas. **Pesquisa Agropecuária Tropical**. Goiânia, v. 45, n. 1, b p. 97-103, mar. 2015. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-40632015000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 de novembro de 2017.

NASCIMENTO, Jorge Messias Leal do. COSTA, Fernanda Rodrigues Lima da. QUEIROZ, Mario Adriano Ávila. SANTOS, Manoel Eduardo Rozalino. Crescimento e Valor Bromatológico da taboa sob condições semiárida. Disponível em: **Pesq. Agropec. Trop.**, Goiânia, v. 45, n. 1, p. 97-103, jan./mar. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pat/v45n1/1983-4063-pat-45-01-0097.pdf>> Acesso em: janeiro de 2018.

NÓVOA, Antônio; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa, MS/DRHS/CFAP, 1988.

OLIVEIRA, Débora Catherine Santos. **Produtores rurais do alto sertão sergipano: financiamento e estiagem em foco**. 2015. 175 f. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015. Disponível em: <https://bdtd.ufs.br/handle/tede/2754>. Acesso em março/2017

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **Elogia da diferença: o feminino emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. **Ciência hoje**. v.5 n.28, jan./fev. 1987.

PEIXOTO, Adão José. HOLANDA, Adriano Furtado (Coord.). **Fenomenologia do Cuidado e do Cuidar**: perspectivas multidisciplinares. Curitiba. Juruá, 2011.

PENA, Maria Valério Junho; CORREIA, Maria C.; VAN BRONKHORST, Bernice. **A questão de gênero no Brasil** (2005). Rio de Janeiro, Gráfica O Lutador, 2005.

PENEFF, Jean. **La méthode biographique**. De l'Ecole de Chicago à l'histoire orale. Ed. Armand Colin, 1990. Disponível em: <www.persee.fr> Acesso em maio de 2015.

PENEFF, Jean. Lés grandes tendances de l'usage des biographies dans la sociologie française. **Politix. Revue des sciences sociales du politique**, v. 7, n. 27, p. 25-31, 1994. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/polix_0295-2319_1994_num_7_27_1861> Acesso em: julho de 2015.

PERROT, Michelle. A história feita de greves, excluídos & mulheres (entrevista). **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 8(2): 191-200, outubro de 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v8n2/0103-2070-ts-08-02-0191.pdf>. Acesso em fevereiro/2017.

PHILIPPI JR, Arlindo. TUCCI, Carlos E. Morelli; HOGAN, Daniel Joseph; NAVEGANTES, Raul. **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. Vários Colaboradores. São Paulo: Signus, 2000.

PINASSI, Maria Orlanda. O protagonismo das mulheres no MST. Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt7/14_mariaorlandapinassi.pdf> Acesso em abril de 2016.

PINEAU, Gaston e JOBERT, Guy. **Histoire de vie** - Tome 1 – utilisation pour la formation. Paris: L'Harmattan, 1989.

PINEAU, Gaston et al. **Produire sa vie**: autoformation et autobiographie. Paris:Edilig, 1983.

PINEAU, Gaston. **Les histoires de vie en formation**: genèse d'un courant de recherche-action-formation existentielle. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/fr_a09v32n2.pdf> Acesso em abril de 2016.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **Les histoires de vie**. Paris: PUF, 1993.

PINKAS-THOMPSON, Claudia. **Blog Sobre as Primeiras Fotografias da História**. S/d. Disponível em:<http://fotografiatotal.com/as-primeiras-fotografias-da-historia>. Acesso em: jan.2018.

PREVESLOU, Clio. Família, auto-suficiência alimentar e desenvolvimento. 9-23. In: PREVESLOU, Clio; ALMEIDA, Francesca Rodrigues; ALMEIDA, Joaquim Anécio. (Orgs.) **Mulher, Família e Desenvolvimento Rural**. Universidade Federal de Santa Maria: EDUFMS, 1996.

PUJADAS, J. J. M. El método biográfico: el uso de las historias de vida en Ciencias Sociales. Madrid, España: C. I. S. **Centro de Investigaciones Sociológicas**, 1992.

RESURRECCIÓN, Bernadette P. Persistent women and environment linkages in climate change and sustainable development agendas. **Science** Disponível em:

<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277539513000599>> Acesso em: maio de 2016.

ROCKSTRÖM, Joham et al. A Safe operating space for humanity. **Nature**. vol 461|24 September 2009. Disponível em: < <https://www.nature.com/articles/461472a>> Acesso em abril de 2015.

ROCKSTRÖM, Joham. SACKS, Jeffrey D. OHMAN, C. SCHMIDT-TRAUB, Guido Marcus. **Sustainable Development and Planetary Boundaries**. Drafts for discussions, March 2016.

RUBIN, Gayle. THE TRAFFIC IN WOMEN : notes on the « political Economy » of sex. In : REITER, Rayna. **Toward an Anthropology of Women**. New York, Monthly Review Press, 1975.

SACHS, Jeffrey D. (2015). **The Age of Sustainable Development**. New York, NY: Columbia University Press.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAMPAIO, Helena (concepção do projeto). Modos de Fazer :Artesanatos de Tradição no Brasil, Itaobim/MG. de Vídeo 7 min :44s, disponível em : https://www.youtube.com/watch?time_continue=36&v=tQPjYq7vtls. Acessado por Carvalho em Junho de 2017

SAWICKI, Frédéric. PENEFF, J. La méthode biographique. In: **Politix**, vol. 5 n 17, Premier trimestre, 1992. Pp.153-157. Disponível em: < http://www.persee.fr/doc/polix_0295-2319_1992_num_5_17_1498> Acesso: julho de 2015.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações sociais**. Textos escolhidos de Alfred Schutz. Organização e Introdução de Helmut R. Wagner. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

SCHUTZ, Alfred. **O cenário cognitivo do mundo da vida**. In: WAGNER, Helmut R. (Org). Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

SCHUTZ. ALFRED. **Fenomenologia e Relações Sociais**: Organização e Introdução de Helmut R. Wagner. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

SCOTT, Russel Parry. Gênero e Geração em contextos rurais: algumas considerações. p.17-35. IN: SCOTT, Parry. CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

SCOTT, Russel Parry. Ruralidade e mulheres responsáveis por domicílios no Norte e no Nordeste. **Estudos Feministas**, v. 15, n. 2, p. 425, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n2/a09v15n2>> Acesso em: março de 2016.

SCOTT, Russel Parry; RODRIGUES, Ana Cláudia; SARAÍVA, Jeíza das Chagas. Onde Mal se Ouvem os Gritos de Socorro: notas sobre a violência contra a mulher em contextos rurais. IN: SCOTT, Parry. CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

SEN, Amartya. **Desigualdade reexaminada**. Tradução e apresentação Ricardo Doninelli Mendes. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILIPRANDI, Emma. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 1, n. 1, p. 61-71, 2000. Disponível em <
http://taquari.emater.tcche.br/docs/agroeco/revista/n1/11_artigo_ecofemi.pdf> Acesso em agosto de 2014.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

SILIPRANDI, Emma. Um olhar ecofeminista sobre as lutas por sustentabilidade no mundo rural (p. 139 – 152). In: **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Disponível em: <http://www.agriculturesnetwork.org/magazines/brazil/especial/mulheres-construindo-a-agroecologia>. Acesso em agosto de 2014.

SILVA, C. F. et al. Avaliação da resposta hematológica dos animais tratados com *Typha domingensis* Pers. e *Operculina hamiltonii* sobre nematoides gastrintestinais de caprinos. **Ciência e Agrotecnologia**, Lavras, v. 35, n. 3, p. 568-574, 2011.

SILVA, C.F. et al. Avaliação da eficácia de taboa (*Typha domingensis* Pers.) e batata-de-purga [*Operculina hamiltonii* (G. Don) D.F. Austin & Staples] in natura sobre nematoides gastrintestinais de caprinos, naturalmente infectados, em clima semiárido. **Rev. bras. plantas med.**, Botucatu, v. 12, n. 4, p. 466-471, dez. 2010. Disponível em <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722010000400010&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: julho de 2017.

SILVA, Haiane Pessoa da. **Nas margens viárias**: as lonas pretas e suas relações socioambientais. 2016. 148 f. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em: <
<https://bdtd.ufs.br/handle/tede/2889>> Acesso em setembro de 2015.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MELO, Beatriz Medeiros de; APPOLINÁRIO, Andréia Perez. Vidas em Trânsito, mulheres dos cocais maranhenses nas periferias das cidades canavieiras paulistas. IN: SCOTT, Parry. CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

SILVA, Maria De Lourdes Vicente da. **Gritos, Silêncios e Sementes**: As Repercussões do Processo de Des-re-territorialização Empreendido pela Modernização Agrícola sobre o Ambiente, o Trabalho e a Saúde de Mulheres Camponesas na Chapada do Apodi/CE. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA, da Universidade Federal do Ceará. 2014.

SILIPRANDI, Emma; CINTRÃO, Rosângela. As Mulheres no Programa de Aquisição de Alimentos, p. 12 a 33. In: **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, 18(2): 12-32, 2011.

SIQUEIRA, Ana Paula Pegorer de. **Impactos sobre a dinâmica produtiva e as relações de gênero na transição agroecológica de um grupo de mulheres assentadas**. Dissertação. Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

SIQUEIRA, Pedro Zucon Ramos de. **A Roça do Futuro**: Agroecologia e Camponato em Assentamentos de Reforma Agrária no Território Sul de Sergipe. 2014. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2014. Disponível em: <<https://bdtd.ufs.br/handle/tede/1277>> acesso em: maio de 2015.

SMITH, Galen S. The Cattails (Typha): Interspecific Ecological Differences and Problems of Identification, **Lake and Reservoir Management**, 2:1, 357-362, 2009. DOI: 10.1080/07438148609354657. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/07438148609354657?needAccess=true>> Acesso em: dezembro de 2017.

SOBRAL, Ivana Silva. **Instrumentos de gestão ambiental como subsídio para o desenvolvimento sustentável dos projetos de assentamentos de reforma agrária de Sergipe**. Tese (Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2012. Disponível em: <<https://bdtd.ufs.br/handle/tede/2244>> Acesso em: maio de 2016.

SOBRAL, Maria Neide. **História Oral da Vida Camponesa**: assentamentos da reforma agrária em Sergipe (da prática social à prática de alfabetização) São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

SOJDA, R.S.; SOLBERG, K.L. **Management and control of cattails**. U.S. Fish and Wildlife Leaflet 13.4.13. 8 p. Washington, D.C, 1993. Disponível em: <https://www.nwrc.usgs.gov/wdb/pub/wmh/13_4_13.pdf> Acesso em: outubro de 2017.

SORJ, Bila. O feminino como metáfora da natureza. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 0, n. 0, p. 143, jan. 1992. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15806/14299>> Acesso em julho de 2016.

SOUSA, Junia Marise Matos de. **Do acampamento ao assentamento**: uma análise da reforma agrária e qualidade de vida em Sergipe. Tese (Pós-Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2009. Disponível em: <<https://bdtd.ufs.br/handle/tede/2116>> Acesso em março de 2016.

SOUZA, Antônio Vital Menezes de. **Marcas de Diferença**: Subjetividades e devir na formação de professores. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

SOUZA, Eleusa Spagnuolo. **As Vozes das Mulheres Trabalhadoras Rurais no Assentamento Herbert Souza, Município de Paracatu/ MG**: Aprendendo com as Mulheres do Campo. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação e Ecologia Humana da Universidade de Brasília. 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/18241>> Acesso em fevereiro de 2017.

SOUZA, Maria de Lourdes Oliveira. **Mulheres na liderança, relações de gênero e empoderamento de Reforma Agrária**: o caso do Saco do Rio Preto em Minas Gerais. 2006. 134 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2006.

SUZART, Emanuele Maria Leite. **Entre a terra firme e a terra molhada**: reprodução social das marisqueiras/catadoras de mangaba do povoado Pontal, SE. 2015. 122 f. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015. Disponível em: <<https://bdtd.ufs.br/handle/tede/2713>> Acesso em março de 2017.

SVEDARSKY, Dan; BRUGGMAN, Joshua; ELLIS-FELEGÉ, Susan et al. **Cattail Management in the Northern Great Plains**: Implications for wetland wildlife and bioenergy harvest. Northwest Research and Outreach Center, University of Minnesota. 2016.

SVEDARSKY, W.Dan. **Biological inventory of a flood control impoundment in northwest Minnesota and potential for nongame and game bird management**. Disponível em: <http://files.dnr.state.mn.us/eco/nongame/projects/consgrant_reports/1992/1992_svedarsky.pdf> Acesso: junho de 2017.

SVEDARSKY, W.Dan. Cattail management for wetland wildlife and bioenergy potential. **Legislative Citizens Commission on Minnesota's Resources work plan**. Disponível em: <http://www.lccmr.leg.mn/projects/2014/work_plans/2014_06i.pdf> Acesso em: julho de 2017.

TABOADA, Nina G.; LEGAL, Eduardo J.; MACHADO, Nivaldo. Resiliência: em busca de um conceito. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 104-113, dez. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 ago. 2018.

TANEZINI, Theresa Cristina Zavaris. **Territórios em conflito no alto sertão sergipano**. 2015. 738 f. Tese (Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2014. Disponível em: <<https://bdtd.ufs.br/handle/tede/3171>> Acesso em: julho de 2017.

THOMAS, W. ZNANIECKI. A imigração e as relações étnicas. p. 29-60. In: COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

THOMPSON, Paul. **The Voice of the Past**. Oxford: University Press, 1978.

THORNTON, Grant. **Grant Thornton International Business Report 2014**: Woman in Business: the path to the boardroom. Disponível em: <http://www.grantthornton.global/globalassets/insights/article-pdfs/2014/ibr2014_wib_report_final.pdf> Acesso em março de 2015.

TOR, Hacer. Increasing women's environmental awareness through education. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 1, n. 1, p. 939-942, 2009. Disponível em: <https://ac.els-cdn.com/S1877042809001694/1-s2.0-S1877042809001694-main.pdf?_tid=3eaae2b8-085c-11e8-aa5d-00000aacb35f&acdnat=1517605471_98badbe8260f4284dd65b4919cbcc88d> Acesso em maio de 2015.

VAN DER SCHAAF, Alie. **Jeito de mulher rural**: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul. Passo Fundo. UPF, 2001.

VAN DER SCHAAF, Alie. **Jeito de mulher rural**: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul. Passo Fundo. UPF, 2001.

VANDANA, Panda; THAKUR, Tejas. Wound Healing Activity of the Inflorescence of *Typha elephantina* (cattail). In: **The International Journal of Lower Extremity Wounds**, V.13 – 1 p. 50-57, Dec/2013.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: Epistemologia e metodologia operativa**. 2.ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

WAGNER, Helmut R. Introdução: a abordagem fenomenológica da sociologia. In: **Fenomenologia e Relações Sociais**. Organização e Introdução de Helmut R. Wagner. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

WEBER, Max. Ciência e Política: **Dois vocações**. Dunker e Hunbolt, Berlim 1967.

WOORTMANN Ellen F. Prefácio. In: SCOTT, Parry. CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs). **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010, p.11-16.

ANEXOS

ANEXO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
CURSO DE DOUTORADO EM ASSOCIAÇÃO PLENA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____

_____ estou sendo convidada por *Andréa Freire de Carvalho, brasileira, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Rede PRODEMA da Universidade Federal de Sergipe*, participar do estudo denominado “_____ DE SOCIOAMBIENTAL EM ASSENTAMENTOS RURAIS”.

A minha participação no referido estudo se desenvolverá mediante a concessão de entrevistas, de materiais biográficos como cartas, fotografias, preenchimento de questionários e gravações os quais serão devolvidos ao findar da pesquisa, junto com uma cópia da tese de doutoramento salvo em CD ou DVD. A metodologia utilizada será de base fenomenológica associado à história de vida, com base no método autobiográfico que serão construídas passo a passo em parceria com a doutoranda.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre o objetivo do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa qualitativa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Autorizo a doutoranda Andréa utilizar alcunhas por mim escolhida.

Também fui informada de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Andréa Freire de Carvalho e Maria José Nascimento Soares (professora e orientadora da da Universidade Federal de Sergipe e do Programa em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA/UFS e com eles poderei manter contato pelos telefones 79 3194-6783/ 3194-6793.

É assegurada a entrevistada o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, tendo sido orientado quanto ao teor mencionado, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

São Cristóvão , de de 2017.

Nome e assinatura e datação efetuada pela (o) entrevistada(o).

ANEXOS 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
CURSO DE DOUTORADO EM ASSOCIAÇÃO PLENA

QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: masc.(☐) fem. (☐)

Nível de escolaridade _____

Função: _____

Quantos filhos (____) quantas filhas (____) além dos filhos e filhas, quem mais reside na mesma casa? (____); idade (____)

Contribui com algum trabalho ou renda (____)

Grupo (mulheres do assentamento Santana do Frade) _____

Alcunha/ nome pelo qual gostaria de ser chamado (a): _____

Permite a publicação utilizando o nome ou prefere ser chamado/ identificado pela alcunha?

(☐) utilizar o nome próprio

(☐) utilizar a alcunha e não identificar o local de trabalho ou o assentamento a que pertence

Estado Civil: solteiro (a) (☐) casado (a) (☐) Morando junto (☐) divorciado (a)

Outra situação _____

Local de origem e como chegou no assentamento

Participa de alguma associação ou cooperativa?

Quais ações desenvolve no assentamento, além dos direcionados exclusivamente à própria família?

Tipo de Família:

- | | |
|---------------------------|-------------------------------|
| A) Família nuclear () | Poliandrica () |
| B) Família monogâmica () | família monogâmica serial () |
| C) Família poligâmica () | poliginia () |

Idade do Esposo ou companheiro? _____

Quais as atividades que ele realiza no assentamento? _____

Quantas pessoas moram na sua casa? ____ quantos homens? __ quantas mulheres?

Quantas contribuem com a renda mensal? _____

Quais as atividades desempenhadas pelos membros da família:

Nível de escolaridade de todo os que residem na casa da família:

Mulher entrevistada (_____

Esposo/companheiro (_____)

filhos _____

filhas _____

Noras _____

Genros _____

Netos _____

Assinale as profissões que já você exerceu e exerce:

- | | | |
|-----------------|-----------------------|----------------|
| Agricultura () | atividades do lar () | artesanato () |
| Comercio () | indústria () | |

Trabalhador do setor informal autônomo (sem carteira assinada) _____

Trabalhador do setor formal (com carteira assinada) _____

Outras profissões: _____

Qual a renda mensal familiar? _____

Quanto contribuem com a renda mensal? _____

Em quais atividades _____

Existe projetos de gestão ambiental nos assentamentos rurais, liderados por mulheres?

Sim() Não ()

Quais

Quais são as práticas socioambientais desenvolvidas por mulheres no assentamento rural?

Na agricultura? _____

Nos quintais produtivos _____

No extrativismo da taboa _____

No extrativismo do Ouricuri _____

Outra atividade? Sim () Não () Pesqueira () marisqueira () outro tipo ()

ANEXO 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
CURSO DE DOUTORADO EM ASSOCIAÇÃO PLENA

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Como é feita a retirada da Taboa?

Quem teve a ideia de utilizá-la e transformá-la em objetos?

Recebeu crédito (R\$) de algum programa?

Recebeu treinamento de algum órgão externo ao assentamento?

Qual o treinamento? _____

Como foi realizado _____

Quais as dificuldades no desenvolvimento do trabalho em casa e no de artesã?

Apoio de projetos desenvolvidos por políticas públicas?

PRONAF () APOIO MULHER () FOMENTO MULHER () TERRA SOL () PAA ()

Outro tipo de apoio? _____

Se sim, como foi o apoio? _____

Orientações na construção do empreendimento? _____

O Assentamento possui espaço produtivo coletivo ou fundo de pasto?

Sim () não ()

Qual a finalidade da produção coletiva?

Qual o tamanho médio de cada lote familiar? E o que é plantado/cultivado nos lotes?

Qual o papel que as mulheres desempenham nos sistemas produtivos do assentamento?

Como é o seu dia a dia?

Quais são os principais perigos na retirada da taboa?

ANEXO 4



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
CURSO DE DOUTORADO EM ASSOCIAÇÃO PLENA

CARTA DE APRESENTAÇÃO E ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

INSTITUTO NACIONAL DA REFORMA AGRÁRIA – (INCRA)

Sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – rede PRODEMA, e estou desenvolvendo uma sobre a sustentabilidade a partir da extração da taboa e seu universo socioeconômico e socioambiental em assentamento.

A tese que sustento é que quando há participação das mulheres na gestão familiar e no universo socioeconômico e socioambiental em assentamento rural, há sustentabilidade. O objetivo geral é explicitar os significados que as mulheres atribuem às suas ações no processo de construção da sustentabilidade socioambiental.

Nesse sentido, gostaria de contar com a participação e cooperação do INCRA para a compreensão e estruturação da tese.

Desde já, agradeço a atenção.

Andréa Freire de Carvalho

1) Quais são os programas desenvolvidos a partir de políticas públicas voltados para a mulher assentadas?

Grupos de artesãs _____

Mulheres extrativistas _____

2) Quantas mulheres ou grupo de mulheres participam do Terra Sol?

Resp.:

3) Quantas mulheres ou grupo de mulheres participam do Apoio Mulher?

Resp.:

4) Quantas mulheres ou grupo de mulheres participam do Fomento Mulher?

Resp.:

5) Quantas mulheres ou grupo de mulheres participam do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF)?

Resp.:

6) Quantas mulheres participam do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)?

Resp.:

7) Existe outros projetos ou programas sendo desenvolvidos com as mulheres no assentamento?

Resp.:

8) Existe algum projeto/programa sendo desenvolvido atualmente nos assentamentos de Pacatuba?

Resp.

9) Existe algum projeto sendo desenvolvido atualmente no assentamento Santana dos Frades?

Resp.

ANEXO 5 – ALIMENTO: RECEITAS COM A TABOA

taboa, paina-de-flexa, espadana, landim, capim-de-esteira, totora, cattail

Características - herbácea rizomatosa, aquática enraizada, perene, ereta, gláabra, escapo cilíndrico, de 2-3 m de altura, nativa em quase todo o território brasileiro (exceto na maior parte do Amazonas). Folhas simples, provida de bainha, com lâmina linear-lanceolada, esponjosa, ereta, de 2-3 m de comprimento. Inflorescências terminais, em espigas densas e cilíndricas de cor marrom, de 25-50 cm de comprimento e disposta acima da folhagem sobre um escapo floral rígido, a parte feminina na base e a masculina (pólen amarelo e depois nua e seca) no ápice.

Usos - cresce espontaneamente em beira de lagos, lagoas e açúdes ou em terrenos pantanosos inundáveis em quase todo o território brasileiro, sendo geralmente considerada uma planta 'daninha', mas com usos múltiplos fantásticos. As folhas usadas para artesanatos, para o fabrico de esteiras e assentos de cadeiras. Seus rizomas, o palmito e o pólen são comestíveis.

Propagação - por sementes e rizomas.

Usos culinários - todas as partes da planta, nos diferentes estádios, têm interesse alimentício. A parte aérea pode ser queimada para sal⁽²⁶⁴⁾. O broto (palmito) pode ser consumido cru ou cozido^(1,3,4,264), para recheio (pastéis, tortas) e com carne de porco⁽³⁾. Os rizomas amiláceos, podem ser consumidos assados (fibrosos) ou transformados em farinha^(3,4,6,76) e na Austrália para bolo doce muito apreciado⁽²⁶⁵⁾. Contudo no Brasil, até o momento, nós apenas coletamos os rizomas (estolões) esponjosos e com pouco amido. Os pólen são usados para fazer pães, biscoitos, panquecas e para colorir o arroz^(1,4,76). A colheita do pólen é fácil, basta puxar as flores masculinas intumescidas e amareladas⁽¹⁾. É um pó fino e amarelo (flavonoides), com funções antioxidantes⁽²⁶⁶⁾. Possui alto teor de vitamina C (176 mg/100g)⁽²⁶⁷⁾, alto teor de K (2.100 mg/100g)^(1,2) e em base úmida (g/100g): unidade (18,95); proteínas (14,19); lipídios (3,20); carboidratos (60,81); cinzas (3,28) e energia (287,71 kcal/100g), alto teor de pró-vitamina A⁽²⁶⁷⁾. Para detalhes^(1,2).

partes utilizadas e receitas (pratos)

palmito bruto

Rizomas esponjosos

Pólen

Palmito de taboa refogado

Colha os palmitos de plantas jovens (antes de emitir o escapo floral) e que estejam com a base totalmente dentro d'água limpa. Puxe as plantas, dando uma estocada para cima. Rasgue com as mãos retirando apenas o miolo. Limpe os palmitos. Se preferir faça branqueamento antes de picar e refogar. Corte em rodélinhas e refogue na manteiga ou azeite com sal, alho, orégano e demais temperos a gosto. Pode-se fazer conserva igual aos outros palmitos.

Pastel com palmito de taboa

Use os palmitos refogados acima. Recheie os pastéis e frite no óleo quente. Escorra e seque sobre papel toalha. Se quiser adicione um queijo que derreta incrementando ainda mais o sabor. O palmito refogado também pode ser servido com tapioca. Esquente uma frigideira pequena e espalhe uma generosa camada de goma de mandioca úmida. Salpique com sal e um fio de azeite, cubra com palmito refogado e dobre a tapioca, tipo pastel. Sirva quente.

Sopa dos rizomas de taboa

Colha os rizomas com picareta ou enfiando as mãos na lama e puxando as plantas. Limpe os rizomas. Até o presente momento não encontramos rizomas verdadeiramente amiláceos no Brasil. Aqui os rizomas foram cortados em rodélas e triturados com água e peneirados. Deixou-se para decantar, mas não precipitou amido. O 'farelo' foi ensopado e ficou bem gostoso. Os altos índices de amido citados são duvidosos.

Fonte: Knupp, Barros, 2008.